Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SÁBADO, 7 DE ABRIL DE 1973 — N.º 18063 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

MAIS UM ANO

Contra os agoiros de inimigos e desafogando a inquietação de amigos mais alvoroçados, mas afinal respondendo à sólida confiança das melhores amizades, que são todas as de dezenas de milhares de firmes leitores, o «Diário de Lisboa» soma mais um ano para a sua vida e para a sua história. Os últimos 365 dias vieram confirmar uma orientação que constitui o nosso melhor factor de resistência ao desgaste do tempo: a de um jornal eminentemente português, que sempre se quis atento aos verdadeiros interesses do País e que pode, com orgulho, reivindicar o título de independente, talvez aquele que hoje mais precário se mostra no contexto da informação mundial.

Não é este o lugar para traçar a biografia do «Diário de Lisboa», mas dele poderemos dizer (e permita-se que não esperemos que outros o digam) que é, ao mesmo tempo, um jornal amadurecido e moderno. É amadurecido porque não se afastou nunca da linha liberal que o assistiu no seu nascimento (há 52 anos, uma vida...); é moderno porque soube evoluir com o tempo e ser hoje o órgão de Imprensa português mais apetrechado, do ponto de vista técnico, para corresponder a exigências que não são já as da epoca de Gutenberg e que, pelo contrário, são já as do futuro...

Independente e de raiz liberal, o «Diário de Lisboa» respeita profundamente o povo português a quem todos os dias se dirige. Pode enganar-se, mas não engana; pode confundir-se, mas não suscita a confusão; e tanto está contra toda e qualquer forma de demagogia como se levantará, na medida das suas forças, contra as interpretações abusivas que da democracia o nosso tempo tem gerado. O «Diário de Lisboa» quer ser, e há-de ser cada vez mais, um jornal onde a reflexão ocupa o melhor lugar e onde o futuro de Portugal não será tomado como abstracção retórica, mas como a única justificação do presente e responsabilidade imediata de que não abdicamos. A prova será feita aqui todos os dias. Com muito trabalho e esforço, com muita firmeza e muita esperança.

CONGRESSO DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA

DEMOCRÁTICAS CONCLUSÕES DE ALGUMAS TESES

O SEGURO SOCIAL — CAIXA DE PREVIDÊNCIA — por Manuel de Sousa Badiró

Em face da tremenda realidade do Seguro Social obrigatório praticado em Portugal, algumas conclusões nos parecem lícitas propor como achega para a necessária reforma que urge encetar.

SUGERIMOS:

— Comparticipação do Estado na taxa de receitas da Segurança Social, em partes iguais às três entidades: Operários, Patrões e Estado;

— Modificação do sistema financeiro e entrada nos cofres das Caixas de Previdência dos dinheiros deles desviados para títulos, acções, obrigações, etc;

— Investimento dos fundos das Caixas por conta própria;

— Intervenção maioritária dos trabalhadores nas direcções das Caixas, sem a necessária homologação ministerial;

— Simplificação dos serviços administrativos procurando centraliza-los, tendo em atenção uma maior produtividade e eficiência;

— Liberalização na admissão de funcionários do quadro administrativo, mediante provas prestadas em concurso.

— Reintegração dos funcionários demitidos compulsivamente por motivos políticos;

— Inclusão do Seguro do Desemprego involuntário nos riscos cobertos pela Previdência, transferindo para a cobertura desse risco os fundos do actual Fundo de Desemprego, a extinguir;

— Cessação de todos os períodos de garantia e espera, para início da cobertura dos riscos, tal como já se pratica com o Abono de Família;

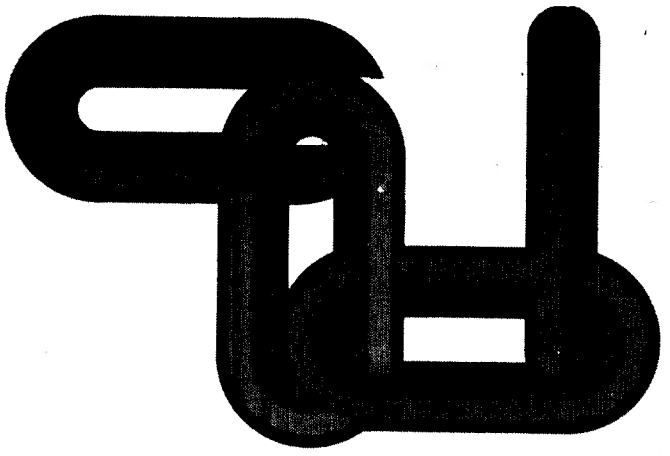
— Aplicação integral e gratuita na reparação dos riscos, incluindo acidentes de trabalho, doenças profissionais e tuberculose, com direito a todas as especialidades médicas e medicamentosas, a todos os auxiliares de diagnósticos, a todos os internamentos;

— Pagamento dos subsídios de doença nos escalões de 80 por cento da média diária dos salários e durante todo o tempo de doença;

— Actualização das pensões de invalidez, velhice e sobrevivência, nas condições económicas existentes no momento em que os beneficiários foram afectados pela eventualidade segura, com direito a actualização logo que o custo de vida aumente;

— Escalonamento do Abono de Família na proporção inversa do ordenado ou salário e a inclusão da hipótese de Abono progressivo em função do número de filhos;

— Alargamento do Sistema de Segurança Social, estendendo-o à totalidade da população trabalhadora, qualquer que seja o seu ramo de actividade, quer trabalhando por conta de outros, quer trabalhando por conta própria.



PROIBIDOS OS ACTOS PÚBLICOS

. De uma nota oficiosa difundida esta madrugada consta o seguinte despacho do governador civil de Aveiro, dr. Francisco do Vale Guimarães:

. 1 — Pela Imprensa da tarde do dia 6, o governador civil tomou conhecimento de um comunicado da Comissão Executiva do III Congresso da Oposição Democrática, no qual ela se declara sem competência para fazer cumprir o despacho que, sobre a projectada romagem à campa do dr. Mário Sacramento, proferiu e de que oportuna e oficialmente lhe foi dado conhecimento e os órgãos de Informação largamente divulgaram.

O despacho em referência determinava que na homenagem só poderiam tomar parte uma delegação da Comissão Nacional e toda a Comissão Executiva do Congresso.

2 — Perante tal comunicado da Comissão Executiva, foi esta notificada para até às 24 horas de ontem dizer se era ou não cumprido o citado despacho do governador civil nos seus precisos termos. O prazo concedido não foi respeitado.

3 — Estamos, assim, perante um autêntico desafio à autoridade do governador civil, que, desde a primeira hora, proporcionou todas as facilidades para a organização e funcionamento do Congresso.

4 — Face ao exposto, e considerando:

. a) que perante o governador civil a única entidade responsável do Congresso é a sua Comissão Executiva, que consigo exclusivamente contactou;

. b) que a atitude por ela assumida e acima referenciada representa não só desrespeito como provocação à autoridade com o propósito nítido de a forçar a usar dos meios de que dispõe para a fazer acatar;

. c) que não pode haver liberdade sem respeito pela autoridade.

Decide o governador civil: que podendo justificadamente pôr termo aos trabalhos do Congresso o não faz, proibindo, porém, todo e qualquer acto público com ele relacionado fora do recinto fechado onde o mesmo vem funcionando, incluindo a romagem nos termos em que a autorizara e quaisquer concentrações de congressistas.

Este despacho não é compatível com qualquer forma de desacatamento e, para o evitar, se tomaram as convenientes providências, desde já se responsabilizando quem o tentar infringir, pelo que de desagradável possa suceder.

ELEIÇÕES (O CONTRIBUTO HISTÓRICO) — por A. H. de Oliveira Marques

1 — As eleições em Portugal,

Continua na pag. 3

Aspecto de uma das reuniões de ontem

EUA: fim-de-semana de boicote à carne

A boicotagem feita à carne nos Estados Unidos e que durou uma semana, termina hoje, mas os preços mantêm-se tão altos como sempre, apesar de as vendas terem diminuído 30 por cento. Os dirigentes da boicotagem mostram-se porém satisfeitos com os resultados conseguidos e prometeram prosseguir com a sua campanha. O significado principal da boicotagem parece ter sido mais social do que económico. Políticos interrogam-se se o facto significa estar no horizonte «o poder consumidor».

SUPLEMENTO ESPECIAL

Uma entrevista do pintor António Soares, que desenhou o cabeçalho do primeiro número do «Diário de Lisboa» (cabeçalho que, ligeiramente alterado com vista a actualização da grafia, ainda hoje se mantém), preenche as páginas centrais do suplemento especial de 28 páginas com que assinalamos a passagem do 52.º aniversário do nosso jornal. Da autoria de António Soares é, ainda o quadro que se reproduz na capa do referido caderno, o qual inclui valiosa colaboração de Calvet de Magalhães, Maria Judite de Carvalho, Fernando Dacosta, Fernando Correia, Manuel Geraldo, Rogério Vidigal, Jorge Fernandes, Urbano Tavares Rodrigues, Cesário Borga, César dos Santos, Torquato da Luz, Fernanda Mestrinho, Regina Louro, A. Villaverde Cabral, Eugénio Alves, Manuel de Azevedo, Maria Aurora, Veiga Pereira, Pedro Martins da Silva e Nuno Vieira, além de Rui Pacheco (fotos). Um suplemento para ler e aguardar.

EDIÇÃO DE 76 PÁGINAS INCLUINDO "A MOSCA"

DIREITO DE REUNIÃO E ASSOCIAÇÃO

Numa das conclusões da secção «Organização do Estado e Direitos do Homem», afirma-se:

. «Ao futuro Estado de Direito incumbe restabelecer a liberdade de reunião como forma dos cidadãos livremente poderem debater os problemas da comunidade, associando-se em organismos actuantes, entre os quais figuram, pela sua índole, os partidos políticos representativos de todas as correntes de opinião democrática, sem esquecer outras fórmulas onde tais direitos se podem expressar utilmente, como sejam as cooperativas, associações culturais, cine-clubes, associações de estudantes e outras.» «Reivindicam-se os seguintes direitos: exercício do direito de reunião independentemente de qualquer autorização, direito de associação independentemente de autorização e reconhecido a todos os cidadãos, sem distinção de sexo, raça, religião, ideologia e condição social, a dissolução de quaisquer associações só poderá ser decretada por via judicial. O direito de todas as associações estabelecerem relações com as associações estrangeiras.»

DL/OPINIÃO

UMA CONTRADIÇÃO À LUZ DO DIA

Que significado pode ter, neste Portugal de 1973, a realização de um Congresso de Oposição Democrática? À primeira vista (e não falta quem interessadamente se deixe ficar por essa vista primeira), o simples facto de se reunirem durante cinco dias algumas centenas ou alguns milhares de pessoas que, politicamente, estão em oposição, basta para provar, **urbi et orbi**, que essa oposição tem actividade pública, e que, se não está legalizada, goza de uma legitimidade tacitamente reconhecida e aceite pelo Governo. Deste ponto de vista, a oposição exerceria, sem entraves de maior, um direito de reunião reconhecido constitucionalmente. mas que a prática sujeita a um regime de excepção, que começa por se mostrar rigidamente negativo e que, periodicamente, condescende em afrouxar e, por assim dizer, «humanizar-se»: acontece essa aparente normalização nos períodos denominados de propaganda eleitoral e quando a oposição, no propósito desses mesmos períodos, l o g r a impor uma força que inegavelmente possui, mas que a toda a hora lhe é negada pelas entidades que ocupam o poder.

Parece clara a contradição em que vamos vivendo, em que estamos a viver desde há longos anos. Existe uma oposição democrática reconhecida no País inteiro, uma oposição que o Governo explicitamente reconhece ao autorizar, pela via administrativa e política mais directa, que essa oposição se reúna em Congresso. Nem sequer importa para o caso a maior ou menor influência dos diversos sectores oposicionistas, a sua maior ou menor inserção na vida colectiva: sejam quais forem essa influência e essa inserção, a Oposição Democrática existe e funciona. Sabe-o o Governo, verifica-o o País inteiro, está à vista de todo o mundo, neste momento, concreta e materializada na cidade de Aveiro, sob as vistas decerto atentas das autoridades. Se, ao reunir-se, a Oposição estivesse praticando um acto ilegal, essas mesmas autoridades não se coibiriam de intervir e de proibir, pura e simplesmente, o que contra a lei se realizava. Mas não é assim: e é tão pouco assim, que foi «em defesa das liberdades republicanas» que o governador civil de Aveiro veio a proibir uma romagem, decerto numerosa, ao túmulo de Mário Sacramento... Qualquer observador imparcial não deixará de surpreender-se perante uma situação e um país onde uma oposição não autorizada legalmente é legalmente e excepcionalmente autorizada a reunir-se e a concorrer a eleições, e onde em nome da defesa de liberdades republicanas se proíbe uma comemoração de carácter pacífico, justificando-se essa proibição pelo escrúpulo de garantir a segurança de manifestantes cuja actividade política é encarada com suma suspeita... Vivemos, pelo menos assim nos é dado observar, num país caracterizado por um cultivo inconsciente (?) do paradoxo. A não ser que se admita que só num comportamento paradoxal as contradições se mantêm em estado latente, sem a agudização do seu conflito e a consequente passagem a um estado de coerência, em que uma oposição tacitamente reconhecida passaria ao estatuto de reconhecimento legal que lhe é devido... Que a pura inteligência dos factos lhe deve.

Encontram-se em Aveiro alguns milhares de portugueses a quem essa qualidade só por meros efeitos especulativos pode ser negada, e cujo patriotismo não há o direito de pôr em dúvida. Honestamente discutem e examinam os problemas do País onde nasceram e que querem servir. Diferenciados nas suas opções políticas particulares, definem-se porém unitariamente como democratas. São indiscutivelmente democráticas as soluções que propõem ao País e que pelo País desejariam ver examinadas e discutidas, para que o País (não importa que a repetição prejudique o estilo) as aceite ou recuse. Mas nada disto será feito enquanto a Oposição Democrática não tiver direito de cidade, enquanto não chegar o tempo em que naturalmente se reuna e em que naturalmente se apresente a todos os portugueses...

Sentença comutada na Irlanda

..Foi comutada para prisão perpétua a condenação à morte que pesava sobre o protestante Albert Browne, acusado de ter assassinado um polícia. Foi o ministro da Irlanda do Norte, William Withelaw, quem comutou a pena.

..A sentença anterior — inapelável, na Irlanda do Norte, por se tratar do assassínio de um polícia — fora recebida com ameaça de uma série de retaliações por parte de católicos e de protestantes, no caso de vir a ser executada.

..Whitelaw, ao anunciar o comutamento da sentença, acentuou no entanto que as outras duas punições impostas a Browne — 25 anos por tentativa de assassínio na pessoa de outro polícia, e sete anos por porte ilegal de armas de fogo — seriam mantidas.

Browne, que tem 27 anos, fora em Fevereiro condenado por ter assassinado o agente da polícia Gordon Harron, de 32 anos, em Outubro do ano passado.

..Entretanto, Joe Cahill, dirigente veterano do Exército Republicano da Irlanda — I. R. A. — foi hoje acusado em Dublin de ser um elemento activo do I. R. A. Ele e outros dois indivíduos, sobre quem pesam semelhantes acusações, foram colocados sob custódia até 14 de Maio, data em que serão julgados.

..Sobre os três indivíduos, recai ainda a acusação de estarem ligados a um carregamento de cinco toneladas de armas que foi descoberto a bordo do navio costeiro «Claudia», registado em Chipre, a 28 de Março.

..Os outros três homens acusados de estarem envolvidos no caso do «Cllaudia» foram libertados sob fiança, até 14 de Maio.

Visita boicotada na China

..Os diplomatas soviéticos bem como os da Europa Oriental e da Mongólia tencionam boicotar uma série de excursões organizadas pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros chinês a vários pontos da China onde normalmente os estrangeiros não têm acesso, segundo dizem fontes diplomáticas.

..Essas excursões reservadas a diplomatas começam já no próximo domingo e permitem-lhes visitar a Manchúria e outros pontos do interior da China.

..As mesmas fontes disseram, porém, que os embaixadores da União Soviética e dos seus aliados não tomarão parte nessas excursões em sinal de protesto contra as restrições impostas normalmente aos seus movimentos. Esses diplomatas salientam que os enviados chineses dispõem de maior liberdade de movimentos nos seus países.

..O embaixador soviético Vasili Tolstikov e os outros diplomatas da Europa Oriental declinaram o convite do Ministério dos Negócios Estrangeiros invocando várias desculpas desde doença a excesso de trabalho.

..As mesmas fontes dizem que os embaixadores da Roménia, da Jugoslávia e da Albânia tomarão parte nas excursões e o mesmo acontece com os representantes dos países não comunistas.

..Já no ano passado os embaixadores do bloco soviético boicotaram uma visita organizada pelo Governo chinês a Chungking e ao rio Yangtsé, alegando que coincidia com as comemorações da Revolução de Outubro.

Por Bernard Louzonne — Exclusivo «LE MONDE»/«DL»

Domingo na China de Mao

..Ao domingo, na China, também se repousa. E os habitantes da cidade, como em Paris, Moscovo ou Nova Iorque, passeiam em família, esquecendo por um dia os escritórios, as fábricas e os «meetings».

..Em Pequim, até às primeiras semanas da Primavera, as pessoas vestem roupas quentes, sapatos e luvas forradas de pele e gorros que tapam as orelhas e há em abundância nos grandes armazéns. Conforto, p a r a toda a gente: porque é um imenso rio azul e verde — por vezes cortado pelo amarelo-caqui das fardas de soldados e milicianos em férias — que rola pelas amplas avenidas da capital.

..Uma multidão sorridente, distendida e sem contrastes: túnica e calças para homens e mulheres, mulheres que apenas se distinguem pelos cabelos cortados à Joana d'Arc ou apanhados em tranças. No Verão são um pouco mais alegres, com as belas camisas de cores vivas fabricadas nas fábricas de seda de Hang-Chou. Testemunhas de uma época já vencida, algumas velhas mulheres, de boné e casaco à Mao, não podem dissimular os pequenos pés atrofiados, símbolo da China do «período feudal».

..São raros os pares de namorados, mas crianças há-as por todo o lado, de largas bochechas, exuberantes de uma saúde que devem ao arroz, aos frutos, a todos esses produtos alimentares que existem em abundância nos mercados do bairro. Na verdade, aqui não há bichas diante das montras, bem fornecidas e sempre apresentadas com cuidado, apesar da pobreza das tendas. Estamos muito longe das imagens de miséria dos filmes que chegavam ao Ocidente há uns quarenta anos...

..Se os cães, como na capital da Islândia, são interditos por razões de higiene, e se os automóveis são raros — apenas camionetas, táxis e carros oficiais, todos de construção chinesa — a bicicleta, na verdade, merece bem o nome de «pequena rainha» que lhe é dado em Pequim: são dezenas, centenas de milhar os ciclistas que percorrem a cpital, sem receio de abandonarem o seu precioso veículo em gigantescos parques inteiramente livres (o roubo é coisa que não existe na China Popular, asseguram-nos, e se algum insensato pretendesse apoderar-se do bem de outra pessoa seria reeducado de modo a não recomeçar...).

..Os habitantes de Pequim têm igualmente à sua disposição uma ampla rede de autocarros e uma linha de metropolitano com 23 km de extensão e 16 estações, decoradas todas de maneira diferente (cerâmica e mármore), mas com um ar menos austero que em Moscovo. Os estrangeiros não são convidados a visitá-lo, e tudo leva a crer que é simultaneamente um meio de transporte e... um abrigo estratégico.

..Os cartazes revolucionários, que dantes se viam por todo o lado, desapareceram, assim como a maior parte dos retratos do Grande Timoneiro. Contudo, em alguns cruzamentos, ainda se vê a esfíngie de Mao, ou pensamentos manuscritos em forma de cartaz, com a sua caligrafia, tirados do pequeno Livro Vermelho.

..Apesar dos seus sete milhões de habitantes e da sua grande superfície, Pequim lembra uma grande aldeia: bairros inteiros com casas de um único andar, algumas em bastante mau estado, construídas à volta de um pequeno jardim, e onde sobressaem aqui e ali alguns complexos habitacionais, os palácios monumentais do novo regime e os vestígios do império.

..É para eles que se dirigem de novo os passeantes de domingo, depois do fim da revolução cultural e da reabertura dos museus, que estiveram fechados ao público durante alguns anos.

..Até ao cair da noite, a multidão passeia pela cidade interdita que até à Praça Tien-An-Men, face ao monumento dos heróis do povo, oferece ao visitante uma sucessão de palácios, habilmente baptizados pelo velho império com nomes bastante compatíveis com o marxismo: Sossego Terrestre, Alimento do Espírito, Frugalidade, Longevidade, enfim, temas de meditação sem risco de heresia, à borda do ribeiro das Águas de Ouro que serpenteia através dos jardins.

..Nas salas estão expostos os tesouros imperiais: móveis, tapetes, baixelas, jóias. Os guias sentem-se orgulhosos ao celebrarem a riqueza imaginativa dos artistas do passado, denunciando ao mesmo tempo o luxo dos que encomendavam as suas obras.

..Se o Templo do Céu, triplo cone de telhas azuis erguido sobre terraços sobrepostos, os túmulos da dinastia Ming (cavados em subterrâneos, como os dos faraós) e, bem entendido, a Grande Muralha, onde se vai durante o dia fazer pique-niques, são locais muito frequentados aos domingos, o Palácio do Verão é, contudo, o que atrai maior número de visitantes. Reconstruído depois do saque das tropas franco-britânicas em 1860 — facto que é lembrado com discrição ao visitante ocidental — o Versalhes chinês deslumbra pelo seu ouro, a sua púrpura, as suas madeiras multicolores, numa extensão de 250 hectares cobertos de pequenos lagos, gelados durante o Inverno. Como sobre uma tela de Breughel, que tivesse revisto Mi Fu, passa uma multidão de silhuetas deslizando sobre o gelo, de ponte em ponte.

..Misturados com a multidão, alguns raros europeus ou americanos, trazidos até Pequim a bordo dos aviões das três companhias aéreas que servem a capital: a C.A.A.C., chinesa; a Aeroflot, soviética; e a Pakistan Air Lines. Em Pequim, as pessoas estão habituadas a ver grupos de turistas e delegações estrangeiras, já não se voltam à sua passagem. Mas o mesmo não acontece no interior do país: em Xangai, uma mulher que passe de saltos altos e saia pelo joelho é olhada como se fosse um «marciano», suscitando uma viva curiosidade. Em Hang-Chou, os visitantes estrangeiros são muito bem recebidos, formando-se grupos de milhares de pessoas que bloqueiam a rua e os aplaudem cadenciadamente.

..Há numerosas tendinhas — protegidas pela célebre rede que ainda se usa em toda a China — onde se vendem rebuçados, bolos, cerveja local, os vinhos do Sul da China, muito parecidos com o nosso moscatel, o «mao-tai», bebida branca muito apreciada e, bem entendido, o chá verde de jasmim. A menos que se queira sacrificar o salário de alguns dias, ou mesmo de uma semana de trabalho, e ir comer a um restaurante uma daquelas refeições à antiga. Na verdade, a Revolução Cultural parou à porta das cozinhas e ainda hoje, a China é incansável a procurar servir à altura os visitantes estrangeiros. Em França, os nossos anfitriões que entram em pânico à vista de mais de cinquenta convidados e acabam sempre por salvar a situação com carnes frias, deviam maravilhar-se com o cuidado, o requinte, com que na China são servidos os mais vastos banquetes.

..Que fazer nas noites de domingo? Ouvir as muito didáticas emissões das duas estações de rádio, que a maior parte das famílias possui já, graças ao rápido desenvolvimento do fabrico de aparelhos de qualidade; ler, em casa, à luz de lâmpadas relativamente fracas, os jornais, revistas, livros — nos últimos anos de um conformismo muito revolucionário, mas há algum tempo incluindo reedições de obras clássicas, que os amadores vêm de novo folhear nas livrarias com uma alegria visível; ou ir ao teatro, cujo preço de entrada é muito reduzido.

..Mas uma andorinha não faz a Primavera. Alguns raros recitais ocidentais não chegam ainda para desembaraçar a cena chinesa das produções inspiradas pelo novo regime e a Longa Marcha, tais como «O Assalto à Montanha do Tigre», considerada oficialmente uma «ópera de Pequim com tema revolucionário contemporâneo», ou o bailado «Destacamento Feminino Vermelho», espécie de «Giselle» marxista que descreve as aventuras de uma jovem camponesa perseguida por um grande proprietário e salva pelo Exército Vermelho. Narrativa muito bem conduzida, de coreografia impecável, com música alternando danças de aldeia e cargas à baioneta, tipo miscelânea, que parece ter sido escrita colectivamente por um comité revolucionário com reminiscências do Saint-Saens de «A Princesa Amarela», do Delibes de «Lakmé», um pouco de Wagner e a «Internacional» com ritmo de dança.

..Os numerosos espectáculos apresentados pelas companhias de jovens, admiravelmente formadas em conservatório modelo, como o Palácio das Crianças de Xangai, são inspirados nos mesmos temas: «Os Guardas Vermelhos Viram o Presidente Mao», «Sou Membro duma Comuna Popular», «Entrando nas Fileiras», são exemplos de peças muitíssimo bem desempenhadas e dançadas perante um público adulto pelas crianças chinesas, para quem a tradição nacional ou as regras da arte clássica ocidental não têm segredos.

..Tudo se prepara para que um dia as partituras de Beethoven substituam as de Gossec ou Méuhl da época da Revolução Cultural.

..Assiste-se, desde já, ao início de um «degelo» no campo do cinema: encontra-se neste momento em Pequim uma missão parisiense que vai tratar de organizar este Outono, por ocasião da visita do presidente Pompidou, uma Semana Francesa que dará a conhecer aos chineses, além dos documentários do comandante Cousteau, o humor de Jacques Tati e as palhaçadas de Louis de Funés.

..Janta-se muito cedo. Os restaurantes fecham as portas por volta das nove da noite, hora a quem também acabam normalmente os banquetes oficiais. Dos espectáculos sai-se também cedo, às dez horas. E

Continua na pág. 13

3.º CONGRESSO DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA

DEMOCRÁTICAS CONCLUSÕES DE ALGUMAS TESES

Continuação da pag. 1

a partir de 1820, foram sempre ganhas pelos governos que as fizeram, desde que esses governos fossem de um partido ou de maioria partidária.

2 __ Sem representação concedida às minorias pelas leis eleitorais vigentes, as oposições raríssimas vezes, entre 1820 e 1925, obtiveram vitórias, só possíveis dentro de condicionalismos de organização partidária ou eleitoral muito complexos, de calamidade pública, ou de completa desorganização ou neutralidade das hostes dirigentes.

3 __ Disputar as eleições de Novembro de 1973 sem que se tenha atingido, em Portugal um nível de politização e de desenvolvimento económico comparável ao dos países evoluídos da Europa e da América, ou conseguido uma lei eleitoral que conceda representação às minorias, é, não só inútil, como também prejudicial aos interesses da Oposição portuguesa, visto fortalecer, interna e externamente, a política do Estado Novo.

URBANISMO E HABITAÇÃO __ por Carlos Barbeitos, Helena S. Rosela e L.J. Bruno Soares

Pelas incidências que a organização e funcionamento das nossas cidades têm sobre a vida quotidiana de uma parte cada vez maior da população, os problemas urbanos possuem, já hoje e cada vez mais, uma capacidade polarizada dos interesses dessa população.

O facto de os problemas urbanos resultarem não só das dificuldades urbanísticas e técnicas da sua resolução, mas predominantemente da apropriação, directa e indirecta, da cidade por determinados grupos que detêm o poder de decisão, atribui-lhes uma dida da cidade por determinados grupos que detêm o poder de decisão, atribui-lhes uma dimensão política e politizadora que determina as condições de intervenção sobre a cidade.

A intervenção democrática na vida urbana e nas decisões sobre a cidade terá de assentar nos grupos de população que não participam da exploração económica da cidade e são afectados pela cidade segregadora e especulativa.

Deste modo, os problemas urbanos poderão assumir um papel importante no processo de democratização da vida portuguesa:

. __ Constituindo temas polarizadores da actuação através dos órgãos representativos da população,já existentes (sindicatos, associações, cooperativas), sobre a organização e funcionamento das respectivas zonas urbanas.

__ Possibilitando o agrupamento de moradores com vista à intervenção nas decisões forma de intervir na cidade a fim de atingirem melhores condições de vida. opondo-se às decisões contrárias aos seus interesses ou criando eles próprios as situações que conduzam a uma melhoria das condições em que se encontram.

Reportagem de Cesário Borga, Rogério Vidigal, Urbano Tavares Rodrigues, José Naia e José Teixeira

ASPECTOS DA VIDA RURAL __ por Alípio Caetano Ferreira

1. A vida rural, nos seus mais diferentes aspectos, encontra-se desprotegida e ao abandono;
2. O Governo não tem na devida conta os interesses e as necessidades das pessoas do campo;
3. Deste abandono que é injusto resultam perniciosas consequências e entre elas a sangria da emigração;
4. As administrações locais ou são legalmente designadas pelo Governo ou na prática tudo acontece como se o fossem, isto na grande generalidade dos casos;
5. Como representantes do Governo não defendem os interesses do povo mas os do Governo e daí que não reivindiquem aquilo a que o mesmo povo aspira e tem legítimo direito;
6. A organização cooperativa da Lavoura é um simples meio de controlo político dos meios rurais e da agricultura em geral e não de defesa dos interesses dos agricultores;
7. Os Grémios da Lavoura deveriam ser extintos ou transformados em Cooperativas com direcções eleitas pelos seus sócios.
8. Também os presidentes das Câmaras municipais e os próprios governadores civis deveriam eles ser eleitos pelo povo, para ficarem ao serviço do mesmo povo;
9. Quando os representantes do povo são eleitos libermente e independentemente em relação aos poderes construidos, asseguram apoio e progresso aos seus eleitores.
10. Se a todos os níveis na administração local for instaurado o princípio democrático de representação popular estão as condições fundamentais para o desenvolvimento a todos os níveis da vida rural.

DA CENSURA PRÉVIA AO EXAME PRÉVIO __ por Raul Rego

I __ Não podem ser menores os direitos de quem exprime suas opiniões ou transmite informações pela Imprensa do que de quem os transmite oralmente. Daí o não ser precisa uma lei especial para a responsabilidade do jornalista, do colaborador de jornal. A Lei Geral da responsabilidade dos cidadãos é quanto basta, não se devendo fazer excepção para a Imprensa.

II __ A Imprensa exerce, sem dúvida nenhuma, uma função pública e de interesse público. Necessário é que os cidadãos tenham conhecimento do que se passa, com objectividade e sem que as informações sejam inquinadas por um sector. É por isso indispensável que se garanta a possibilidade de todas as correntes de opinião comunicarem, em igualdade de oportunidades, com os restantes cidadãos.

III __ Num País democrático, a liberdade de expressão tem de ser garantida a todos. Nos jornais, na Rádio, na Televisão. De par com a garantia de liberdade, tem de haver forma de assegurar a responsabilidade do jornal e, em determinadas circunstâncias, a do colaborador ou redactor. Estas na medida em que lhe esteja assegurada também a independência.

IV __ Dada a tendência manifestada em nosso tempo de potências económicas tentarem assegurar-se do domínio dos órgãos de informação, necessário é garantir, em todos os jornais, um mínimo de objectividade, de forma a que os interesses da colectividade estejam acima dos interesses de determinada empresa, não podendo esta sobrepor-se ao País. Para tal é indispensável uma fórmula tal que, sem prejuizo da pluralidade de opiniões e de liberdade individual, determinadas informações não possam ser sonegadas ao conhecimento público.

V __ O profissionalismo da Informação desenvolve-se de dia para dia. Por isso se torna também indispensável, assegurar em todas as empresas jornalísticas, a participação de todos os funcionários das mesmas empresas, desde a redacção à administração, à tipografia. Todas as secções deverão participar na co-gestão da Empresa.

VI __ Em qualquer forma de Governo democrático, não se poderá admitir seja que espécie for de Censura Prévia administrativa.

Esclarecimento

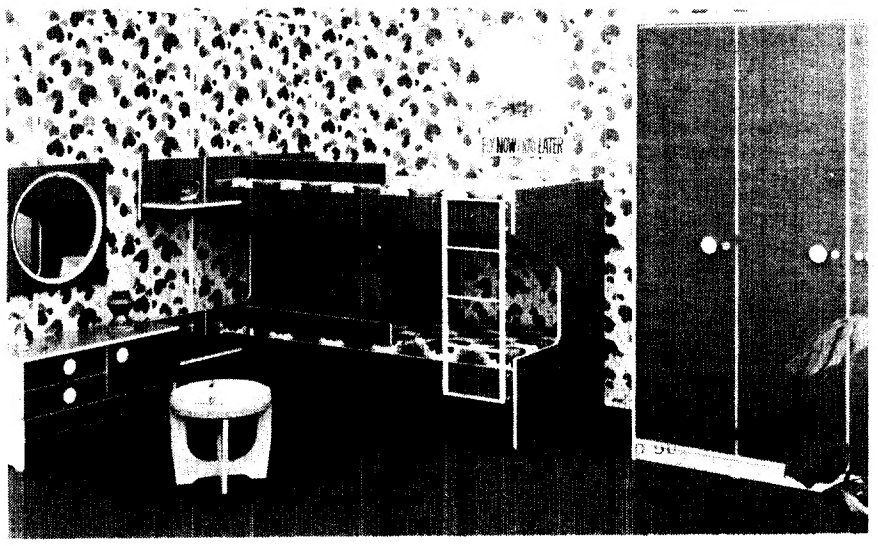
Por haver uma falha na entrevista que em Aveiro nos concedeu o dr. Mário Sottomayor Cardia, publicamos, como nos cumpre, a rectificação que aquele conhecido democrata nos solicitou:

. Não afirmei que as divergências entre CDE e CEUD «deverão estar superadas em Outubro», mas que se encontram já superadas e não reaparecerão na próxima campanha eleitoral. Aproveito também para esclarecer que não foi a propósito dos trabalhos de qualquer secção em particular, mas do Congresso em geral, que declarei: «Quando a discussão não incide sobre textos preparados torna-se vazia».

MAIS NOTICIÁRIO NAS PÁGINAS SEGUINTES

MÓVEIS BAÍA

A SOLUÇÃO DO POUCO ESPAÇO



QUARTO JUVENIL

É UM DOS MODELOS DA VASTA GAMA/73

DE **MÓVEIS BAÍA**

— ESTE E OUTROS MODELOS DA LINHA/73, SÃO FABRICADOS EM AGLOMERADO DE MADEIRA, DECORADOS A PAU-SANTO, MOGNO OU LACADOS EM VÁRIOS TONS, A LACA DE POLIESTER, RESISTINDO ASSIM A TODAS AS INTEMPÉRIES E OUTRAS CONTROVÉRSIAS, PROVADO ATRAVÉS DE TESTES EFECTUADOS NA NOSSA FÁBRICA.

3.º CONGRESSO DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA

SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS POLÍTICAS

. O 3.º Congresso da Oposição Democrática iniciou hoje o seu último dia de trabalhos de comissões, dado que amanhã apenas está prevista a romagem ao túmulo de Mário Sacramento, o plenário e a sessão de encerramento. Uma profunda e exaustiva análise do refime vigente, nascido em 28 de Maio de 1926, está a ser levada a cabo pela secção encarregada da **«Situação e perspectivas políticas no plano nacional e internacional»**. Coordena os trabalhos o dr. Lino Lima, auxiliado pelo eng. Areosa Feio.

Durante a manhã discutiram-se as estruturas sociais e políticas, o que conduziu a uma crítica acesa à situação política actual, sobretudo no que se refere à natureza dos métodos de actuação política que utiliza.

Uma das teses apresentadas, a 14.ª, da autoria de José Magalhães Godinho, procura demonstrar a ilegalidade do regime, através de vasta argumentação jurídica. Afirma o conhecido causídico e homem público: **«A dissolução do congresso da república em 9 de Junho de 1926, pelo decreto n.º 11 711, é um acto nulo de pleno direito por isso que se não respeitou o artigo 47.º da Constituição, segundo a substituição aprovada pela revisão que originou a lei 891, de 22 de Setembro de 1919, pois não houve prévia consulta ao conselho parlamentar, nem foi fixada data, dentro dos 40 dias imediatos, para eleição de novo congresso.**

Toda a legislação emanada do Governo, posterior a 28 de Maio de 1926, na parte em que contrariou os preceitos constitucionais, é nule de pleno direito, (parágrafo oitavo do artigo 47.º da Constituição Política de 1911).

Assim, são nulos de pleno direito os decretos leis que legislaram sobre a eleição do presidente da República e sobre o plesbiscito da Constituição de 1933, e todos os decretos com força de lei de 1933, por força da mesma disposição constitucional de 1911, que era a que vigorava, a qual só podia ser modificada ou substituída legitimamente por uma eleição, ao abrigo da lei eleitoral vigente de 28 de Maio de 1926, de um congresso da República com poderes constituíntes, que discutisse e votasse uma nova Constituição. Foi nulo de pleno direito o Acto Colonial de 8 de Junho de 1830, aprovado pelo Decreto n.º 18 570, como foi a sua republicação na Constituição de 1933.

Mesmo que, e não esse o caso, não fosse inconstitucional a Constituição de 1933, todos os Decretos Leis sobre direito de reunião, expressão de pensamento, republicando o acto colonial, estabelecendo a composição e funcionamento do Conselho de Estado, eram inconstitucionais em face da própria Constituição de 1933, por desrespeito das normas do seu artigo 108.º, pois tinham obrigatoriamente de ser, e não foram, submetidos à ratificação da Assembleia Nacional, nos primeiros cinco dias após a sua eleição. Logo,

AS ELEIÇÕES DE 1969

Outro assunto que está a ser objecto de debates, como era inevitável, é a fase de liberalização por que o regime teria passado a partir de 1969.

Outro ponto em debate, é, naturalmente, o que se passou na últimas eleições. Setúbal apresentou uma visão retrospectiva do que se verificou no seu distrito. Na tese 26 (**«Breve comunicação sobre a estratégia política da posição Democrática nas próximas Eleições Legislativas»**, de António Arnaut), afirma-se em certo passo: **«as últimas sleições Legislativas constituíram uma defraudação da vontade popular e mostraram à evidência, que o Governo não quer encaminhar o País para um regime democrático. Contudo, isso não impede que o Governo invoque, a cada passo, o «mandato expresso» que lhe foi outorgado pelo povo para proseguimento da sua política, nem o iníbe de proclamar que essas eleições tiveram a natureza de um autêntico plesbiscito e se processaram com plena liberdade e igualdade das listas em confronto. Recentes acontecimentos políticos (rejeição liminar dos projectos de lei apresentados por deputados liberais, incluíndo um sobre amnistia, renúncia de deputados, proibição das comissões democráticas de recenseamento, incriminação de elementos da C.N.S.P.P., os acontecimentos do Rato) mostram inequivocamente que o Governo não tolera a mínima abertura. A alteração do regime da Assembleia Nacional cerciando a liberdade e iniciativa dos deputados, deve considerar-se como manifestação do «endurecimento» do regime e prova segura de que o Governo não está disposto a correr quaisquer riscos. Neste contexto, a oposição democrática não tem a menor probabilidade de fazer eleger representantes seus nas próximas eleições, a menos que o Governo o «permita», como pode admitir-se em face das aludidas alterações».**

Sob a política de reformas do Governo ficou assente que elas não resultaram. Diz-se na tese 11: **«Para responder a dificuldades levantadas à conservação da aliança do poder, foi proclamada, após o episódio da sucessão, uma mudança de pendor reformista, na linha governativa. O objectivo desse reformismo situava-se essencialmente na tentativa da lançar o País na via docrescimento industrial. Para isso foi anunciada uma reforma da indústria, que, em conjugação com a reforma da educação e a liberalização do corporativismo, deveria encaminhar o País no sentido de um capitalismo moderno. A anunciada reforma da indústria, de sentido produtivista, não atenuou a estagnação económica**

A reforma da educação, como a reforma da saúde, não se mostrou consciente da necessidade de vencer os obstáculos sociais que a condenam. A liberalização do corporativismo revelou-se inaceitável tanto pelo Governo como pelo patrinato

Durante a tarde deverão ser debatidos os restantes capítulos que se referem à presença de Portugal no mundo, ao Ultramar e às lutas democráticas e suas perspectivas.

Prevê-se que a discussão do último capítulo saia um apelo à unidade, a todos os oposicionistas, de resto já feito na sessão inaugural, e proposto em diversas teees. Será debatido o acordo de Portugal com o Mercado Comum e a nossa presença na NATO na tese 7.ª, da autoria de José Alberto Rodrigues, faz-se a comparação do que foi a presença de Portugal no mundo, antes e depois de 1926.

O Congresso e a juventude

«Este Congresso é da juventude» — afirmava ontem um velho democrata, ao observar as muitas centenas de jovens que todos os dias têm estado presentes no Teatro Avenida. E o que certamente o deverá ter levado a fazer tal afirmação é a maneira activa e entusiástica como eles participam no trabalho ou no cumprimento de algumas tarefas que lhes foram distribuidas, percorrendo as salas e os corredores do teatro.

Na noite de ontem, no decorrer dos trabalhos «Estrutura e transformação das relações de trabalho», mais de 500 jovens estiveram presentes, oferecendo um aspecto de invulgar movimentação. E para tornar ainda mais notada e activa a sua participação, os jovens congressistas realizaram esta manhã uma reunião para acertarem pontos de vista e definirem orientações precisamente quanto a essa participação.

ACAMPAMENTO IMPROVISADO

Entjetanto, jovens congressistas estão a acampar nos terrenos situados nas traseiras do cemitério central de Averio, exactamente aquele onde repousam os restos mortais de Mário Sacramento. A autorização para ali acamparem foi conseguida após diversas diligências junto go governador civil, uma vez que o parque de campismo foi ontem **«encerrado para obras»**.

O local tem a vantagem de situar próximo do cine-teatro Avenida, mas, segundo um comunicado da comissão de Imprensa, **«não oferece nenhumas condições, nem higiénicas, nem de segurança, nem de abrigo»**.

Em contacto com os 30 jovens que ontem, ao fim da tarde, começaram ali a armar as suas tendas, soubemos que, inicialmente, tentaram acampar no parque da Barra, mas que, mais tarde, tiveram de abandonar o local. Soubemos ainda que, nesse momento, já ali se encontravam jovens provenientes do Porto, Lisboa, Marinha Grande, Leiria e Setúbal. Prevê-se que, durante o dia de hoje, sejam ali armadas mais de uma centena de tendas.

LINO DE CARVALHO

. A omissão de uma simples palavra num subtítulo da entrevista que ontem publicamos com Lino de Carvalho, alterou, completamente, o sentido da frase, o que pode levar muito dos nossos leitores a concluir que o entrevistado nos transmitiu o contrário do que efectivamente pensa. Para desfazer dúvidas aqui fica a rectificação: o subtítulo publicado poderia fazer crer que Lino de Carvalho afirmara que **o Congresso foi uma concessão**, quando das suas palavras se inferia que **o Congresso não foi uma concessão.**

Fala um responsável pela organização

. A Comissão Executiva continua atenta a todos os pormenores, a fim de colmatar possíveis e sempre inevitáveis falhas de organização. A propósito dessa exaustiva tarefa disse-nos o dr. Joaquim da Silveira, membro daquela Comissão:

. **«— Internamente, a organização não tem tido dificuldades insuperáveis. Evidentemente que houve erros iniciais, mas tudo já engrenou, passadas que foram as primeiras 24 horas sobre a abertura do Congresso.»**

. Referimo-nos ontem ao custo da organização dos trabalhos. E dissémos como é que se pensava cobrir as despesas, que atingem, segundo números posteriormente colhidos, para além dos 300 contos. Sobre este assunto, o dr. Silveira afirmou:

. **«— Ainda não temos muito dinheiro, mas contamos com a contribuição de todos e isso não irá constituir problema.»**

«RECEAVA MAIOR DESORGANIZAÇÃO»

Sobre as dificuldades e improvisações palpáveis neste 3.º Congresso registámos também a opinião do arq. Keill do Amaral:

. **«— Um congresso destes, que partiu do nada, é uma coisa realmente muito séria. Tudo tem de ser improvisado, tudo tem que ser criado de repente. Receava uma certa desorganização e maiores dificuldades de entendimento do que as verificadas até agora. E na minha secção, tudo correu bem, falando-se dos problemas com muita correcção e interesse digno dos maiores elogios. É evidente que não é em três sessões de um dia que serão aprofundados problemas que levam anos a serem solucionados. Mas szmpre acrescento o que, no entanto, os assuntos não foram postos levianamente em discussão. Uma coisa também me impressionou imenso: a apresentação das teses colectivas, de pessoas simples, de uma certa região, de moradores que tratam de problemas que lhe tocam muito directamente.»**

PRESENÇA DE LEIRIA

A Comissão Distrital de Leiria quis prestar um certo apoio aos congressistas daquela região. E para isso montou um posto a funcionar numa «roulotte» que presta informações aos membros leirienses, servindo também de elo de ligação entre a Comissão Executiva e os congressistas e para arranjar alojamento aos que foram chegando e que, mercê das limitações da lotação hoteleira da cidade, ficavam um tanto desamparados. E, segundo o que nos foi revelado, por um dos membros daquele posto, tudo tem decorrido da melhor maneira, apesar, acentuou, de **«não termos recebido colaboração das entidades oficiais, sobretudo no que respeita aos alojamentos dos congressistas»**.

O QUE SE VENDE

Até ontem, a livraria a funcionar num átrio do teatro tinha vendido cerca de 2.000 **«Cartas-Testamento»** de Mário Sacramento (35$00). Outra obra que está a ser muito procurada é **«Palavras Inúteis»**, de Bento Gonçalves. Andava muito perto de 1.000 exemplares já vendidos.

A medalha do Congresso, cunhada com uma inscrição alusiva ao acontecimento e tendo no reverso a citação de Mário Sacramento **«Fazei um Mundo Melhor»**, tem sido muito procurada, prevendo-se que os 500 exemplares se esgotem, tal como os cinzeiros de porcelana.

Entretanto, os estudantes de Coimbra, para obterem fundos para a reabertura da Associação Académica, promovem a venda de cartazes, destacando-se um muito sugestivo: **«Pela Mulher na Luta»**. Também no seu balcão se encontra à venda, com grande êxito, o livro **«Estudantes de Coimbra no Plenário — Peças de um Processo»**.

MAIS NOTICIÁRIO NAS PÁGINAS SEGUINTES

Expresso
SAI AOS SÁBADOS
o semanário dos que sabem querer
CIESA · NCK

3º CONGRESSO DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA

"Educação, Cultura e Juventude"

Cinco teses não foram consideradas

Cinco das teses apresentadas no sector de **«educação, cultura e juventude»** (5.ª secção) foram rejeitadas. Uma, intitulada **«a criança: direito á vida e á liberdade»**, colectiva de Lisboa, por não ter a forma expressa de conclusões. As restantes, intituladas **«mulher trabalhadora»**, colectiva de Braga, **«alguns aspectos do ensino no concelho de Loures»**, colectiva de Loures, **«análise da situação escolar-carências»**, colectiva de Braga e, **«perspectiva regional»**, também colectiva de Braga, por conterem repetições de outros assuntos abordados anteriormente.

A discussão tinha começado durante a manhã de ontem pelos assuntos referentes aos **«direitos da criança»**, seguindo-se a **«pré-escolaridade»**, e **«carências-crítica á situação actual»** (onde uma tese intitulada **«o jovem trabalhador português»**, colectiva de Braga, foi enviada para a subsecção de juventude). Neste último sector foi aprovada na generalidade a tese intitulada **Educação-perspectiva regional»** (distrito de Braga), mas a comissão coordenadora ficou encarregada de lhe dar nova forma. Foi, aprovada também a tese intitulada **«elementos para uma reforma democrática do ensino»**.

O quarto ponto, **«carências e reivindicações»**, foi aprovado na generalidade. No que respeita ao ponto **«professores»**, não houve necessidade de discussão na Assembleia.

O ponto mais controverso foi o que se lhe seguiu, respeitante à **«Universidade»**, em que interveio o dr. Jofre Amaral Nogueira, afirmando que **«as conclusões apresentadas neste capítulo são, no seu conjunto, muito pobres»**, motivo porque esperaria que da discussão fossem tiradas conclusões novas, que enriquecessem tão candente assunto.

«Eu pedia aos estudantes universitários aqui presentes que dissessem o que pensam sobre este importante assunto». — prosseguiu. **«No que me diz respeito, entendo que o problema universitário não é de natureza científico-pedagógica, mas sim fundamentalmente, de natureza política».**

No que respeita, em particular, á reforma da Faculdade de Direito, afirmou um estudante, que até há bem pouco tempo era permitido que os jovens transitassem de ano, desde que fizessem o mínimo estabelecido de cadeiras, acrescentando:

. **«Com a anunciada reforma tudo mudou. A partir do 3.º ano ninguém pode mais frequentar o ano imediato sem que a tenha conseguido aprovação em todas as cadeiras do ano anterior.** Referiu-se ainda às incapacidades de lotação, às insuficiências de ensino, etc. o prof. Luis Lindley Cintra haveria de concordar com a afirmação de Jofre Amaral Nogueira de que as conclusões apresentadas são de facto muito fracas.

Restantes pontos debatidos nesta subseção de **«educação»: «Investigação Científica», «O Ensino e a Sociedade», Democratização do Ensino».**

PROBLEMAS CULTURAIS

O tema **«Cultura»**, que iria alimentar os debates da tarde, continha muitos elementos do maior interesse. Aí se encontravam as seguintes teses: **«A Destruição da Cultura em Portugal»**, de Modesto Navarro; **«Para o estudo da situação da Cultura e da Informação em Portugal»**, de José Saramago; **«Contribuição para uma análise da situação do escritor»**, de Urbano Tavares Rodrigues; **«Infraestruturas culturais dos Açores»**, de Manuel Barbosa; **«Sobre a promoção desportiva nacional»**, de António de Sousa Santos e José Esteves; **«Desporto juvenil, reflexo do momento nacional»**, de Jorge Morais e António Aires.

DESPORTO JUVENIL

As principais críticas contidas na tese de Jorge Morais e António Aires são as seguintes: **A desatenção que as autoridades competentes dispensam ao desporto juvenil português; os dinheiros públicos que nele têm o dever de movimentar; o desprezo que lhe é votado pelas autoridades regionais; o atraso do desporto juvenil a nível escolar; a falta de professores ou instrutores de educação física com que nos debatemos; o aproveitamento que pode fazer-se dos já existentes; as atrocidades técnicas que têm sido impunemente praticadas por clubes; a extrema vantagem conseguida com o aproveitamento das potencialidades, devidamente orientadas, dos clubes; as elevadíssimas cifras que o desporto profissional tem movimentado; o oportunismo de certos potentados, ao infiltrar-se na gestão do desporto; e o extraordinário papel que pode ser desempenhado pela imprensa especializada numa luta pela promoção desportiva.**

O Congresso e o povo de Aveiro

O sol escalda, embora as sombras de Abril permaneçam frescas.

Num curtíssimo intervalo deste Congresso pobre (nós não temos a máquina montada) que não nos consente um instante de repouso, fiu para a rua escutar o povo.

Disse-me uma rapariga, cujos olhos claros e doces nem deixavam prever a maturidade com que se expremiu:

. — **Para mim a juventude é a construção em volta de uma ideia. Sei muito bem que cada um de nós personaliza a seu modo os acontecimentos. Mas há momentos de crise aguda em que o sentir colectivo desperta. É belo e é terrível. Reagir é afirmar, apesar de tudo, uma liberdade. O vosso Congresso e essa liberdade e uma certeza de juventude, sejam quis forem as vossas idades, dos intelectuais aos operários, que lidam lado a lado.**

A voz dos comerciantes fez-se ouvir logo na sessão inaugural e da maneira mais expressiva:

Nem todas as respostas podem contentar-nos plenamente. Um estudante (do ensino médio) de Aveiro, disse-me:

. — **Estou convosco, a cidade está convosco, mas há reservas.**

— Quais?

. — **Não minhas, note. Mas certas pessoas, desejando embora ver-nos triunfar recusa-se a aceitar o radicalismo das vossas posições.**

— Mas a nossa posição é correcta, humana e ética, E é perfilhada por católicos, por liberais, por socialistas, por progressistas de todas as tendências.

— **Eu não falo por mim. Digo o que ouço.**

— Quer dizer que a televisão tem uma certa eficácia...

— **Tem. E além disso...**

Falámos longamente. Não nos teremos mutuamente convencido, mas estabelecemos entre nós uma corrente de compreensão e simpatia humana, de procura da verdade.

É certo que falar no Teatro Avenida ou na praça pública, ao povo de Aveiro, não é bem a mesma coisa.

E os operários?

. Os que ouviram o camponês de Alpiarça que falou na sessão inaugural... Mas esses já sabem muito bem o que pensam. Um homem livre e franco. Um homem consciente, de palavra lisa, às vezes a enredar-se mas só nas malhas da verdade, que também nem sempre é simples quando se diz.

Mário Sacramento evocado no "Independência de Águeda"

O semanário republicano «Independência de Águeda», que ultimamente procurou através de uma remodelação alargar o seu âmbito de informação, dedicou agora a propósito da realização do III Congresso da Oposição Democrática, um suplemento a Mário Sacramento, secretário-geral do primeiro Congresso Republicano de Aveiro e grande obreiro do segundo, tendo falecido poucos dias antes da sua realização.

«Independência de Águeda», como órgão republicano, não esqueceu, nesta data, o homem e a obra de quem tanto pugnou pela terra e pelo povo português na defesa dos seus direitos fundamentais.

Colaboram neste suplemento evocativo, José Tengarrinha, Rodrigues Lapa, Álvaro Salema, Joaquim Namorado, Deniz Jacinto, Miguel Joane, Humberto Lopes, Santos Simões, José Ferreira Monte e Jaime Gralheiro, incluindo ainda um inédito de Mário Sacramento e uma carta. datada de 12 de Março de 1955, e dirigida a seu filho de nove anos, a propósito da morte do dr. Fleming, o sábio que descobriu a penicilina, onde afirmava: **«Para ele, como médico, todos os homens eram iguais, todos tinham direito à vida e à felicidade. Filho do povo, conservou-se sempre fiel à sua origem, sentindo-se irmão de todos os homens. (...) Como cientista, punha a verdade acima de todas as coisas e era sempre o primeiro a dar a mão à palmatória quando acontecia ser ele a estar em erro. Considerava intolerável apenas o fanatismo, a superstição, a covardia intelectual e moral, o apego às formas ultrapassadas, a miopia dos cérebros encandecidos pelas paixões sectárias e pelo egoismo».**

TESTAMENTO POLÍTICO DE MÁRIO SACRAMENTO

"Façam o mundo melhor ouviram?"

No local onde decorrem os trabalhos do Congresso foi ontem posta á venda uma brochura onde se transcreve uma carta testamento de Mário Sacramento, escrita na pousada de S. Lourenço, no Caramulo, em 7 de Abril de 1967. A carta constitui, sem dúvida, um documento de muita importância.

Mário Sacramento começa por confessar que sente a morte a aproximar-se: **«Depois dos cinquenta acaba-se estou convencido. Mais erro, menos erro, a média deve ser essa».** De facto o erro foi, infelizmente, pequeno. Mário Sacramento morria poucos meses antes de atingir os 50 anos.

Começo por isso a ter pressa de fazer umas tantas coisas que reservei para a fase final — escrevia Mário Sacramento — **quando a terrível batalha que travei na sobrevivência contra o fascismo, se o fascismo me diexasse, à margem desta profissão cujas dificuldades e condicionamentos económicos, sociais e políticos liquidaram tantos dos meus sonhos, margem para isso. Espero roubar, sempre que possa, alguns dias à labuta e à engrenagem diária e isolar-me, como agora fiz, para escrever qualquer coisa de mais íntimo. Para o romance ciclico que trago há tantos anos na cabeça não chegará o tempo, de certo. E é melhor assim, pois evito uma desilusão e sempre morrerei com o arzinho angustiado de vítima de um mau destino, o que é chique, como diria o Eça...».**

E mais adiante: **«Nasci e vivi num mundo de inferno. Há dezenas de anos que sofro, na minha carne e no meu espírito o fascismo. Recebi dele perseguições de toda a ordem** — **físicas, económicas, profissionais, intelectuais, morais. Mas, que não as tivesse sofrido, o meu dever era combatê-lo. O fascismo é o fim da pré-história do homem. E procede por isso, como um gangster encurralado. Fiz o que pude para me libertar, e aos outros, dele. É essa a única herança que deixo aos meus filhos e aos meus companheiros. Instaurem uma sociedade humana./ Promovam o socialismo, mas promovam-no cientificamente, sem dogmatismos sectários, sem radicalismos pequenos-burgueses./ Aprendam com os erros do passado. E lembrem-se de que nós os mortos, iremos, nisso, ao vosso lado. / Não veremos o que quisemos, mas quisemos o que vimos. E este querer é um imperativo histórico. Há milhões de mortos a dizer-vos: Avante.**

E a terminar: **«Para a mulher, um abraço, simples e esquivo como eu sempre fui. Para os filhos, um beijo, frio e recalcado como eu sempre lhes dei. Para todos, um afecto. Quem tinha tão pouco que dar a tantos, teve de ser avaro...Mas morre convencido de que não guardou nada para si. Ou de que teve, pelo menos, essa intenção.**

Façam o mundo melhor, ouviram? Não me obriguem a voltar cá.

As conclusões das três teses pelo prof. Pereira de Moura

..O prof. Francisco Pereira de Moura, ex-professor do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, eminente economista e conhecida personalidade da Oposição Democrática, apresentou ao Congresso Três Teses, cujas conclusões a seguir publicamos.

1. O desenvolvimento económico português, com base na industrialização, assentou durante os anos cinquenta e sessenta num modelo proteccionista que atingiu o esgotamento, assistindo-se nos últimos anos a uma tentativa de realçar o processo com base num modelo reformista-liberal.

2. A estratégia de desenvolvimento do reformismo-liberal assentou na abertura à Europa e às empresas estrangeiras, na consolidação dos grandes grupos industriais-financeiros, na invasão para o sector agrícola tradicional, e na tentativa de realização pelo sector público de uma parte dos projectos de industralização.

3. As exigências da Comunidade Económica Europeia em matéria política, limitou radicalmente as possibilidades de adesão, comprometendo assim toda a estratégia reformista.

4. Os interesses dos trabalhadores portugueses exigem um modelo de desenvolvimento económico em que às necessidades efectivas se responda com a criação de capacidades produtivas, em que a essa criação de capacidade correspondam os postos de trabalho que assegurem o pleno emprego produtivo, e em que os rendimentos gerados pela produção garantam o poder de compra da população e a acumulação necessária para manter o ritmo de progresso.

Continua na pag. 6

MAIS NOTICIÁRIO NAS PÁGINAS SEGUINTES

3º CONGRESSO DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA

Rogério Paulo, Arte e Sociedade

Impossibilitado de estar fisicamente em Aveiro, o conhecido homem de teatro e democrata que é Rogério Paulo enviou de Cuba, onde se encontra de novo, desde há alguns meses, uma tese destinada à secção «Educação, Cultura e Juventude»

Trata-se de um documento bastante politizado, em que Rogério Paulo analisa as relações entre a arte e a sociedade. Diz o autor, em determinado passo:

. **«Para o rico oligarca, um artista vale tanto como um professor que lhe ensina os filhos, um cozinheiro que lhe prepara os seus pratos favoritos ou um alfaiate que lhe corta os fatos: todos são servidores.**

«Mas o professor tem que ensinar o que ao oligarca convém, o cozinheiro satisfazer o seu paladar, o alfaiate conhecer a última moda e o artista... criar uma arte que não pertube seriamente a sua ordem estabelecida.

«As classes dominantes não ignoram que, para disfrutarem os seus «jogos» necessitam conhecer-lhes as regras. Por isso, mesmo cedo aprendem a ler o jornal que lhes convém, a jogar o ténis ou as cartas, a preparar as receitas dos «coktails», a assistir a um espectáculo, a ouvir um concerto ou a visitar uma exposição de pintura.

«Se depois gostam (ou querem) do bom teatro, da boa música ou da boa pintura, já é outro problema...

«A verdade é que aprendem a «defender-se» de uma arte que possa perturbar a sua estabilidade e a encorajar — por meio dos seus aplausos, dos seus críticos, das suas leis, dos seus prémios, das suas subvenções — as manifestações artísticas que os sirvam na sua qualidade de donos.»

. Mais adiante, assinala que por alguma razão se condecora Ionesco e se proíbe Brecht. E continua:

«As classes dominantes chegam a enganar muitos espíritos ingénuos, com a inegável qualidade formal de muitas das suas produções — quantas vezes ajudados por uma confusa pseudocrítica intelectualista e profundamente reaccionária, embora disfarçada com atavios progressistas —, e através dos quais oferecem como única saída para o homem comum a aceitação da inevitabilidade do seu modo de vida classista. Utilizando pseudo vanguardas estéticas e literárias, induzem públicos avidos de uma mudança de conteúdo a aceitar uma simples mudança de forma. E servem-se de todos os recursos objectivos e subjectivos de que dispõem — louvores na chamada grande Imprensa, academias, promoções sócias — para minarem o entusiasmo e espírito de luta dos criadores que honestamente buscam a «transformação do mundo».

Afirma ainda Rogério Paulo:

«A educação e a cultura têm que se transformar num direito inalienável de todo o povo português.

«A sociedade de classes não pode resolver as mais legítimas e nobres aspirações do homem. A sociedade portuguesa actual, que não é mais que uma caricatura de uma sociedade classista-capitalista, ainda muito menos o consegue:

«As sociedades capitalistas não são mais que grandes cemitérios de consciências alienadas. Só uma estrutura socialista que permita ao homem comum construir a sua individualidade através de um objectivo nobre de luta. Só uma estrutura colectivista pode resolver o problema da «dignidade plena do homem».

«Terminando, programava, Rogério Paulo: «Para alcançar essa dignidade temos que romper o bloqueio que nos impuseram.

A lucidez impõe a revisão crítica dos nossos erros do passado. Não nos é permitido repeti-lo nunca mais, a menos que nos resignemos à triste condição de grotescos comparsas dentro do processo histórico em que vivemos. Há que ter a coragem de afirmar ou de negar, de dizer sim ou dizer não. Que fiquem enredados nas suas pequenas políticas de gabinetes os revolucionários de pacotilha e os oportunistas ambiciosos de prebendas pessoais. O futuro exige homens novos. A estrada larga da vida plena, exige caminhantes sãos, leais e limpos.

As conclusões das três teses

Continuação da pag. 5

5. Este modelo socialista de desenvolvimento corresponde a uma dinâmica assente na comunidade e nos homens, e não nos lucros, sendo tempo de nele interessar a generalidade da população.

FUNÇÕES E DEPENDÊNCIAS DOS GOVERNADORES CIVIS

1. Os governadores civis, são o instrumento de um poder central.

2. É por isso que dependem total e exclusivamente do ministro do interior.

3. As tendências de moderni-

3. As tendências de moderni-

zação incidem, cada vez mais, sobre as exigências de coordenação e de regionalização dos empreendimentos e das intervenções de fomento económico-social.

4. Uma reivindicação imediata da opinião democrática deverá ser a de substituir a dependência dos governadores civis subordinando-os a funções de representação efectiva de todo o governo, fazendo-os nomear pelo ministro do plano e da coordenação económica, e dando todo o relevo às atribuições impulsionadoras do desenvolvimento económico e social.

Comunicados de meia em meia hora

. O Gabinete de Imprensa, que durante os primeiros dois dias do Congresso apresentou bastantes deficiências, melhorou ontem extraordinàriamente não só na confecção das cópias dos trabalhos e conclusões como ainda na divulgação de comunicados de diversa índole que estão a ser emitidos de meia em meia hora.

Entretanto, a Comissão Executiva reúne-se esta noite com os jornalistas nacionais e estrangeiros, no Hotel Imperial, onde lhes será servido um jantar que será pretexto para uma informal troca de opiniões e esclarecimentos de quaisquer pontos.

Quando ontem decorria a sessão da tarde, foi feita uma comunicação a todos os congressistas em que se afirmava que tinha havido um roubo de relatórios de teses, incidente este que levou os presidentes das mesas a lavrarem vigoroso protesto a ser enviado ao governo civil de Aveiro, e a solicitar **ao agente da autoridade em serviço no Teatro que exerça vigilância sobre as mesas em que se encontram aqueles documentos, a fim de evitar que sejam roubados.**

Mais tarde, às 23 e 30, soube-se de outro incidente do género, pois do «stand» da **Seara Nova** foi roubada uma petição com cerca de 800 assinaturas em que se reclamava a libertação de todos os presos políticos.

Interesse internacional

. Declaradamente ou não, os países que mantêm relações diplomáticas com o nosso, enviaram, na sua quase totalidade, observadores a este congresso.

Paralelamente a esta informação a nível de embaixadores e eminentemente política, deslocaram-se a esta cidade representantes de muitos e importantes orgãos de informação estrangeiros, em número que ronda os trinta. Por países, encontram-se representados, através dos jornais ou agência noticiosas, a França, Inflaterra, Alemanha Federal, Dinamarca, suiça, Itália, Austrália, Suécia, Finlandia e Noruega, no que se refere à Europa.

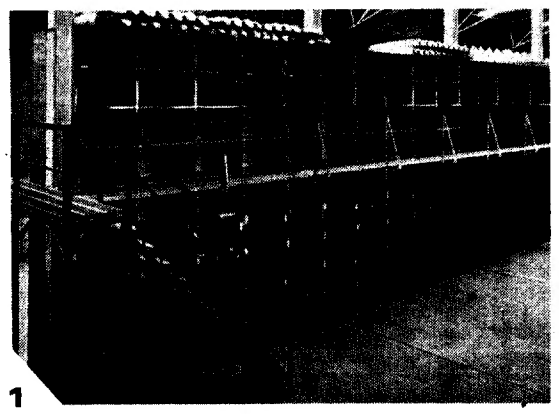
O continente americano terá ou as suas notícias sobre o acontecimento: é o caso dos Estados Unidos (donde está representado um jornal de Nova Iorque). Cuba (através da Agência Cubana de Presa) e Argentina (pelo) «AFB», de Buenos Aires).

A UPI fará a cobertura fotográfica para toda a Europa.

"Opinião": de Oliveira de Azemeis para o Porto

. PORTO, 7 — Adquirido há cerca de dois anos por um grupo de democratas do Porto, o seminário «Opinião», publicado em Oliveira de Azemeis desde 1930 e que se encontrava inoperante há cerca de 5 anos, vai de novo ser impresso, mas, desta vez, na Cidade Invicta, com direcção do democrata João Viana Jorge.

O «Opinião» será um seminário crítico noticioso e tem assegurada a direcção de intelectuais democratas do Porto, como Óscar Lopes, Jofre do Amaral Nogueira, Armando de Castro e Santos Junior, entre outros. Prevê-se que o primeiro número desta sua nova fase saia em meados de Maio próximo.



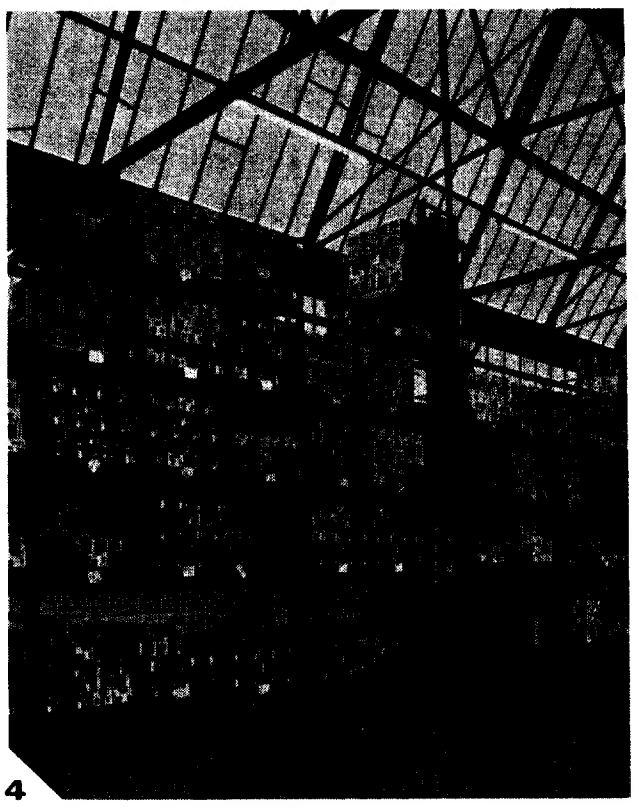
Ramada Dexion

especialistas em armazenamento e movimentação de materiais

1

2

3



4

4 soluções:

DEXION — cantoneira perfurada
IMPEX — estantes ajustáveis
APTON — sistema de construção de tubo quadrado
SPEEDLOCK — estruturas para cargas pesadas

Deixe que Ramada-Dexion, o ajude...

F. RAMADA
Aços e Indústrias S. A. R. L.
OVAR

publiovar RD 3

UMA DIETA SIMPLES...

Gostava de perder um pouco de peso? Sem grande esforço, e mantendo boa saúde? E se for você mesma a escolher o tipo de dieta? Oferecemos-lhe a receita ideal, se seguir as indicações do Prof. Frederick J. Stare, da Universidade de Harvard, publicadas no número de Abril de Seleções do Reader's Digest. Não perca tempo. Compre hoje mesmo o seu exemplar.

TV DL/ESPECTÁCULOS

TV CHUCHA? PUXA!

canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

Não vamos agora discutir a função de entretenimento da televisão. Eu podia dizer que será sempre de lamentar a sorte de alguém que precisa de doses maciças de distracção. Uma televisão considerada como chupeta para meninos de colo não será ideal que dignifique seja que televisão for. TV chucha? Puxa!

. Bem, mas não levemos (por agora) o caso a esse ponto e aceitemos que sim senhor, às vezes um entretenimentozinho. Com as condições de existir um mínimo de inteligência. Com a condição de não ser um pesticida com o máximo sinal de caveira. Como a noite de estreia de ontem.

Não se trata já das cenas de violência nela exemplificadas. Cenas de rotina, que já não provocam mais do que um arrepio superficial.

Nem se trata já do pequeno curso pelo exemplo de fornecer uma poção venenosa, utilizando o café. É já tradicional, não há nenhum criminoso em rodagem que desconheça o truque, a qual de nós, em pequeno, não obrigaram a ingerir, pelo mesmo processo, o óleo de rícino?

. Trata-se de pura lição de obscurantismo mais saloio. A amantíssima esposa, a quem o marido desaparece, consegue descobrir na grande cidade a casa onde ele se encontra kidnapado mercê de um fluido extra-sensorial que entra pelos pés e trepa por aí arriba até à consciência...

Não conto mais. Tenho vergonha. É então este entretenimento que se deseja, este entretenimento que nos reduz à situação de mentecaptos?

O TURISMO AJUDA A INGRÍCOLA

O *ponto de vista*, que não dá ponto sem nó, partiu para uma digressão turística motivado pela exposição «Nauticampo». Começou por se referir ao campismo, salientando a sua importância na migração turística. Pensei que iríamos assistir a um ponto de vista sobre o campismo em particular. Não foi bem assim. O que esteve inicialmente em causa foi o turismo rural. Para o que se contou com a presença de Carlos Matias, da Direcção Geral do Turismo, e de Lígia de Azevedo, da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas. Uma conversa quase inútil se não fossem algumas palavras esclarecedoras da senhora engenheira.

Carlos Matias fôra solicitado por Manuel do Amaral para nos dar uma definição de turismo rural. Carlos Matias não se fez rogado e só queria que ouvissem: uma definição do tamanho da légua. Não fez bem, nem mal: respondeu ao que lhe perguntaram. Manuel Amaral procurou emendar o mal. Nada feito. Carlos Matias não se mete por atalhos. Definições são definições.

A saída para o beco encontrou-se com a intervenção de Lígia de Azevedo. Pão pão, queijo queijo: *O turismo aparece como mais uma medida de que os técnicos da acção directa com as populações se servem para ajudar as populações rurais que vivem nas aldeias onde predominam as explosões economicamente inviáveis.*

Explicou: *Não sei se todos se aperceberão do problema grave que existe no nosso País da quantidade enorme das pequenas explorações economicamente inviáveis. Podemos dizer que das oitocentas mil explorações agrícolas cerca de seiscentas mil são economicamente inviáveis.*

Certo? Certo.

Trágico? Trágico.

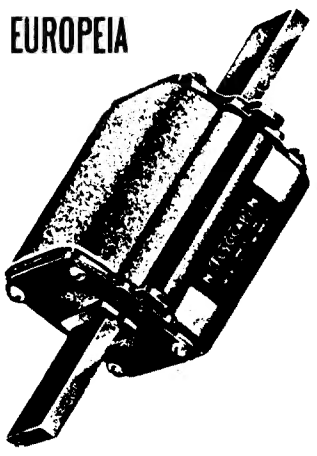
Mas então o turismo rural que função desempenha na resolução ou atenuação do problema? Deve haver um plano para a utilização de turismo rural (expressão que, apesar da explicação laboriosa, não conseguiu o necessário entendimento) deve haver um plano pelo menos desde 1958. Esperemos que a senhora engenheira venha um dia, pela televisão, pôr tudo em pratos limpos, explicar-nos como é que, pela utilização do turismo rural, se ajudam substancialmente as seiscentas mil empresas economicamente inviáveis. Deve ser uma tarefa colossal. Certamente mais dentro dos poderes de Hércules do que da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas.

Ponto de vista trouxe-nos ainda uma brevíssima conversa com António Modesto, da Federação das Actividades Subaquáticas, e Afonso dos Santos, da Federação de Vela. Tudo a propósito do aproveitamento desportivo das bacias de águas interiores, mais conhecidas por barragens.

Quanto à vela, a coisa é simples: praticamente, não existe ou, para sermos mais precisos: *o que existe, é nada.*

Quanto às actividades subaquáticas, o problema coloca-se nos mesmos termos, sensivelmente. António Modesto diz-nos ser indispensável «regulamentar o mergulho nas águas interiores» dados os perigos de que se reveste. Por exemplo, um acidente na água doce é mais perigoso do que na água salgada: em questão de segundos, pode haver uma fatalidade.

Calma. Deixem-se lá de mergulhos na água doce. Fiquem as barragens para a motonáutica, o feudo do sr. Gonzaga. Depois, qual o encanto das aventuras subaquáticas no Castelo do Bode?

FUSÍVEIS
NORMA EUROPEIA

JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

MELHOR SOM MAIS LUZ
PILHAS GATO BRANCO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António dos Santos, «Quiosque Rivoli» PÓVOA DE SANTA IRIA

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ
PEQUENOS CONCERTOS
QUARTETO DE CORDAS DE LISBOA
Violino
ANÍBAL LIMA
e
JOAQUIM PIMENTA
Viola
ANA BELA CHAVES
Violoncelo
CLÉLIA VITAL
com a colaboração de
LURDES SANTOS
(Violoncelo)
OLGA PRATS
(Piano)
Obras de
SCHUBERT e CÉSAR FRANK
AMANHÃ, às 16 horas
BILHETES DESDE 10$00 GRUPO A — M/6 ANOS

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

Os actuais depósitos a prazo de 1 ano, renovável, e a prazo de 15 meses, renovável, quando da sua renovação, passam ao novo regime de depósitos a prazo superior a um ano.

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos nos termos da lei.
O Estado assegura a restituição de todos os depósitos efectuados na Caixa, mesmo em casos fortuitos ou de força maior.

TAXAS DE JURO

DEPÓSITOS À ORDEM
(pessoas individuais)

Até 50 contos 3 % ao ano
No excedente a 50 contos 1,5 % ao ano

DEPÓSITOS A PRAZO
novas condições
(entidades privadas)

6 meses, renovável 5,25 % ao ano
Superior a 1 ano, renovável 5,75 % ao ano

Importâncias múltiplas de 1 000$00 com o mínimo de 10 000$00.

DL/ESPECTÁCULOS

O GRANDE PRÉMIO DA EUROVISÃO

INQUÉRITO SOBRE O FESTIVAL

. «Pelo menos não deve aparecer, no Luxemburgo, uma canção semelhante à «Tourada», disse-nos **Thilo Krasmann**, no decorrer de um pequeno inquérito que efectuámos sobre o Festival de logo à noite. Thilo acrescentou, ainda:

. «Mesmo no que diz respeito ao aspecto melódico e rítmico, não vai surgir, penso, uma canção musicalmente construída como a do Tordo. Isso é um facto que fará com que ela se destaque. Não vai ficar no anonimato. Quanto à classificação, acho que é imprevisível».

Outro dos inquiridos foi **Pedro Osório**, que falou assim:

. «Qualquer música portuguesa não tem hipóteses num festival de certa envergadura como é o da Eurovisão. As pessoas iludem-se com vagas quimeras que não podem existir. E um erro. Quase ninguém se apercebe do funcionamento e dos cordelinhos que andam ligados a festivais destes...»

. **João Afonso de Almeida**, promotor de discos de uma importante editora com sede em Lisboa, disse-nos não conhecer, das dezassete canções que logo vão ser apresentadas a concurso, senão a portuguesa, a inglesa e a holandesa. Quanto a estas duas últimas, disse-nos:

. «Qualquer das duas pode ser a vencedora. No entanto, a inglesa, dotada de mais força instrumental, entra com mais facilidade no ouvido das pessoas.»

. Quanto à «Tourada»...

...«E muito difícil que possa vencer. A letra, que para nós representa alguma coisa, não significa nada na Eurovisão e, no que diz respeito à música, as hipóteses são mínimas. Nesse ponto «Tourada» não oferece novidade nenhuma.»

. **José Jorge Letria** conhece apenas a canção que Cliff Richard vai defender pela Inglaterra. Sobre ela expõe em traços longos uma apreciação lúcida.

«Acho que é uma canção feita em bases perfeitamente comerciais. Arranca de «clichés» muito batidos. Submetidas àqueles moldes, Cliff Richard já teve canções melhores.

Quanto ao texto que serve de suporte à música também não acrescenta nada de novo. Considero ridículo certas alusões à «fraternidade cristã» e outras demagogias em que o cantor inglês parece estar a alinhar.

No entanto, se tivermos em consideração factor publicitário, creio que a canção de Cliff Richard será, talvez, a favorita.»

. Quanto às possibilidades de sucesso relativo a um primeiro prémio para a «Tourada», José Jorge Letria, manifesta uma opinião bastante pessimista:

. **«A «Tourada» não pode ter nenhuma «chance» de ganhar. Ainda que, no aspecto musical, seja bem conseguida em certas passagens, não possui condições para impressionar um júri, nem reúne à sua volta um motor publicitário. Com a agravante do texto (o mais importante da canção) funcionar lá fora como uma coisa secundária».**

O maestro **Rocha Oliveira** também falou para o «DL»:

. **«Só conheço a canção inglesa até porque as representantes dos outros países, ao contrário dos anos anteriores, não estão a ser muito divulgadas na rádio. Realmente é muito estranho! Passam apenas a canção da Inglaterra... Este fenómeno deve-se, certamente, à eficiência «daquela máquina» publicitária inglesa a trabalhar.**

Pois fazendo confronto com as canções antigas de Cliff Richard, esta não será talvez tão espectacular mas continua dentro da linha comercial: daquele espírito que põe de parte a qualidade mas tem hipóteses de agradar a muita gente.»

. Rocha Oliveira depois de acentuar que era suspeito em relação à «Tourada» pois a canção foi gravada pela editora à qual ele está ligado demonstrou pelas suas palavras um sentimento de esperança.

«A nossa posição, desde o início, e reportando-me ao festival da R. T. P. e de expectativa e cautela. Por um lado a polémica gerada à volta da «Tourada» beneficiou a canção não só ao nível nacional como no estrangeiro. Estamos bastante satisfeitos com o interesse que «Tourada» está a receber na Europa. Excedeu tudo aquilo que previamos. E isso é muito importante para a canção e para o intérprete. Estamos, portanto esperançados em que a «Tourada» consiga um lugar honroso. Não pensamos num primeiro prémio porque além das razões comerciais (já não falo delas) mais do que evidentes, há outras de ordem política que infelizmente se metem nestes assuntos.

A ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS CANÇÕES CONCORRENTES

. É a seguinte a ordem de apresentação das canções concorrentes ao Grande Prémio da Canção da Eurovisão que logo à noite se realiza:

1 Finlândia: «Tom, Tom, Tom» por Marion Rung
2 Bélgica: «Baby, Baby» por Nicole et Hugo e Le Groupe Luc Bral
3 Portugal: «Tourada» por Fernando Tordo
4 Alemanha Federal: «Junger Tag» por Gitte
5 Noruega: «A For et Spill» por Les Bendik Singers
6 Mónaco: «Un Train Qui Part» por Marie
7 Espanha: «Eres Tu» pelo grupo Mocedades
8 Suiça: «Je Vais Me Marier, Marie» por Patrick Juvet
9 Jugoslávia: «Gori Vatra» por Zdravko Colic
10 Itália: «Chi Fara Con Te» por Massimo Ranieri
11 Luxemburgo: «Tu Te Reconnaitras» por Anne-Marie David
12 Suécia: «Sommarn Som Aldeig Sager Nej» por The Nova and The Dolls
13 Holanda: «De Onde Muzikant» por Ben Cramer
14 Irlanda: «Do I Dream?» por Maxi
15 Inglaterra: «Power To All Our Friends» por Cliff Richard
16 França: «Sans Toi» por Martin Clemenceau
17 Israel: «Ey Sham» por Ilanit

VÁ AO TEATRO !!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

36.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

com JOSÉ VIANA

no protagonista

SUA EXCELÊNCIA O PENDURA

com

DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

Todas as noites: 21.45 h.
3.ª feira, descanso da Companhia
Sábado: 2 sessões: 20.45 e 23 h.
Domingos: 16 e 21.45 h.

TEATRO Tel. 86 47 56

LAURA ALVES

RUA DA PALMA
AS 21.45

Grupo C M/ 14 anos

ELENCO
(por ordem de entrada em cena)
Costa Ferreira, Marília Gama, Amílcar Botica, Jacinto Ramos, José Carlos, M.ª Helena Mattos, Beatriz Vaz, Madalena Braga, Adelaide João, Leonor Poeira, Luís Matos, José Braz
2.ª feira, descanso da C.ª

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

16.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com
FLORBELA QUEIROS

No elenco: IRENE ISIDRO, Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia, OCTÁVIO DE MATOS

Todas as noites: 21.45 h.
4.ª feira: Descanso da C.ª
SÁBADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
DOMINGO: «matinée» às 16 h.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL
N.º 47/73

Eu, António Jorge da Silva Sebastião, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa:

Faço público que, a partir de 16 do corrente mês passam a inumar-se no Cemitério de Benfica, os indivíduos falecidos no Hospital de Santa Maria que se destinam a ser enterrados em sepulturas temporárias.

O presente Edital altera o n.º 134/72, no que o mesmo estabelece quanto ao cemitério em que, normalmente, seriam de inumar os referidos restos mortais — o Cemitério do Lumiar.

E, para geral conhecimento, se publica o presente Edital.

. Paços do Concelho de Lisboa, em 2 de Abril de 1973.

O Presidente,

António Jorge da Silva Sebastião

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Augusto Conceição Correia, R. Alexandre Herculano, 16 ODEMIRA

CIESA - NCK

TRAMAGAL - Lavra o futuro. Lutamos pela reconversão da agricultura portuguesa. Connosco o querer da agricultura é de ferro.

TRAMAGAL Metalúrgica Duarte Ferreira, S.A.R.L.

DL/GERAL

Fuja aos seus Concorrentes...

se o seu problema é o transito!...

Adaptado às actuais exigências no que respeita à potência, carga útil e superfície de carga as camionetas HANOMAG-HENSCHEL são extremamente rápidas no trânsito e nas operações de carga e descarga;

Encontra à sua disposição vários chassis, várias medidas de carroçarias e potências.

Escolha um veículo de carga que melhor se adapte a um transporte rápido e seguro!...

Sòmente HANOMAG-HENSCHEL oferece uma solução racional que poupa tempo e fadiga.

À sua disposição nos concessionários distribuídos pelo país.

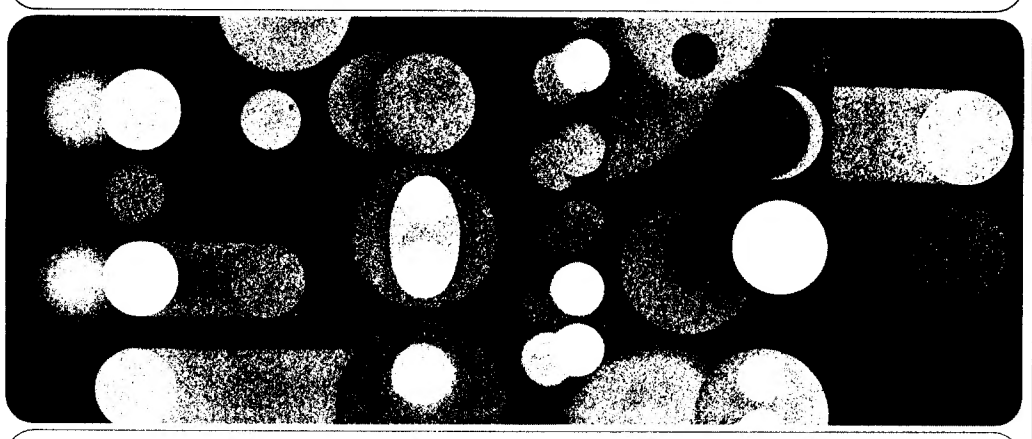
NAS SUBIDAS, NAS ULTRAPASSAGENS, NOS SINAIS LUMINOSOS HANOMAG-HENSCHEL É MAIS RÁPIDO!

HANOMAG HENSCHEL

REPRESENTANTES
IMPERIO DA BEIRA, AUTOMOVEIS, S.A.R.L.

PENTA CP1

Assumimos, hoje
uma tradição que se responsabiliza
pelo futuro cada vez mais próximo
Num espaço e num tempo portugueses
concretizamos, hoje, novas concepções,
novas técnicas e novas indústrias
que o mundo inteiro conhece
Produzimos, hoje, com os portugueses
para o mundo inteiro,
ao serviço do mundo português.
Queremos ser, hoje, portugueses
de sempre.



COMPANHIA UNIÃO FABRIL

As trabalhadoras químicas e a vida sindical

. . Registam normalmente muito pouca afluência de mulheres as assembleias sindicais, mesmo as muito concorridas — e quem diz assembleias sindicais diz assembleias de associações, clubes, etc. É um facto que frequentemente se constata, com pena, e por isso nos parece muito expressivo o comentário que o Sindicato Nacional dos Técnicos e Operários das Indústrias Químicas do Distrito de Lisboa fez a propósito da presença de associadas numa asembleia geral realizada em Fevereiro para aprovação do relatório e contas do organismo:

. . **«Desta vez, o sector feminino honrou-nos, aparecendo em grande número. Afinal nós temos razão. Não são os afazeres da casa, ao Domingo, que impedem as mulheres trabalhadoras de aparecer nas nossas assembleias.**

Duas ou três vezes por ano, ou até mais se for preciso, para tratar dos problemas justificam que as arrumações da casa sejam sacrificadas ou que a refeição dos familiares seja resolvida de forma diferente do habitual.

. . **Daqui saudamos as trabalhadoras químicas, que, com a sua presença, dignificaram a mulher química!»**

ÁGUIAS NEGRAS DO LARANJEIRO

. Com a presença do subsecretário de Estado da Saúde, é inaugurada amanhã, eplas 15 e 30, a sede do Águias Negras Futebol Clube do Laranjeiro, no Terriro da Esperança, 3-c/v-D.ta (Larajneiro).

CANTANHEDE
Escolas Primárias insuficientes

. . Em Cantanhede, as escolas primárias Conde Ferreira, construídas há mais de trinta anos no centro desta localidade, tornaram-se insuficientes para albergarem a população escolar que obrigatoriamente deve frequentar o ensino primário.

Como solução, visto que alguns postos de ensino particular depois de oficializados não colmatavam as necessidades, procedeu-se ao desdobramento do tempo de aulas, o que origina que as crianças de famílias mais abastadas frequentem, durante os tempos livres, estabelecimentos de ensino particular, não sucedendo o mesmo com as crianças cujas famílias não têm posses.

Impõe-se resolver o problema, e se é certo que se fala na construção de um novo núcleo escolar a edificar numa zona onde ficarão outros sectores do ensino secundário, por enquanto nada se vê de concreto.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Secretaria de Estado da Instrução e Cultura

Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

BOLSAS DE ESTUDO PARA A BÉLGICA

Está aberto até ao dia 20 de Abril o concurso para as seguintes bolsas de estudo oferecidas pelo Governo belga, no âmbito do Acordo Cultural Luso-Belga, destinadas a **licenciados, estudiosos, estudantes universitários** ou **artistas** que pretendam realizar estágios naquele País.

a) Bolsas de especialização (destinadas a licenciados ou a estudiosos)
b) Bolsas de investigação (destinadas a licenciados)
c) Bolsas de férias na Universidade Livre de Bruxelas (destinadas a estudantes universitários dos cursos de Filologias Românicas)
d) Bolsa de férias para participação no Seminário Europeu da Arte e da Civilização, em Gand (destinada a licenciados ou estudiosos que profissionalmente estejam ligados ao domínio da História da Arte)
e) Bolsas de férias para participação no Seminário Europeu da Música Antiga (destinadas a diplomados com o curso do Conservatório Nacional ou artistas especializados neste ramo da música).

As bolsas referidas em a) e b) serão atribuídas para o ano lectivo de 1973/74 e as mencionadas em c), d) e e) serão atribuídas para o Verão de 1973.

Os candidatos deverão apresentar os seguintes documentos:

1 — Requerimento em papel selado dirigido ao Director-Geral dos Assuntos Culturais.
2 — Boletim individual a solicitar previamente à Direcção-Geral dos Assuntos Culturais e devidamente preenchido pelo candidato.
3 — Certidão das habilitações literárias onde constem as classificações obtidas.
4 — Cartas abonatórias de duas individualidades de mérito reconhecido no domínio dos estágios requeridos.

Todos os esclarecimentos serão prestados pela Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, dentro das horas normais de expediente, na R. Ocidental ao Campo Grande, 83, 1.º Piso, Lisboa. (Edifício da Biblioteca Nacional).

A MULTIPLICAÇÃO dos anos

Cada ano tem os seus trezentos e sessenta e cinco dias exactos.
Para concretizarmos o nosso pensamento turístico
em empreendimentos que ràpidamente pusessem ao alcance de todos
os seus benefícios e as suas propostas de vida de tempos livres,
verificámos que os trezentos e sessenta e cinco dias
de cada ano eram insuficientes.
Mas descobrimos que se não podíamos multiplicar os dias
podíamos multiplicar o seu valor em horas trabalho efectivo.
E hoje quando alguém olha para os nossos empreendimentos
no Algarve, em Tróia, no Alentejo e na Serra da Estrela
verifica que a nossa empresa
não se pode contar cronològicamente pela idade que tem
mas pelos muitos anos trabalho
que todos os nossos empreendimentos representam.
Essa foi a nossa maior vitória.
Foi a vitória do nosso dinamismo.

TORRALTA

DL/GERAL

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63

A DEFESA DO CONSUMIDOR COMEÇA COM PREÇOS BAIXOS

«Praticar uma política de preços baixos, para servir os interesses do público, não se trata apenas de um acto de vontade própria, independentemente de tudo o mais, mas sim da produtividade que conseguimos» — respondeu-nos o gerente de um grande supermercado de Lisboa, quando lhe foi posto o problema da diferença de preços praticada por lojas daquele tipo e por outros estabelecimentos comerciais.

«Vendemos mais barato, porque vendemos muito e isso deve-se não só às pequenas margens de lucro que praticamos como ao que nos permite isso — o facto de termos horários mais elásticos de abertura ao público. Reduzir estes, aqui como em qualquer outro lado, diminuiria a produtividade do estabelecimento, com o inevitável reflexo nos preços de venda» — acrescentou.

Aliás, disse ainda, isto não se refere exclusivamente aos supermercados e é igualmente válido para o restante comércio, que poderia, se aumentasse a sua produtividade, competir melhor com os supermercados. De resto, tem sido esta a política praticada em muitos países, sobretudo nos grandes centros urbanos, onde foi autorizada a liberalização dos períodos de abertura ao público.

Vender mais barato: uma questão de produtividade

LIBERALIZAÇÃO

Ainda recentemente, jornais brasileiros publicavam a notícia de que o Governo encarava muito favoravelmente o projecto de liberalização do horário em Guanabara e o próprio Governo português, num decreto-lei de Fevereiro, acentuava essa conveniência no que nos diz respeito, de modo a melhor servir os interesses dos consumidores.

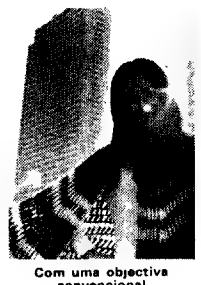
De resto, um fenómeno que tem vindo a verificar-se nos últimos anos mostra bem até que ponto grande parte do comércio está a ter uma quebra de produtividade, deixando de vender os seus produtos, porquanto o público está cada vez mais a fazer as suas compras no período de «ponta» entre as 19 e as 21 horas, por necessidades várias, a que não são estranhos os transportes e os próprios horários de trabalho dos consumidores.

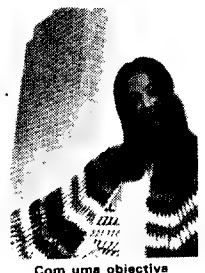
Ora um estabelecimento venderá tanto mais barato quanto mais vender e uma política de preços baixos apenas se conseguirá com o aumento de produtividade que conseguir. Aliás, exigem-no não só o interesse do comerciante como do público em geral, o qual, muitas vezes, se vê em dificuldades para adquirir os produtos que necessita devido aos horários actuais do comércio.

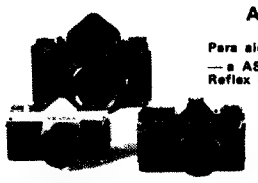
Estalagem Rota do Sol
RESTAURANTE — BAR — ESPLANADA
Se deseja afastar-se de ambiente saturante, regale-se na hospitaleira ROTA DO SOL.
Situado a 300 metros da Praia de Carcavelos.
Se deseja festejar o seu aniversário ou realizar o lanche do seu casamento, utilize o ambiente privativo e delicioso do Restaurante e Bar da ROTA DO SOL.
Telefones 2470152/3
Avenida Jorge V — Carcavelos (COSTA DO SOL)

A ASAHI PENTAX VÊ MELHOR QUE VOCÊ
E FOTOGRAFA O QUE VÊ

As novas objectivas SUPER-MULTI-COATED-TAKUMAR de Asahi Pentax eliminam praticamente os reflexos e aumentam o contraste a um nível jamais atingido pela tecnologia óptica.
O seu comprovado sistema de fotómetro fez da Pentax a máquina fotográfica Reflex mais vendida em todo o mundo.


Com uma objectiva convencional


Com uma objectiva SUPER-MULTI-COATED-TAKUMAR



A FAMÍLIA PENTAX
Para além da SPOTMATIC II:
— a ASAHI PENTAX ES — a primeira Reflex do mundo com obturador electrónico contínuo automático;
— a PENTAX 6×7 — a Reflex de formato médio de surpreendente manejabilidade;
— e a PENTAX SP 500 — a nova máquina da «família» que oferece a mesma qualidade PENTAX a um preço mais acessível.
Veja-as e compreenderá porque é que cada vez mais profissionais e amadores escolhem em todo o mundo uma ASAHI PENTAX.

ASAHI PENTAX O SISTEMA FOTOGRÁFICO REFLEX MAIS VENDIDO EM TODO O MUNDO
BELTRÃO COELHO, LDA.
R. CASTILHO, 1-A — LISBOA

JF
colaborou nas obras do novo
HAMBURGO BAR
fornecendo a aparelhagem de iluminação:
— calhas electrificadas trifásicas NOKIA
armaduras decorativas de montagem saliente FAGERHULTS KASKAD
armaduras decorativas para calha LITA-NOKIA
armaduras especiais «estrobofásicas» LITA-NOKIA
armaduras decorativas semi-encastradas M A
lâmpadas decorativas DURO-TEST GLOBELITE
aparelhos controladores de luz automáticos e comandados pelo fonte sonora
JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
Trv Fabrica dos Pentes, 8 · Tel. 654332-654165 · LISBOA

ABERTO AO PÚBLICO ATÉ AO DIA 15
7 a 15 ABRIL
HORÁRIO dias úteis: das 16/23h sáb. e dom. das 15/23h
SALÃO INTERNACIONAL DO LIVRO, DO PAPEL E DAS ARTES GRÁFICAS
na Feira Internacional de Lisboa

DL/GERAL

Domingo na China de Mao

Continuação da pag. 2

então Pequim adormece. Nenhuma vida nocturna, a não ser talvez nos cinco ou seis grandes hotéis onde estão instalados os visitantes estrangeiros, num ambiente que faz lembrar Marienbad — enquanto não são instalados em edifícios mais modernos — ou então no Bairro das Embaixadas, onde o pessoal diplomático se desenfada visitando-se regularmente.

. . Nas ruas desertas, onde ao contrário do que sucede em quase todas as capitais da Ásia ou de África não se vêem pessoas a dormir ao relento, apenas alguns raros atrasados pedalam ainda, luzes apagadas, direito ao sono. Mas nem eles chegam para inquietar uma noite esplendidamente estrelada, num céu que nenhuma nuvem toldará antes dos primeiros dias de Verão.

BERNARD LAUZANNE

EXPOSIÇÃO DE CERÂMICA EM LEIRIA

. . Na sede do Ateneu Desportivo de Leiria, encontra-se patente ao público uma exposição de cerâmica de Maria José Patela, que inclui cerca de seis dezenas de peças, composta por jarras, pratos, medalhões e bonecos populares alentejanos, em barro moldado.

. . A exposição, que foi inaugurada pelo presidente daquela colectividade, encontra-se aberta ao público até domingo.

INAUGURÁMOS
HOJE
UMA NOVA LOJA
NA
RUA CONDE REDONDO, 14-A

PREÇOS VANTAJOSOS
ARTIGOS DE QUALIDADE
SORTIDOS ESCOLHIDOS
BRINDES! MUITOS BRINDES!

SOMOS
ARMAZÉNS DO POVO
Sede, Escritórios e Armazéns: R. da Palma, 177, 1.º e 2.º
LISBOA

TORM LINES
PARA:
ORAN, ALICANTE, VALÊNCIA, BARCELONA, ALGER, MALTA, BEYROUTH e ALEXANDRIA
n/m. «Alice Torm» em 25 do crte.
Os Agentes Gerais:
SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4 TEL. 366056 362266
LISBOA 2 PORTUGAL

PANCADA, MORAES & C.ª
BANQUEIROS
37, RUA AUGUSTA, LISBOA
★
UM SERVIÇO BANCÁRIO COMPLETO, EFICIENTE E PESSOAL

se o leite não lhe cai bem DIESINE é a solução
ALIMENTO LÁCTEO
rico em proteínas, cálcio e fósforo de que você e seus filhos tanto necessitam, (sem o inconveniente da gordura e sal que foram eliminados)

EM TODOS OS SUPERMERCADOS E BOAS CASAS DE ALIMENTAÇÃO
hifen

WIESE & C.ª, L.DA
Estabelecida em 1865
TRÍADE DE TRANSPORTES
ao Serviço do Comércio Externo:
— POR MAR
— POR TERRA
— POR AR
INCLUINDO TRÂNSITOS
RUA DO ALECRIM, 12-A — L I S B O A
TELE FONE: 37 0241 GRAMA: WIESECO EX: 1322 WIESE P.

25 ANOS

1848 1973

COMEMORAMOS

AS BODAS DE PRATA

Como não podemos saudar todos os dias
os nossos clientes, colaboradores, amigos e fornecedores,
fazêmo-lo hoje. E porque hoje é um dia especial,
queremos agradecer a todos a preferência, a cooperação, a amizade
e o zelo com que sempre nos têm distinguido.
Foram todos vocês que nos guindaram até onde chegámos,
e será devido a vós que iremos até onde vocês quiserem.
Hoje fazemos vinte e cinco anos. Estamos em plena juventude,
sempre em constante busca de actualização. A nossa
principal preocupação e objectivo é actualizarmo-nos, renovarmo-nos.
Pensamos permanentemente no vosso conforto,
e por isso temos merecido a vossa preferência, como pessoas
actualizadas... e jovens que sois.
O jubileu dos nossos vinte e cinco anos comemoramo-lo amanhã
no restaurante «Cozinha Velha», do Palácio Nacional
de Queluz. Como não é possível convidar todos, até porque
vocês fizeram o possível por serem muitos, recebemos
com muita satisfação os que quiserem
estar presentes na nossa festa, pois a nossa alegria e a nossa
felicidade irá toda para vocês, pois é de vós
que a recebemos. A todos, o nosso muito obrigado
e a renovação da nossa firme intenção
de continuarmos no caminho que há vinte e cinco anos traçámos.

EL internacional
R. A. Pereira Carrilho, 30, Lisboa

DL/GERAL

COMPANHIA DE SEGUROS "CONFIANÇA"

Assembleia Geral Ordinária

. Sob a Presidência do Dr. Francisco Ortigão de Oliveira, realizou-se a Assembleia Geral Ordinária da Companhia de Seguros «CONFIANÇA», para apreciação do Relatório do Conselho de Administração, Balanço e Contas e Parecer do Conselho Fiscal, referentes ao Exercício de 1972 e Eleição dos Corpos Gerentes.

O Presidente da Administração, Dr. Fernão de Ornellas, depois de cumprimentar o Senhor Presidente da Mesa, salientou o extraordinário progresso que a Companhia vem apresentando, quer na Receita de Prémios, quer na firmeza do seu lugar no mercado segurador, pois mantém a sua impecável liquidação de sinistros e, depois de várias considerações sobre as animadoras perspectivas dos próximos Exercícios pôs em destaque a magnífica Carteira de Títulos de Crédito afectos às Reservas Obrigatórias e Livres, que apresenta uma importante maior valia, tendo o Capital e Reservas atingido 493 mil contos. Teve, a terminar, palavras de muito apreço para os seus colegas da Administração, elogiando o bom quadro de Pessoal, cujas excelentes qualidades são dignas do maior relevo.

Seguidamente, o Administrador-Delegado Eugénio Furtado, cumprimentando o Senhor Presidente da Mesa, referiu que os Prémios subiram para 360 mil contos, tendo a carteira de Fogo atingido 52 mil, Acidentes de Trabalho 113 mil, Automóveis 90 mil, Marítimo 50 mil e as restantes carteiras, como Vida, Montagens e outras, acentuada expansão e bom comportamento. No entanto, o Ramo Automóveis apresentou um prejuízo de 12 mil contos, devido à sua muita sinistralidade e ao constante aumento do custo de cada sinistro. A Franquia estabelecida e, ao exemplo de vários países, deveria ser mais alta, para que o condutor fique interessado no acidente que provocar.

Continuando, chamou a atenção da Assembleia para o montante das Reservas Livres que totalizarão 25 mil contos, as Provisões, 23 mil contos e a Situação Líquida Activa que se elevou a 166 mil contos.

A Assembleia aprovou os documentos que constituíam a primeira parte da Ordem do Dia. O Dividendo é de 12 por cento.

Prodeceu-se, então, à eleição dos Corpos Gerentes para o triénio 1973/75, tendo sido aprovada a recondução nos seus cargos dos anteriores membros da mesa da Assembleia Geral, Conselho de Administração, e Conselho Fiscal.

LEIA
motor

DEFESA DO CONSUMIDOR

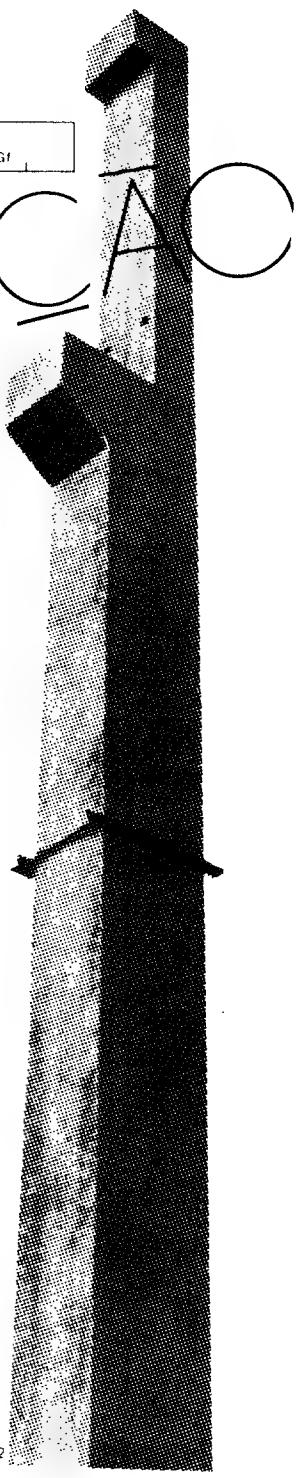
. Tem estado a decorrer em Espanha, mais propriamente na cidade de Sevilha, com datas entre 4 e 7 do corrente, a II Assembleia Espanhola de Consumidores, na qual toma parte, por convite expresso da Federação Nacional das Associações de Consumidores daquele país, o director da revista portuguesa «Conteste», que se dedica à defesa do consumidor.

Entre os temas focados salientam-se: **A fraude em Espanha**, **Os aditivos nos alimentos**, **Qualidade e exigibilidade do consumidor**, **Custo de vida** e **Comerciantes e consumidores**.

materiais novobra

PRÉ-FABRICAÇÃO

PILARES
VIGAS
LAJES
PAINÉIS
INDUSTRIAIS E DE FACHADA
PEÇAS
DIVERSAS
EM BETÃO ARMADO, PRÉ-ESFORÇADO
OU BETÕES LEVES



CONSTRUA COM CONFIANÇA
CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS TÉCNICOS

Fabricas em Lisboa, Leiria, Lagoa, Guarda, Moita, Luanda

Stands de exposição em
Faro - Largo de S. Luis 3 - Tel. 24173
Aveiro - Rua Luis Cipriano 19 - Tel. 25108
Evora - Largo das Portas de Moura, 11

Sede Av. Estados Unidos da America, 100-5.º Dto. - Lisboa-5
Telefones - Serviços Administrativos 77 48 32 - 77 29 53 Serviços Técnicos: 71 41 16/7/8 - 71 93 31/2

DL/GERAL

Iniciou-se o inquérito às necessidades da habitação

. Iniciou-se o «Inquérito às necessidades de habitação», abrangendo as famílias que vivem na região de Lisboa, com vista à revisão do Plano Director da Região de Lisboa. O inquérito é realizado pelo Grupo de Planeamento de Arquitectura, no âmbito de um contrato celebrado com a Direcção Geral dos Serviços de Urbanização e com a participação do Fundo de Fomento da Habitação. A actual carência de alojamento será determinada numa área que abrange os seguintes concelhos: Vila Franca de Xira, Mafra, Sintra, Loures, Cascais, Oeiras, Lisboa (no distrito de Lisboa), Almada, Barreiro, Seixal, Moita, Montijo, Alcochete, Palmela e Setúbal (no distrito de Setúbal).

Não sendo possível inquirir todas as famílias, foram seleccionadas para o efeito 6000. Na preparação do inquérito, fez-se inicialmente um sorteio entre todas as áreas edificadas da região; depois, em cada uma destas áreas será inquirida uma de cada dez famílias igualmente escolhidas por sorteio. Segundo os serviços encarregados desta auscultação, as perguntas destinam-se a recolher a informação julgada minimamente necessária para avaliar das actuais carências habitacionais, bem como das necessidades futuras; mesmo quando possa parecer que as perguntas não têm relação com estes aspectos, o facto é que elas lhes estão intimamente ligadas. Não se pretende apenas calcular quantas casas precisam ser substituídas, mas também quantas pessoas gostariam de mudar de casa por que não estão contestes com a sua por ser insuficiente, incómoda, distante dos locais de trabalho ou em bairros sem serviços urbanos ou comerciais. Ainda segundo os responsáveis, não basta saber quantas casas é preciso construir, há que saber a que classe, tipo, de que preço e em que local serão essas casas. Por isso que se façam perguntas sobre os rendimentos e poupanças familiares, sobre a localização desejada, sobre deficiências infraestruturais, etc.. As respostas pedidas são anónimas.

COMECE A PRIMAVERA
COM AS NOVAS COLECÇÕES
DA
LOJA DAS MEIAS
ROSSIO, 1—LISBOA

ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL NO DISTRITO DE LISBOA

NOVAS INSTALAÇÕES DO POSTO CLÍNICO N.º 105 028 (XABREGAS)

A Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa, comunica que a partir do próximo dia 9 de Abril, o Posto Clínico n.º 105 028 (Xabregas) que tem funcionado na Calçada de D. Gastão, 15-1.º em Lisboa, é transferido para novas instalações sitas na Avenida Afonso III, lote 16 — Lisboa, com os telefones n.ºs 839488, 381226 e 382487.

Esta nova unidade, dispõe de consultas de Clínica Médica, Estomatologia, Cirurgia, Ginecologia, Obstetrícia, Pediatria, Otorrinolaringologia, Oftalmologia.

A área abrangida incluirá não só a correspondente ao antigo posto de Xabregas, mas ainda parte da área adstrita ao Posto Clínico n.º 105 014 (Mónicas), no qual se encontra afixada uma relação dos arruamentos que dele deixam de fazer parte.

A DIRECÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

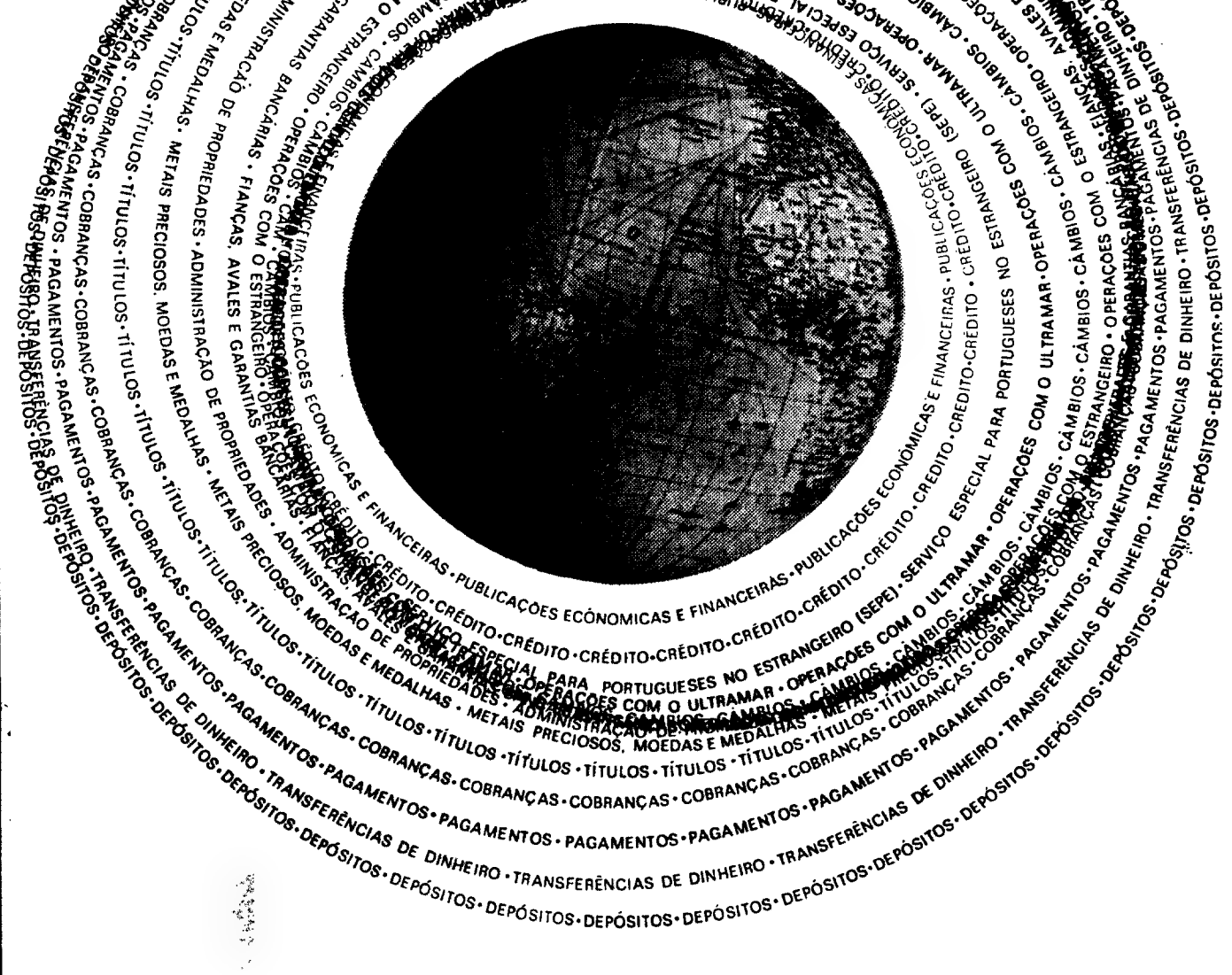
10.ª Secção de Actividade
«INDÚSTRIA QUÍMICA»

REUNIÃO DE INFORMAÇÃO
5.ª-feira, dia 12, às 21,30 horas
na Rua do Alecrim, 46 - 1.º

1. Processo disciplinar instaurado por NITRATOS DE PORTUGAL ao Presidente da Comissão Directiva.
2. Informações

Não faltes !

MAISON LOUVRE
VESTUÁRIO PARA BÉBÉ E CRIANÇA
CONFECÇÃO PRÓPRIA
ROSSIO, 106



um mundo de serviços

Este é o mundo que criámos para si: feito da nossa experiência bancária.
Há muito que os nossos clientes dispõem de uma gama de serviços bancários altamente especializados. Serviços só possíveis para quem, como nós, conhece bem o mercado português e o estrangeiro.
Depósitos, Cofres-Fortes, Crédito e Operações com o Estrangeiro são apenas alguns dos muitos serviços que oferecemos — e que vão desde a Administração de Propriedades Urbanas à Compra e Venda de Metais Preciosos, Moedas e Medalhas.
De acordo com as exigências da vida moderna, vamos criando novos serviços, que se destinam a simplificar o trabalho e a poupar o tempo dos nossos clientes.

A nossa clientela conta com o nosso apoio bancário onde quer que trabalhemos.

um mundo de serviços
Banco Borges & Irmão

DL/GERAL

O CASO DA HERANÇA SOMMER

Decorreu ontem a 401.ª sessão do já célebre Caso da Herança Sommer, com a continuação das alegações do dr. Eridano de Abreu, advogado dos assistentes.

Com menor assistência em relação à sessão anterior — embora se continue a notar um grande interesse no decurso destas audiências de julgamento — o dr. Eridano de Abreu teceu longas considerações, normalmente de cunho marcadamente dubitativo e interrogativo, e outras mais facilmente apreensíveis pela assistência.

O PROBLEMA DA DOAÇÃO EM VIDA

O dr. Eridano de Abreu começou por fazer um resumo da orientação que tem procurado imprimir às suas alegações e continuou com a exposição crítica do problema da existência ou não da doação em vida das acções às irmãs de Henrique Sommer. Seriou uma série de factos, na tentativa de demonstração de que tal doação em vida nunca existiu.

O dr. Eridano de Abreu teceu seguidamente toda uma argumentação, baseada muitas vezes em posições jurisprudenciais e doutrinais, no sentido de concluir que a circunstância de determinado depósito ser feito a favor de duas pessoas, em conta solidária, nada significa a respeito da titularidade do objecto em depósito.

E continuou mostrando que na família havia o cuidado de haver variadíssimas contas conjuntas, sem que isso implicasse a existência de titularidade de este ou daquele depositante.

A determinada altura afirmou:

«As contas colectivas pululam nos autos; as contas a que nos autos se chamam contas conjuntas estão semeados através do processo em vários pontos que eu vou indicar a V. Exas.:

V. Exas. podem ver uma conta colectiva no vol. 26 5644, entre D. Albana e D. Luísa; V. Exas. podem ver a fls. 9603-b do vol. 46 uma conta colectiva entre D. Albana Sommer; V. Exas. podem ver a fls. 5653 vol. 26 outra conta colectiva entre Carlos e Albana; V. Exas. podem ver a fls. 6547 vol. 28, entre António Champalimaud e sua mulher; podem V. Exas. ver no vol. 28 a fls. 6562 entre a Empresa de Cimentos de Leiria e Companhia Cimento Tejo; podem V. Exas. ver a fls. 6754 a célebre conta colectiva de Fernando Sommer e Henrique Champalimaud; V. Exas. podem ver a conta de 6823 entre D. Maria Luísa e Henrique Sommer.

V. Exas. em face destas contas podem realmente colher a impressão, a convicção nítida de que nesta família era corrente, era usual haver contas colectivas entre todos.

Ora, eu pergunto: de quem seriam as acções que estavam na conta colectiva entre Henrique Sommer e Henrique Champalimaud?

Essa célebre conta que foi aberta no dia 23 de Outubro de 1944, precisamente no mesmo dia em que foi levantada, conta essa que anteriormente no que diz respeito às 3350 acções que estavam na conta colectiva de Maria Luísa e Henrique Araújo de Sommer.

De quem eram essas acções?

Eram de Henrique?

Eram de Henrique Sommer?

Nem de um nem de outro, nem ninguém afirmou neste processo, nem ninguém pode dizer que fosse de um ou de outro. Isto prova à evidência de que realmente as contas colectivas não têm qualquer significado no sentido de que pertencem a qualquer dos depositantes.»

AS GRANDES CONFUSÕES

«Quando se pretende constituir a D. Albana no processo como assistente, escolhe para seu advogado um ilustre professor da Faculdade de Direito de Lisboa, e V. Exa. mandou notificar este ilustre advogado para dizer qual era o fundamento em que se baseava para poder constituir-se assistente. É bem certo que não é ele quem assina o requerimento mas sim o solicitador, também formado em Direito. E esse solicitador no requerimento para demonstrar que efectivamente tinha legitimidade para ser assistente disse textualmente o seguinte:

«Conforme resulta das respectivas deliberações que teve oportunidade de prestar a assistente nos autos, as acções passaram a pertencer não só àquela sua irmã — querendo referir-se a D. Maria Luísa já falecida — mas ainda a D. Albana, por força da carta deixada por Henrique Sommer.» Quer dizer: havia no meio de tudo isto uma grande confusão. A carta, as contas conjuntas (era uma conta? São várias contas), a conta conjunta inventada em Sommer. Tudo isto não será, srs. juízes, uma pura mistificação do réu António Champalimaud?

Há uma outra circunstância para que eu quero chamar a atenção de V. Exas.: quando a testemunha Vilar aqui depôs e realmente falou no apontamento, no célebre apontamento manuscrito que ele tinha e depois emendou, depois de dactilografado, apontamento esse que ele foi buscar no intervalo, trouxe-o e está junto aos autos, srs. juízes. E vejam V. Exas., que aí a confusão volta a manifestar-se. Fala-se de contas conjuntas e a certa altura verifica-se que é necessário cortar um «S».

Para quê? Para compor o ramalhete? Que desde o início destes autos estava a ajeitar-se no sentido de que havia uma conta conjunta, mas não se sabia sequer se era uma conta conjunta ou se eram várias contas conjuntas. Não posso dar mais achegas a V. Exas., além daquelas que deu o Ministério Público e que são realmente convincentes no sentido de poder afirmar-se que não houve qualquer doação em vida. Exmo. representante do Ministério Público foi peremptório em afirmar a convicção de V. Exas. de que tal conta, tal doação em vida nunca existiu.»

Terminada a análise do problema de doação em vida, ocupou-se o dr. Eridano de Abreu das teses do prof. Vaz Serra e do prof. Ferrer Correia sobre a usucapião. E não se esqueceu do depoimento da testemunha Vilar, o que relembrou nestes termos:

«Nunca posso esquecer, e V. Exas. devem ter isso presente da testemunha Vilar que em corpo de delito, afirma não saber quem tinha estado presente nessa reunião de família, e entretanto, aqui em julgamento veio dizer que até nela esteve o dr. Octávio de Brito. Que conveniência tinha ele nisso? Este processo tem de ser lido e tem de ser ditado em todas as suas entrelinhas. Mas, como ia dizendo, nós não podemos apreciar o problema da doação em vida, nem apreciar o problema da posse, nem o problema da reunião familiar sem ler e sem verificar as teses, as versões que trouxeram aos autos as tias de António Champalimaud, D. Luísa e D. Albana. Reparem V. Exas., antes de começar a citar os documentos destas duas «titis» de António Champalimaud. Logo que falece Henrique Champalimaud, há um conjunto de factos que tem necessariamente que ser reveladores de uma conduta que é significativa para a apreciação do dolo de que vou falar em último lugar.»

O dr. Eridano de Abreu analisou com minúcia as declarações prestadas por D. Albana e D. Luísa, procurando inferior que ambas produzem afirmações «no sentido de fazer crer que é aceitável a defesa de António Champalimaud».

Finda esta análise o dr. Eridano de Abreu referiu-se ao problema da validade do inventário, para subscrever a posição anteriormente assumida pelo dr. Antero Dinis, no sentido de se aceitar a sua validade. O dr. Eridano extraiu da validade da partilha judicial a conclusão de que não houve doação em vida. Por outro lado, não tendo havido doação **causa mortis** — e para chegar a esta conclusão baseou-se novamente nos argumentos do Digno agente do Ministério Público — nem usucapião de tais acções, pois segundo esclareceu, ninguém havia referido no processo actos **materiais** de posse sobre elas por parte das senhoras D. Albana e D. Maria Luísa, seria, segundo o representante da acusação particular, de concluir que as acções levadas ao inventário pertenciam sem dúvida aos herdeiros.

A CONFIANÇA CEGA DOS IRMÃOS EM ANTÓNIO CHAMPALIMAUD

Abordando depois incidentalmente o problema da confiança cega dos irmãos em António Champalimaud, que estaria na genese do abuso de confiança por este cometido, lembrou que tal confiança esteve na base da actual pertença de um anel de brasão a António Champalimaud, com que magnanimamente os irmãos lhe permitiram ficar, muito embora para eles tivesse o maior valor estimativo.

De seguida o dr. Eridano de Abreu entrou então no problema do carácter doloso da actuação de António Champalimaud, e de uma forma geral, da apreciação dos comportamentos dos principais intervenientes neste processo.

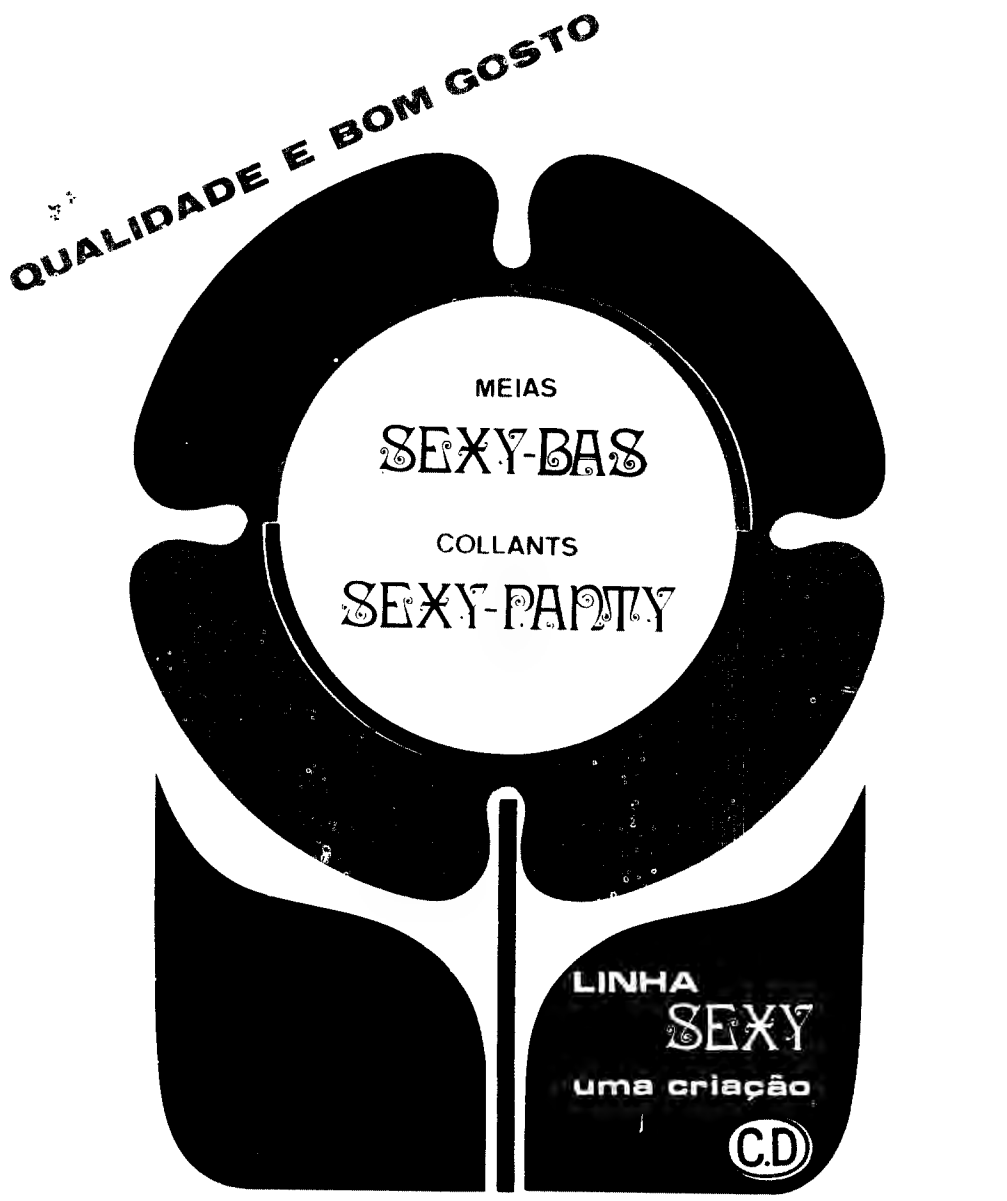
A propósito criticou largamente os três pareceres psiquiátricos sobre a conduta forense de Carlos Champalimaud apresentados pela defesa, designadamente por considerar que não é lícito elaborar pareceres ou atestados de tal natureza.

Procurou de seguida demonstrar o descrédito que lhe merece a testemunha Cruz e Silva, que compromete em vários pontos a tese dos assistentes, contrapondo-lhe o depoimento de uma outra testemunha, Rufino Pereira. Visava assim destruir a conclusão favorável a Cruz e Silva, que o agente do Ministério Público, dr. Antero Dinis, extraíra da contradita a que aquele fora submetido com Constantino Sobral.

Começou o dr. Eridano de Abreu a dissecar o que afirmou ser a última parte das suas alegações.

A existência ou não do dolo na conduta de António Champalimaud. A este respeito levantou uma questão importante que é a da possibilidade ou não de se fazer uma construção de dolo, quando os próprios ofendidos estão convencidos de que a coisa que é objecto de um crime de abuso de confiança a eles não pertence.

A sessão foi interrompida cerca das 19.00 horas. Retomar-se-ão os trabalhos na próxima segunda-feira pelas 15.00 horas, continuando no uso da palavra o advogado dos assistentes dr. Eridano de Abreu.



A «ESTÚDIO» E MARIA DA FÉ

NUM NOVO ELP COM POEMAS DE CAMÕES, BOCAGE, GUERRA JUNQUEIRO, FERNANDO PESSOA, JOSÉ RÉGIO, ETC.

À VENDA NAS DISCOTECAS

DL/NACIONAL

JANTAR ANUAL DA U.A.P.

Num dos melhores hoteis de Lisboa realizou-se a habitual confraternização dos empregados e agentes do Grupo de Companhias de Seguros L'UNION DES ASSURANCES DE PARIS.

Continuador da actividade que L'URBAINE desenvolveu em Portugal desde 1883, este importante grupo internacional, com representações em mais de 60 países dos cinco continentes, viu recentemente ampliadas as suas possibilidades de prestação de serviços ao nível nacional, dado que passou a explorar também o ramo de Acidentes de Trabalho.

Presidiram ao acto os snrs. dr. René Cornemillot, desde há 12 anos Delegado Geral no nosso País e recentemente nomeado Delegado da U.A.P. em Bruxelas, e o dr. André Zirnheld que passará em breve a presidir aos destinos da U.A.P. em Portugal.

Durante uma pequena cerimónia que antecedeu o jantar, foram distribuídos prémios aos agentes que mais se distinguiram em 1972.

Divergências quanto à reforma do ensino

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Armando Pereira da Silva

Um longo parecer de 19 páginas dactilografadas, lido pelo deputado Aguiar e Silva, marcou o início da discussão na generalidade da proposta de lei de Reforma do Sistema Educativo. A Comissão de Educação Nacional, Cultura Popular e Interesses Espirituais e Morais, presidida pelo Dr. Veiga de Macedo, não só adoptando alterações prostas pela Câmara Corporativa, como propondo muitas outras, além de cortes, aditamentos e emendas. A Comissão exarou, mesmo, algumas críticas ao texto fundamental.

No seu entender, **«a proposta de lei em debate e a lei que dela vai derivar não poderiam, em caso algum, dissociar-se do conjunto de valores espirituais, sociais e políticos que informam e dão sentido à vida nacional e estruturam o ordenamento jurídico do Estado Português».** Foi neste entendimento **«que a Comissão procurou interpretar as intenções mais fundas da proposta de lei, as quais tornou bem explícitas, quer na sistematização e na formulação das bases, quer na fixação dos conteúdos normativos destas.»**

Confessa-se no parecer que se manifestaram, no âmbito da Comissão, **«divergências salutares e naturais em homens que não abdicam de pensar livremente e de apresentar com inteira independência os seus pontos de vista».** Algumas das alterações foram votadas por maioria. A Comissão concorda com a escolaridade obrigatória a partir dos seis anos mas esteve dividida quanto às intenções de «desmassificar a Universidade». Pôs reservas sérias à concessão generalizada de diplomas de bacharel e entendeu que compete à Universidade formar os professores do ensino secundário, aos quais se devem dar boas condições de trabalho e remuneração.

De resto, o parecer constitui, na sua globalidade, a análise exaustiva dos pontos divergentes e que deram lugar a discussão e das propostas de emenda — às vezes de poucas palavras — ao texto proposto pelo Governo. Supõe-se, assim, que a discussão na especialidade irá ser animada.

OUTROS ORADORES

A ordem do dia de ontem foi dividida em duas partes: na primeira, a deputada Sinclética Torres falou da proposta de lei de terras do ultramar. A segunda parte foi dedicada à Reforma do Ensino, como atrás referimos.

Antes da ordem do dia, falaram os deputados Meneses Falcão, sobre o (des) aproveitamento turístico do distrito de Leiria; Alberto Alarcão, lembrou a necessidade de haver estatísticas correctas sobre o consumo de água no país; e Costa Ramos, pediu que os funcionários dos organismos de coordenação económica sejam atribuidas condições semelhantes às dos funcionários do Estado no que respeita a pensões de reforma e sobrevivência. O deputado Alberto Meireles, do Porto, lamentou, de improviso, as manifestações de estudantes e as explosões de bombas ali registadas nos últimos dias.

Responderam à chamada 77 deputados.

Os trabalhso prosseguem na terça-feira, com a ordem do dia dividida em duas partes, como ontem.

MORREU UM REVISOR DO "DL"

Faleceu na manhã de ontem no Hospital da Marinha o nosso colega da secção de Revisão, João Eloi de Andrade, de 73 anos, partindo o seu funeral hoje, cerca das 11 horas, do Hospital da Marinha para o talhão dos Combatentes da Grande Guerra no cemitério do Alto de S. João.

João Eloi de Andrade era 1.º sargento da Marinha, reformado, casado com Celeste Barata Eloi Andrade, pai do locutor e produtor de rádio Rui Castelar e irmão de outro nosso colega da Revisão, António Andrade.

ALFREDO VALENTIM FERRAZ FRANCO

Na igreja de Santo António de Lisboa celebra-se, amanhã por iniciativa da família, missa de sufrágio, do sétimo dia, por alma de Alfredo Valentim do Nascimento Ferraz Franco.

Jovem finalista de Medicina, cujo curso termianria dentro de poucas semanas, Alfredo Ferraz Franco distinguia-se por qualidades que definiam uma pessoa de ideias esclarecidas. A sua inteligência era solicitada pelos mais diversos ramos do saber, e era ainda dotado de apurada inspiração artístical distinguindo-se como aluno do prof. Campos Coelho, durante anos de estudo no Conservatório. Dotado de bondade extrema, nada lhe era indiferente do que se relacionasse com a existência do semelhante. A sua actividade de estudante era ssinalada pelo elevado nível das suas notas e classificações. Muito estimado por quantos, o conhecendo, apreciavam os seus excelentes dotes de carácter e de inteligência, a sua morte causou, por isso, profundo pesar.

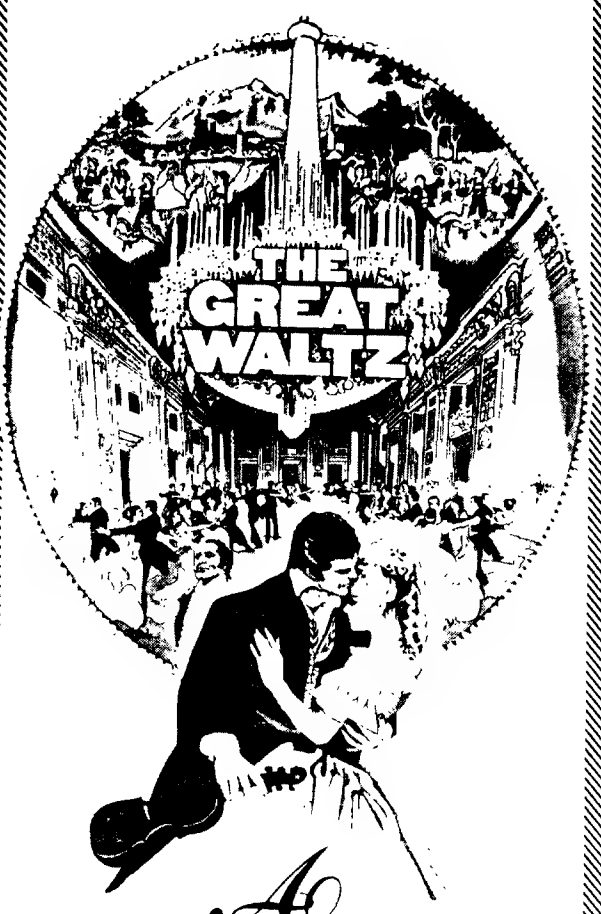
Era filho do prestigioso médico cardiologista dr. Alfredo Franco, grande amigo dos jornalistas, e de sua esposa, sr.ª D. Olímpia do Nascimento Ferraz Franco, irmão da dr.ª Maria Olímpia Ferraz Franco de Medina Martins, casada com o eng. Pedro Norberto de Medina Martins, e sobrinho das sr.ªs D. Júlia Vaz e D. Urbana Ferraz de Carvalho e do dr. António Ferraz Franco, do sr. Francisco Saraiva e dr. Evaristo Franco e Fausto Franco, os dois últimos já falecidos.

À família enlutada as nossas sentidas condolências.

JOALHARIA MERGULHÃO
Fornecedora do Corpo Diplomático
Fundada em 1895
A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS
162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 3 00 13 — LISBOA

O maior sortido de jóias e pratas e pelo preço mais concorrencial
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM
A Alegria, a Melodia, o Luxo de Viena e de Johann Strauss



A Grande Valsa
The Great Waltz
com
HORST BUCHOLZ · MARY COSTA · NIGEL PATRICK
YVONNE MITCHELL · ROSSANO BRAZZI
Argumento produção e realização de ANDREW L STONE
Coreografia de ONNA WHITE
Adapt musical de ROBERT CRAIG WRIGHT e GEORGE FORREST
PANAVISION METROCOLOR
2ª FEIRA, ESTREIA
O Fenomenal Espectáculo da Páscoa!
CONDES
GRUPO B - 10 anos

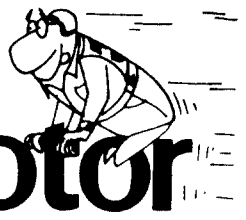
Uma apresentação original dos relógios Bulova em plena Baixa

Associando a apresentação de alguns modelos da marca BULOVA, expostos na ourivesaria Torres Joalheiros, na esquina da av. de Santa Justa com a Rua do Ouro, o público de Lisboa tem tido ocasião de ver numa das montras daquela importante joalharia, a passagem de imagens filmadas do último Campeonato Mundial de Futebol realizado no México. Esta importante competição foi cronometrada pelos relógios daquela conhecida marca internacional, que oferece agora a possibilidade de reviver, através daquelas imagens, a maioria dos sensacionais desafios desse campeonato e alguns dos momentos que mais empolgaram a assistência, que na altura aí ocorreu de todo o mundo.

A originalidade desta exposição tem provocado a atenção interessada do público, que se detém preso por esse raro documentário desportivo, apreciando simultâneamente os modelos Bulova, Mini Accutron e Cristian Dior expostos no mesmo local.

JOALHARIA MERGULHÃO
A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS
CASA FUNDADA EM 1895
Rua de S. Paulo, 162 Telefone 3 00 13
LISBOA — PORTUGAL

SOCIEDADE DE REVESTIMENTOS ORGANO-METÁLICOS, LDA — Participa com profundo pesar que faleceu na ordem de S. Francisco do Porto, o seu estimado sócio, exmo senhor António de Sousa, efectuando-se o seu funeral da capela da referida ordem para o cemitério de S. Mamede de Infesta.

Leia às segundas-feiras

motor
Edição de todos os desportos

DL/GERAL

VISITA DE SIHANOUK

Oitenta por cento do Camboja sob domínio comunista

HONG-KONG, 7 (R) — O dirigente deposto do Cambodja, príncipe Norodom Sihanouk, chegou a Hanoi depois de ter percorrido áreas do Camboja controladas pelos comunistas, anunciou hoje a agência noticiosa do Vietname do Norte.

A agência informou que o príncipe e sua esposa, princesa Monique, desembarcaram ontem em Hanoi, vindos de uma área não revelada perto da fronteira norte-vietnamita com o Camboja.

A agência não deu pormenores da visita do príncipe ao Camboja, onde as fforças comunistas e norte vietnamitas controlam, segundo se calcula, cerca de 80 por cento do país.

A agência noticiosa Nova China, numa notícia captada em Hong-Kong, informou que membros do Governo exilado, incluindo o primeiro-ministro Penn Nouth, chegaram ontem a Hanoi vindos de Pequim.

VISITA A ÁREAS «LIBERTADAS»

PEQUIM, 7 — Diplomatas desta capital afirmaram hoje que o aparecimento triunfal em Hanoi do príncipe Norodom Sihanouk, o dirigente cambojano deposto, após visitar áreas «libertadas» do Camboja, significa que é agora apenas uma questão de tempo antes dele regressar a Phnom Penh, onde foi expulso há três anos.

Sihanouk e sua mulher, a princesa Monique, depararam com um caloroso acolhimento em Hanoi da parte de dirigentes norte-vietnamitas, após terem entrado no Vietname do Norte, segundo comunicaram as agências noticiosas Nova China e Norte-vietnamita.

No Camboja, o Governo do presidente Lon Nol enfrenta uma situação que piora rapidamente e está sob severa pressão das forças comunistas que cercam a capital.

TENTATIVA ADIADA

PHNOM-PENH, 7 — Um grande comboio de barcos adiou hoje uma tentativa para trazer abastecimentos vitais para esta capital cerca da em consequência da tremenda pressão comunista ao longo do Rio Mekong, segundo revelaram fontes militares.

Disseram que o comboio de cargueiros e de pequenos petroleiros partiria de novo amanhã, de manhã, após aviões americanos terem efectuado ataques contra as posições comunistas na margem do rio, entre 30 a 50 quilómetros a juzante desta capital.

Anunciou-se que os navios, carregados de alimentos, carburante e equipamento militar, estavam ancorados através da fronteira perto da cidade de Tan Chau, no delta sul-vietnamita, onde se trava renhida luta.

Em Phnom Penh acabou hoje, de manhã o abastecimento de gasolina, que estava já a ser racionada. Esse carburante não era vendido a civis, excepto a hospitais e a outros serviços de emergência.

A rádio governamental preveniu o público para guardar abastecimentos de víveres, água e electriciidade e ameaçou tomar medidas severas contra os especuladores.

O Governo americano prometeu montar uma ponte aérea de emergência para abastecer Phnom Penh, se fosse necessário. Um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros afirmou em Saigão que o Vietname do Sul estudaria o pedido cambojano, se fosse feito de intervenção militar.

Entretanto, o comando militar cambojano anunciou que continuavam os combates em quase todas as auto-estradas que partem da capital bloqueada.

EXECUÇÃO DE 200 PRISIONEIROS NO LAOS?

NOVA IORQUE, 7 — A American Broadcasting Company anunciou a noite passada que o seu correspondente em Vientiane fora informado por fontes norte-vietnamitas de que guerrilheiros do Pathet Lao tinham executado 200 prisioneiros americanos.

A ABC disse que o seu correspondente em Saigão, Denis Cameron, fora informado das execuções por fontes da Embaixada norte-vietnamita na capital Laociana.

Segundo as mesmas fontes, o Pathet Lao conservou durante alguns dias pilotos capturados e, depois, fuzilou-os «simplesmente porque não dispunha de facilidades prisionais nem de víveres e medicamentos suficientes no Laos para amnter vivos os prisioneiros».

Um informador do Pentágono fez o seguinte comentário à notícia: «Não possuímos qualquer informação que indique que o Pathet Lao seguiu tal política».

A Imprensa inglesa critica a condenação do jornalista rodesiano Peter Niesewand

LONDRES, 7 (F.P.) — A condenação do jornalista rodesiano Peter Niesewand a dois anos de trabalhos forçados (um beneficiando porém de suspensão) é unanimemente criticada pela Imprensa britânica.

O «Guardian» escreve: «Dois anos de trabalhos forçados, por ter relatado os factos, é uma sentença de incrível selvageria. Niesewand foi tratado de modo desumano. Como é que o primeiro-ministro Ian Smith pode fazer enquadrar esta tentativa, indiscutivelmente política, de reduzir Niesewand ao silêncio com o seu pretenso desejo de dialogar com a Grã-Bretanha, com vista a uma solução do problema rodesiano?»... «O Governo rodesiano volta a mostrar a sua crueldade e tolice» conclui.

Para o «Times» é talvez uma coincidência a condenação de Niesewand vir alguns dias depois de nova iniciativa de Smith para uma solução com a Grã-Bretanha. «Todavia esta coincidência mostra até que ponto os dirigentes rodesianos ignoram a realidade e também a opinião dos ingleses».

O «Daily Express» diz que a condenação do jornalista «é o mais belo presente que podiam desejar aqueles que se opõem a qualquer solução entre Smith e a Grã-Bretanha. A prisão de Niesewand e o julgamento estão longe de estarem à altura do sistema jurídico britânico, e os seus amigos na Grã-Bretanha, sr. Smith estão desorientados».

Quanto ao «Daily Telegraph» diz «esta sentença deplorável deve inquietar aqueles que têm a peito a saúde constitucional da Rodésia. Uma decisão destas não inspirará certamente ao povo britânico a confiança que é necessária para uma eventual solução do conflito anglo-rodesiano».

O ministro das Obras Públicas em Coimbra

- Vai ser eleminada a passagem do comboio pelo centro da cidade

. COIMBRA, 7 — O ministro das Obras Públicas, eng. Rui Sanches, termina hoje com concelho da Lousã a visita de dois dias que está a fazer a este distrito.

Recebido pelo eng. Araújo Vieira, presidente da Câmara, e autoridades locais, aquele membro do Governo debruçou-se sobre vários problemas locais, projectos e estudos respeitantes a empreendimentos que os responsáveis se propõem realizar com comparticipação e subsídios do Estado. Foram-lhe apresentados cerca de 60 projectos de obras cujos orçamentos totalizam 167.946.156$70. Para a sua efectivação foram pedidos dois empréstimos: um de dez e outro de vinte mil contos.

Entre outras questões examinadas pelo eng. Rui Sanches destacam-se pela sua importância a passagem superior da Arregaça (para o que foi aberto concurso para a primeira fase: verba de três mil contos) obra que deverá solucionar, uma vez concluída, o problema da passagem do caminho-de-ferro pelo centro da cidade.

Para a remodelação da baixa de Coimbra, o município apresentou também um estudo que visa actualizar os sistemas de abastecimento de água e electricidade orçado em 40 mil contos. Igualmente foi apreciado o projecto de construção do troço da estrada nacional n.º 110 que vai de Bencanto a Taveiro e que fará desaparecer uma dezena de passagens de nível ao mesmo tempo que encurtará sensivelmente o percurso para a Figueira da Foz.

O surto de varíola em Londres origina medidas em Portugal

«A varíola em Portugal tem muito poucas possibilidades» — afirmou-nos o director-geral de Saúde, quando o contactámos com vista a saber das eventuais repercussões do surto de epidemia que se está a registar em Londres. E, em seguida, concretizou: **«Desde 1952 que não se regista entre nós nenhum caso de varíola, apesar dos contactos que temos com os países africanos»**. Segundo o prof. Arnaldo Sampaio, **«a vigilância constante, através de um processo de vacinação que procura abranger toda a população do país, faz com que os riscos de contágio sejam quase inexistentes»**.

No entanto, em face do que está a verificar-se em Londres **«onde a vacina anti-variólica não está tão generalizada»** foram tomadas as medidas que o regulamento sanitário exige nestes casos, e que respeitam à vigilância nos portos e aeroportos. Assim, aos passageiros que chegam é exigido o certificado de vacina, sendo as pessoas que o não apresentem vacinadas à chegada.

A PRIMEIRA VÍTIMA

Em Londres, verificou-se o primeiro caso fatal numa mulher de 29 anos que faleceu a noite passada num hospital para doenças contagiosas e que contraíra o vírus durante uma visita a uma enfermaria. O marido, que a acompanhava, encontra-se gravemente doente. Estes e outros casos levaram a Organização Mundial de Saúde a declarar Londres «área de varíola» e as autoridades sanitárias a tomarem medidas em relação às pessoas que pretendem sair do país.

Também em Tóquio se verificou um caso de varíola (o primeiro desde há 18 anos), num funcionário governamental que chegara de Bengla Desh. Há já dois outros casos suspeitos: numa mulher de 46 anos que visitou o hospital onde aquele funcionário se encontra internado e num jovem regressado da Índia.

MEDICI EM PORTUGAL

BRASÍLIA, 7 — O presidente Médici deve assistir em Maio, a uma tourada de gala à antiga portuguesa, como parte do programa oficial da sua visita a Portugal, cujo delineamento já foi concluído pelas chancelarias dos dois países.

O presidente Médici fica seis dias em Portugal, onde visita, além de Lisboa, a cidade do Porto e Guimarães.

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PUBLICO

O "DECÉNIO DA LUTA CONTRA A DISCRIMINAÇÃO" COMEÇA ESTE ANO

NAÇÕES UNIDAS (GENEBRA), 7 — (FP) — Terminaram ontem os trabalhos da comissão da ONU para os Direitos do Homem. O seu principal resultado foi ter sido aprovada uma convenção sobre a repressão do crime apartheid». Os estados ocidentais apresentaram reservas ao texto diminuindo assim o seu alcance. Ao mesmo tempo a comissão elaborou o programa do «decénio da luta contra a descriminação racial» que começa este ano.

8 É evidente que este debate girou à volta da situação a África do Sul e na Rodésia, mas foram também tratados t problema dos territórios portugueses em África, o «das violações dos Direitos do Homem nos territórios ocupados por Israel» e a questão dos judeus na URSS ou dos países árabes.

Israel foi condenado por «crimes de guerra e ultrage à humanidade»: os delegados ocidentais abstiveram-se. Um terço dos trabalhos foi dedicado à protecção das minorias. Foi por outro lado aprovada uma resolução sobre as penas a aplicar aos criminosos de guerra. Foram adiados quase sem debate os projectos sobre generalização da objecção de consciência e a protecção da vida privada contra os ataques de particulares ou funcionários por novos meios técnicos.

Foram censurados os regimes políticos da África do Sul, Rodésia, Portugal, Turquia e Grécia. Atacados o Zaire e a Tanzânia por violências praticadas em minoria. O Brasil, Paraguai e Venezuela foram publicamente acusados se encorajarem os genocídios de índios nos seus territórios.

CALEIDOSCÓPIO

PROPOSTA CHILENA — O Chile porpôs na sexta-feira que os países altino-americanos formem o seu próprio sistema regional indepnedente da organização dos Estaods Americanos, em que têm assento os Estados Unidos. A sugestão foi apresentada pelo ministro dos Negócios Estrageiros do Chile na Assembleia Geral da OEA em curso em Washington. (FP).

ACUSAÇÕES MONGÓIS — O jornal «Unen», orgão do Partido Comunista mongol, acusa os dirigentes de Pequim de perseguirem na China os mongóis e outras minorias étnicas do país. «No território na Mongólia Interior, autónoma, onde vivia um milhão de mongóis, há agora menos 500i000» — afirma o «Unen». O jornal de Ulan Bator denuncia energicamente a política de «sinização forçada» que «o grupo Mao» aplica às minorias nacionais da China, na Mongólia Interior, no Tibet e noutras regiões. (FP).

PRESOS OS ASSALTANTES DE UM BANCO ALEMÃO — A Polícia anunciou ter detido dois homens que assaltaram um banco de Moenchengladbach fugindo em seguida com duas reféns. Os dois bandidos foram presos na área de Kalsruhe, sessenta quilómetros a sul do Goelheim, onde antes fomra encontrado o veículo que haviam usado na fuga. Os assaltantes abandonaram uma das reféns e Colónia e a segunda várias horas depois. Os dois homens, ainda não indetificados, forma presos num combóio, e de acordo com as notícias iniciais estavam na posse de elevada quantia em dinheiro. Desde as primeiras horas do dia de ontem que a Polícia os perseguia, utilizando para o efeito helicópteros e cães. (UPI e ANI).

MILITAR-DIPLOMATA NA PRESIDÊNCIA DA TUCQUIA — Fari Koruturk, eleito ontem sexto presidente da Turquia é um militar-diplomata que afirma ver as suas novas funções como «um serviço da nação». «Espero encontrar deveres difíceis em termmos difíceis» — afirmou aos jornalistas o almirante reformado, que tem setenta anos, pouco depois de ter sido eleito pelo Parlamento, no termo de uma crise de quatro semanas. Os políticos afirmam que Koruturk é o homem mais qualificado para servir de medianeiro entre o Parlamento e as Forças Armadas e para aliviar a tensão que se desenvolveu. De aspecto saudável e enérgico, apesar da idade, Koruturk nunca seteve envolvido en políticas partidarias. Esperou mesmo algum tempo antes de declarar um apoio aberto à Junta Militar, que, em 1960, derrubou o primeiro ministro Adnan Menderes, quando Koruturl era comandante naval. (UPI e ANI).

BLINDADOS SOVIÉTICOS PARA A RUROPA CENTRAL — A URSS enviou 1 200 blindados suplementares para a RDA, Polónia e Checoslováquia, aumentando, assim, para cerca de 8 700 o número dos clindados soviéticos na europa Central — declaram em Washington fontes próximas do Pentágono, citadas pelo «Evening Star». As forças blindadas do pacto de Varsóvia na Europa central são calculadas em 17 200 carros, ou seja, três vezes mais que os da OTAN. Segundo fontes chegadas àsbyan esses reforços destinam-se a servir de moeda de troca nasnegiciações de Viena para uma redução mútua e equilibrada das forças na Europa. (FP).

DL/ESTRANGEIRO

Tropas indianas no Sikkim tentam restabelecer a ordem

NOVA DELHI, 7 — (R) — Tropas indianas patrulharam durante a noite as ruas de Gangtok, a capital do Sikkim, tentando restabelecer a ordem no agitado pequeno reino dos Himalaias.

Após dias de agitação política, funcionários indianos anunciaram em Gangtok que o exército assumira a responsabilidade pela manutenção da paz, após seguir para aquele país a pedido do «Chogyal» (governante) Palden Thondup Namgyal.

A polícia do Sikkim ficou sob o comando do exército indiano e guardas do reino retiraram-se para o palácio, onde vive o «Chogyal» com a sua mulher americana, segundo revelaram os mesmos funcionários.

Perto da capital, multidões indignadas exigiram que o príncipe real Tenzing fosse julgado por ter, alegadamente, disparado tiros na quinta-feira contra três manifestantes.

Centenas de membros assustados da comunidade nepalesa refugiaram-se durante a noite na repartição política indiana, receando represálias de partidários do Governo.

Cerca de 15000 manifestantes da oposição preparavam-se para desfilar pelas ruas da capital, após diligências para acabar com a agitação política, por meio de negociações, se terem gorado, segundo revelam notícias recebidas em Nova Delhi.

O «Press Trust of Índia» disse ainda que o Governo do Sikkim parecia estar a perder o domínio da situação no território de 65 por 110 km, metido estrategicamente entre a Índia e a China.

A comissão de acção conjunta, que dirige a campanha de agitação para se pôr termo ao Governo autocrático do «Chogyal» fez um apelo á sra. Indira Gandhi, primeiro-ministro indiano, para que os socorra «antes que sejamos massacrados».

A comissão afirmou num telegrama que os seus partidários estavam a ser atacados indiscriminadamente e espancados por refugiados tibetanos armados, recrutados para auxiliarem a polícia local.

O «Chogyal» que fez esta semana 50 anos, é casado com Hope Cooke uma antiga dama da alta sociedade de Nova Iorque.

Os índios americanos não deporão as armas

WOUNDED KNEE (DAKOTA DO SUL), 7 — (R) — Dirigentes de índios militantes afirmaram hoje que não deporão as armas quando agentes federais entrarem nesta localidade, a seguir à assinatura de um tratado de paz ponto termo à confrontação de cinco semanas.

Um chefe pele-vermelha, que pediu para a sua identidade não ser revelada, declarou: «Estas armas pertencem-nos legalmente e não as entregaremos».

Entretanto, uma conferência marcada para hoje em Washington entre índios militantes e funcionários da Casa Branca foi adiada para amanhã, segundo revelou um informador governamental, que não disse o motivo do protelamento.

A conferência deveria realizar-se ao mesmo tempo que agentes federais recolherem as armas dos peles-vermelhas. Contudo, não se soube, também, por que razão a entrada dos agentes foi adiada.

Russell Means, dirigente do movimento dos índios americanos, chegará a Washington para a conferência, após fumar o cachimbo da paz com negociadores governamentais num «tepee» (tenda) perto de Wounded Knee. Disse a noite passada a jornalistas nesta localidade: «O conflito em Wounded Knee não terminou e não terminará até o Governo demonstrar estar disposto a negociar de boa fé».

JAPÃO

14 A 20 DE OUTUBRO / 73

PREÇO POR PESSOA:

ESC. 25.145$00

INSCRIÇÃO LIMITADA ATÉ 7 DE ABRIL

Informe-se na:

NORTUR / PM TURISMO

PORTO - Rua Jose Falcao 82 - Telef 27587

LISBOA - Rua Barata Salgueiro 8 - Telef 58722

VERBETE DE SOCIEDADE

O INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

lembra que o prazo para entrega deste verbete decorre até 15 de Abril

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

OURO-JÓIAS
PRATAS-RELÓGIOS

RUA DA PRATA, 257 — Telefone 32 14 31
LISBOA - 2

IMPORTANTE EMPRESA

PROCURA UM

Operador de Offset

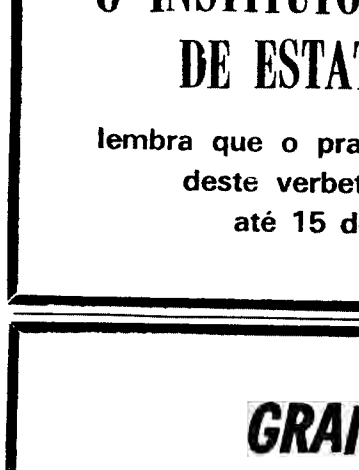
OFERECE :

★ Semana de 5 dias
★ Bom ambiente de trabalho
★ Regalias Sociais diversas

EXIGE :

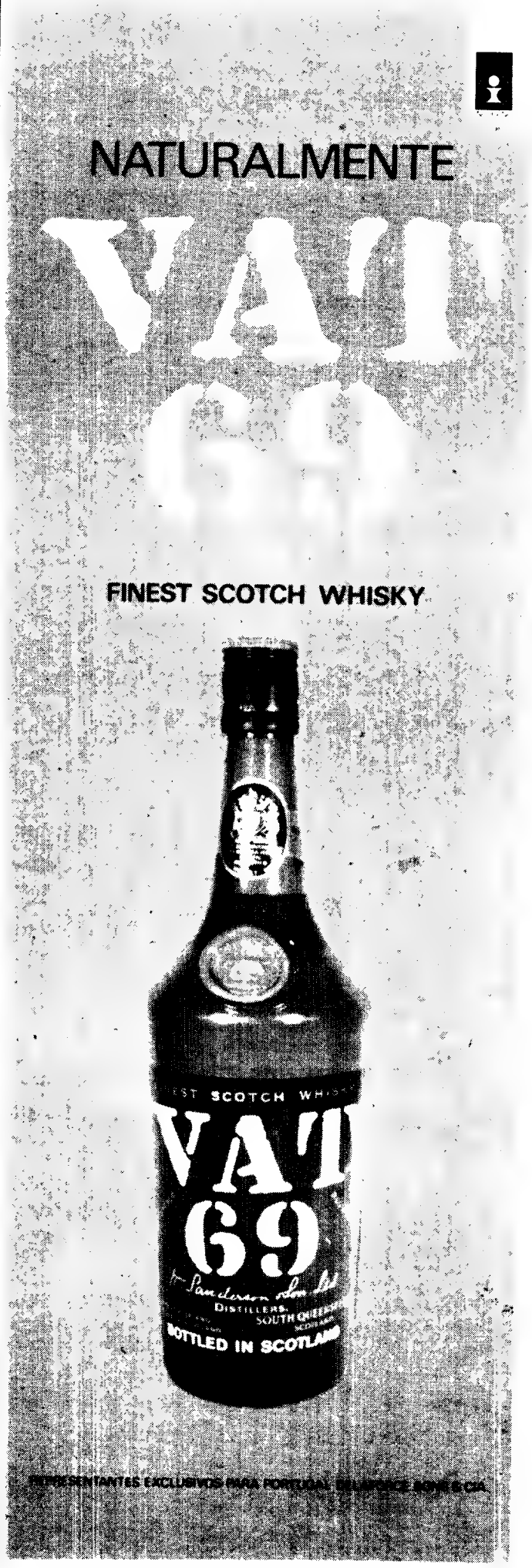
★ Idade até 30 anos
★ Serviço militar cumprido
★ Boa experiência profissional

Resposta em carta manuscrita pelo próprio, com «curriculum vitae» detalhado e ordenado pretendido a este Jornal ao n.º 762.



COMUNICADO

CARLOS VIEGAS, ex-empregado de uma firma de electrodomésticos, tem o grato prazer de informar os seus clientes e amigos que se estabeleceu e que a partir do dia 10 de Abril os aguarda no seu estabelecimento, na Rua Gomes Freire, 9-B – Telefone 49406.



COLECÇÃO «MINERVA DE BOLSO» N.º 18

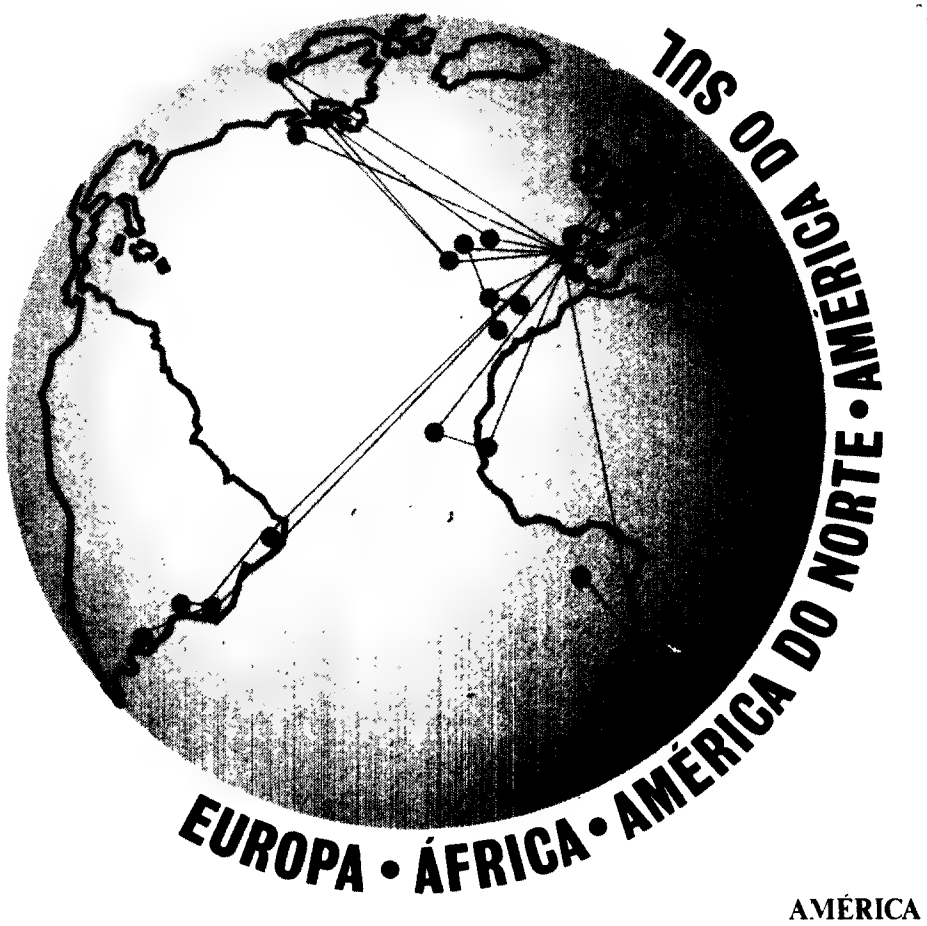
PRIMEIRO AMOR

de Ivan Turgueniev

O Amor, tema eterno de todas as literaturas, é neste livro de Turgueniev o fulcro de três contos admiráveis. Cada um deles nos apresenta uma faceta do amor, não do amor lamecha dos romances cor-de-rosa e das fotonovelas, mas sim do amor na sua mais nobre expressão, terno, ingénuo, impetuoso, dedicado, sofredor e, acima de tudo, plenamente humano.

EDITORIAL MINERVA — LISBOA

A venda em todas as Livrarias e Tabacarias



MARCA TP R1/73

EUROPA Lisboa, Porto, Faro, Funchal, Porto Santo, São Miguel, Terceira, Santa Maria, Madrid, Paris, London, Brussels, Geneva, Zurich, Frankfurt, Dusseldorf, Amsterdam, Copenhagen, Las Palmas

ÁFRICA Sal, Bissau, São Tomé, Luanda, Beira, Lourenço Marques, Salisbury, Johannesburg

AMÉRICA DO NORTE New York, Boston, Montreal

AMÉRICA DO SUL Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

UMA COMPANHIA QUE CRESCE EM TERMOS DE FUTURO

sb
sousa braga
móveis e decorações, sarl
Executamos sob projecto
do atelier Daciano Costa,
o mobiliário para as lojas
TAP, nos Hoteis:
Madeira Hilton
Madeira Sheraton
Sheraton Lisboa
Holyday Inn da Madeira

UMA CASA ESPERA POR SI!

Apartamentos de luxo de 2 ou 3 assoalhadas, alcatifadas, paredes forradas a papel ou pintadas à sua escolha, com caixilharias de alumínio, cozinhas tipo americano equipadas com armários "SIAF" louças modernas tipo italiano, azulejos de cor, aquecimento eléctrico

DOIS LOCAIS À SUA ESCOLHA!

SÃO SEBASTIÃO DE GUERREIROS
2 KMS APÓS LOURES E A 15 KMS DA P. MARQUES DE POMBAL

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
JUNTO A PLACA DA FLAMENGA A 10 KMS DA P. MARQUES DE POMBAL

PLANO FINANCEIRO

10%	20%	10%	60%
NO ACTO DO CONTRATO PROMESSA DE COMPRA E VENDA	NA ALTURA DA ENTREGA DAS CHAVES	EM 36 PRESTAÇÕES MENSAIS IGUAIS E SUCESSIVAS	36ª PRESTAÇÃO CONVERTÍVEL EM HIPOTECA

SPOC
Sociedade Portuguesa de Obras de Construção Lda.
Rossio-74-3º
Telfs.
35438 · 35521 · 366257

AUTÓDROMO DO ESTORIL

"TROFÉU ABERTURA - 73"

DOMINGO, 8 DE ABRIL 1973

A PARTIR DAS 14 E 30

- CORRIDA DE CARROS ANTIGOS
- 2 ELIMINATÓRIAS E FINAL DA «COPA R-8 TS»
- CORRIDA CONJUNTA DE CARROS FÓRMULA FORD E FÓRMULA V

TRANSPORTES ASSEGURADOS PELA CAMIONAGEM PALHINHAS, DO ESTORIL E DE SINTRA, DIRECTAMENTE PARA O AUTÓDROMO E REGRESSO, NO FINAL.

PREÇOS:

Bancada: 30$00 e 50$00

Peão: 15$00

A FAVOR DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS

em prova
o pulsar de motores
Renault!

AGORA TAMBÉM EM PORTUGAL
A "COPA RENAULT"

organização da Federação Espanhola de Automobilismo
AUTÓDROMO DO ESTORIL dias 7 e 8 de Abril

RENAULT EM PROVA quem ganha é o Automobilista

INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, SARL

RENAULT

SENSACIONAL...

Sofás cama - Tipo Belga	1800$00
Balanças - Casa de banho	150$00
Torradeiras	180$00
Frigoríficos 140, L.	1790$00
T. V. 2 canais	3390$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

RECEBA

1900$00

Pelo seu TELEVISOR usado na troca do novo PHILIPS a pronto ou em 24 mensalidades.

CASA M. L. FERREIRA — Rua de D. Estefânia, 48-A

MONUMENTAL

LIQUIDAÇÃO

PARA ENTREGA URGENTE DAS AMPLAS INSTALAÇÕES DA AVENIDA DO BRASIL, A UM IMPORTANTE

GRUPO RETALHISTA

LIQUIDA-SE O STOCK TOTAL

COMPOSTO DE MILHARES DE APARELHOS ELECTRODOMÉSTICOS, TAIS COMO:
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA, FRIGORÍFICOS, TELEVISORES, RÁDIOS, GIRA-DISCOS, ASPIRADORES, FOGÕES, ESQUENTADORES, MÁQUINAS DE COZINHA, CANDEEIROS, MOBÍLIAS COMPLETAS E PEÇAS SOLTAS, ESTOFOS, ETC., ETC.
E AINDA PARA RESTAURANTES E SIMILARES, MÁQUINAS E UTENSÍLIOS, PARA CAFÉS, RESTAURANTES, CHARCUTARIAS, TAIS COMO:
FOGÕES INDUSTRIAIS, FRITADEIRAS, CARROS DE SERVIÇO, FRIGORÍFICOS, VITRINES FRIGORÍFICAS, ETC.

PREÇOS ABAIXO DO CUSTO !
CORRA ! CHEGUE PRIMEIRO !

ESTA LIQUIDAÇÃO EFECTUA-SE NA AV. DO BRASIL, 40-A e 40-B

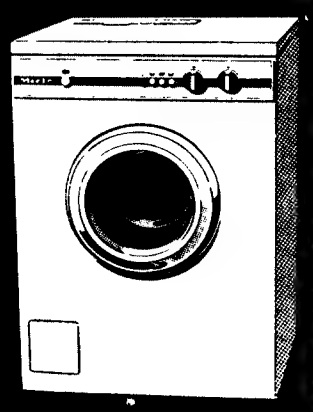
(PRÓXIMO DO CAMPO GRANDE)

Veja só isto:
MÁQUINA DE LAVAR LOIÇA ..... 2 495$00
ÚLTIMAS UNIDADES, QUÁSE A ESGOTAREM-SE ! !

ASSOCIAÇÃO DE INQUILINOS

. Com vista à apreciação, discussão e votaçao do Relatório e Contas do exercício de gerência de 1972 e competente Parecer do Conselho Fiscal, reuniu-se ontem, na Sede Social, os sócios da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, em Assembleia Geral Ordinária.

Máquina de lavar roupa automática



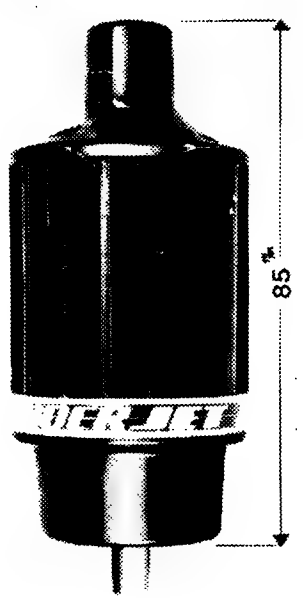
Você propria pode escolher a temperatura, o nivel de água e o processo de lavagem. Com tudo isto perde apenas uns segundos.
O resto é com a máquina; o desenvolvimento do programa é totalmente automático.

Miele

Agente Oficial :

J. F. S. ROMEIRAS PALMA

Rua da Escola Politécnica, 27
Telef.: 370806 — LISBOA



É JAPONÊS E CHAMA-SE THUNDER-JET

É um sistema de ignição electrónica aplicável em todos os automóveis, e qualquer pessoa o pode montar em 1 minuto.

Além de outras vantagens, pode oferecer aumento de 30% potência, e economia de 20% gasolina custa só 280$00

Vende-se nas casas de especialidade ou na

SEFIREX

Rua Voz do Operário, 64-1.º — LISBOA — Telef. 871976

AGÊNCIA FUNERÁRIA BARATA

FUNDADOR COMENDADOR GASTÃO MENDES BARATA

SÓCIO GERENTE: ANTÓNIO B. MENDES BARATA

REGISTADA

SEDE NA:

194 — RUA SARAIVA DE CARVALHO — 202 Telefone P. B. X. 66 11 13 - 66 50 27 LISBOA - 3

DL NACIONAL

MANHÃ NA PRAÇA

... E a vida continua

O preço da carne está pelas horas da morte» — foi assim que uma cliente nos manifestou o seu desacordo em relação ao preço da carne.

O lombo continua a 90$00 assim como o acém para a carne verde e respectivamente 90$00 e 70$00 para a carne congelada. No que toca a borrego, a perna está a 51$80 e o peito a 34$20, enquanto o quilo de bife de vaca para assar se cifra em 90$00.

A manhã na praça desenrola-se, desta vez, no mercado do Forno do Tijolo, no Bairro das Colónias. Aliás, a identificação do local não tem grande importância: a carestia da vida é igual por todo o lado.

Junto às «pedras» do peixe, também não era grande o contentamento das donas de casa. Afirmou-nos uma: **«A comida leva-nos o dinheiro todo. Eu compro mais peixe porque gosto, mas acho que este aumentou muito mais do que a carne. Porque compra-se um bocado de carne e ela tem divisão. Agora se se compra uma pescada, a cabeça não se aproveita e o que resta é só para provar.**

Não esquecendo a renda da casa, que isso é melhor nem lembrar. O meu marido é empregado do Estado e foi agora aumentado.

Olhámos para os preços. As sardinhas a 9$00, o polvo a 15$00, o carapau a 12$60, o peixe-espada a 24$00 e a lula a 36$00. **«Ainda bem que o Verão está à porta. Espero que o preço do peixe se torne mais acessível. E, depois, apetece muito mais com o calor!»** — desabafou outra freguesa.

Por último, uma vista de olhos para a fruta. O ananás a 22$00, as bananas a 10$00 e os pêros a 9$50. **«Falta de freguesia?»** — perguntámos. **«Não, o que há é falta de dinheiro!»** — declarou-nos uma vendedeira.

Assim estão os preços. Os clientes terão que se sujeitar a eles. **«Que remédio senão aguentar!»** dizia uma cliente para outra. **«Deixa lá não te rales, isto há-de ser sempre assim e no fim de contas lá se vai vivendo... E a vida continua.»**

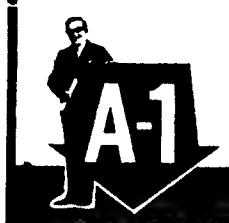
Direcção de Pessoal

De 24 a 28 de Junho terá lugar em Lisboa, o VI Congresso Internacional da Associação Europeia para a Direcção de Pessoal.

Serão conferencistas os profs. Alfredo Sousa (Portugal) que abordará o tema «Análise Prospectiva da Europa», Jean-Daniel Reynaud (França) que dissertará sobre «Novas Motivações e Factores da Evolução do Homem», T. P. Kenny (Inglaterra) que falará de «Formação e Desenvolvimento do Director de Pessoal» e Herman Kahn (EUA) que em sessão de encerramento se ocupará do tema «O Sentido do Futuro».

Os subtemas encontram-se distribuidos por 13 países da seguinte maneira:

«Concentração das Empresas e Políticas de Pessoal» (Inglaterra de que é relator P. F. Barrett; «Progresso Tecnológico e Políticas de Pessoal» (Alemanha) — dr. Wolker Grellert; «Pressões Sociais e Política de Pessoal» (Itália) — dr. Mario Unnia; «Novas Tendências da Organização do Trabalho» (Suécia) — Stiggoeran Nilsson; «A Integração dos Trabalhadores Estrangeiros» (Suiça) — dr. Jean Bacher; «Novas Formas de Participação» (Noruega) — prof. Einar Thorsrud; «A Função Pessoal na Europa do Futuro — Óptica de um País do Norte» (Dinamarca) Bent Jul Soerensen; «Idem — Óptica de um País do Sul» (Espanha) — Juan António Sagardoy Bengoechea; «Idem — Óptica de um País do Centro» (Holanda) — dr. J. Wolff; «Idem — Optica de um País do Leste» (Jugoslávia) — Scobodan Camilovic; «O Director de Pessoal Perante os Problemas da Cultura» (Portugal) — dr. Júlio Dá Mesquita; «O Director do Pessoal e o «Management» (Bélgica) — dr. Louis Leerschool; «O Director de Pessoal e a sua Formação Profissional» (França) — Georges Toupet.

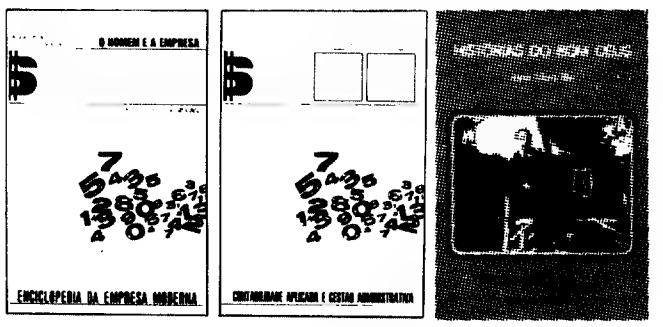


Os carros usados que mais se parecem com carros novos.

J. MENDES COELHO, LDA

R Gomes Freire 7-C Lisboa Ford

NOVIDADES MARÇO 73



O HOMEM E A EMPRESA

Doutor André Gros, Michèle Aumont e outros

Décimo segundo volume da Enciclopédia da Empresa Moderna, em que, depois de ao longo dos outros onze a Empresa ter sido considerada sob os vários aspectos por que pode actualmente ser vista, é analisado aquele factor sem o qual, no fim de contas, ela nada poderia ser: o homem.

A Saúde dos Trabalhadores / Estruturas Humanas dentro da Empresa / Os Jovens na Empresa / A Psicologia do Homem no Trabalho / A Empresa e o Terceiro Mundo / O Interesse Humano da Empresa pela Sua Influência na Vida Social e Política.

ENCICLOPÉDIA DA EMPRESA MODERNA / **252 páginas / 80$00**

CONTABILIDADE APLICADA E GESTÃO ADMINISTRATIVA / 2.ª Edição

Jorge Gonçalves Amaro

Em segunda edição, após ter averbado um assinalável êxito na primeira, este livro deve muito da audiência que encontrou não só à atenção que dedica às técnicas contabilísticas mais avançadas, como também ao facto de estar adaptado à orientação pedagógica dos programas oficiais de ensino da disciplina respectiva.

Sistemas de Escrituração / Abertura de Escrita / Inventário Permanente / Comissões e Consignações / Abertura de Crédito — Comércio Internacional / Vendas a Prestações / Contas Correntes com Taxas Recíprocas — Métodos Utilizados / O Balancete de Inventário / Balanço e Mapas Complementares — são alguns dos mais importantes itens em que a obra se estrutura. Dirigido aos técnicos e igualmente aos estudantes, constitui um optimo manual de estudo.

230 páginas / 75$00

HISTÓRIAS DO BOM DEUS

Rainer Maria Rilke

Do extraordinário poeta de AS ELEGIAS DE DUINO, este livro de contos, pertencente ao grupo das primeiras obras do escritor, dá-nos a conhecer, de forma tão simples quão cativante, uma concepção original — dir-se-ia quase infantil — de Deus. Um Bom Deus de que a gente se esqueceu já, tantos os infernos a que se foi vinculando..

Colecção DUAS HORAS DE LEITURA / **96 páginas / 15$00**

EI

Editorial Inova sarl

Boavista 466 Porto

NOVA COPIADORA ELECTROSTÁTICA **«APÉCO»**

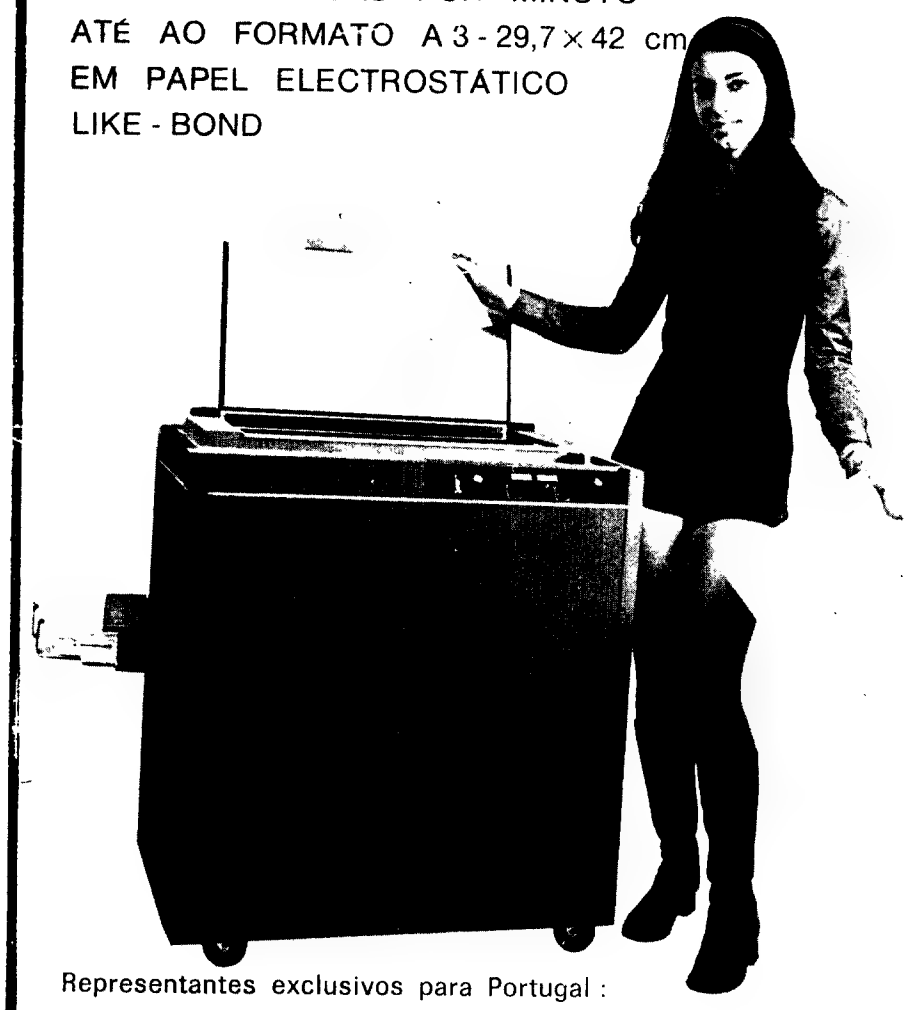
MODELO SYSTEMATIC

INTEIRAMENTE AUTOMÁTICA

20 CÓPIAS SECAS POR MINUTO

ATÉ AO FORMATO A 3 - 29,7 × 42 cm

EM PAPEL ELECTROSTÁTICO LIKE - BOND



Representantes exclusivos para Portugal:

REPRESENTAÇÕES JOSÉ PEREIRA, LDA.

RUA DO TELHAL, 6, 1.º - DTO. — TELEFONE 36 78 19 / 06 — LISBOA - 2

ADM. UNIVERSIDADE

EXAMES «AD HOC» — MAIORES DE 25 ANOS

CURSOS ESPECIALMENTE ORGANIZADOS PARA O EFEITO

PREPARAÇÃO INTENSIVA

EXTERNATOS

São Vicente — Rua do Paraíso, 28 — Tel. 864100

Marquês de Pombal — Rua Morais Soares, 93 — Tel. 82 02 21/83 46 58

Álvares Cabral — Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) — Tel. 70 69 74/5

LICEAL — PREPARATÓRIO — COMERCIAL — INSTITUTOS

A SENSACIONAL BISSELL

para uma perfeita (e fácil) limpeza em sua casa, de alcatifas, tapetes, etc.

A máquina BISSELL limpa as alcatifas em profundidade, usando o famoso shampoo BISSELL dando-lhes o brilho primitivo.

Regula automáticamente a distribuição de espuma seca. Esta penetra no tecido e dissolve a sujidade. As suas alcatifas ou tapetes ficam como novos.

o shampoo BISSELL é muito económico. Use-o exclusivamente. Rejeite qualquer outro. Para maior economia compre o frasco gigante.

DIRIJA-SE ÀS CASAS DA ESPECIALIDADE.

DEMONSTRAÇÕES NOS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS
LISBOA-R. dos Douradores, 43-☎ 361545/361763 · PORTO-R. de Santo António, 208-☎ 54136

MOCAR, S. A. R. L.

DEPARTAMENTO DE V. U.

R. D. Luís de Noronha, 26
LISBOA

Viaturas usadas, provenientes de trocas:

Peugeot 504	de	Serviço
Peugeot 304-Break	de	Serviço
Peugeot 204	de	1970
Fiat 600-D	de	1971
Datsun 1600-SSS	de	1971
Mercedes Benz-190-D	de	1963
Peugeot 404	de	1968
Cortina 2000-XL	de	1972
Capri 3000	de	1971
Alfa Romeo 1600-GTV	de	1968
Alfa Romeo 1300-Giulia	de	1969
Alfa Romeo 1750-Berlina	de	1970
Volkswagen 1300	de	1969
Volkswagen 1300	de	1968

E MUITOS OUTROS MODELOS. TODOS REVISTOS.

Aceitam-se trocas. Facilidades de pagamento.

DL/GERAL

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS

A Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria, que agrupa 12.467 sócios, acaba de publicar o relatório e contas de gerência em 1972.

Entre os aspectos abordados salienta-se que o número de sócios desta associação «que procura constituir uma força ao serviço de segurança social», se mantém em nível ascensional. Quanto ao desenvolvimento e distribuição das receitas e despesas ao longo do ano passado verifica-se que foram emitidos 2.643.707$00, o que dá uma ideia do movimento da Instituição. Relativamente aos subsídios liquidados pelos fundos disponíveis, regista-se a quantia de 19.677$80. Em despesas com socorro médico-cirúrgico, despendeu-se 1.829.076$20, em amortizações de mobiliário e equipamento gastou-se 392.166$70, em dspesas de administração, 3.715.307$90.

Do relatório destaca-se também que o fundo social no final do ano era de 18.254.416$12.

O parecer do Conselho Fiscal que foi favorável, salienta por sua vez entre as obras levadas a cabo pela direcção, a actualização do tabelamento e a utilização das instalações do Laboratório de Análises.

"O TAVIRA"

Saíu o primeiro número do jornal «O Tavira», quinzenário, propriedade do Ginásio Clube de Tavira, dirigido pelo jornalista Ofir Chagas, cuja acção, em defesa dos valores daquela cidade e do Algarve, transcende o ambiente clubista. Com atraente aspecto gráfico, insere larga e seleccionada colaboração, palpitante noticiário e artigos de índole diversa e muito interesse.

"Eduardo Claparède"

Com a inauguração no dia 7 de Maio, pelas 18 horas, na Fundação Calouste Gulbenkian de uma exposição bibliográfica sobre Eduardo Claparède, principiarão em Lisboa, as comemorações do I Centenário do nascimento deste psicólogo suíço.

Até ao dia 11, decorrerão outras manifestações culturais, incluindo conferências, colóquios e mesas redondas.

Entretanto, o embaixador da Suiça em Portugal, inaugurou ontem uma exposição com trabalhos de jovens com idades entre 5 e 14 anos e subordinada ao tema «A Suiça e Eduardo Claparède».

Amortização de obrigações

Foram amortizadas as obrigações indicadas na folha oficial (2.ª série n.º 82), empréstimos de renovação da marinha mercante, 2 3/4 por cento e 3 por cento (II Plano de Fomento) e de renovação e apetrechamento da indústria da pesca, 4 por cento (II Plano de Fomento), as quais deverão ser reembolsadas por abatimento aos respectivos certificados de dívida inscrita a partir da presente data.

"A Família Bellamy" em livro e na TV

O lançamento de livros, a coincidir com a exibição de séries televisivas, parece estar a despertar um interesse cada vez maior por parte das editoras. Casos recentes são, por exemplo, os da «Família Forsyte», «Cinco Filhas para Casar», «A Mulher vestida de branco», «O Romance de Leonardo da Vinci» e «Orgulho e Preconceito», cujas tiragens excederam largamente as praticadas no nosso meio.

Correspondendo à preferência do público, vai sair dentro de dias, lançado pela Portugália, o livro «A Família Bellamy», cujo argumento serviu para a série televisiva que a R.T.P. exibirá proximamente, em 26 episódios. Trata-se de uma série que obteve em Inglaterra um êxito ainda maior do que «A Família Forsyte».

Animatógrafo apresenta

4.ª SEMANA

estúdio

GRUPO D 18 ANOS

Quem são os Camisardos? Porque lutam? Em nome de quê?

OS CAMISARDOS

(LES CAMISARDS)

um filme de RENÉ ALLIO

EASTMANCOLOR

ACERTE NA VIDA

Escolha O MELHOR CAMINHO PARA O NOVO MUNDO COMERCIAL DOS Armazéns CONDE BARÃO em QUELUZ

E GANHE bons PRÉMIOS

Recorte a parte tracejada, cole-a num postal e enderece-a aos ARMAZÉNS DO CONDE BARÃO, Rua Fresca, 13 — Lisboa-2, até ao dia 5 de Maio e ficará habilitado ao sorteio de UMA MÁQUINA DE LAVAR ROUPA, UM TELEVISOR E UM FRIGORÍFICO, todos da marca SIEMENS, sendo os resultados deste concurso tornados públicos neste jornal no próximo dia 19 de Maio.

somélar

SOCIEDADE MERCANTIL DE REPRESENTAÇÕES, LDA.

Artigos para o lar: Domésticos e Electrodomésticos ★ Baixelas e Baterias de Cozinha para a indústria Hoteleira ★ Sortimento completo de vidros e Cristais ★ Talheres ★ Artigos de Menage e de Fantasia para Brindes.

DEPOSITÁRIO DA AFAMADA MARCA ALEMÃ METAL FORTEMENTE PRATEADO E CROMAGEM INOXIDÁVEL PARA A INDÚSTRIA HOTELEIRA

WMF

69, RUA DA VITORIA, 71 — TELEFONES 321274-30684 — LISBOA

VIVENDAS

Novas de luxo, vendo na Rua Marquês Soveral, Lote 6, (esta rua é última à esquerda no fim da Av. Marechal Carmona), em Cascais. Também vendo quintarola perto do Estoril, com pinheiros, oliveiras, vinha, árvores de fruto e murada, não têm casas, local sossegado e muito aprazível, preço 550 contos e Andar a 50 metros da Praia e Marginal, local maravilhoso na Linha do Estoril, Preço 550 contos. Tenho empregados nas vivendas em Cascais que mostram tudo. Vendo vivenda próximo ao Colégio Marista, Carcavelos, nova, não é de luxo, esta mostra-se no próprio local. Sou o dono e construtor, trato no escritório Av. 5 Outubro, 31, r/c., Tel. 539773 e 539774, Lisboa-1. Ou Tel. 284879 e 2475240. Também estou interessado em comprar terrenos para urbanizar para prédios, moradias e armazéns, ou urbanizados com ou sem projectos aprovados, em Lisboa e arredores, incluindo Outra Banda e Linha do Estoril e terreno para estaleiro de máquinas e materiais, serve mesmo quinta ou terra de mato ou de cultivo.

DL/GERAL

Seminário da Páscoa para a formação de professores

Com uma comunicação intitulada «Organização da Aprendizagem Escolar para a 1.ª Adolescência» iniciou-se o segundo dia do Seminário da Páscoa para a formação dos professores num hotel de Sesimbra, com a presença do secretário de Estado da Instrução e Cultura, dr. Augusto Ataíde, encontro que se integra num projecto de Desenvolvimento Curricular ao Ensino Secundário do «Centre pour la recherche e l'inovation dans l'enseignement» da OCDE.

Assinada pelo professor da Universidade de Oregon, a comunicação assinala quatro pontos importantes na organização da aprendizagem escolar: um relacionado com o contexto interpessoal que inclui a aprendizagem, a facilidade dos estudantes participarem seriamente em actividade de aprendizagem, as oportunidades de aprendizagem individualizada e, finalmente, a relação existente entre os membros do corpo docente da escola. Referindo-se às relações entre os professores, a comunicação acentua que os debates com colegas sobre novas práticas de ensino **«são susceptíveis de melhoramentos de muitas maneiras. Por exemplo, definindo exactamente quais as informações úteis para um professor que deseja adoptar uma certa prática, ou apresentando provas que se refiram ao êxito ou ao fracasso de uma prática; ou compartilhando sugestões sobre os modos como uma certa prática pode ser melhorada ainda mais ou adaptada a outras situações. Algumas escolas já adoptaram estas sessões de comparticipação, organizando-as, uma vez por mês, ou integrando-as nas reuniões de cada Faculdade.**

Depois de uma sessão de debate em que usaram da palavra colocando algumas questões o dr. Ferreira Marques do Laboratório de Psicologia, da Faculdade de Letras de Lisboa, Van Gendt, perito da OCDE, entre outros, a manhã terminou com a divisão dos participantes em grupos de trabalho. Durante a tarde, nova sessão plenária foi preenchida com uma comunicação subordinada ao tema «Novas Tendências na Organização do Ensino no Primeiro Ciclo do Curso Secundário», pelo perito da OCDE Tim Macmullan, onde se diz, a certa altura:

. **«Novas tendências, porquê? Quando a escolaridade obrigatória se limitava ao ensino primário, o fim principal era ensinar a ler, a escrever e a contar; o ciclo que se seguiu, não obrigatório ainda, era baseado num programa «académico», com base em disciplinas, visando em última análise os cursos superiores.**

«Tornando este ciclo obrigatório, adaptou-se em grande parte este programa, apesar de não se coadunar com as necessidades da maioria das crianças de tendências não académicas. Uma tendência importante recente é a de modificar este programa para o tornar relevante para aquelas crianças que não efectuarão estudos superiores, ou que sairão do sistema educativo aos 16 anos. Associado com esta tendência, houve um movimento generalizado, a todos os níveis, para tornar os programas mais relevantes para a idade, a compreensão e os interesses das crianças, e mesmo sujeitos ao desenvolvimento das disciplinas em si.

Acima de tudo, o conceito dos fins da educação e a sua importância relativa alargou-se grandemente. Por exemplo, a compreensão importa mais que a repetição; tem maior importância aprender como se aprende do que aquilo que se aprende».

Depois de falar no papel que o professor pode desempenhar na reorganização do ensino, disse Tim Macmullan:

. **«Tais mudanças no papel do professor só se conseguirão se a formação dos futuros professores incluir os indispensáveis trabalhos preparatórios. Há necessidade de adoptar, pelo menos em parte, as disciplinas que são ensinadas nas Escolas Normais, para que possam relacionar-se directamente com o novo conteúdo daquelas. Mas também será necessário que os próprios alunos de tais Escolas sigam cursos através do estudo individualizado e eles próprios criem materiais individualizados, participem em projectos integrados e, de novo, criem materiais apropriados para estes. Será também necessário que os mestres e instrutores das Escolas Normais criem e utilizem tais métodos e, além disso, que pratiquem métodos de ensino cooperativos, pelo menos em relação a parte do curriculo.**

O dia terminará com um debate e reunião dos grupos de trabalho. As sessões prosseguem amanhã com duas sessões plenárias em que usarão da palavra Van Gendt, perito da OCDE e dr. Marques Ferreira da Faculdade de Letras de Lisboa, Kathleen Batato e Ferreira Gomes.

Faltam médicos em Góis

A Câmara de Góis, visando manter os seus munícipes ao corrente das suas actividades e da sua situação, acaba de publicar o relatório de gerência de 1972.

Entre os aspectos referidos salienta-se a falta de médicos. Já que não aparece ninguém a preencher as vagas existentes: «Não só são poucos os médicos que estão dispostos a trabalhar em terras modestas e pobres, como os próprios habitantes do nosso concelho de Góis e o concelho vizinha de Pampilhosa da Serra contam com um único médico para os seus habitantes.

Agradável parece no entanto ser a situação financeira do município, que registou um saldo de cerca de 750 contos. Se retivermos que, pelo menos desde 1968, se registam saldos largamente positivos, há que convir que Góis é um concelho que amealha dinheiro. O presidente da Câmara, Ruy Nogueira Ramos, justifica esta orientação para a poupança, a qual parece encontrar a crítica de alguns conterrâneos com a quebra de receitas que parece aproximar-se e com o financiamento de obras em curso ou a começar.

Do relatório destaca-se ainda uma carta enviada pelo presidente da Câmara a protestar contra as taxas cobradas «em caso de obras que já se tinham executado ou estejam a executar-se sem licença». A «enormidade das taxas» afigurou-se a Ruy Nogueira Ramos «inteiramente inadmissível por perigosa e contraprudecente».

STAND MODERNO

R. JOÃO SARAIVA, 15 • AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15-A

O CONCESSIONÁRIO Ford PARA O SERVIR!

VISITE-NOS E CONTE COM A EXTREMA ATENÇÃO DOS NOSSOS VENDEDORES

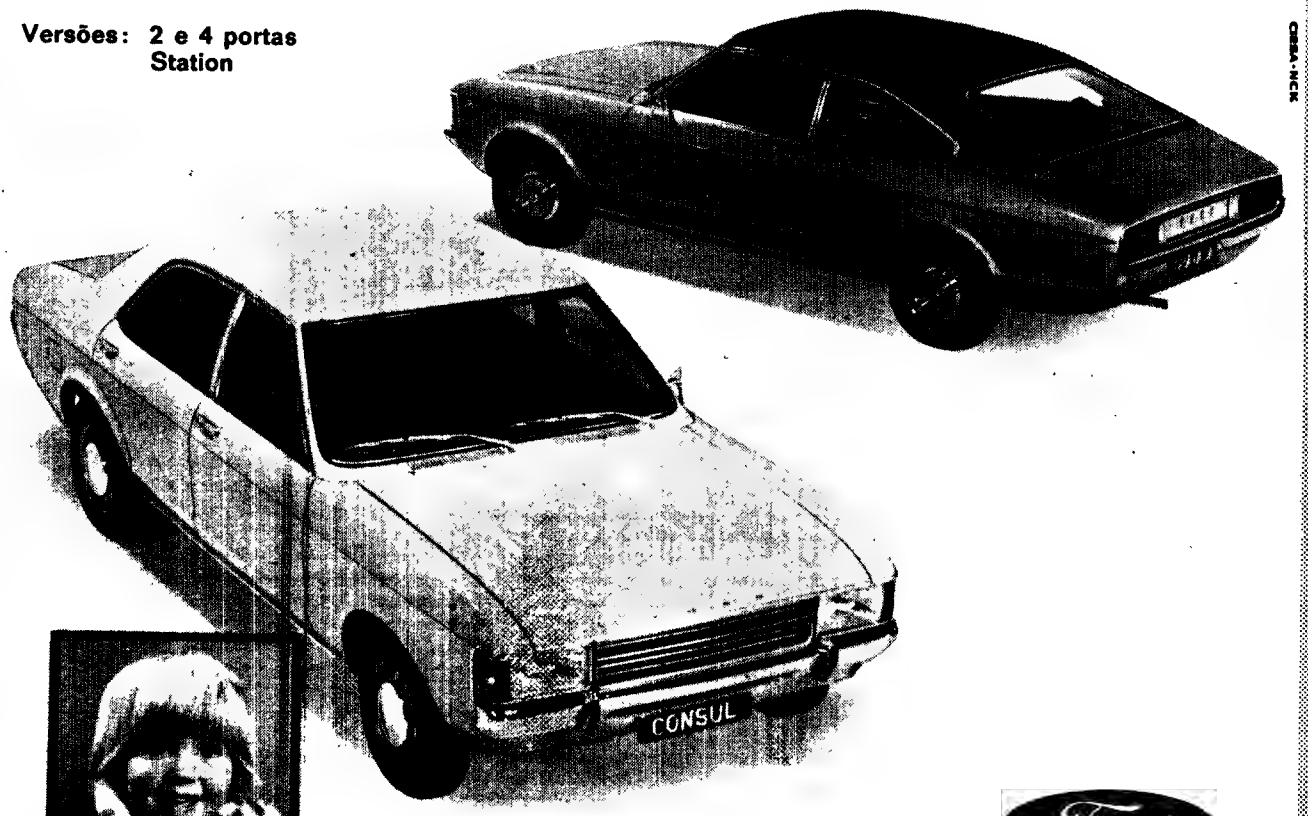
PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

Vem aí
o Mercado Comum
-os dois grandes europeus
já cá estão!

Ford Consul
Ford Granada

O Ford Consul é uma força em elegância. Em espaço. Em mecânica avançada. E tem caixa de velocidades assombrosamente suave. O Ford Granada, você sonhou-o — nós fabricámo-lo. Tem tudo. Pneus mais largos. Jantes desportivas. Faróis de nevoeiro. Assentos anatómicos. Ar quente e frio também para quem vai atrás. Incrustrações em madeira. E ambos com travões de disco e servo-freio. Ambos com suspensão independente às quatro rodas para mais aderência, para mais estabilidade, Segurança total. 2 produtos da Ford Alemã. Diga à sua secretária para ligar para o seu concessionário Ford. Marque a hora que mais lhe convier.

Versões: 2 e 4 portas
Station



PAI, COMPRA UM CARRO MUITO MUITO MUITO SEGURO!

Ford à frente!

J. Mendes Coelho, Lda.

O SEU CONCESSIONÁRIO Ford

CONSULTE-NOS

R. GOMES FREIRE, 7-C
TELEF 53 98 01
LISBOA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 6-A
TELEFS. 4 11 24 4 11 47

COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE

S. A. R. L.

- PASTAS QUÍMICAS
- PAPÉIS KRAFT
- CARTÃO CANELADO
- FITA GOMADA
- SACOS E SAQUETAS DE PAPEL

Instalações Fabris: Cacia
Telegramas: Celulose — Cacia
Telex: 2644 — CELOSE P
Telefones: 034 91287/88/89
Sede: **Lisboa, R. Joaquim António de Aguiar, 3**
Delegação do Porto: **Rua de Ceuta, 43-4.º, Esq.º**
Telefs. 35496 - 36330 - 36986
Telegramas: Celulose — Lisboa
Telex: 1140 — C E L O S E P — Telef.: 53 88 57

CLUBE DE CAMPISMO DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do art.º 30.º do novo Estatuto e para cumprimento da alínea b) do art.º 29.º e do art.º 57.º, convoco a Assembleia Geral do Clube de Campismo de Lisboa, a reunir em sessão extraordinária no dia 27 de Abril de 1973 na Sede Social, em Lisboa Rua da Misericórdia, 137, 2.º, pelas 20 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

I Eleicão dos Corpos Gerentes e das Direcções para o biénio 1973/74.
II Decidir sobre possível alienação ou oneração do parque de Ferragudo.
III Apreciar e decidir sobre possibilidade de compra de terreno, em Almornos.

Não havendo número legal de sócios para deliberar em primeira convocação, fica desde já convocada a Assembleia Geral para reunir às 21 horas, com qualquer número de associados, no mesmo local e com a mesma ordem de trabalhos.

Lisboa, Sede do Clube de Campismo de Lisboa, 1 de Abril de 1973

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) **Joaquim António Campino**

UNIÃO FABRIL FARMACÊUTICA PRETENDE DELEGADO PROPAGANDA MÉDICA, COM PRÁTICA, ATÉ 35 ANOS, DINÂMICO, COM CARTA DE CONDUÇÃO, CONHECIMENTOS DE VIAGEM, PRÁTICA DE HOSPITAIS, LUGAR DE FUTURO. RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 760.

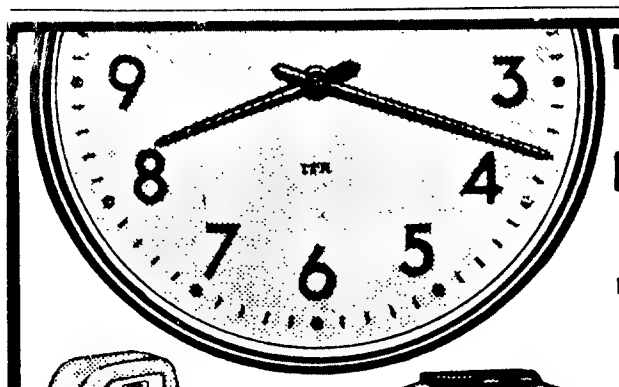
Lotaria da Páscoa

a 20 de Abril

18 mil contos

Casa Costa

75, RUA DE S. PAULO — LISBOA



ITR

EQUIPAMENTOS DE CONTROLE DE TEMPO

RELOGIOS DATADORES, DE PONTO, CUSTOS,

NOVOS MODELOS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
J.GONÇALVES LDA.
R. BRAAMCAMP, 15 A
TELEF. 533270 - 47006 - LISBOA

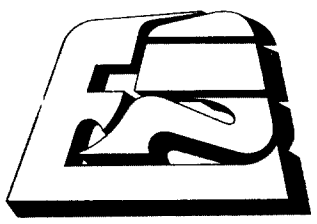
«ANGLIBERIA LINE»

Serviço contentorizado saídas de 10 em 10 dias de LISBOA e LONDRES (TILBURY). Próximas saídas de LISBOA:

N/m «OSTESTRON»	15/5	LEIXÕES, LONDRES

Serviço convencional de 14 em 14 dias com saídas de LISBOA para LONDRES com prévia escala por LEIXÕES.

N/m «LIMA»	11/4	LEIXÕES, LONDRES



EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Av. 24 de Julho, 132 — Telef. 677181
LISBOA - 2

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES

ENORME EXISTÊNCIA NOVA E USADA DE

ELECTRODOMÉSTICOS

e, ainda, automóveis Morris Minor, Renault Caravelle e Buick, Fourgon-triciclo a motor, Quadros, METAIS, ARTIGOS SANITÁRIOS E DE «MÈNAGE», Loiças, Vidros, Alabastros, Artigos de Brinde, MÁQUINAS E UTENSÍLIOS PARA CAFÉS E CHARCUTARIAS, Máquinas de Escritório, MÓVEIS, MAPLES, DECORAÇÕES, ETC., ETC.

IMPORTANTE

LEILÃO

Para venda rápida
PELA MAIOR OFERTA E SEM QUALQUER BASE DE LICITAÇÃO

PRÓXIMA 2.ª FEIRA E SEGUINTES, DAS 15 ÀS 20 HORAS

Avenida Casal Ribeiro, 17 - B (Estefânia — Saldanha)

Da importantíssima existência a liquidar, destacamos:
ELECTRODOMÉSTICOS NOVOS E USADOS: das melhores e mais variadas marcas, dezenas de: **frigoríficos de todos os tipos e tamanhos, máquinas de lavar roupa e loiça, televisões, rádios e rádio-gramofones alguns estereofónicos e outros portáteis, gira-discos, misturadores de som, caloríferos e fogões altos e baixos electricos e a gás butano, esquentadores a gás de cidade e butano, gravadores de cassettes e fita, relógios eléctricos, ventoinhas; candeeiros de tecto, mesa e chão; ferros de engomar e de soldar; altifalantes; batedeiras; secadores de cabelo; discos; cassettes; moinhos de café; balanças de cozinha; panelas de pressão; antenas de TV para interior e exterior; centifrugadores; máquinas de café e de barbear; aspiradores, enceradeiras; máquinas de engomar; projectores de filmes; torradeiras; aspiradores; trituradores; relógios de cozinha; leitores-gravadores de cassettes para automóvel;** aparelhos técnicos para rádio-reparações; **auto-rádios; fritadeiras; uma infinidade de material e aparelhos usados e acessórios para recuperação,** e enorme quantidade de material e sobressalentes novos p.ª rádio e TV, electricistas, muitos acessórios e ferramentas de oficina de rádio.

MÁQUINAS E UTENSÍLIOS PARA CAFÉS E CHARCUTARIAS: máquinas de café de 1 2 grupos, registadoras manuais e eléctricas, balanças, moinhos, arca congeladora, mesas, cadeiras e bancos de ferro e termolaminado, expositores, etc.

MÁQUINAS E UTENSÍLIOS DE ESCRITÓRIO: máquinas de escrever, calcular e de contabilidade, fotocopiadores, duplicadores, etc., etc.

ESTOFOS, MÓVEIS, LOIÇAS E ARTIGOS DECORATIVOS EM METAL E VIDRO, artigos sanitários para casas de banho; grande colecção de modernos armários electriticados; quadros a óleo; secretárias, estantes e balcões metálicos para escritório, artigos de mènage, escadotes em alumínio anodizado, carpetes e grande quantidade de alcatifas, cinzeiros de pé; espelhos de parede e de mesa, armários-bar para TV com rodízios, tábuas de engomar metálicas; estatuetas; colunas e objectos decorativos em alabastro, móveis, arcas, serviços de chá e café e outros artigos orientais e uma infinidade de artigos impossíveis de descriminar e que torna **este leilão um dos mais importantes do género, já realizados.**

EXPOSIÇÃO, 2.ª-FEIRA, DAS 10 ÀS 13 HORAS
(DE NOITE MONTRAS ILUMINADAS, C/ VISÃO TOTAL)

SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ 101
Telfs. P P C (4 Linhas)
532929 51478 532446
AFRA FILHOS, Lda

em 3 linhas

..Por despacho do Ministério das Comunicações, pela Direcção-Geral de Transportes Terrestres foram fixadas as normas de identificação dos veículos automóveis e reboques licenciados para transportes internacionais de mercadorias, que constam da folha oficial (3.ª série, n.º 82).

///

Foi criada a Sociedade Cultural e Recreativa de Carreira do Mato, em Aldeia do Mato (Abrantes).

///

Vêm no «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 82) as nomeações de professores efectivos para estabelecimentos de ensino, dependentes da Direcção-Geral do Ensino Secundário..

///

Está aberto concurso de provas para promoção a analista (grupo V) do quadro do pessoal civil do Ministério da Marinha, lotação do Serviço Mecanográfico da Armada.

///

Em suplemento do Ministério da Saúde e Assistência ao «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 76), foi publicado o despacho de homologação do novo quadro de pessoal do Hospital Geral de Santo António, da Misericórdia do Porto.

///

A eng.ª química industrial D. Maria Emília Porto de Oliveira Rodrigues Mendes de Sousa foi nomeada técnica do quadro comum dos Serviços de Indústria do Ultramar, colocada em Moçambique.

///

Foi nomeado para exercer o cargo de vogal da Comissão Permanente da Farmacopeia Portuguesa o sr. António Proença Mário Augusto da Cunha.

///

Vem no «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 81) o mapa do movimento de provimentos de professores no quadro geral do ensino primário elementar.

///

O dr. Adriano Augusto Caldeira Jorge, técnico da Direcção-Geral de Economia, do Ministério do Ultramar, foi nomeado, em comissão, director de serviços do Gabinete do Plano do Cunene.

///

O orçamento de receita para o ano económico de 1973 do Instituto de Higiene e Medicina Tropical atinge 13.740.345$40.

///

A Câmara Municipal de Lisboa abriu concurso público para a empreitada de esgotos pluviais e domésticos do troço terminal da Avenida de Berlim, na base de licitação de 20.000.000$00.

///

Foi concedido o estatuto geral de igualdade de direitos e deveres com os nacionais portugueses, previsto na Convenção de Brasília aos cidadãos brasileiros, srs. Carlos Manoel Bombarda Pedro, Dagoberto da Costa Rios, D. Filomena dos Anjos Rebelo Branco Castro e D. Maria Tereza Viana Almeida dos Santos.

DL/GERAL

AUTOMOBILISMO

Três corridas no Autódromo do Estoril

. O Autódromo do Estoril vai amanhã abrir as suas portas, para a realização das primeiras corridas desta temporada, num programa em boa hora «inventado» para substituir uma prova internacional de grande importância que se deveria realizar neste fim-de-semana, às «4 Horas do Estoril», que contavam para o Campeonato da Europa de Carros de Turismo. A anulação desta prova, cuja organização competia ao Automóvel Club de Portugal, resultou de um diferendo de ordem financeira entre os organizadores e a Autodril, empresa proprietária do Autódromo do Estoril.

O programa de amanhã incluirá mesmo assim motivos de interesse, pelo que deverão inúmeros adeptos do automobilismo de competição, tendo a Autodril estabelecido preços de ingresso que variam entre 15$00 e 50$00.

A parte da manhã será dedicada às verificações e aos treinos e às 14 h e 30 m. alinharão na grelha de partida meia centena de carros antigos de construção anterior a 1940, que disputarão uma corrida de 1 hora, estreando o anel de velocidade do Autódromo do Estoril. Desde o De Dion Buton, de Fernando Cardoso Lima, até ao BMW de 1939, de Miguel Leite Faria, serão muito diversos os modelos e as marcas presentes nessa corrida de carros veteranos. O interesse competitivo da mesma é naturalmente relativo, deslocar-se ao Autódromo mas mesmo assim assinale-se que alguns dos carros presentes atingem velocidades de ponta superiores a 120 km/h.

Às 17 horas disputa-se a corrida de Fórmula Ford e V, com um número de concorrentes reduzido, ao número de carros existentes em Portugal. Desacarinhadas por quem de direito, ambas as fórmulas se encontram em francas dificuldades para sobreviverem entre nós.

Entretanto o «prato forte» do «meeting» é proporcionado por 52 jovens pilotos espanhóis que disputam a segunda prova da «Copa Nacional TS», reservada a carros da marca Renault, do modelo R-8 S, todos eles basicamente iguais. Trata-se de uma fórmula de promoção muito divulgada e apreciada em Espanha, que num plano relativo bom poderá ser comparado ao nosso «Troféu Datsun», reservado a Datsun 1200.

Além disso a «Copa TS» tem um plano de prémios dos seus vários patrocinadores, bastante aliciante, que interessa uma camada especial de condutores que iniciam a sua actividade no automobilismo desportivo.

Às 16 h. e às 16 h e 30 m. disputam-se duas eliminatórias de 10 voltas cada, que apurarão os 24 consorrentes que às 17 h. e 45 m., em 25 voltas irão disputar a final, numa corrida que se adivinha plena de interesse e que será disputadíssima.

A organização das corridas pertence à Autodril, que conta com a colaboração técnica do Clube 100 à Hora, Clube Português de Automóveis Antigos e Federação Espanhola de Automobilismo.

Casa do Alentejo

Dia 7 de Abril de 1973, las 22 às 6 horas. Grandiosa «soirée», abrilhantada pelo conjunto Costa Dias. Trajo de cerimónia.

MAIORES DE 14 ANOS

HÓQUEI EM PATINS

DERROTA DO OEIRAS FRENTE AO P. ARCOS

. Principiou ontem a fase final do Torneio de Abertura da Associação de Patinagem de Lisboa. E logo no primeiro jogo (Oeiras-P. Arcos) uma surpresa: a derrota da turma de Carvalho, que se mostrou verdadeiramente impotente para travar o entusiasmo e a determinação da turma orientada por Joaquim Relvas. O resultado final (5-1) reflecte bem tudo quanto se passou no rinque, constituindo ainda um justo castigo para os que pensam em jogar mais com o físico do que com habilidade.

No segundo encontro da noite, o Benfica (sem Livramento) não encontrou dificuldades de maior frente ao Cascais: a vitória (6-1) diz bem da superioridade encarnada, que parece não ter sentido a ausência do «super-star».

Finalmente, jogaram Sporting e Desportivo da Cuf: encontro equilibrado, com chuva de golos na parte final. Acabou por triunfar a equipa leonina (7-5), que nem por isso deixou de tremer nos minutos finais: nos últimos instantes da partida, sofreu três golos da rajada, tendo sido «salva» pelo «gong»...

A segunda jornada disputa-se na segunda feira, com os jogos: Cascais-Sporting, Oeiras-Cuf e P. Arcos-Benfica.

HERDADE
COUTADA

Muita caça todas as espécies, boa casa antiga de habitação, muitos cómodos, telefone e estrada alcatroada. Caça a patos, pesca e desportos náuticos em grande barragem. Fica a pouco mais de uma hora de Lisboa de automóvel. Óptima para férias, fins-de-semana e bom rendimento seguro. Pode interessar a empresa turística, grupo amigos ou só para uma pessoa. Preço 12.000 contos, sujeito a oferta, vendo ou troco por terrenos ou casas para demolir nas cidades de Lisboa, Setúbal ou Porto ou nestes 3 distritos. Trata o proprietário. Carta para apartado 1.048, Lisboa-1.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu e Veríssimo, Praça da Restauração, 12-C ALMADA

TORNEIRO MECÂNICO

Precisa grande empresa industrial em Mafra para entrada imediata:

1 — Oferece: Ordenado compatível, grandes possibilidades de promoção, bom ambiente de trabalho, semana de 5 dias e regalias sociais.

2 — Exige: Nível profissional adequado, de preferência com Curso Industrial e obrigações militares cumpridas.

Resposta urgente, com referências escolares e profissionais, idade e ordenado pretendido ao n.º 763 deste Jornal.

ACESSÓRIOS JANTE 13

RUA DE S. FRANCISCO DE SALES, 18-A — LISBOA

Secretária de Administração

PRETENDEMOS:

— 20 a 35 anos
— Domínio de Francês
— Dactilografia
— Facilidades de contactos
— Experiência
— Curso de secretariado

TEMOS:

— Vencimento compatível
— Estabilidade
— Plano carreira
— Semana de 5 dias
— 13.º mês
— Férias e subsídio

Resposta detalhada com curriculum vitae a Gasel
Ref.ª 101/80. Apartado 2512 — Lisboa

SENSACIONAL..!

A JOVICA comunica aos seus estimados clientes que vai inaugurar brevemente mais dois estabelecimentos em duas zonas das mais movimentadas de Lisboa, indo assim ao encontro das necessidades da sua numerosa clientela.

PORTANTO: JOVICA SEMPRE A PENSAR EM SI...
A ABRIR BREVEMENTE:

RUA GOMES FREIRE, 9-B
(Junto ao Campo de Santana)
ESTRADA DE BENFICA, 333-B

TELEVISORES . . . . desde 2.500$00
(Oferta de antena para os dois canais)
ESQUENTADORES . . . » 990$00
MÁQUINAS DE LAVAR » 4.500$00

ESTABELECIMENTOS DO GRUPO
JOVICA

LISBOA: Av. 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769-52970 ★ Av. Duque d'Ávila, 58 — Telef. 54892 ★ Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536-48856
VENDA NOVA: Av. Câmara Pestana, 9-A ★ Rua Elias Garcia, 13-A — Tel. 975791
CASCAIS: Rua Padre Moisés da Silva, 1-C — Telef. 281395
ESCRITÓRIOS:
Rua Pascoal de Melo, 127-D, 1.º — LISBOA — Tel.: 563371-57172-535010-49406

DL/DESPORTOS

"Taça de Portugal": de 16 vamos tirar 8

Amanhã há taça.

Lugar para a dúvida? Não tanto, pois o acasalamento dos clubes (segundo o sorteio previamente realizado pela Federação) caprichou em proporcionar embates cujo resultado pode prever-se com uma certa margem de segurança. Logo, o devaneio dos mais fracos, o sonho dos «tomba gigantes» que ainda não apareceram este ano, não têm muitas possibilidades de vingar. A não ser que...

E aí está a tarefa de advinho (que não pretendemos ser) mais do que a do comentarista que sefundamenta em factos passados e dados conhecidos para fazer razoável previsão de um encontro entre vinte e dois praticantes de futebol. E, nesse aspecto, que temos a dizer? Não tanto, pois com Frederico Passos os aveirenses não têm tremido ante os lobos maus.

Que o Torres Novas está condenado a servir de «bombo da festa» no regresso leonino a Alvalade? Também não ousamos garanti-lo, porque o Sporting de Ronnie Allen (bem, não censuremos muito o inglês; digamos antes: o sporting desta época) é capaz do melhor e do pior sendo, no entanto, mais seguro antever sempre o pior. E que a exibição face ao Boavista, tal como os fracassos rotundos em jornadas anteriores, não dão a mínima margem de segurança a quem joga forte nos «verdes». Mas, pelo sim pelo não (e porque o Torres Novas é da segunda divisão) é crível que o Sporting se mantenha em prova.

Dos outros, Montijo e Farense são capazes de continuar por mais uns dias atreitos a esta questão: o que significaria para amanhã um empate, que não está fora das previsões mais lógicas.

O Leixões? Bem, o Leixões joga com o Benfica e sabe-se como é. Se a roda gira, corre-se o risco de ser passado a ferro...

O Atlético apanha a CUF em casa, com todos os inconvenientes que daí advêm. Os homens de Caiado sabem jogar em contra-ataque, e ai dos pupilos de Ted Smith se descurarem este pormenor.

Restam os dois jogos que, quanto a nós, serão os mais interessantes da jornada futebolística: Barreirense-Académica e Vitória Futebol Clube contra Vitória Sport Clube.

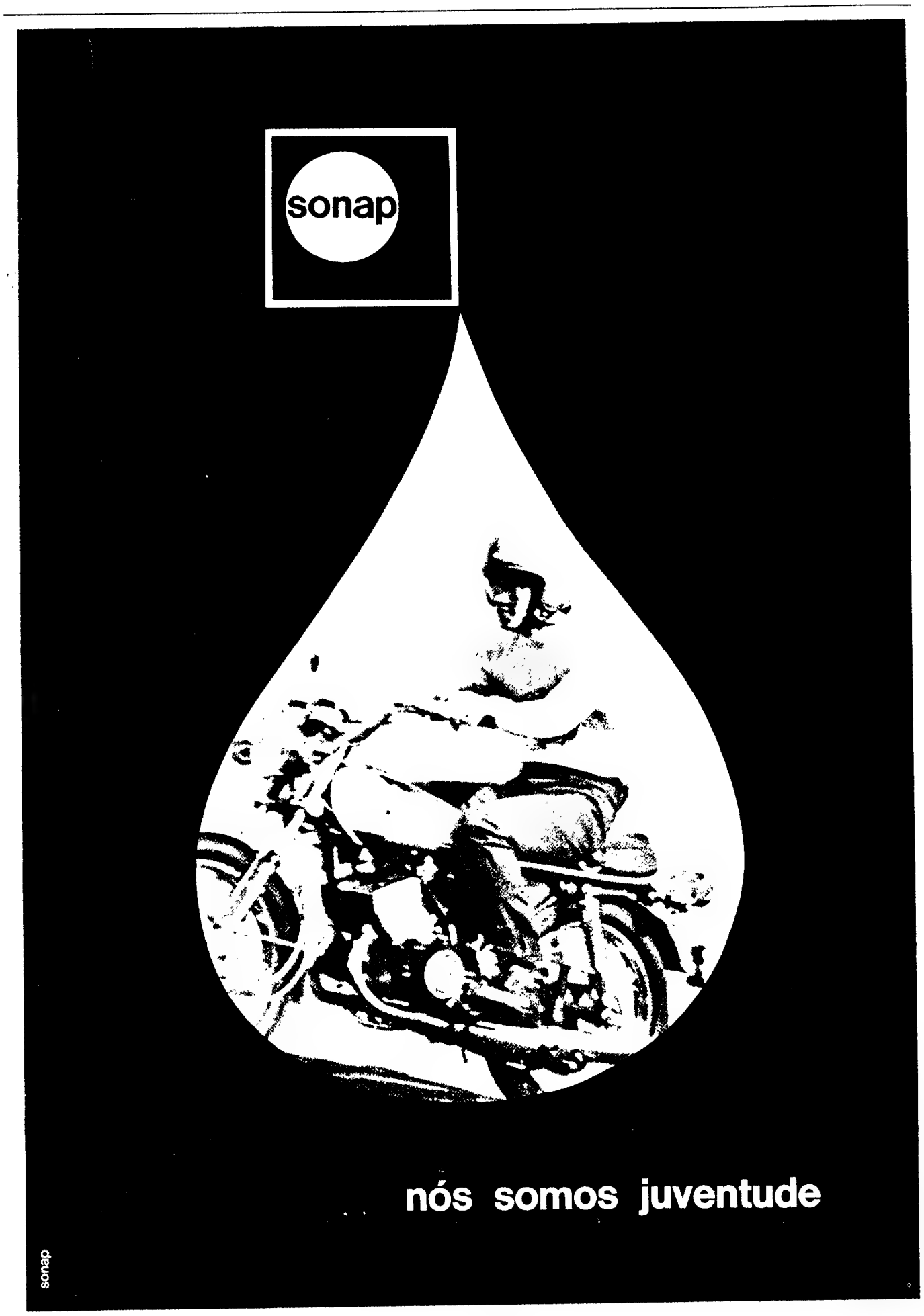
Cuidemos do primeiro, recordando um famoso tira-teimas realizado no mesmo campo «D. Manuel de Melo» e que atirou a Académica para a segunda divisão. Virão os «estudantes» dispostos à «vingança»? O caso não é para menos, acrescendo o facto de a equipa de Manuel António e Mário Campos pretender mostrar que não desaprendeu de jogar e que a segunda divisão não a impedirá de prosseguir na «Taça». O que seria bonito.

Quanto aos Vitórias, salta à lembrança de quem fala do jogo os dois homens que os comandam. Estrategas por excelência, credenciados por um passado intocável de trabalho e prestígio, julgamos que deles partirá a solução. Quem leva a melhor nesse jogo de tácticas? Talvez o Vitória setubalense, com valores individuais mais firmes e uma adequação técnica ao jogo que a prática internacional solidificou nos seus jogadores. Por isso, vamos por Pedroto e seus brilhantes rapazes. A menos que um empate obrigue a nova vigília na antecamara do êxito. Para dar emoção a uma prova que está a perder progressivamente.

Um contratempo: os azares da fortuna impedem a presença, num frente a frente especialíssmo, dos técnicos Medeiros e Meirim. Fica, por isso e apenas, a natural superioridade do União de Tomar com mais que certa concretização no Municipal nabantino, sobre o grupo do Gil Vicente, que disputa a segunda divisão.

Perante a ressalva de os jogos se realizarem nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar (ainda que neutralizados, para efeitos de pagamento de entradas, que serão iguais para sócios e estranhos) eis o calendário completo dos oitavos-de-final da «Taça de Portugal: União de Tomar-Gil Vicente; Montijo-Farense; Leixões-Benfica; F.C.do Porto-Beira-mar; Barreirense-Académica; Sporting-Torres-Novas; Atlético-Cuf e Vitória de Setúbal-Vitória de Guimarães.

O encontro de Matosinhos principia às 15 horas; o de Setúbal às 15 e 30 e todos os demais às 16 horas.



NOTICÍAS E FACTOS

. **VAURIENS:** O campeonato mundial de Vela (classes Vauriens), que este ano se efectua em Lourenço Marques (baía do Espírito Santo), está a despertar um certo interesse, mas não tanto quanto se esperava, pois há países que recusaram a participação por motivos políticos. Segundo o prof. Mirandela Costa, inspector do Conselho Provincial de Educação Física, recusaram-se a participar, nomeadamente, a Tunísia, Argélia e Marrocos. Todavia, estão já inscritas tripulações da Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Luxemburgo, República Malgaxe e Suiça, aguardando-se inscrições do Canadá, Checoslováquja, Itália, Malavi, República da África do Sul e Rodésia.

ANDEBOL: Os torneios eventuais da Associação de Lisboa ainda não puderam principiar por carência de árbitros disponíveis e por não ter sido possível encontrar um pavilhão onde ao mesmo tempo se fizessem alguns jogos. Assim, os torneios foram adiados, principiando o de infantis a 26 do corrente e o de iniciados a 29, com as finais marcadas para 13 de Junho. No sector feminino, as iniciadas começam a jogar a 29 deste mês, mesmo dia que as senhoras. Só a final é que é desirmanada: 13 de Junho as iniciadas e a 24 de Junho as senhoras.

«ESPERANÇAS»: Por terem vencido o torneio inter-selecções, foram louvados, em sessão do organismo lisboeta, os componentes da selecção de Lisboa: Calado, Vasco Vasconcelos, João Gonçalves e Branca (do Benfica); Hernâni, João Mendes, Rosa e Viana (do Belenenses); Carlos Silva e Ferreira (do Sporting); Sousa e Ribas (do Almada) e Mota e Pilar (Técnico). A Associação de Lisboa deliberou, também, louvar o seleccionador Ângelo Pintado, **«pelo valioso trabalho e dedicação posto ao serviço da selecção».**

ESGRIMA: A partir das 15 horas de hoje, decorre nas instalações da Academia Militar, o campeonato nacional de Sabre (equipas). A final deve acontecer por volta das 20 e 30.

MINIBASQUETE: Em Aveiro vão realizar-se várias competições de minibasquete e miniandebol, abertas a todas as crianças dos 7 aos 12 anos. As inscrições estão abertas nas escolas primárias de Albergaria-a-Velha e nos pavilhões gimnodesportivos de Aveiro e S. João da Madeira. Igualmente em Aveiro, a delegação distrital da D.G.D. organiza, de hoje a 14 do corrente, dois cursos de aperfeiçoamento de Educação Física, para professores primários. Participam 40 mestres de Aveiro e 20 do distrito do Porto.

HÓQUEI EM PATINS: Por iniciativa de um grupo de jornalistas foi apresentado à A.P.L., para sancionamento, o Regulamento de uma taça que se destina a premiar a equipa mais disciplinada na fase final do Torneio de Abertura. Depois de apreciado em reunião de direcção, foi aprovado, deliberando-se também, conceder um voto de agradecimento à comissão organizadora da referida Taça pela demonstração de amizade e dedicação pela modalidade.

RÂGUEBI: Devido ao jogo da selecção nacional, na Jugoslávia, não se efectuam, amanhã, jogos da primeira divisão. Estão, no entanto, marcados os jogos da segunda divisão: Aranhas-CNOCA (às 11 e 30 no estádio universitário) e E. Amadora-Regentes de Coimbra (11 e 30) no J. Pimenta da Amadora. Prosseguem também as provas de juniores, reservas, juvenis e iniciados.

HÓQUEI EM CAMPO: O campeonato de Lisboa vai recomeçar amanhã, estando as arbitragens a cargo de juízes do Porto.

TOTOBOLA

CONCURSO N.º 31 — 8.ABRIL.1973

JOGO N.º 11

FIORENTINA - JUVENTUS

Tendo chegado ao conhecimento deste Departamento que o jogo n.º 11 — Fiorentina - Juventus — do campeonato italiano, incluído no calendário deste 31.º concurso, foi antecipado para as 15,30 horas de sábado (dia 7), nos termos dos art.os 9.º e 10.º do Regulamento Geral dos Concursos ter-se-á de proceder a sorteio para apuramento do símbolo a considerar no citado jogo.

Este sorteio, que é público e se efectua às 11 horas da manhã (domingo) na sala do escrutínio do Totobola, terá como base os vaticínios dos Órgãos de Informação, e assim, as doze bolas a introduzir na esfera terão a seguinte distribuição:

Símbolo «1»	5
Símbolo «x»	6
Símbolo «2»	1

DESENHADORES

Com muita prática de projectos de electricidade para instalações de alta e baixa tensão, em full-time ou part-time.

Resposta manuscrita indicando idade, habilitações e ordenado pretendido a este jornal ao n.º 761.

CHAMADA PARA TAVARES DA SILVA

Os mais novos aqui da casa fixam sem olhar a cara alegre de Tavares da Silva no medalhão simples que poisa na parede, defronte da mesa de quem está hoje no lugar que só a ele ainda pertence por direito e verdade. E, curiosos, gostam de perguntar quem foi aquele homem que, quinze anos depois da morte, resiste (com o mesmo sorriso) ao desafio dos tempos e das pessoas.

Então, a gente pega no livro do futebol português e mergulha até à raiz: quando se esperou durante quatro anos pelo primeiro êxito desportivo e a crítica desportiva mal se escutava no soletrar tímido das primeiras letras. Era a época de Sabbo, Correia Leal, Salazar Carreira, o tempo de Virgílio Paula, Reis Gonçalves e Neves Eugénio, a fase de Ricardo Ornelas e Ribeiro dos Reis.

Por NEVES DE SOUSA

Viria o triunfo sobre os italianos, o apadrinhamento da Checoslováquia, o imbróglio com a Hungria. A palavra fina de Cândido de Oliveira, o virtuosismo de Pepe, as estiradas de Roquete e os pontapés espantosos de força de José Manuel Martins. Cairiam as folhas do calendário e teríamos Vítor Silva e Jorge Vieira, Pinga e Augusto Silva, o generoso Albino e o fino Mourão. E, mais para diante, Azevedo (o voador) e Amaro (o inconformado), o peito de aço de Soeiro e a cabecinha de ouro de Espírito Santo. E aquela negra tarde de Maio, quando João da Cruz falhou pela primeira vez um «penalty». E os dois golos de Peyroteu em Paris. E a viagem a Basileia, quando tivemos a Suíça aos pés e falhámos golos em série.

Pego pela minha mão e dou por si a tocar-me. Você, doutor, a carregar com o garoto travesso que queria à viva força ver de perto os seus ídolos, espreitar o tapete do Jamor em dia de jogo grande. Duas bolas de Peyroteu, empate perante a Espanha do maquiavélico Zarra. E, depois das derrotas da Corunha e de Basileia, aquela tarde de núvens baixas em que Da Rui e Ben Barek cederam o passo (e os louros) a Araújo e seus companheiros.

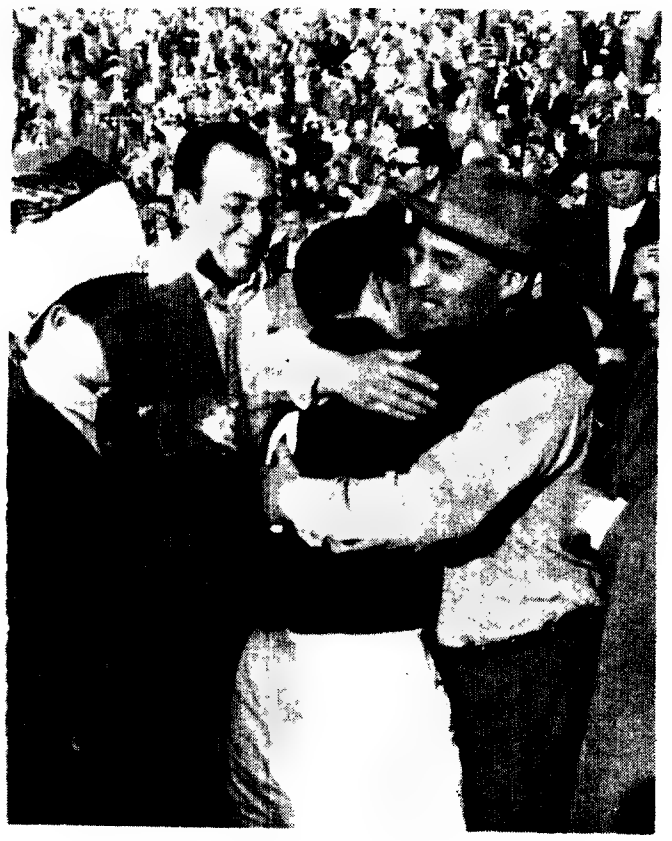
Fiquei «cliente»: com 15 anos (lembra-se?) apanho a seu lado o calor tórrido que cercou a vitória sobre a Irlanda e escuto a «bronca» mostro que sublinhou a substituição de Rogério por Bentes, como se o facto de eu estar ali significasse também culpa no cartório. Mas, um ano depois, no Maio de chuva a pino, lá torno a aparecer, para a molha de criar bicho: Feliciano a copiar Stephen, Ballabio a chegar tão alto com o queixo quadrado do Capela, toda a gente a mudar duas vezes de camisola. Albano e Travassos contentes como ratos. O doutor a puxar valentes fumaças do seu charuto. Rogério e Moreira a lembrarem os golos que tinham travado os suíços.

Chegaram, por esse tempo, as grandes epopeias: a derrota espanhola, o triunfo na Irlanda (primeiro no estrangeiro). E aquela complicação toda nas vésperas dos dez de Inglaterra, como da «cabazada» do San Lorenzo de Almagro. Um interregno no andar para a frente, até bater à porta o triunvirato da selecção: e Barrosa a atirar fora da moldura a grande penalidade da fácil cobrança.

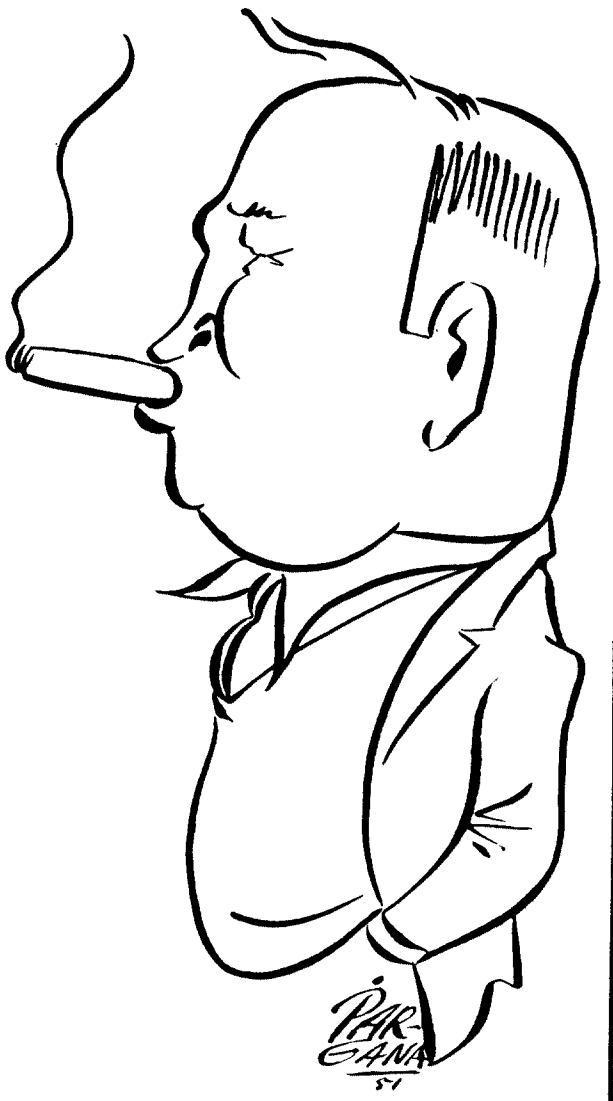
Outro salto no haver: Barrigana e Francisco Ferreira, Jesus Correia e Vasques, Félix e Caiado, Patalino e Ben David, Virgílio e Águas, Matateu e Carlos Gomes, a «secagem» de Cabrita a Ocwirk e o Dimas a ser inventado por você só para quebrar a cabeça dos ingleses. Mais: Costa Pereira e Pedroto, Germano e Juca, os três «balázios» de Palmeiro à Espanha e o lindo empate com os mestres húngaros, Teixeira e Salvador a brilharem perante a Itália e Hernâni a não chegar para virar a derrota no jogo de Milão.

Não estive a seu lado durante bons quatro anos. Na volta da Índia, só o tornei a ver uma vez: quando o doutor, amarelo como cera, magro como um peso pluma, voltou a pegar a minha mão para lembrar a sua mulher que eu fora «**uma das coisas boas que tinha feito na sua vida**». E dei por mim, nessa palidez necrófita do Sol poente, a recordar a primeira subida pela escada do «Diário de Lisboa», o apelo no jornal «**para um estudante pobre**», as tardes que vivera a seu lado, entre o bonacheirão do Félix Correia a folhear a «Esfera» e o Rogério Perez a «**mirar el tendido**», com o eoutor Manso de alpaca negra sobre a camisa branca a estender cigarros a toda a redacção e, na casa de Ponta Delgada, «madame» Lefèbre a deixar-me brincar com o canzarrão nos intervalos das explicações de francês.

É isto que lembro hoje, isto que você, doutor José Joaquim Tavares da Silva recorda também, na data da festa de anos do seu jornal, do «Diário de Lisboa» onde eu entrei pela sua mão para a sua cadeira.

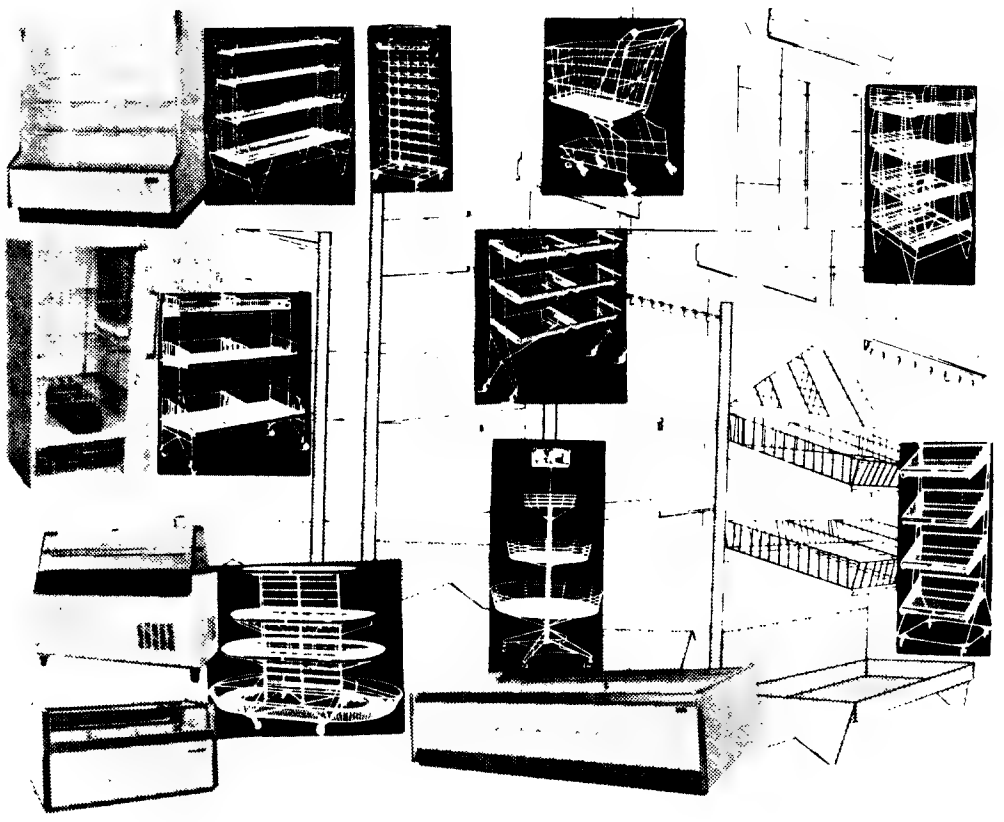


O primeiro abraço dos seus pupilos



GARAGEM
BOA VIAGEM, LDA.
RUA SAMPAIO E PINA, 56-60 — LISBOA
COMPRA, VENDA E TROCA DE AUTOMÓVEIS E FURGONETAS USADAS

MAFIROL
QUALIDADE • VARIEDADE • PREÇO



Rua Serpa Pinto, 765
Telef. 488805 - PORTO

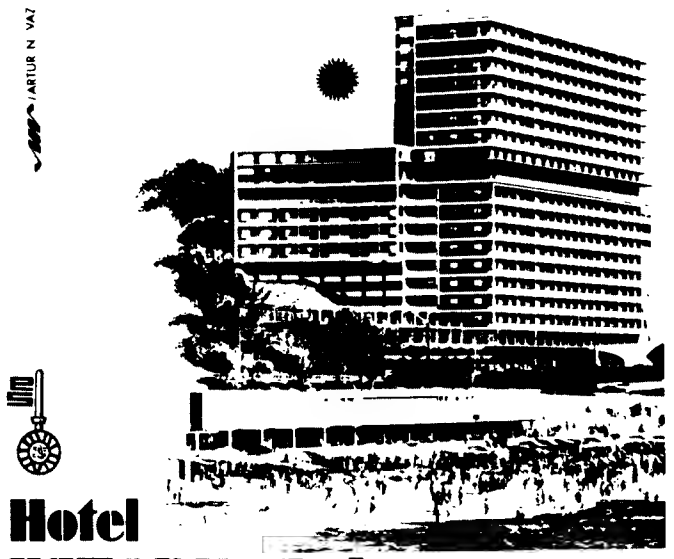
NOVA BORRALHA
Telef. 62571 - AGUEDA

Rua Dr. João de Barros
Lote M Lojas A e B
Telef. 706334 LISBOA

Banco Borges e Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	30-3-73	6-4-73	Desvio %
GERAL	319,4	365,4	+ 14,4
METROPOLITANAS	334,1	376,3	+ 12,6
Bancárias	837,4	862,1	+ 2,9
Eléctricas	90,0	119,7	+ 3,3
Industriais	332,6	399,4	+ 20,1
Diversas	281,6	343,2	+ 21,9
ULTRAMARINAS	211,5	285,2	+ 34,8
Angolanas	216,4	287,8	+ 33,0
Moçambicanas	155,3	255,5	+ 64,5



Hotel ESTORIL-SOL

404 QUARTOS C/ CASA DE BANHO PRIVATIVA
AR CONDICIONADO EM TODO O EDIFÍCIO PISCINA SAUNA BOITE BOWLING E CABELEIREIRO
TELEFONE 26 28 31 · TELEX 1624 SOLTEL
TELEGRAMAS HOTELSOL

ABERTO TODO O ANO

SALA DE JOGOS ROLETA BANCA FRANCESA BACARA CHEMIN DE FER BACARA BANCADO BACARA PONTO E BANCA BLACK JACK 21 CHUCKLUCK CRAPS E SLOT MACHINES DAS 15 ÀS 3 HORAS
SLOT MACHINES ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS
RESTAURANTE «MUSIC HALL» BOITE
CINEMA (MATINEE E SOIREE DANSANTE)
TELEFONE 26 45 21 · TELEX 1660

CASINO ESTORIL

JOALHARIA CUNHA
(J. N. CUNHA, LDA.)
OURO — PRATAS
JÓIAS — RELÓGIOS
Rua Áurea, 197 - 201
Telf. 32 07 30 — LISBOA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de realização de trabalhos das C. R. G. E. avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 8 (Domingo) das 7 às 14 horas, nas seguintes zonas:

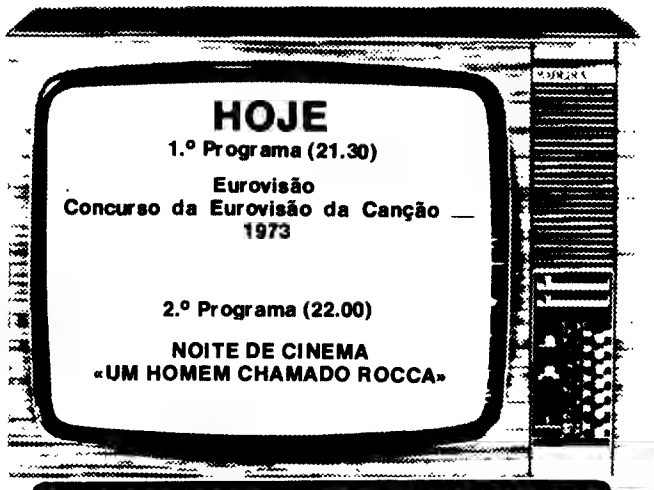
Santa Iria de Azóia, Bairro da Covina, Pirescoxe, Rua Fria, Barro, Pinheiro de Loures, Fonte Santa, Guerreires, Tojalinho, Vale de Nogueira, Ponte de Lousa, Lousa, Vera, Freixeira, Cabeço de Montachique, Serra da Amoreira, Granjas Nova Odivelas, Amoreira, Ponte da Bica, Montemor, Canecas, Alvenar, Arroja, Ribeirão, Famões, Ponte de Frielas, Frielas e toda a linha de A. T. entre Loures-Freixeira-Cabeço de Montachique, Loures-Canecas, Ribeirão e Ponte de Frielas-Frielas.

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Concelho de Loures, 5 de Abril de 1973.

O Engenheiro
Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

televisão



MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 O caso da semana.
13.15 Viver no campo
13.45 Telejornal, 1.ª edição.
14.00 Dó, Lá, Si (Julio Iglésias Mana Lion, Billy Joel e James Brawn)
14.25 Hoje pode ver
14.00 Tv educativa
15.00 Eurovisão, Concerto final do 21.º Concurso Internacional de Musica da Ard
15.40 Nos as mulheres
16.10 Eurovisão Transmissão directa da Regata Oxford-Cambridge
16.45 Teledesporto
17.15 Bonanza
18.05 Danças e cantares
18.35 Ensaio
19.30 Telejornal, 2.ª edição.
19.40 E a vida continua
19.55 TV Infantil
20.15 Se bem me lembro
20.40 Dia Mundial do Doente
20.50 Telejornal, 3.ª edição
21.30 Eurovisão, Concurso Eurovisão da Canção... 1973
23.15 Os caminhos de Noële
23.45 Telejornal, 3.ª edição.
23.50 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados.
20.45 O caso da semana.
20.00 Viver no campo.
21.30 Telejornal, 3.ª edição.
22.00 Noite de cinema «Um Homem Chamado Rocca» e fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e missa de domingo
13.10 Dia do Senhor.
13.30 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Robin dos Bosques
14.25 Hoje pode ver
14.30 Tarde de cinema «Vontade indomavel»
16.20 Tenis Portugal-Suiça
16.45 TV Infantil
17.40 Tenis continuação
18.10 TV Rural
18.20 Domingo desportiva
18.40 Tenis (continuação)
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.40 A gruta das fadas
20.00 TV 7
21.00 Agente secreto a força
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Domingo à noite
23.45 Domingo desportivo
24.00 Telejornal, 4.ª edição
00.05 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e o regresso de Lucy
21.00 Dó Lá Si
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Folclore no mundo.
22.30 Antologia «Um Homem Solitário» e fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Combóios	32 6222

Tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	14º
P. DOURADAS	15º
COIMBRA	11º
PORTALEGRE	20º
LISBOA	17º
FARO	19º
FUNCHAL	16º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Régua
Máxima 30º
Alvalade
Mínima 4º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	15º
Atmosfera	18,7º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.40	3,8 m		
18.59	3,8 m	12.16	0,9 m
Dia 8			
7.31	3,6 m	0.47	0,9 m
19.52	3,6 m	13.06	1,2 m
Dia 9			
8.33	3,4 m	1.47	1,2 m
20.57	3,5 m	14.09	1,4 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado e o vento fraco.

AMANHÃ

NASCER ÀS 7.11
OCASO ÀS 20.06

DIA 10 DIA 17 DIA 25 DIA 3

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA
PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/14 ANOS)
Encerrado às 2.as feiras.

RESTAURANTE
SANCHO
Trav. da Gloria, 8-16
Telef 369780
LISBOA

SNACK BAR
RESTAURANTE
O BACANO
Av. João Crisóstomo, 47-C — Telef. 53 38 59
LISBOA

RESTAURANTE
breque
R. BUENOS AIRES, 28 - B - D
TELEF 67 70 06 LISBOA
AMANHÃ
CABRITO ASSADO
2.ª FEIRA
LULAS A NAZARE
ENCERRADO AOS SABADOS

HOTEL BOTÂNICO
Rua Mãe d'Água, 16 20 • Telefs 3 40 12 / 13
LISBOA (junto à Praça da Alegria)
O PONTO DA REUNIÃO ELEGANTE
VISITE O NOSSO BAR ONDE ENCONTRA O APERITIVO AO SEU GOSTO

RESTAURANTE
SNACK BAR
Colina
Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209
AMANHÃ
Pato a colina
Aberto até as 2 horas

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário Rádio Educativa. Auditório Juvenil
16.30 Convívio — Programa da Juventude
18.05 Emissão infantil, por M.ª Madalena Patacho
18.35 Música, só música
19.10 Música portuguesa
20.00 Diário sonoro
20.20 O guitarrista Billy Mure
20.30 Conjuntos
21.00 Momento 73
21.30 Aperitivo musical
21.45 Variedades
22.30 As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.00 Nova Noite-Nova Luz, pelo rev. Padre José Teodoro Marques da Silva
00.30 Escala na madrugada, por Júlia Maria
02.00 Fecho

Programa estereofónico MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical — Concerto coral sinfónico a favor da União Internacional de Protecção à Infância. No intervalo Trio em mi bemol, op. post 148 (Schubert) pelo Trio Beaux Arts
23.45 Sonata em lá maior, para violino e piano, de Cesar Franck, por Christian Ferras e Pierre Barbizet
00.13 Duas obras Sinfonia n.º 52, em dó menor (Haydn)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa «Movimento»
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Rádio Placard
21.15 Hora luterana
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Êxitos do disco
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
23.00 Noticiário; programa à Gô-Gô (cont)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Emissor de Miramar

16.00 Noticiário
16.04/17.56 Programa CDC
17.56/21.00 «Norte dia a dia»
21.02/24.00 «Genérico»
21.05 Minuto 5
21.35 A Orquestra de ..
21.45 Hora luterana
22.03 O arauto da verdade
22.16 O mundo de amanhã
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiario
16.05 Radiorama
18.05 Programa Carruagem
18.23 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença
19.30 Página 1
21.05 Meditando
21.08 Grande Prémio
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema, 13
23.05 A 23.ª Hora

Estação do Porto

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Música de filmes
18.30 Terço da Basílica dos Mártires
19.00 Noticiário
21.05 Meditando
21.08 Variedades
21.30 Aqui Venezuela
22.00 A música é boa companhia
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª Hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Voz de Lisboa
06.00 às 10.00 e das 19.30 às 22.00

Clube Radiofónico de Portugal
10.00 às 12.00 e das 22.00 às 04.00

Rádio Graça
12.00 às 14.30

Rádio Peninsular
14.30 às 19.30

LISBOA

TURNO B-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Boa Hora, Rua dos Quartéis, 25 (Tel. 637777)
ALVALADE
Paris, Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Agua) (Tel 710131), **Ideal**, Av Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel 712803); **Neoterápia**, Campo Grande, 138 (Tel. 774682)
AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Avenida S. João de Deus) (Tel. 724941)
ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua dde Arroios, 215 (Tel. 45079)
BAIRRO ALTO
Labor, Rua Diario de Notícias, 81 (Tel. 323428)
BAIRRO AMÉRICA
Martins, R. Fernão Magalhães, 33 (Tel. 849448)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel. 310172)
BAIXA
Estácio, Rossio, 63 (Tel. 327067-324224)
BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 702532)
CAMPOLIDE
Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (Tel. 680304)
CAMPO DE OURIQUE
Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59 (Tel. 663349)
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181)
CONDE REDONDO
Davi, Rua Conde Redondo, 68-72 (Tel. 54342)
ESTRELA
Soares, Av. Pedro Álvares Cabral, 1 (Tel. 684282)
GRAÇA
Mourão, Largo da Graça, 63 (Tel. 860700)
INTENDENTE
Góis, Rua dos Anjos, 12-12-D (Tel 840101)
LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tel 790704)
OLIVAIS
S. Paulo, Rua José de Campos, Lote 823 (à Estrada de Moscavide) — Olivais Sul (Tel. 310711)
RESTELO
Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, J. M. P., 3 (Tel. 610256)
SANTOS-O-VELHO
Fontoura de Carvalho, Rua Santos-o-Velho, 12 (Tel. 662075)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Av. Luiz Bivar, 69 (Tel. 47213)
XABREGAS
Romana, R. Actor Augusto de Melo, 7-A (Tel. 383800)

TURNO B-2
TODA A NOITE

AJUDA
Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288)
ALFAMA
Arnali, Rua das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940)
ALVALADE
Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 45-A (Tel. 710465); **Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (Tel. 712070)
AREEIRO
Onilda, Av. João XXI, 13-A (Tel. 726848)
AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (Tel. 40592); **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (Tel 44158)
BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Tel. 842152)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (Tel. 841122)
BAIXA
Morão, Rua dda Assunção, 17 (Tel 321289)
BENFICA
Sousa, Estra da de Benfica, 429 (Tel 780027-789985)
CAMPO GRANDE
(Ver Alvalade e Lumiar)
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho 232-C (Tel 650760)
CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av Sacadura Cabral) (Tel 770776)
ESTRELA
Martins, Calçada da Estrela, 167 (Tel. 660823); **Paivas e Parvente**, Rua de Santo António à Estrela, 96 (Tel 665196)
LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942)
MARVILA
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Tel. 381612)
OLIVAIS
Higiene, Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua B, 4) Lote 43 — Zona Poente (Olivais Sul) (Tel. 310026)
PENHA DE FFRANÇA
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A, à Avenida D. Afonso III (Tel. 843439)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B-C (Tel. 720703-728395)
REGO
Pratas e Mota, Rua Beneficiência, 91 (Tel. 7737728)
RESTELO
Tavares, R. Rodrigo Rainel, 3-A (à encosta do Restelo — próximo dos Moinhos) (Tel. 611814)
SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020)
S. PAULO
Central, Rua de S. Pauloo, 108 (Tel. 320383)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 212070)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)
OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Telef. 2430058)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho — B.º das Caixas de Previdência (Telef. 2472948)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef. 263052)
ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J. A. 15 (Telef. 260116)
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Telef. 280141)
Cascais, R. Conde de Monte Real — B.º Caixas (Telef. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, Lote 146, B.º Janeiro (Telef. 932756)
Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210)
Igreja, P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740)
Jardim, Av. Conde de Oeiras, Loja X-1-Reboleira (Telef. 938424)
DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Telef. 950043)
Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
MEM MARTINS
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA
Misericórdia, L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Telef. 980391)
COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L António dos Santos Jorge, 15 (Telef 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-A (Telef. 270242)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef 224141)
BARREIRO
Higiénica, R D. Manuel I, 178 (Telef. 2073017)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121)
MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)
MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Telef. 230035)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
SETÚBAL
Soromenho, P. Machado Santos (Telef. 22691)
Alice, P. do Quebedo (Telef. 23743)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

3.º TURNO

SUB-TURNO A
Alves Moreira, Av. Rodrigues de Freitas, 167. **Clérigos (dos)**, , Rua dos Clérigos, 36. **Cruz (da)**, Rua Costa Cabral, 1082. **Maia**, Rua do Campo Alegre, 192. **Monte dos Burgos**, Rua do Monte Burgos, 802

SUB-TURNO B
Aliança, Rua da Conceição, 2. **Botelho**, Rua da Alegria, 863 **Estacio**, Rua Sá da Bandeira, 120. **Guarani**, Rua Pedro Hispano, 367. **Menezes de Lima**, Pr. Dr. Ped. Teo Perei. 227. **Vilarinha (da)** Rua da Vilarinha, 161

COIMBRA

TURNO I
Olivais, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (tel 22804); **Universal**, Pr.ª 8 de Maio, 35 (Tel. 23744); **Adriana**, Pr.ª DA República, 20-22 (Tel. 23609)

•cinemas•

CINEMA CASTIL (Tel 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
10.ª Semana
Technicolor Barba Streisend e Ryan O Neal em QUE SE PASSA DOUTOR Rua Castilho Metro Rotunda Estacionamento Parque Castil

MONUMENTAL (Tel 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30 - 2.ª Semana
(Grupo D 18 anos)
Eastmancolor O CASO VALACHI com Charles Bronson e Lino Ventura. Realização de Terence Young

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.00-17.00-19.00 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
8.ª e última semana
«O ULTIMO A RIR» um filme de Alain Tanner

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
Panavisioncolor Cantinflas em «D. QUIXOTE» cavalga de novo (Metro: Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D- 18 anos) 4.ª Semana
Um filme de René Allio «Os CAMISARDOS» Quem são? Porque entram? Em nome de quê? (Metro: Alameda)

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.00-16.30-19.00 e 21.45
(Grupo B (10 anos) 7.ª Semana
Colorido A mais excitante aventura jamais filmada «A AVENTURA DO POSEIDON», com Jene Hackman, Ernest Borgnine, Red Buttons. Carol Lynlei e Stella Stevens.

MUNDIAL (Tel. 538743)
18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
2.ª semana de enchentes!
Richard Burton, Romy Schneider e Alain Delon na recente obra-prima de Joseph Losey «O ASSASSINATO DE TROTSKY», um dos casos mais discutidos e apaixonantes do nosso século! A noite, o filme é exibido sem qualquer interrupção.
Às 0 30 H Grupo D (18 anos)
Ciclo sorriso na madrugada com Peter Sellers e Clandine Longet em «A FESTA»

APOLO 70 (Tel. 763319)
15 15-18 30 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
Techicolor. Um filme incomparável «O «HOMEM DAS MULHERES» c/ JERRY Lewis. Hoje às 24.00 horas Meia Noite Fantástica (Grupo D-18 anos) «A MÃO» com Natalie Delon. Amanhã às 11.00 horas. Manhã infantil (Grupo A-6 anos) «ASTERIX O GAULÊS» de Goscini e Uderzo.

RESTELO (Tel 610375)
15.00 e 21 30
(Grupo D-18 anos)
Em continuação de estreia-19.ª Semana o maior êxito cinematografico do ano premiado com 8 óscares da Academia incluindo o de melhor actriz e melhor realização em Technicolor CABARET (Adeus Berlim)

ESTÚDIO 444 (Tel 779095)
15.30-18 30 e 21 45
(Grupo D-18 anos)
A mais poderosa obra-prima de John Huston «CIDADE VISCOSA» Às 0,30 h. «cinema fora de horas» «O BANDIDO BEM-AMADO» (Grupo D-18 anos)

TIVOLI (Tel 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo C-14 anos)
Technicolor. Panavision. A última palavra sobre o amor... «SEGUE-ME QUERIDO». Topol-Mia Farrow.

EUROPA (Tel. 661016)
15 15 18.15 e 21.30
(Grupo B-10 anos)
«QUE GATINHA . Re-NHAU-NHAU» Um filme de Abel Levitow

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
«O VAMPIRO NEGRO» com William Marshall e Denise Nicholas. Às 0.30 (Grupo D-18 anos) «O VAMPIRO NEGRO»

VOX (Tel. 720808)
14.30 - 18.00 e 21.30
26.ª semana
A Paramount apresenta «O PADRINHO» Grupo D (18 anos
Hoje às 00,30 horas MEIA NOITE FANTÁSTICA — Grupo D 18 anos) MAOS CRIMINOSAS» com Paul Lukather
Amanhã às 0,30 horas Manhã infantil Grupo A (6 anos) OS SOBRINHOS DO ZORRO» com Cinccio e Ingrassia.

CINEMA LONDRES (Tel. 731313)
14.15-16.30-18,45 e 21.45 Grupo D-18 anos Colorido - As Seduções Livertinas e o amor conjugal - o Filme de Eric, Rohmer «O AMOR ÀS 3 DA TARDE»
SNACK-BAR- «PUB THE FLAG»- o melhor encontro gastrónomico
Hoje à meia noite e quinze
Grupo B (10 anos)
«JERRY 8 E 314» com Jerry Lewis

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Eastmancolor «OS MALUCOS DO ESTÁDIO» Les Charlots - Paul Preboist Martine Keely

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C-14 anos) 3.ª Semana
Uma sensacional e explosiva novidade espectacular como nunca se viu igual «O INVENCÍVEL» Com Bruce Lee - Um fenómeno de judo e karate

AVIZ (Tel 47163)
15 30 e 21 45
(Grupo B - 10 anos) 3.ª Semana Romina Power e Al Bano em «MELODIA INCOMPLETA»

POLITEAMA (Tel 32630[illegible])
15 15 - 18 15 e 21 45
Grupo B (10 anos)
Terence Hill e Bud Spencer em «CONTINUARAM A CHAMAR ME TRINITA Pancadaria e explosões [illegible] o melhor estilo «Vale Tudo [illegible] à meia noite
Hoje às 0,30 H A MULHER SERPENTE Grupo D 18 anos)

BERNA (Tel. 776098)
15 15 - 18.30 e 21 45
Grupo D 18 anos
Eastmancolor A guerra, e o amor «NA GUERRA NEM TUDO É GUERRA» Leonard Whiting — Curd Jurgeres. Hoje às 00,30 horas. O COWBOY À MEIA-NOITE
Grupo D (18 anos)
«NOITE DE VIOLÊNCIA» com Jean Martin
Amanhã às 11,00 horas manhã infantil Grupo A (6 anos) «OS CAMPEÕES DE OXFORD» com Bucha e Estica

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
Continuação de estreia «ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS» e em complemento «EXPERIÊNCIA CULMINANTE»

CASINO (Tel 2642/164949)
18.30 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«FRENZY» (Perigo de morte»

ROMA (Tel. 717778)
15 30 - 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
«CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ» Terence Hiel e Bud Spencer

S. JORGE (Tel. 54151)
15 15 - 18 15 e 21.30
Em 3.ª semana
Um filme superior «ROMA DE FELLINI» Grupo D (18 anos)
Amanhã de manhã às 11 horas Cinema com critério «QUATRO MOSCAS DE VELUDO» Um filme de Dário Argusto

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00 Grupo D (18 anos)
«O REGRESSO DA CASTA SUZANA Em complemento «MUITO PARA VIVER POUCO PARA MORRER (Metropolitano: Arroios-P do Chile)

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«CABARET» e em complemento «LAÇOS ETERNOS»
(Metropolitano-Intendente)
18.30
«CABARET»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
21.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

LAURA ALVES
21.45 (14 anos)
«O Principe e a Corista»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Os Amigos»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Oh Papá pobre papá»

CAPITÓLIO
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Sexo Nunca! Somos británicos»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Cabaret»

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«O Santo contra os assassinos da Mafia»

PARIS
21.00 (18 anos)
«O grande conquistador»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«X, Y e Z»

JARDIM CINEMA
»«:º) (14 anos)
«O Caminho da Aventura»

MAYER
21.30 (10 anos)
«Nem sangue nem arena»

PROMOTORA
21.00 (14 anos)
«Não desejarás a mulher do delicadinho»

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Stadium
Às 21.30 (14 anos)
«O Mundo a Seus Pés»

PAREDE
Royal-Cine
Às 21.15 (18 anos)
«Terror no colégio»

ESTORIL
Casino
Às 18.30 e 21.30 (18 anos)
«Frenzy — Perigo de Morte»

CASCAIS
S. José
Às 21.30 (18 anos)
«O Pecado»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
Às 21.30 (14 anos)
«Um Violino no Telhado»

QUELUZ
Queluz Cinema
Às 21.15 (14 anos)
«O Maior Roubo do Oeste»

MEM MARTINS
Cine Chaby
Às 21.30 (14 anos)
«As Quatro Penas Brancas»

SINTRA
Carlos Manuel
Às 21.30 (18 anos)
«Quando as mulheres querem»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
Às 21.15 (18 anos)
«O Padrinho»

Academia
Às 21.15 (18 anos)
«O Padrinho»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
Às 21.30 (18 anos)
«Chamam-me Mr. Tibbs»

BARREIRO
Cine-Barreirense
Às 21.00 (10 anos)
«O Catedrático»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Mulheres é comigo»

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (18 anos)
«O ESPERTALHÃO»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«O Cow-Boy da Meia-Noite» e «Elas são mais perigosas»

JÚLIO DINIZ
21.30 (14 anos)
«Os Alegres Dias de Pompeia»

S. JOÃO
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«O Prémio»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Borsalino»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Concerto para uma pistola solista».

OLIMPIA
21.30 (18 anos)
«Drácula o principe das trevas»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«O Caso Valachi»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Em nome do povo italiano»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«César e Rosalie»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Tristana, amor cruel»

COIMBRA

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«Só as borboletas são livres»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Casa sem fronteiras»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«O Grande Conquistador»

BARS BOITES

FANTASMA-Dancing Caveau — com variedades. Maria Helena, Odete Maria. Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. **R. Gomes Freire, 145-b.** Aberto das 18 h. às 21 e das 22.30 h. às 05.00 h.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Ermínda e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria. **Travessa da Queimada, 10. Telef. 382889.** Aberto todos os dias.

SAN-PAYO — Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422.** (Ar condicionado).

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

PRINCIPE NEGRO-Dancing com variedades. **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

NINA — **Dancing** com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167.**

CASEBRE — Cantam: Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Beatriz Ferreira, Constança Baptista e Julieta. Tocam: Carvalhinho, Júlio Gomes e Pedro Machado. Encerra ao Domingo. Consumo obrigatório 70$00. **Rua da Barroca, 133. Telef. 369706.**

CACO — **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FRAGATA REAL — Maria Valejo, Maria Jò-Jò Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa João Queiróz em Fado de Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral. **Trav. S. Miguel, 22-Alfama. Telef. 868552**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos. **Telef. 320164.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

EL CIDE — **Dancing** com variedades. Com o conjunto «X 4». **Rua Bernardo Lima, 18-A** (ao Conde Redondo». **Telef. 560538.**

DL/NACIONAL

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º, 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

AS BOMBAS DO PORTO

Começou a reconstrução

Não foi ainda revelada a identidade da organização a que se atribui a autoria das duas explososões da madrugada de ontem, no Porto. As autoridades civis e militares prosseguem as investigações nos locais.

Provocou consideráveis estragos o engenho que detonou no Quartel General. Apesar de o poder destruidor da bomba ter sido limitado pela solidez das duplas paredes do edifício, os efeitos das explosões sentiram-se nas alas mais afastadas do local do rebentamento. Segundo outras indicações, não confirmadas, teriam explodido ali três cargas de plástico, além do engenho detonador.

Seria de plástico também a única carga que explodiu no Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 6, em cujo edifício funcionam os Serviços Sociais das Forças Armadas e a delegação do Movimento Nacional Feminino. De construção mais fraca, as paredes ruiram parcialmente. A secção de expediente militar ficou completamente destruida. Nada sofreu a única pessoa que se encontrava no D. R. M., um telefonista.

Apesar da extensão dos estragos — que permitem supor que os engenhos de ontem seriam de potência idêntica à dos que explodiram em Lisboa, no mês passado — os serviços atingidos já reentraram em funcionamento.

No entanto, o edifício encontra-se sob rigorosa vigilância da Polícia Militar, estando vedada ao público a entrada no seu interior. A porta de acesso aos serviços encontra-se fechada, sendo o público atendido através de um postigo.

Eliminadas as nove horas obrigatórias na Carris

. A decisão da Comissão Arbitral àcerca da revisão do Acordo Colectivo de Trabalho da Carris foi homologada no dia 2 pelo secretário de Estado do Trabalho e Previdência, sancionando o **«esforço a que a Comissão Arbitral foi sujeita para, ponderadas as consequências do prolongado lapso de tempo decorrido desde a denúncia do anterior Acordo Colectivo de Trabalho entre a Companhia Carris de Ferro e os Sindicatos representativos do seu pessoal, tentar ao mesmo tempo exarar decisões fundades num conhecimento não superficial das razões de ser das discordâncias das partes»** (acta final da Comissão Arbitral). Todavia, o secretário de Estado homologou com ressalvas, nomeadamente quanto à prestação de trabalho e aos despedimentos colectivos, com manifesta justiça para os trabalhadores, que assim deixam de ser obrigados a nove horas de trabalho diário obrigatório como período normal.

É o seguinte o despacho do dr. Silva Pinto:

. **«Com o parecer favorável do Ministério das Comunicações, homologo, com ressalva do disposto na 1.ª parte do n.º 2 da cláusula 28.ª, por permitir a fixação de condições de trabalho menos favoráveis do que as consignadas no Acordo Colectivo de Trabalho de 1969, e sem prejuízo, quanto ao n.º 4 da cláusula 77.ª, do disposto no Decreto-Lei n.º 44 506, de 10 de Agosto de 1962, no respeitante a despedimento colectivo».**

A cláusula 28.ª do Acordo, a que se refere o despacho do secretário de Estado do Trabalho e Previdência, refere no n.º 2« **«Ressalvadas as excepções previstas na lei**, o período normal de trabalho não poderá exceder: a) 38 horas distribuídas de 2.ª a 6ª feira para os empregados de escritório e desenhadores, com uma tolerância de meia hora diária; b) 42 horas para os inspectores e fiscais de tráfego e de apoio social, informadores, pagadores, bilheteiros e fiéis; c) 48 horas para o restante pessoal».

Na prática, o despacho homologatório eliminando o que acima está sublinhado, implica a não aplicação do disposto no recente Decreto-Lei n.º 111/73 — referente ao pessoal das empresas concessionárias de transportes públicos —, que determinava no artigo 4.º **«O período normal de trabalho diário pode ter a duração de nove horas, sem ultrapassar a média de 48 horas por semana ao fim de sete semanas consecutivas».** Recorde-se que os Sindicatos representativos do pessoal da Carris tinham enviado ao Presidente do Conselho uma exposição em que pediam a rectificação do mesmo diploma.

Por essa razão, e dado o texto de despacho de homologação, os Sindicatos enviaram ontem ao prof. Marcello Caetano (com conhecimento ao ministro das Corporações e secretário de Estado do Trabalho e Previdência) um telegrama de agradecimento.

Larga participação nas eleições do Ultramar

-Afirmou ontem o Prof. Silva Cunha aos jornalistas

«O acto eleitoral em todas as províncias decorreu sem qualquer incidente, em ordem, em paz, constituindo por si um eloquente desmentido dos que propalam a existência no Ultramar português de situações de desordem social, de insatisfação e de falta de confiança no futuro», afirmou ontem o ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha, aos representantes dos órgãos de Informação reunidos no Palácio Foz para uma conferência de Imprensa com aquele membro do Governo.

O prof. Silva Cunha começou por descrever a nova orgânica política-administrativa de cada território ultramarino, estabelecida pela Lei Orgânica do Ultramar, publicada em 1972, e a partir da qual se pode fazer **«uma ideia exacta do significado das eleições».** Completa independência da Assembleia Legislativa, autonomia financeira e larga intervenção no planeamento económico, em matéria executiva, e responsabilidade das províncias pela gestão dos seus próprios interesses **«apenas com as limitações impostas pelos interesses gerais do Estado português de que fazem parte»**, foram os princípios enunciados pelo ministro do Ultramar ao longo do seu discurso.

Por fim, cingindo-se à apreciação das eleições legislativas, e antes de entrar no período de perguntas e respostas, o prof. Silva Cunha assinalou **«os aspectos mais significativos»** do acto, o primeiro dos quais a larga participação de cidadãos, **«de todas as classes e etnias, que acorreram às urnas, apesar da intensa campanha conduzida do exterior (...)».**

Quanto à desproporção existente entre o número de recenseados e as populações de cada província, a que a imprensa estrangeira se tem referido, afirmou o ministro:

«Efectivamente, se apreciarmos tais números segundo os padrões dos países desenvolvidos, poderá justificar-se a estranheza. Já o mesmo não sucede se pensarmos que, na sua quase totalidade, as províncias ultramarinas, apesar de se encontrarem em pleno progresso, são territórios subdesenvolvidos, com largas camadas das suas populações subordinadas a tradições, usos e costumes que integram formas culturais que, embora em evolução, não assimilaram ainda integralmente as nossas formas políticas. Ter-nos-ia sido fácil apresentar números impressionantes, se não nos movesse o propósito de trabalhar com honestidade só atribuindo o direito de voto a quem conscientemente o pode exercer. Assinalo a este respeito que a promoção cultural em curso e os resultados já obtidos na acção educativa, em todas as províncias, há-de conduzir muito em breve a um aumento ainda maior do número daqueles que podem exercer tal direito.»

NOTAS POLÍTICAS

CONDECORAÇÕES

O embaixador Jacques Tiné, representante diplomático da França em Lisboa, entregou ontem ao prof. Xavier Morato, catedrático de Histologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, e ao dr. Francisco Avilez, chefe do Serviço de Exposições da S.E.I.T., condecorações com que o seu Governo os distinguiu.

HISPANO-PORTUGUÊS

Por iniciativa do procurador às Cortes de Espanha, prof. Fernandez Nieto, está em estudo a criação de um Instituto Hispano-Português de Investigação Cultural e Científica e de uma Licenciatura de Hispano-Português na Universidade de Salamanca.

CASA DO ALENTEJO

Na Casa do Alentejo tem hoje lugar, pelas 17 horas, uma sessão solene, comemorativa do 50.º aniversário da fundação daquela colectividade, e que será presidida pelo Presidente da República. Segue-se um «Porto de Honra» com que a Direcção pretende brindar todos os associados que participem naquela festividade.

PROBLEMAS DO SUL

A fim de apreciar problemas comuns ao sul do País, reuniram-se em Beja os governadores civis dos distritos de Setúbal, Portalegre, Beja, Évora e Faro. O abastecimento de águas, a electrificação, as ligações rodoviárias, a coordenação das feiras regionais e a valorização das potencialidades económicas de cada região foram alguns dos aspectos estudados.

PARLAMENTARES BRITÂNICOS

A convite do grupo parlamentar luso-britânico e em retribuição da recente visita efectuada à Grã-Bretanha por deputados portugueses, encontram-se em Lisboa três parlamentares daquele País, que vão permanecer em Portugal durante cinco dias, visitando diversos locais do norte, centro e sul.

SECRETÁRIO DA EFTA

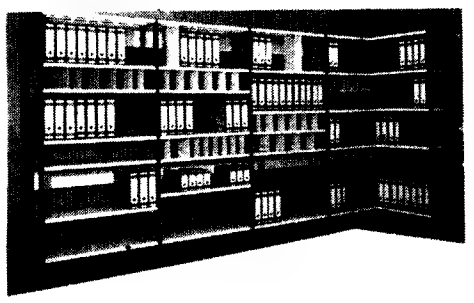
Permanecerá entre nós até ao dia 14 o secretário-geral da E.F.T.A., Bengt Rabaeus, que ontem chegou a Lisboa, a convite do Governo português. Durante a sua estadia terá reuniões com individualidades económicas, financeiras e políticas, para a discussão de problemas referentes às exportações para os países do Mercado Comum.

EXPLICAÇÕES
cial
CENTRO DE LÍNGUAS
LISBOA T. 533733
COIMBRA T. 20569

NOVO CASINO ESTORIL
AMANHÃ
«MATINÉE» AS 17 HORAS
THE KOREAN KITTES
● WENDRYES
● LÍDIA RIBEIRO
● BLUEBELL GIRLS SHOW
Música para dançar
Orpheu's Quartet
Jirina's Combo
Ferrer Trindade e sua orquestra
Maiores de 14 anos
— P R E Ç O S —
Chá completo 50$00
(Taxas e impostos incluídos)
Ambiente climatizado

LICEU 72/73
CRISFAL
EXTERNATOS
Av. da República, 83 e 52
Telfs. 779047/769620

ESTANTES METÁLICAS «CORTAL»



= Por encaixe sem parafusos.
= Plastificadas. Sem ferramentas.
= Cantoneira perfurada. Móveis Metálicos.
STAND EM LISBOA:
Avenida Júlio Dinis, 4-A — Telefs. 777344 - 777406
STAND NO PORTO: Rua da Constituição, 863
SEDE EM ÁGUEDA: Apartado 70—Tels. 64120 - 64133
AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
Secretaria de Estado da Informação e Cultura
Direcção-Geral dos Assuntos Culturais
TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
TEMPORADA DE ÓPERA E CONCERTO DE 1973
BORIS CHRISTOFF (baixo)
ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL — CORO DO TEATRO DE S. CARLOS
Maestro: J. SILVA PEREIRA
AMANHÃ — DOMINGO — às 16.30 horas (Grupo A — 6 anos) 2.º PROGRAMA
«A Vida Pelo Tzar» (Glinka) «Abertura» e «Grande Cena do Bosque, Morte de Ivan Sussanin» — «Uma Noite no Monte Calvo» (Mussorgsky) — «Despedida e Morte de Boris», da ópera «Boris Godunov» (Mussorgsky)
Concerto realizado em colaboração com a E. N.
QUARTA-FEIRA, DIA 11, às 21.30 — NO COLISEU — CONCERTO POPULAR COM OUTRO PROGRAMA
BILHETEIRAS DO S. CARLOS E DO COLISEU ABERTAS DAS 13 ÀS 19 HORAS

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 95 02 32
Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, domingo, dia 8, faremos o serviço habitual de Almoços, Chás e Jantares na «SALA DOURADA», em virtude da SALA «COZINHA VELHA» se encontrar reservada para um BANQUETE.
A DIRECÇÃO

A

Barbas na Primavera

Suplemento do «Diário de Lisboa», 7 de Abril de 1973

Mosca

na

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Esta «MOSCA» é dedicada à Primavera e ... à emancipação feminina. No último número, bem o sabemos, insinuámos que este seria dedicado ao nosso querido, queridíssimo, Pachecoteca tecnocrata e recebemos tantas cartas sobre o dito que não temos dúvidas acerca da oportunidade do tema, mas... trata-se dum assunto que tem de ser bem tratado e que tem, por isso, de esperar mais uma semana.

As coisas são o que são e como o Pachecoteca tecnocrata «está para ficar» mais uns tempos, somos forçados a dedicar este número a coisas que não voltam, como é o caso da Primavera deste ano que, descubra a gente o que descobrir, faça a gente o que fizer, não volta a fazer parte da nossa vida.

O segundo dos temas que tratamos neste número — a emancipação feminina — não pode classificar-se de passageiro. A mulher está em vias de se libertar definitivamente libertando, simultâneamente o homem, o homem que, até agora, se via forçado a pagar-lhe a renda da casa e comprar-lhe, entre outras coisas, um casaco novo todos os invernos. À primeira vista parecerá absurdo misturar um fenómeno que não voltará a repetir-se no decorrer da nossa vida — a Primavera deste ano de graça de 1973 — com um fenómeno destinado a permanecer entre nós — a emancipação feminina — mas a verdade é que a emancipação feminina tem efeitos primaveris para os homens na medida em que vai reflectir-se beneficamente sobre a sua vida, digam o que disserem os Marialvas, os D. Juans e o senhor Leopoldo das revistas (também conhecido por «Leopoldo do espumante») que é o único «profiteur» feminino (estamos em maré de boa educação) do Parque Mayer que temos o prazer de conhecer pessoalmente.

Afirmou-nos, há bem poucos dias, esta notável personagem da vida lisboeta, que encarava o futuro com pessimismo por a mulher se estar e emancipar, e, para que não tivéssemos dúvidas acerca do que pensava sobre o assunto, esclareceu que a «mulher emancipada era mais difícil de domar», facto que temos por certo e por útil por motivos vários que não nos interessa esclarecer mas que se vão reflectir duma forma benéfica sobre o orçamento de muitos que não fumam por terem de entregar o «envelope» à esposa ainda não emancipada no fim de cada mês.

O leitor já pensou no que pode fazer quando a sua mulher tiver de «entrar» com metade das despesas mensais do casal todos os meses?

Em termos de sociedade de consumo esta emancipação pode traduzir-se num automóvel novo, num sistema de alta fidelidade, numa viagem ao Japão (onde, com as economias, poderá adquirir dois transístores novos) e — quem sabe? — num bife inteiro de quatro em quatro semanas se o preço da carne não subir mais rapidamente do que o previsto por quem anda na vida há uns anos.

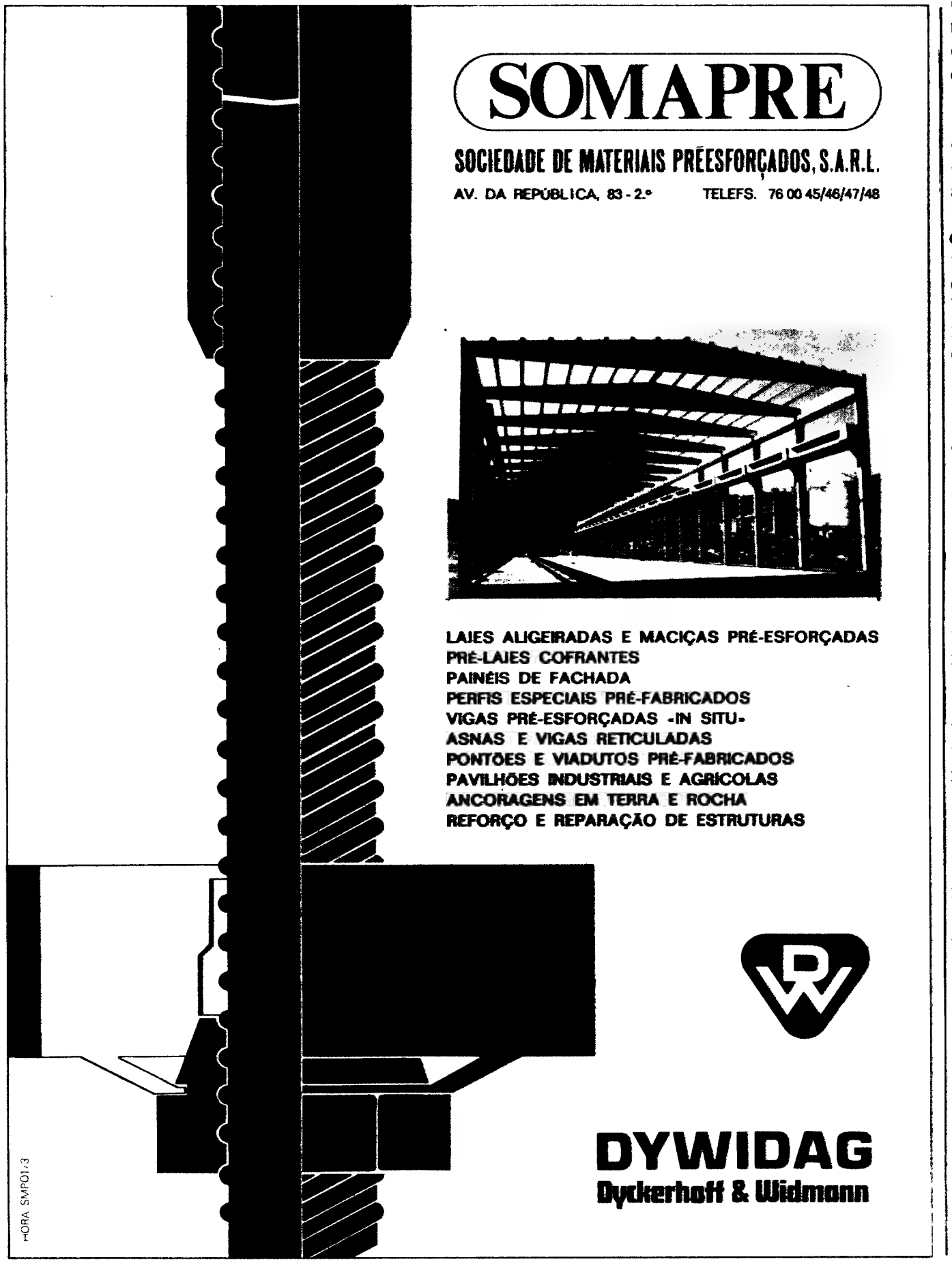
O que ficou para o próximo número foi a vida intima e pública do Pachecoteca tecnocrata que anda, agora, muito preocupado em mostrar aos «foreign investors» que é tão «foreign investor» como eles e que destingue, tão bem como eles, o rentável do não rentável.

Se «A MOSCA» fosse um suplemento perfeito, nada disto acontecia mas, por outro lado, se «A MOSCA» fosse um suplemento perfeito não existiria entre nós, como diria qualquer Pachecoteca tecnocrata ao verificar que as moscas estrangeiras são mais cosmopolitas do que as nossas e, sobretudo, muito mais versadas em «linguado à Colbert».

O que podemos afirmar aos leitores deste suplemento é que estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance para que o número dedicado ao vulgaríssimo e piríssimo pequeno burguês mal engravatado e endinheirado que por cá passa por tecnocrata vai ser um bom número, pelo menos do ponto de vista sociológico.

Chega, ou querer mais?

«A MOSCA»



MAIS UM PASSO
NA GUERRA
DA EMANCIPAÇÃO FEMININA

A MULHER À CONQUISTA DA BARBA!

Não há dúvida: o processo da emancipação da mulher começou há longos anos e tudo leva a crer que vai continuar. Lá como é que as coisas começaram, não sabemos, mas é perfeitamente possível que tenham começado quando a primeira criancinha do sexo feminino informou a família de que a partir desse momento não voltaria a lavar as mãos antes das refeições e, até, que continuaria a meter o dedo no nariz, acontecesse o que acontecesse.

A partir daí, foi o descalabro, ou porque o pai, enternecido pelo facto do rebento ter tanta personalidade, se não tivesse oposto às declarações da menina ou por qualquer outro motivo, o certo é que as meninas começaram a meter o dedo primeiro no seu próprio naziz e, depois, no nariz alheio.

Isto, porém, não foi tudo.

Do nariz ao restante foi um passo. Um belo dia, o papá que vira a filha meter o dedo no nariz, chegou ao escritório e encontrou-a sentada à sua secretária, com os pés em cima da mesa, pondo os seus assuntos em ordem. Ainda mal refeito da surpresa, foi informado de que a menina se não limitara a ocupar-lhe o lugar mas que até conseguira endireitar os negócios da empresa que há muito andavam pelas ruas da amargura.

Inútil será dizer que isto se não passou apenas com este papá, mas com todos, porque a independência é uma grave doença contagiosa que, ou é atacada de início, ou acaba por conquistar adeptos. De um dia para o outro, as fábricas e os escritórios foram ocupados pelas novas adventistas do vigésimo século com benefício — é certo — para a marcha dos negócios, mas com prejuízo grave para o tradicional orgulho masculino que sofreu um rude golpe.

Conservou o homem, porém, um certo número de regalias ou de privilégios, dia a dia mais simbólicos, da sua superioridade. A administração dos bens da família continuou na sua mão, a mulher casada continuou a usar o seu nome e para sair do país, continuou a carecer da sua autorização, para não falarmos senão destas incontestáveis regalias de que o homem não prescindiu, no campo financeiro e familiar. Nos outros campos, as coisas ficaram na mesma, durante uns tempos: o homem conservou o direito de sair depois de jantar e de voltar tarde, de frequentar bares e cafés sem dar satisfações a ninguém, de praticar os desportos «viris» sem a concorrência da mulher, de contar anedotas picantes sobre a sua nova concorrente e de se

distinguir dela por um conjunto de pequenos hábitos e privilégios visualmente concretizados numa diferenciação do vestuário: o homem usava calças e a mulher usava saias.

As calças foram, portanto, durante muitos anos, o símbolo da virilidade masculina, o emblema do homem, a bandeira dum sexo que a mulher começava a diminuir mas cuja tradicional superioridade ainda não conseguia apagar inteiramente.

Acontece, porém, que um belo dia a mulher entrou no café. As coisas passaram-se assim sem tirar nem pôr: um belo dia a mulher apareceu no café, sentou-se à mesa e pediu — que afronta! — uma bica.

Afirmam uns que ela entrou no café levada por um timorato que, tentando conquistar uma bailarina utilizando-se para tal do traiçoeiro processo de se afirmar defensor da igualdade dos sexos, cedeu perante o desejo que ela manifestou de o pôr à prova. É possível que isto seja verdade mas é igualmente possível que ela tenha entrado no café pelos seus próprios meios sem o auxílio de ninguém. A verificar-se a segunda hipótese, uma coisa é certa: esta entrada revela como a mulher é pérfida e como por isso mesmo, se usa de processos pérfidos para alcançar os seus objectivos.

Porquê?

Porque, ao entrar no café, a mulher confiou na boa educação do homem ou, melhor, assentou a sua entrada no café no tradicional código de comportamento que até então levara o homem a tratar a mulher como se ela fosse um ser delicado e «diferente» que tinha de ser tratado duma forma especial.

Esmalte de Nicolas Deutch, actualmente em exposição no museu de Bale

Quem não compreender este ponto nunca poderá compreender a facilidade com que a mulher se emancipou.

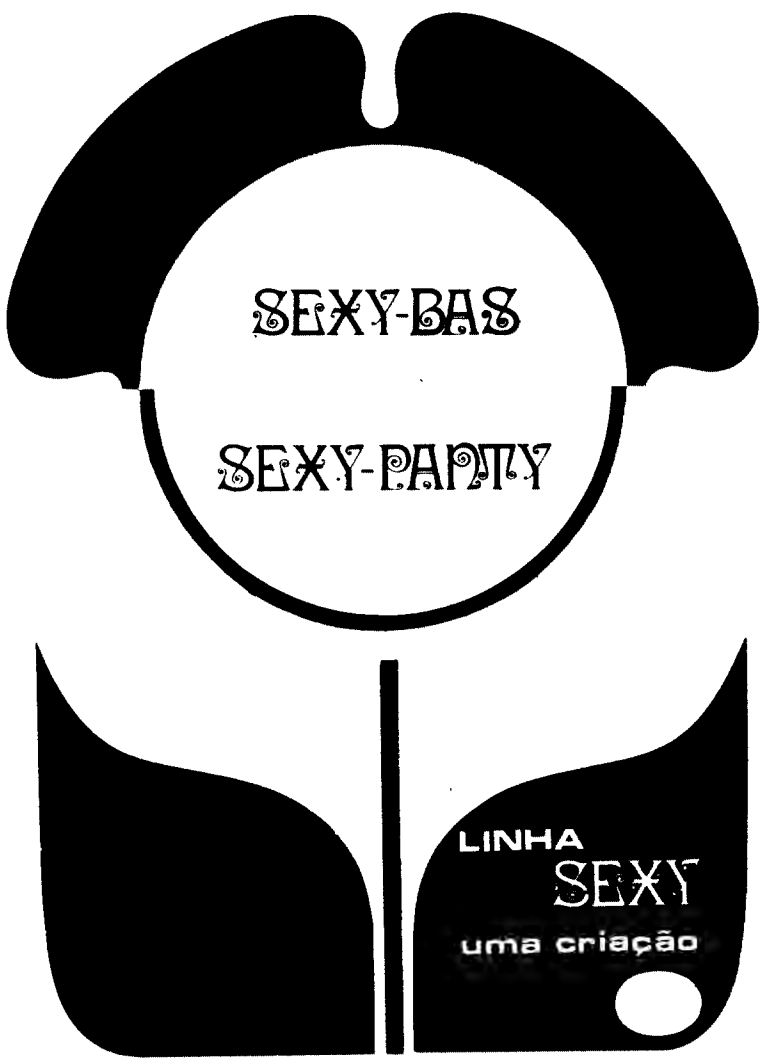
O homem, por outras palavras, criara um código de comportamento assente na sua secular superioridade, um código cavalheiresco que o obrigava a tratar a mulher como se ela fosse um ser fraco e primaveril a quem se não podia bater, a cujo posterior se não podia aplicar a ponta da bota, cuja entrada fosse onde fosse tinha de ser saudada com o levantamento dos homens presentes e que nem sequer podia entrar num eléctrico sem que os homens presentes no mesmo lhe oferecessem o lugar.

É claro que, tendo a mulher obtido a sua **magna carta**, este código perderia a sua razão de ser porque, como é corrente dizer-se, quem leva a carne tem de levar o osso e se a mulher queria ser igual ao homem tinha de o ser sob todos os aspectos — tinha de andar a pé, de viajar nas plataformas dos eléctricos, de aguardar em longas bichas a sua vez de ser atendida e de perder todos os direitos que adquirira como ser fraco e delicado.

A mulher tinha, por outras palavras, de «entrar» com metade da renda, com metade do dinheiro para as matrículas dos meninos, com metade do dinheiro para o toucinho do cozido, com metade do dinheiro para pão, para sapateiro, para a drogaria, para a Companhia do Gás, para a água, para a farmácia, etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc.

Com a sua conhecida perfídia, porém, a mulher optara por uma solução intermédia, uma solução que lhe permitia ganhar a vida ao lado do homem, fazer o que lhe desse na realíssima bolha mas... conservar os seus antigos privilégios.

Ao entrar no café, sozinha, a mulher jogou no Código que até então levara o homem a curvar a espinha ao vê-la e o homem, reagindo automaticamente como os cães de Pavlov, levado por reflexos que tinham levado séculos a condicionar, curvou a espinha, sorriu e admitiu-a no seu antro tradicional.



Uma gravura de Durer? É-lhe geralmente atribuída e ela é, incontestavelmente, uma barbuda

Do café ao bar ou à taberna foi um pulo e pouco tempo volvido, a mulher laureava por toda a parte, entrava em toda a parte e — pior ainda — permanecia onde muito bem lhe apetecia, sem dar satisfações aos antigos e legítimos proprietários dos seus novos poisos.

É claro que muitas das mulheres que viviam desta nova maneira ganhavam a vida e pagavam o que comiam, bebiam, ou gastavam, nestes locais, mas a pequeno-burguesa fez um negócio ainda melhor: independentizou-se mas continuou a obrigar o homem a pagar...

Daqui o teatro de vaudeville, assente na nova vida da pequeno-burguesa que adquirira uma liberdade de costumes que nem conquistara, nem sabia custear; daqui os conflitos entre o homem que não percebia porque é que havia de continuar a pagar, agora que ela fazia tudo menos o que ele queria; daqui os romances de capa azul, assentes nas esperanças das meninas

A família de Ambras, tal como viu o pintor Jorge Hoefnagel

pequeno-burguesas que aspiravam a ter entrada nos sítios onde se bebia «champagne» (espumante da Bairrada) mas que não podiam pagá-lo senão duma maneira muito tradicional que se não coadunava com a nova independência da mulher; daqui um mundo de coisas que ninguém entendia bem e tentava explicar das mais diversas formas, recorrendo às mais diversas teorias.

Que não choremos o homem no meio de tudo isto ou, pelo menos, os mais sabidos a quem tudo isto resolvia graves problemas financeiros e morais...

Ele queria ir aos sítios onde se bebia «champagne» à taça? Ela perdera certos pruridos defensivos e queria mostrar que deles se emancipara?

Pois cá estavam alguns homens para beneficiar desta emancipação, entre as seis da tarde e a hora do jantar ou contribuindo para a perda dos últimos pruridos no decorrer de longos fins-de-semana passados aqui e ali...

O homem corrente, porém, o homem da rua, o homem vulgar, refugiava-se dentro das suas calças e fingia não dar por nada.

Lá em casa, quem usava as calças era ele.

Até que um dia...

Até que um dia, as calças foram-se!

Subitamente a mulher passou a andar de calças e o desgraçado deixou de poder dizer, do alto dos seus suspensórios de fita elástica, que lá em casa quem usava calças era ele. Que ninguém tenha dúvidas a este respeito — o fenómeno a que nos vimos referindo causou a mais viva perturbação no mundo do homem e provocou traumatismos de que ele ainda se não curou como é evidente a quem tenha os olhos bem abertos.

Que aconteceu?

Apenas isto: à medida que a mulher foi adoptando o vestuário masculino, o homem foi adoptando o vestuário florido e colorido que até então estava ligado ao sexo feminino.

Para começar, o homem, que optara pela solução fácil de se não preocupar com a moda,

A filha mais nova da família de Ambras, cujo pai era originário das Canárias, segundo o pintor Giacomo Franco

resolveu passar a seguir os conselhos dos técnicos de vestuário que nunca foram, como é do conhecimento geral, conhecidos pela sua virilidade, ou tomados por exemplos de masculinidade.

quem não lê...

Chapéu!

Ou acha que a leitura devia ser tratada com mais respeito? Afinal de contas, um livro não é um detergente.

Pois sim, mas olhe que isso de andarmos a tratar o livro com excessivo respeito também tem ajudado a afastá-lo de muito boa gente.

Convencer as pessoas de que o livro é útil, de que o livro é indispensável, de que «Quem não lê... chapéu!», é urgentíssimo.

E, também, é claro, lançar bons livros, em grandes tiragens, para mais gente, a preços espantosamente baixos para a sua qualidade literária e apresentação gráfica.

Todas as semanas, às 4.as Feiras

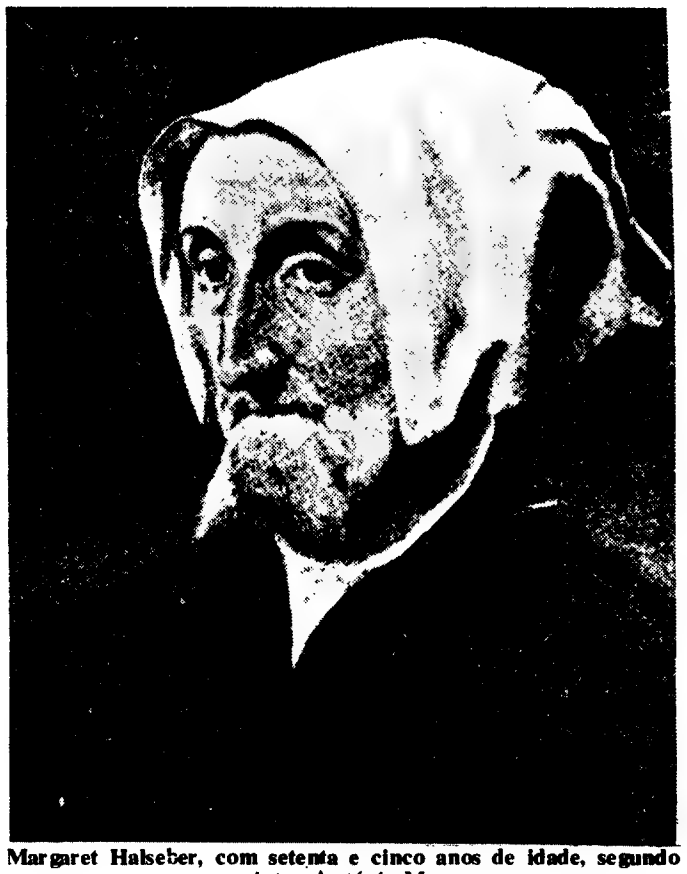
Leia UNIBOLSO-o grande livro de bolso

A Biblioteca Universal UNIBOLSO é seleccionada para si pelos EDITORES ASSOCIADOS – BERTRAND / LIVROS DO BRASIL / VERBO (+ ÁTICA E ULISSEIA)

Helena António, uma verdadeira beleza

O gosto de uns tantos, até então notórios pela sua «excentricidade» na maneira de vestir, foi adoptado, senão por todos, pelo menos por uma grande parte dos homens, com grande gáudio da pequena maioria dos que até então eram postos de parte por evidenciarem, na maneira de vestir, certas anomalias glandulares que nos dispensamos de definir. Esses tiveram, como é evidente, de atrair as atenções por um processo novo que não hesitamos em classificar de extremamente simples: aceitaram e deixaram de esconder a sua condição. Com o decorrer do tempo, porém, o processo está a tornar-se cada vez menos eficiente e é de prever que, mais dia, menos dia, adoptem, para se evidenciarem, a sobrecasaca formal, o traje tradicional que foi, outrora, próprio dos homens sem anomalias glandulares. (A vida tem coisas do arco da velha...)

O homem corrente, glandularmente normal, vulgar de Lineu, começou, como temos vindo a dizer, a identificar-se de tal forma com a mulher que hoje é extremamente difícil distinguilo dela a olho nú (talvez fosse mais próprio dizer «a olho vestido» porque alguns, nus, sem-



Margaret Halseber, com setenta e cinco anos de idade, segundo o pintor António Moor

pre se distinguem...) e a confusão seria caótica se não fosse a barba.

Sim, a barba, porque o homem tem barba e a mulher não, pelo menos aparentemente.

Ora até esta distinção tende a desaparecer por um lado porque o homem, graças aos modernos apetrechos de barbear, anda tão escanhoado que se assemelha cada vez mais à mulher e, por outro lado, porque a mulher começa a eliminar esta última diferença adquirindo, ela própria, barba.

Sabemos que esta notícia vai perturbar certos leitores menos atentos ao que se passa neste mundo, como sabemos que muitos vão ficar espantados ao saber que a mulher até barba já tem.

No entanto, quem quiser vasculhar na memória, verificará que a barba feminina vem de longe.

Margarida de Áustria julgando uma subdita não barbuda (ter-se-ia recusado a aderir ao movimento?)

Haverá quem não tenha tido uma tia Amélia ou uma tia Camila portadora do chamado buço moreno e espanholado sobre o lábio superior?

Haverá quem não tenha em casa um retrato duma avó qualquer tão embigodada que chega a levantar suspeitas sobre a virilidade do avô ou a natureza das relações em que assentou a continuação da família?

Haverá quem não tenha uma prima Vitória tão bem dotada em matéria de patilhas que chega a confundir-se com el-rei D. Miguel que Deus, felizmente, tem junto de si (de outra forma estaria junto de nós...) ou munida de um daqueles sinais acastanhados e peludos que surgem, mesmo na melhor face, a mostrar que o português descobriu, em África, mais coisas do que as

"peão" pode ser "REI"

Não vamos falar de xadrez.
O «jogo» é outro.
Um simples «jogo de palavras».
Você, que tem sido apenas um... «peão»,
decidiu adquirir um automóvel.
Certo. A sua vida assim o exige.
Lembre-se, entretanto, que esse acto
aparentemente simples
reveste um aspecto importante: a escolha.
Faça a «jogada» certa. Infalível.
Passe de «peão» a... «rei».
Escolha um dos modelos TOYOTA
e ganhará a «partida».

TEMOS UM TOYOTA PARA CADA CASO

TOYOTA
veio para ficar
E FICOU MESMO

IMPORTADORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, S. A. R. L. CONCESSIONARIOS EM TODO O PAIS COM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA E PEÇAS

que constam do livro de geografia dos meninos da escola?

Há muito — e é essencial que se compreenda isto — que a mulher anda a ver se consegue roubar ao homem a última coisa que o distingue dele.

Há muito que a mulher anda a ver se consegue tornar-se proprietária duma barba tão robusta e viril como a do homem.

Não queremos ser pessimistas ou assustar as pessoas inutilmente, mas a verdade é que se o homem não começa a defender-se do que está a acontecer, perde a última coisa que o distingue da mulher — a barba!

Para começar, a coisa vem de longe. A mulher começou a sua conquista da barba há já muitos séculos. A operação, note-se, tem sido secreta e é por isso que dela se encontram tão poucos vestígios na arte deste velho continente que, depois de ter assistido a tanta coisa, ainda vai assistir a mais esta. E, no entanto, apesar de escondido, o gato tem o rabo de fora ou por outras palavras, aqui e além, a campanha feminina foi notada por certos artistas como é o caso duma pintura de Nicolas Emmanuel Deutsch, um pintor suíço, natural de Berna, onde nasceu em 1484.

Augusta, ou bárbara, Ulserin em 1953

Trata-se duma pintura conservada no museu de Bâle que não permite dúvidas acerca da desfaçatez feminina neste campo.

Dürer, por outro lado, dotado dum olho observador a que nada escapava, parece também ter dado pela manobra e até, ter pretendido chamar para ela a atenção dos seus contemporâneos, como se verifica pela gravura que reproduzimos e que é extraída da Crónica de Nuremberga, foi ilustrada pelos pintores W. Pleydenwurffs e M. Wolgemuth em cujo atelier o jovem Dürer trabalhava, o que justifica a atribuição feita. Em 1557, Conrad Lycosthenes, inspirado na crónica acima mencionada, publicou uma outra a que deu o mesmo título e que contém outra gravura de uma mulher integrada no movimento da emancipação total — será a mesma que figura na primeira crónica ou outra? Teriam as mulheres da seita um grupo bem organizado na Suíça?

Como acontece em relação a todas as sociedades secretas, não é possível chegar a conclusões seguras sobre o assunto, mas não há dúvida de que o grupo era forte na Europa Central, sobretudo na Suíça, na Áustria e na Itália.

Rosita Margarita Mullerin — uma notável barbuda que se desmascarou ao entrar para o hospital

O pintor Georges Hoefnagel (Anvers, 1547-Viena 1600), que viveu durante muitos anos em Innsbruck, pintou um interessante quadro da família de Ambras — uma pequena aldeia nos arredores de Innsbruck — em que figuram dois membros da família que não permitem dúvidas acerca da filiação da mesma no movimento da emancipação total, mas quem celebrizou esta família foi o livro de Aldrovandus em que figura um retrato, feito em Parma por Giacomo Franco, da filha mais nova do casal de Ambras, cujo pai se dizia ser natural das Canárias.

Outra defensora do movimento que se celebrizou foi Helena Antónia, de Liège, que parece ter vivido sem dificuldades por ter sido protegida pelo duque da Baviera e, mais tarde, pela arquiduquesa Maria de Espanha.

Antonio Moor, também conhecido por Moro, seguiu na senda de Dürer ao pretender revelar aos homens do seu tempo o perigo que esta tenebrosa sociedade podia vir a representar e, seguramente com esse objectivo, pintou o retrato de Margret Halseber, uma robusta «femininista» de 75 anos de idade.

Que a seita, por volta do século XVI já conseguira infiltrar-se, até, nas famílias reais, é coisa de que ninguém poderá duvidar porque Margarida de Austria, duquesa de Parma, (1522-1586) governou os Países Baixos durante anos,

Maria Madalena Lefort que — disso estamos certos — não era sósia da nossa D. Carlota Joaquina que Deus, felizmente, levou tão cedo desta vida descontente

do alto duma frondosa barba que muito contribuiu para a impor aos habitantes dos seus domínios.

A decana do movimento, no século XVII parece ter sido — neste campo todas as conclusões são prematuras — uma tal Augusta Ulserin que passou à história com o nome de Augusta Ulserin e que nasceu em Augsburgo em 1633.

Augusta, ou Barbara, Ulserin representa o período em que o movimento começa a ter aceitação ou, pelo menos, em que as aderentes começaram a aparecer em público sem receio de darem a conhecer a sua existência. Será que pensavam não levantar suspeitas?

De qualquer forma, esta respeitável barbuda foi exibida em numerosas feiras e examinada por variadíssimos médicos, como Tomás Bartholonius, (Bruxelas), Jerónimo Welsch (Roma) e Jorge Segerus, de Nuremberga, que fez, acerca dela, uma comunicação à Academia da cidade. (Publicada na sua «Miscelanea Curiosa» com o título de «De muliere hirsuta et barbata»). Barbara, ou Augusta, foi música e, como tal, retratada por Isaac Brunn em 1658.

Outra pérfida integrada no movimento, foi Rosina Margarita Mullerin, filha de um funcionário da corte do eleitor João Jorge III de Saxe, que nasceu em 1668 e que, ainda pequena, se barbeava duas vezes por semana para ocultar o que a família considerava ser uma vergonha sem saber que ela se limitava a pertencer a um movimento que viria a emancipar a mulher.

Madame Taylor, uma americana anterior (ainda que ligeiramente) no início da Guerra do Vitename

Se Rosina não tivesse adoecido em 1731 é possível que o «complot» permanecesse oculto mais uns anos e que ninguém tivesse suspeitado da sua participação, mas tendo recolhido ao hospital e não tendo podido barbear-se regularmente, Rosina deixou crescer a barba e impressionou os médicos por revelar «un penchant marqué pour le sexe fort» e um apetite insaciável, muito especialmente no respeitante a carnes frias e empadões.

Não é possível referir todas as mulheres que se notabilizaram pela barba mas pode desenhar-se a linha geral do movimento afirmando que ele começou a ter uma importância crescente a partir do princípio do século XIX

Madame Taylor da cidade de Lincoln, nos E.U., celebrizou-se pelas suas alvas cãs que lhe conferiam uma respeitabilidade à sombra da qual divulgou os ideais da emancipação feminina.

Viola, natural de Vilcox, também nos E.U., era dotada duma frondosa barba branca a cujos encantos juntava o duma «voz feminina e mavio-

A MAIS NOVA DAS MENINAS DE AMBRAS:
UM OPORTUNO POSTER DA MOSCA
AGORA QUE SE APROXIMA
O FESTIVAL DAS MISSES.

Um oficial de marinha? Um poeta célevre? Não senhor — a bela norte-americana Viola que nasceu em Vilcox em 1851

sa» que certamente contribuiu para esconder os pérfidos propósitos que a animavam.

Outra «barbuda» para que chamamos a atenção dos leitores é Julia Pastrana, uma rapariga de duvidosa beleza que nasceu no México em 1832 e que se caracterizou por ter uma grande dificuldade em se exprimir. Julia Pastrana foi exibida em muitos países e atraiu a atenção de muitos cientistas do tempo, nomeadamente a de Carlos Darwin. Esta rapariga casou com o seu empresário, e teve um filho que morreu com dois dias de idade e que, por ter o corpo coberto de pêlos, foi embalsamado e exibido juntamente com sua mãe, também embalsamada, numa redoma de vidro. Um e outro acabaram no Museu Popular Preuscher em Moscovo, desconhecendo-se o seu paradeiro actual.

Podiamos continuar, mas não vale a pena, porque chegou a altura de referirmos a mais célebre de todas as componentes da maldosa seita a que pusemos o nome de movimento pela emancipação total, a notável Clementina Delait, que nasceu na aldeia de Chaumousey, em França, no ano de 1864. Clementina, aos dezoito anos, já tinha um bigode aceitável mas nada que permitisse adivinhar o que lhe viria a suceder.

Ainda muito nova, mas já casada com um

Esta senhora que atraíu as atenções de Darwin, é a mexicana Júlia Pastrana que nasceu em 1832 e foi exibida em todo o mundo

padeiro da sua região, Clementina começou a trabalhar ao balcão dum café adquirido por seu marido na cidade de Thaon-les-Vosges cujo barbeiro passou a frequentar todos os dias a fim de «limpar a cara». O início da sua fama deve-se, aliás, a um episódio que teve lugar na barbearia porque Clementina apostou com um tal Oscar Peron que, apresentaria, daí a quinze dias, uma barba superior à deste sorridente cavalheiro que, quinze dias mais tarde perderia o sorriso ao verificar que tinha sido batido, publicamente numa aposta, por uma mulher.

O episódio trouxe-lhe mais do que a fama — trouxe-lhe a glória.

Quem se der ao cuidado de seguir a vida desta famosa dama verificará que no dia 6 de Outubro de 1903, ela foi introduzida numa jaula de leões do famoso domador Camilius e que os leões, francamente amedrontados, se recolheram num canto da jaula enquanto o público aplaudia nova fera barbuda que as acabara de suplantar.

Não se sabe ao certo o que fez Clementina

Clementina Delait, a mulher que colocou a bandeira francesa no mapa das barbudas

entre 1904, data em que foi oficialmente autorizada a andar vestida de homem e 1919, data em que adoptou uma filha. Durante este período, porém, a emancipação feminina ganhou adeptas em toda a parte e é perfeitamente possível que ela tenha desenvolvido uma actividade enérgica nesse sentido.

Poderá alguém assegurar que «madame» Delait não teve nada a ver com os movimentos políticos portugueses que tiveram lugar por volta de 1910 e que tanto contribuiram para que a mulher portuguesa desse os primeiros passos na rota da sua emancipação?

É claro que não...

Tudo permanece obscuro neste campo. Madamme Delait amou apaixonadamente os desportos viris, a aviação e o seu negócio e faleceu, duma crise cardíaca, em 1939.

De tudo isto, porém, o que interessa registar é que a mulher está em vias de também se

Clementina Delait lendo o jornal

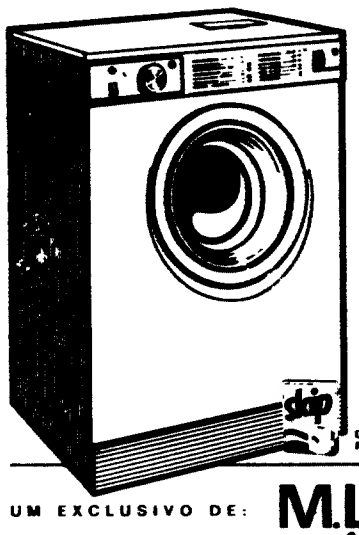
equiparar ao homem num domínio que ele considerava exclusivamente seu e que, se o homem não tomar providências a tempo, acabará por perder o último símbolo da sua antiga virilidade — a barba.

MANUEL PEREIRA FONTE

Grátis

um requintado conjunto de turcos de banho COM 5 PEÇAS

MARCA TV da Textil Vimaranense



OFERTA A TODOS OS COMPRADORES DE

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA PHILIPS

automáticas, super-resistentes e com a garantia da mais eficiente assistência técnica — o Serviço Philips

OS PREÇOS MAIS JUSTOS AS MAIORES FACILIDADES

DETERGENTE RECOMENDADO

UM EXCLUSIVO DE: **M.L.FERREIRA AGÊNCIA PHILIPS**

NA RUA D. ESTEFÂNIA 48-A • LISBOA • TELEF 56 04 98

MELITOL PROTECÇÃO MARCA REGISTADA

O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO E BETÃO

Empregado pelos Serviços dos Ministérios das Obras Públicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp.ª C. P., Águas, Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P., C. U. F., U. F. Azoto, Siderurgia, Laboratório Eng.º Civil, Fundação Gulbenkian, etc.; Fáb.ª Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERÊNCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES

Facilitamos fotocópias — Eficiência total nos trabalhos mais difíceis

Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE»

EVOPRUFE — Betuminoso impermeabilizante à base de asfalto de fácil aplicação, para coberturas, terraços, empenas, etc

PLASNBAND — Fita irradiante de alumínio adesiva para juntas, vedações e impermeabilização

PROVER — Endurecedor dos pavimentos de cimento, resistente ao desgaste, à formação de poeiras, a alguns ácidos e ao salitre

RAPID — Acelerador de presa e estancar águas

MASTIC-FILLER — Impermeabilizante para encher buracos, fendas e assentamentos de vidros nas claraboias.

DISTRIBUIDORES GERAIS

TITO PEREIRA DE SOUSA

Rua de S. Nicolau, 41, 3.º — LISBOA-2 — Telefs. 361205 e 322118

PREÇOS DE LIQUIDAÇÃO

EM TODO O «STOCK» DE TAPETES
POR
REMODELAÇÃO DO ESTABELECIMENTO

A PERSIA ANTIGA
R. da Imprensa Nacional 116 B 1.º Esq. Politécnica Lisboa 2 Telef. 674493

DA PRIMAVERA OU A ONDE À ESTAÇÃO

Ai as flores, os ardores, os amores e começo hipotético dos grandes calores! Oh Primavera, vera, vera (só que não tenho uma prima Vera mas posso vir a ter uma vera prima que me dê guarida nesta linda estação do ano!). Oh estaçãozinha deliciosa do ano (repetição do parênteses em que falo de vera e mais prima pelo que estou a meter àgua onde ela não pede...) onde não passam comboios nem há erros de agulhas porque o rápido não pára. Se um dia parar será para desembarcar grandes contentores cheios de flores para minorar as dores (hoje não digo coisa com coisa) dos primadores que são aqueles que aguardam na estação a chegada dos que vão.

Época perfumada e cheia de verdes matizados, mesmo que sejam relvados martirizados pela marcha dos pisadores!

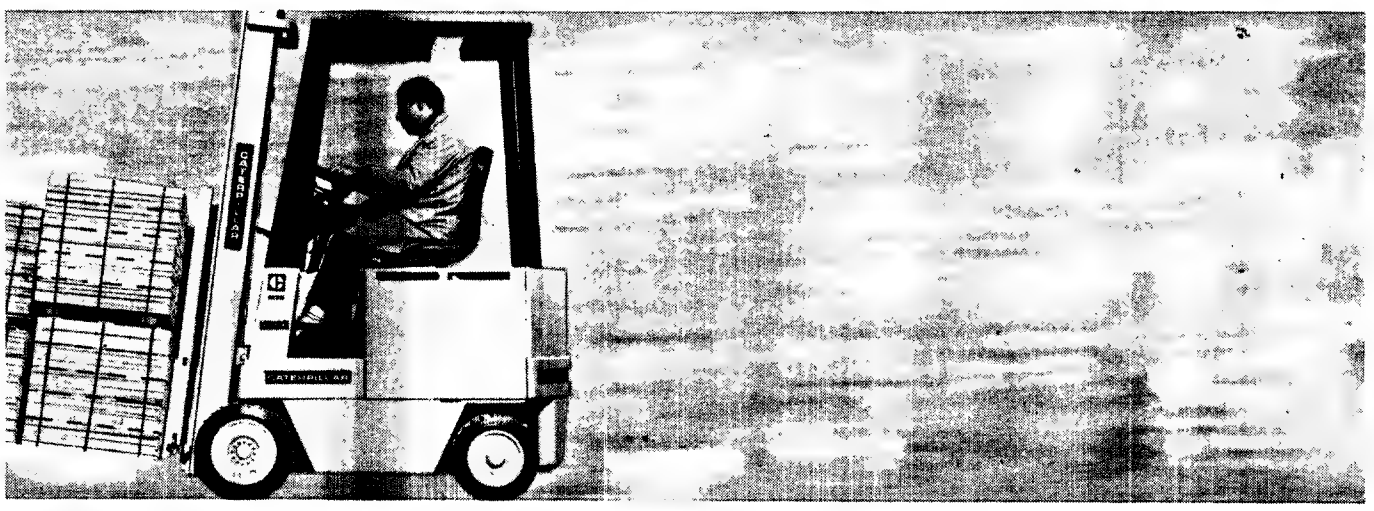
Aqui sim, à esquina do solstício, vestido de sol para esquecer o vício, beata meia acesa para não tirar a dignidade à brasa que ela foi, aqui à esquina do cresce de novo á espera (não da prima vera mas da vera prima, nota da sinfonia ouvida não sei onde!) aqui postado à espera que desabroche a planta e ria a flor, aqui ao pino do meio dia, se espreita pela nesga do possível mirando o pobre e medroso ABRIL que precede o jovem MAIO mais aberto aqui de perto, junto ao mar, que tudo afoga quando nele se mergulha em agonia.

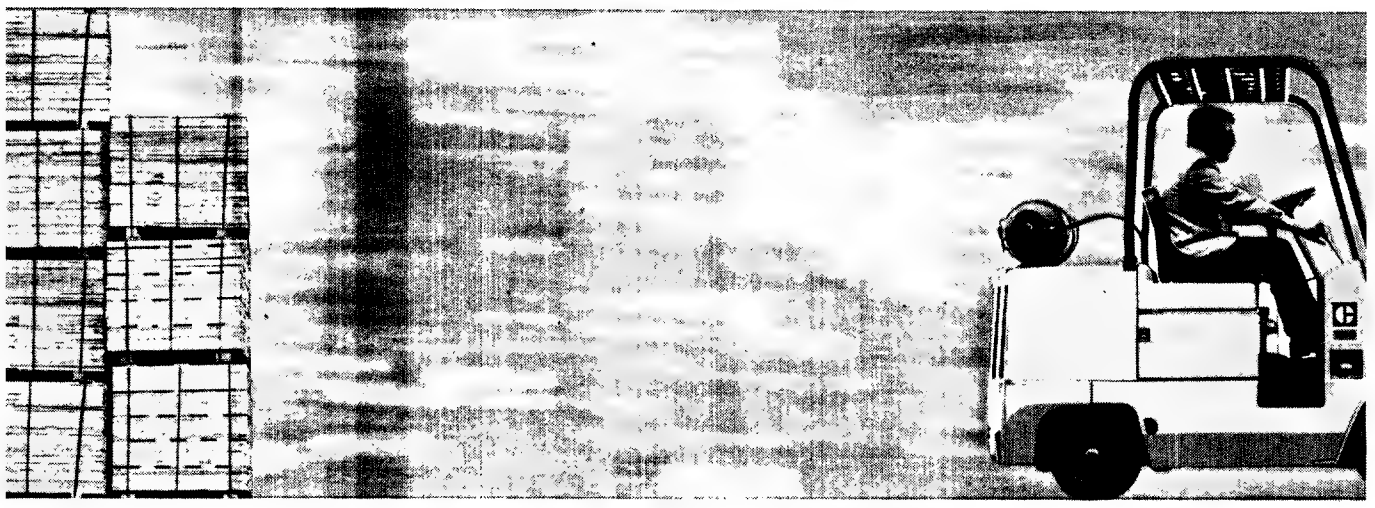
Viva a Primavera de uma vez para sempre, ano a ano, dia a dia noutra dimensão viva, ela a bela estação da esperança renovada mesmo em velha e finda vida.

É primavera excelências amigos da desgraça, amantes pedintes, fartos construtores, atarefados doutores! É primavera Maria, é primavera mãe, é primavera tia, é primavera que alivia os embuçados atiradores. Sim, porque nada resiste à natureza onde a saúde palpita desde que o mundo é mundo. Sim, porque amando ou odiando em remoinho que nos leve ao fundo, antes de nele entrar, sabe-se no correr do sangue e vê-se na dupla tripla imortal vista que algo acontece na altura exacta do que tem de ser. Vivamos pois mais este segundo de benefício no enorme sacrifício que é ir vivendo a suspeitar o belo e envelhecendo o corpo.

Não façam festas nem cortejos, toquem marimbas para os altifalantes convencionais, deitem a língua de fora aos apressados e tranquem os pensamentos aleijados. Um segundo apenas, uma hora só, um tempo sem medida, qualquer que seja chega.

Párem, escutem, olhem e depois... tal como eu, disparem a imaginação num tiro certeiro sem direcção horizontal. Para cima, caminho ao que virá, e eis; ela aí está: anúncio de juventude eterna, meiga ilusão que apaga cada nervo pequenino do corpo em chaga, cada fé, cada certeza de um infinito possível onde tudo um dia é paz, repouso e...quem sabe se uma bela e afastada prima Vera usando brincos de cerejas como uma princesa!





INFATIGÁVEIS !

OS EMPILHADORES **CATERPILLAR**
TÊM UMA «GENICA» ESPECIAL PARA EMPILHAR.
TRANSMISSÃO HIDROSTÁTICA GARANTIDA POR 3 ANOS
OU 6.000 HORAS! CAPACIDADE ATÉ 27.000 KG.
EMPILHADORES: A GÁS — DIESEL — ELÉCTRICOS

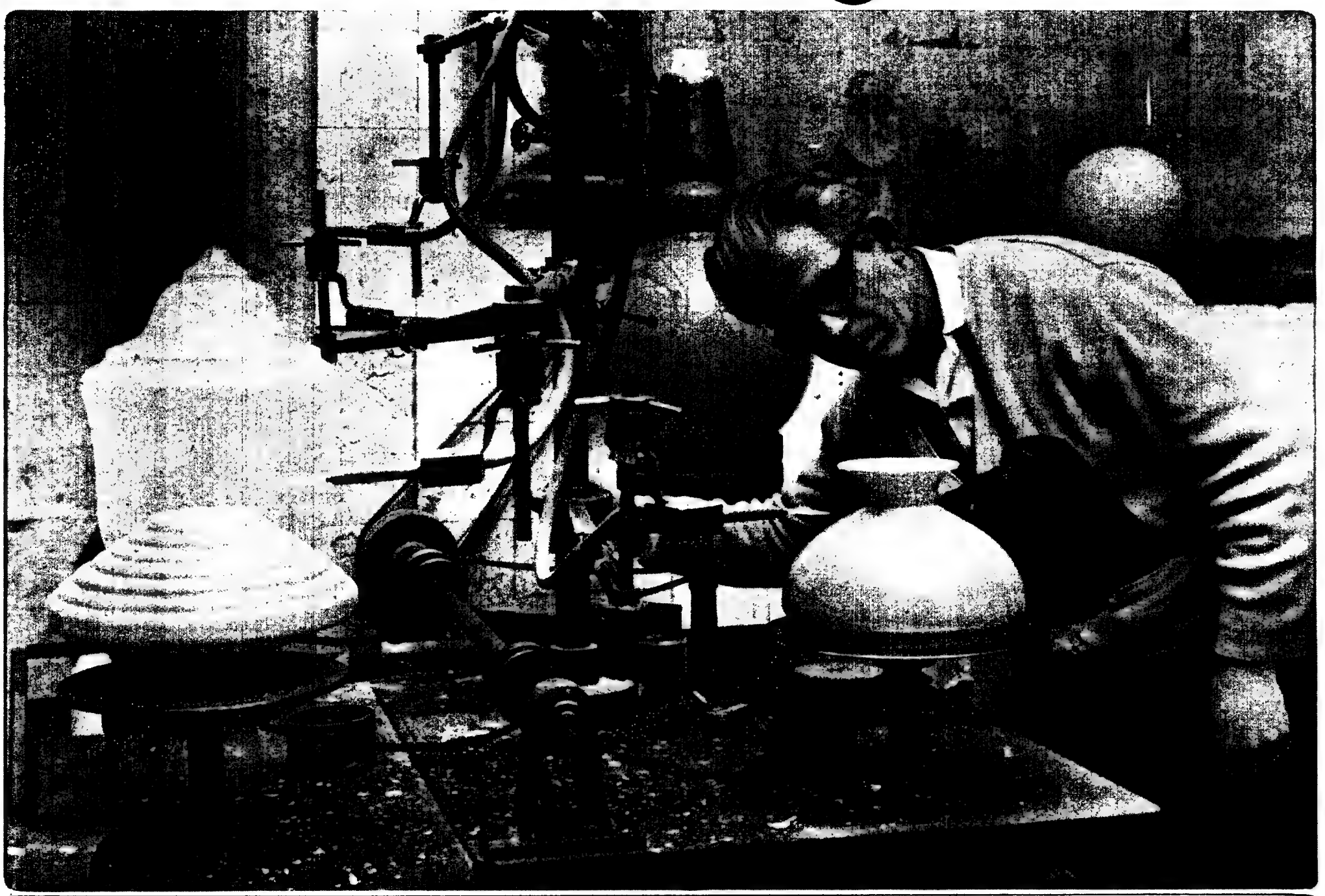
Caterpillar, Cat e as são marcas de Caterpillar Tractor Co.

S.T.E.T.
CATERPILLAR

Lisboa — Telef.: 251 1011 Porto — Telef.: 99 5301/2 Coimbra — Telef.: 2 3645 Beja — Telef.: 2 4075/6

forma ID-LT-01-73

gás da companhia o combustível de trabalho na fábrica das gaivotas



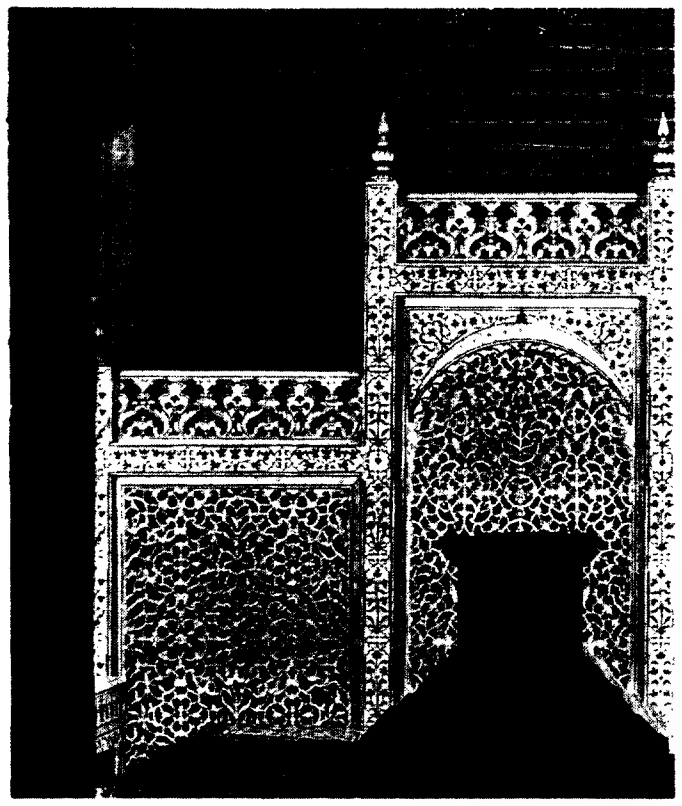
Sem interrupções. Sem falhas. Sem complicações. O máximo de eficiência e de comodidade para o máximo em economia e rentabilidade.

A docilidade e o poder calorífico constante do gás da cidade, transformam a indústria do vidro em arte.
Gás da Cidade·Gás de Qualidade

COMPANHIAS REUNIDAS
GÁS E ELECTRICIDADE
as duas forças da comodidade

BELARTE

técnicas e homens em acção permanente ao serviço do consumidor



O TÚMULO DE MAOMED

Por JOSÉ CUTILEIRO

A Gabriela disse à minha mulher que estas crónicas falavam demais de mim — da minha vida, das minhas experiências, do que se vai passando à minha volta. E que não só tudo isso talvez não fosse o que mais interessava aos leitores do «Diário de Lisboa» como expunha a minha vida privada a um escrutínio público sujeitando-me portanto à arma mais poderosa desse escrutínio — o ridículo.

Da segunda parte da objecção não creio que valha a pena falar — todos em Portugal nos achamos ridículos uns aos outros de vez em quando e não vem daí mal ao mundo. A primeira parte da objecção merece resposta. E a resposta é que não me parece que possa escrever sobre coisas das quais não tenho experiência. E como não tenho feitio para escrever artigos de pseudo-divulgação científica como os que tantas vezes infestam as páginas dos nossos jornais, escrevo sobre coisas que me acontecem, ou acontecem ao pé de mim, ou imagino, ou me ocorresse, na minha capacidade pessoal e privada. Há uma tradução doutoral ou doutoresca, de trazer para as páginas dos jornais diários considerações sobre «a ciência e o homem», «a história e a vida» e outros temas difíceis e profundos. Os autores dessas considerações aproveitam-se da circunstância de estarem a escrever para o grande público para publicarem coisas que nenhuma revista científica da especialidade aceitaria. Esta tradição portuguesa é coerente com os prestígios espúrios que tantas vezes aqui se obtêm. E esse jogo, de há uns anos para cá, não me interessa. Os assuntos científicos debatem-se entre cientistas. O que chega — ou deveria chegar — às páginas especiais dos jornais diários é aquilo a que os franceses chamam «haute divulgation» que é feita não por cientistas mas por jornalistas especializados em temas de ciência.

Como portanto, não me parece nem útil, nem interessante, nem divertido, escrever todas as semanas artigos de antropologia social explicada às crianças e contada ao povo, escrevo estas crónicas sobre o que me aconteceu fora da antropologia. E, necessàriamente, apareceu pormenores da minha vida privada — porque, ao contrário mais uma vez da tradição doutoresca, não escrevo de uma espécie de núvem impessoal e superior que desse aos meus artigos o tom de autoridade e de certeza próprio das encíclicas papais e das notas oficiosas. Não sou de resto um percursor — é técnica contemporânea dos leaders políticos de massas conversar em família. A própria rainha de Inglaterra começa as suas mensagens à nação dizendo «My husband and I».

Aceite tudo isto, subsiste uma dúvida. Porque e que o que me acontece há-de interessar seja a quem for? O que é que acontece, na minha vida de todos os dias que possa entreter ou divertir um público que não me conhece? A minha ideia é que não só a mim, mas a toda a gente, acontecem constantemente coisas que vale a pena contar. Se não fosse assim, não só não existiriam estas corriqueiras crónicas como não existiria a própria literatura — pelo menos na forma que lhe conhecemos. Mas embora este ponto seja evidente para mim não o é para a Gabriela — que, pertence àquele grande 6grupo de pessoas, vitimas da sociedade de consumo, que estão provàvelmente, convencidas que as coisas só acontecem depois de um banho de Badedas.

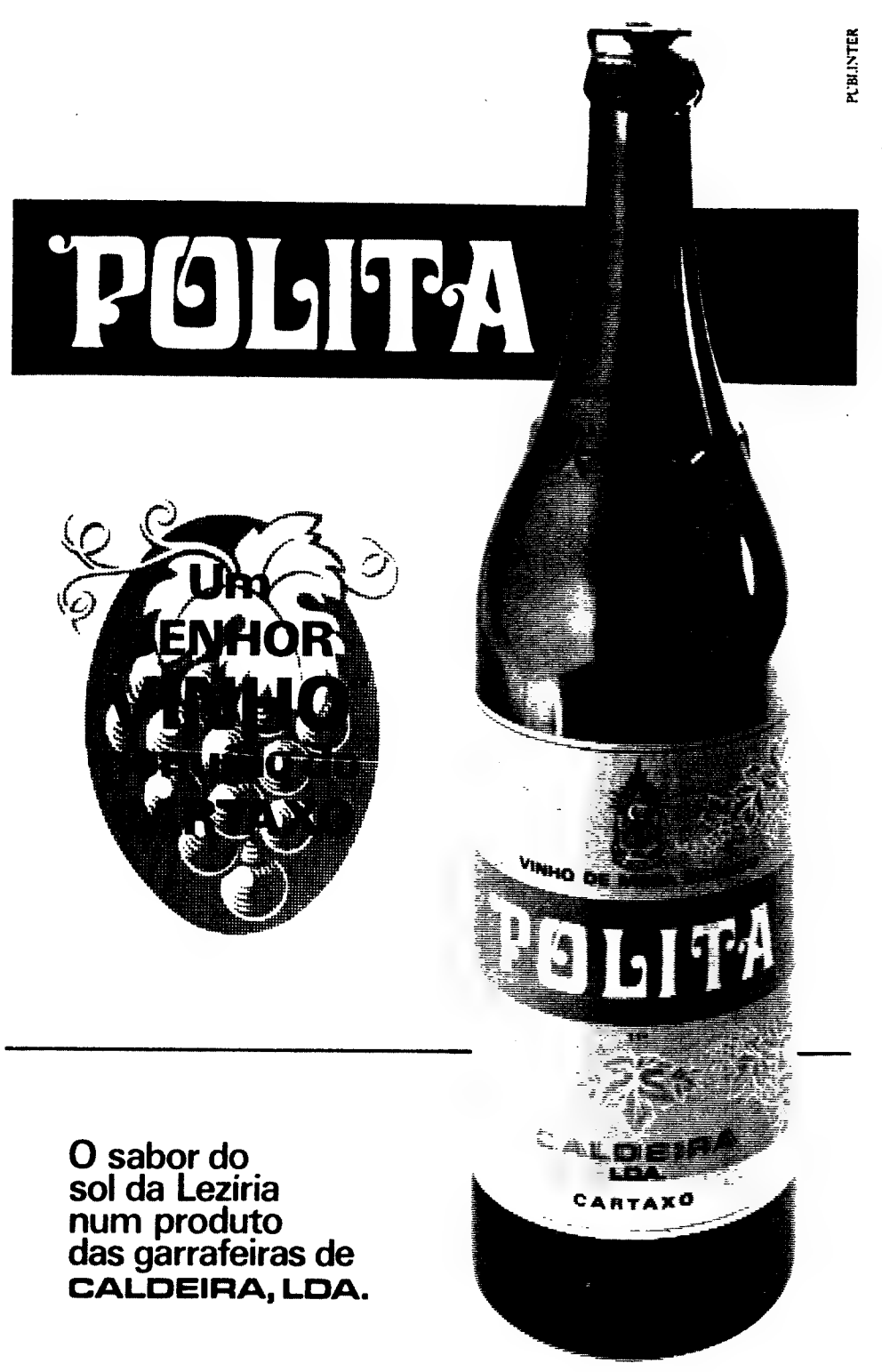
Com badedas ou sem elas as coisas acontecem das maneiras mais inesperadas. Nos momentos mais desprevenidos o mundo vem ter connosco para nos divertir, nos afligir, nos fazer meditar — ou como me aconteceu no sábado passado a almoçar no Guincho, para nos instruir.

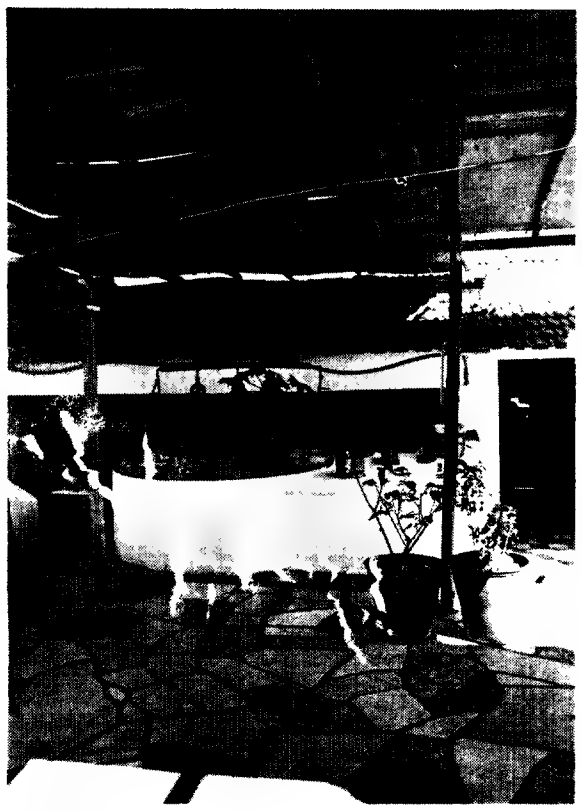
O túmulo de Maomed, aprendi eu de repente no Muchaxo, está suspenso no ar a dez metros de altura. Este facto prodigioso é a principal justificação das peregrinações de muçulmanos a Meca de há treze séculos a esta parte e não vem descrito em nenhum livro. Além disso não são necessárias, para o explicar, considerações sobrenaturais — um conjunto de influências eléctricas e magnéticas e de disposições geológicas garante que o túmulo, em rocha rija, se sustente ali no ar, firme, imóvel, contendo desde o século VII os restos do profeta.

Tudo isto vinha de uma mesa ao lado e era dito, com autoridade estridente por um senhor de meia idade a um casal novo que o ouvia com respeito. Da minha mesa, onde se falava também, não era possível seguir todo o monólogo informativo.

Sobressaíam apenas estes factos fundamentais, enfàticamente repetidos pelo narrador que não os lera em nenhum livro e os aprendera de viva voz, há seis anos, em Roma. Não consegui perceber quem, em Roma, lhe tinha dado a informação mas era certamente pessoa de confiança porque o tom de voz e o brilho do olhar do narrador revelavam a convicção inabalável com que se relatam prodígios provados.

O casal jovem ouvia apenas em respeito aturdido. Saíram os três antes de eu acabar de almoçar e foram às suas vidas, que não sei quais são, mas a um canto das quais numa Meca imaginada no meio da areia do deserto o túmulo do profeta desafia a lei da gravidade. Eu acabei o meu peixe e enriquecido por estes factos novos pensei: já tenho crónica para o «Diário de Lisboa» de sábado que vem.





O páteo da casa do «Abóbora»

Na cosinha, trabalha-se afanosamente

A MELGA, EM CANAL CAVEIRA

Lisboa cansa mais do que muitas cidades pela pequenez que o lisboeta consegue meter na já relativamente extensa área da sua cidade. Para se atravessar Lisboa há que subir sempre a mesma avenida, cruzar sempre a mesma Rua da Escola Politécnica, esbarrar sempre no mesmo Marquês. Para se beber um café, ainda que apressado, há que ouvir sempre os mesmos queixumes, as mesmas vozes malidicentes dizendo mal das mesmas coisas e das mesmas pessoas. Para se dobrar uma esquina, há que ouvir o mesmo rosnar maldoso, esbarrar com os mesmos olhos irrequietos que não poisam em nada e em ninguém tal a insegurança com que nasceram. Lisboa cansa tanto que, para se gostar dela, é preciso deixá-la de quando em quando na esperança de que as coisas, no regresso, tenham uma novidade qualquer.

Lisboa cansa e, porque cansa, tem de ser abandonada de quando em quando, nem que seja apenas por uns dias. Partimos de Lisboa, a caminho de Beja, já tarde, na firme intenção de almoçar em Alcácer ou em Grândola, como é obrigação de todo o português que vai a caminho dos Algarves. Alcácer, porém, fica perto de mais e os seus restaurantes vivem alheados do rio que alivia a paisagem monótona em que se enquadra a vila e das muralhas que lhe dão a grandeza que oferece a quem passa. Os restaurantes de Alcácer são de vila sem rio e sem muralhas. Voltados prosaicamente para ruas sem interesse e sem personalidade, passam despercebidos a quem vai na estrada como despercebidos passam a quem se detém para neles comer. Um há em que se tenta, mas tem ar de chalet e isso assusta os olhos do visitante de Lisboa que conhece quantos Dafundos há pelos arredores da cidade.

Grândola tem pouco a oferecer a quem não ande à procura de boa morcela alentejana e quem já caiu na asneira de lá parar na esperança de encontrar a boa culinária do Alentejo não repete a proeza.

Pouco ou nada há, depois, para quem se mete na Estrada de Aljustrel, de forma que foi puramente por acaso que nos detivemos numa localidade cujo nome nem vem no mapa — Canal Caveira — a coisa de 12 km de Grândola. Vimos algumas furgonetas paradas à sombra duas árvores, junto a umas casas e, mais na esperança de obter uma informação do que na esperança de almoçar, detivemo-nos e perguntamos a um transeunte se havia, na região, um restaurante em que se pudesse comer, àquela hora já tardia para localidades distantes da vida pseudo cosmopolita de Lisboa. Responderam-nos que havia, sim senhor, a «Casa do Abóbora», ali mesmo debaixo das árvores a cuja sombra se tinham acolhido as furgonetas e os automóveis, que tínhamos visto. Entramos em casa do «Abóbora» (que ele nos perdoe o uso da alcunha, mas não lhe apanhámos o nome) certos de encontrar o inevitável pargo de Sesimbra com batatas ou — pior ainda — os filetes de pescada com arroz de berbigão assassinado em que os nossos comerciantes de «comes e bebes» julgam de bom tom alicerçar as ementas dos seus estabelecimentos.

Ao fundo da casa uma porta grande, ensolarada, que nos pareceu dar para um páteo, encheu-nos de esperança — mal por mal, sempre comeríamos os filetes ao ar livre, debaixo duma árvore ou dum telheiro que nos fizesse esquecer os tectos com lustres de vidro dos restaurantes lisboetas.

Demos com um páteo que serve de arrecadação e de esplanada, caiado a ponto de quem nele entra ficar encandeado. Demos com um poço e com uma pérgula acolhedora que nos abriu os braços. Demos com um empregado que nos perguntou se queríamos comer umas azeitonas enquanto esperávamos e se queríamos o cozido ou o lombo. Demos com um cliente, sentado a uma mesa, que nos garantiu urgente provarmos o cozido do «Abóbora», bebermos o vinho do «Abóbora», comermos o queijo do «Abóbora» em cima de fatias do bom pão do «Abóbora» e, se ainda para tal tivéssemos espaço, comermos o lombo de porco do «Abóbora».

O importante, porém, o que dera nome ao «Abóbora» e lhe enchera a casa de forasteiros, era o cozido. Optámos pelo cozido mais por obediência à tradição do que por qualquer outro motivo porque — que nos fuzilem se quiserem — não gostamos de cozido, não gostamos daqueles bocados de carne aguada e daquelas folhinhas de couves esburacadas e a pingar que, acompanhadas de gillettes de chouriço, dão pelo nome de «cozido à portuguesa». Para dizer a verdade, detestamos cozido — odiamos todo o cozido menos o cozido do «Abóbora» que se come em casa do dito «Abóbora» numa aldeia que dá pelo nome de Canal Caveira e que não vem no mapa das estradas.

Do cozido do «Abóbora», gostamos.

Gostamos e muito.

Gostamos do cozido do «Abóbora» como gostamos do vinho do «Abóbora», do pão do «Abóbora», das azeitonas do «Abóbora» e se a responsável pela cozinha do «Abóbora» for a mulher do «Abóbora» gostamos da mulher do «Abóbora» e não receamos anunciar publicamente este nosso platónico amor que começa e acaba à porta da cozinha.

Para começar e ao contrário do que se possa imaginar, o cozido a que nos referimos não é um «cozido rico» e nem sequer é o chamado «cozido à portuguesa» em que entra tudo, do arroz ao grão e da orelha de porco à galinha. É, ate, um cozido pobre em que não abunda a cenoura, em que não entra o nabo, em que há uma só couve, em que, dos enchidos, apenas entra o chouriço e a morcela e em que não entra arroz ou qualquer outro ingrediente tradicional. No fundo, trata-se dum cozido modestíssimo do ponto de vista de ingredientes, que bem pode considerar-se excepcional apenas pelas qualidades do que contem e pelo espantoso gosto que as carnes dão ao «todo».

Se algum requinte tem a cozinha desta casa alentejana, esse requinte é a qualidade, o mais precioso de todos os requintes em culinária. Nem salgado nem insonso, nem seco nem gorduroso, o cozido do «Abóbora» entrou com esse nome na nossa memória e dificilmente dela sairá durante os tempos mais próximos.

Do vinho da casa, apenas dizemos tratar-se dum tinto sem «químicos», despretenciosamente destinado ao uso corrente. (Só temos pena de apenas podermos ter adquirido duas garrafas a que já demos o uso que se dá, correntemente, o bom tinto...)

Não queremos terminar esta crónica da nossa passagem por Canal Caveira sem dizer que uma dose de cozido, que, em qualquer restaurante de Lisboa daria para duas pessoas, custa 25$00.

Aproveitem, mas não espalhem a notícia.

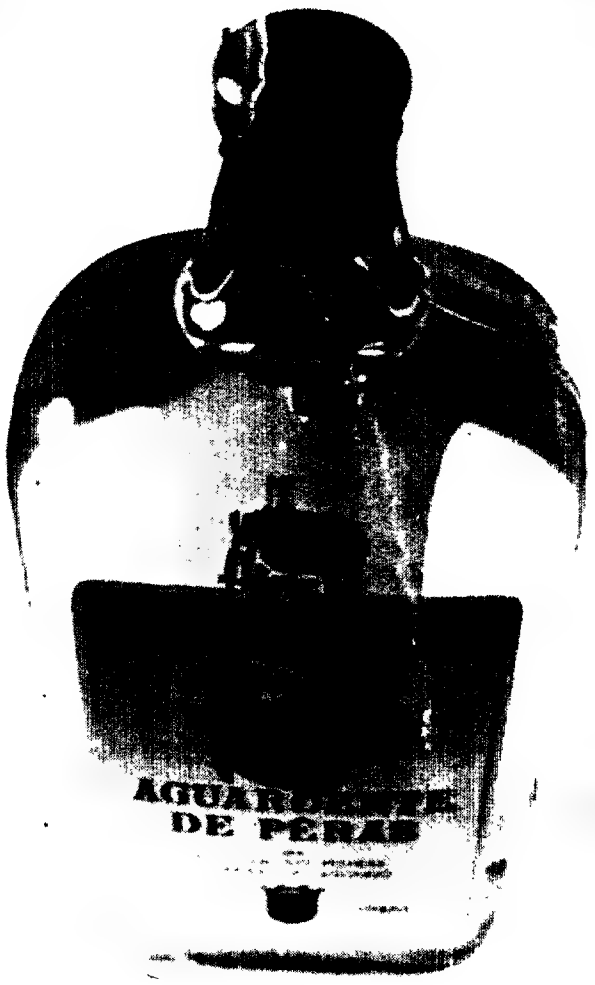
ALHOSEBUGALHOS

NÃO DIGA NADA AOS AMIGOS, MAS...

... mas «A MOSCA» tem informações de que vêm brevemente a Lisboa dar um concerto de jazz duas das figuras mais importantes do jazz europeu: Ronnie Scott e Mike Carr. Ronnie Scott, que raras vezes sai de Londres onde é director de um importante clube de jazz, exerceu uma influência profunda no moderno jazz inglês e Mike Carr, bem conhecido nos meios Londrinos, é uma figura de relevo no mundo contemporâneo do jazz. Quem é que os traz? Onde é que vão tocar? Por enquanto não podemos dizer nada a este respeito porque jurámos e rejurámos que não revelaríamos o segredo, mas assim que nos for possível, cá estaremos com a notícia...

HOUVE, OU HÁ, UM CAUNY NA VIDA DE TODA A GENTE...

Não há ninguém que não tenha tido um Cauny! Antigamente, porém, quase todos os que se viam nos pulsos eram de importação duvidosa, ao passo que, agora, têm os verbetes de importação em ordem e um representante que se responsabiliza pelos poucos concertos de que este relógio carece. Este modelo é prático, elegante e resistente — poderá pedir-se mais a um relógio que não custa uma fortuna?



ELA AÍ ESTÁ, A BELA AGUARDENTE DE PÊRA!

ALHOS E BUGALHOS — Uma secção maldosa e maldicente que raras vezes diz bem seja do que for, anunciou que havia finalmente no mercado português uma boa aguardente de pera mas... que ela pecava por ser excessivamente doce. Pois a firma responsável aceitou a crítica, correspondeu-se com os redactores da MOSCA e, tendo concordado com eles, lançou no mercado uma nova versão, seca e deliciosa, desta aguardente que recomendamos aos apreciadores sabendo que ela ainda não pode ter chegado a todos os revendedores. Querem um conselho? Experimentem a aguardente de pera da firma Carranda e Redondo gelada...

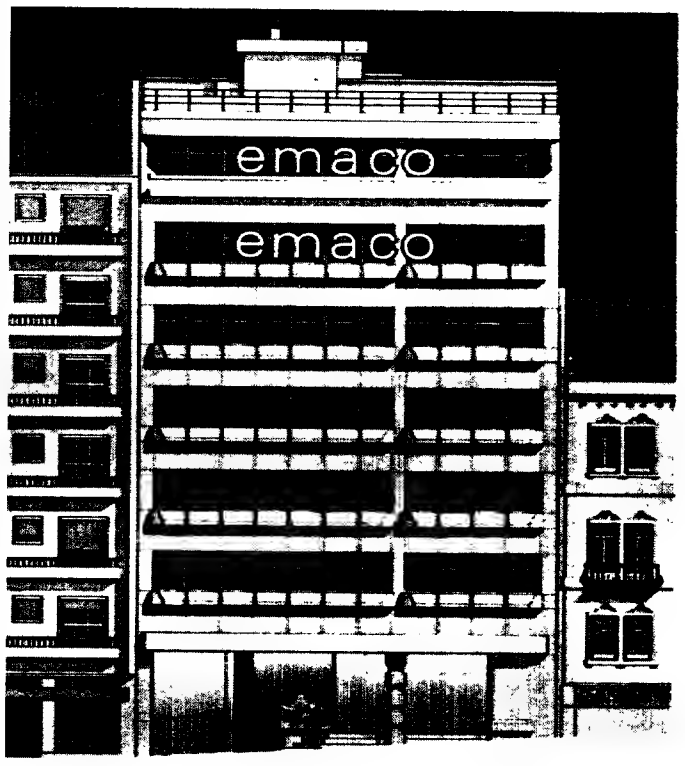
Que tal? Temos, ou não temos, razão?

conhecer a criança

Conhecer a criança é o nome de uma colecção das Publicações D. Quixote que recomendamos a toda a gente. Conhecer a criança é importante para quem não tem crianças porque aprende a fugir delas e para quem as tem porque aprende a não ter de fugir delas. O último livro da colecção — Psicanálise e pediatria — é suficientemente interessante para ser lido por qualquer pessoa mesmo não interessada em problemas de educação.

PARABÉNS ARTUR RAMOS! PARABÉNS BRUM DO CANTO! PARABÉNS TELESPECTADORES!

Não, aquilo não teve nada a ver com aquelas senhoras que nos impigem de vez em quando a fingir de «ladies». (Lembram-se do pobre Leque da pobre Lady Windermere do pobre Wilde que, pobres de nós, tivemos de ver?). Aquilo não teve nada a ver com nada do que estamos habituados a ver e era bom, mesmo bom, francamente digno de ser visto. Para todos os que participaram na peça realizada pelo Artur Ramos na passada Quinta-feira, os parabéns da Mosca.



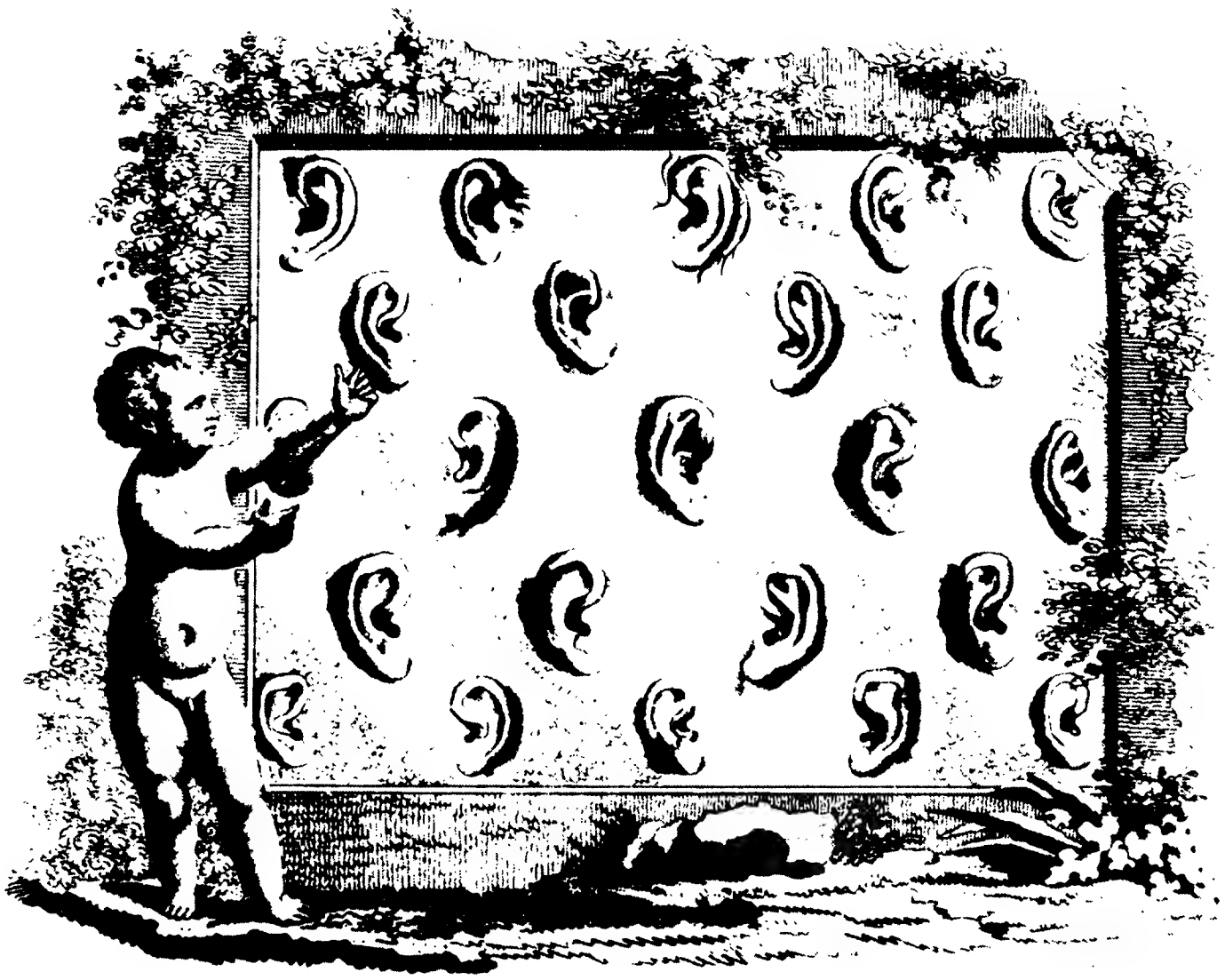
emaco NOVA SEDE

A PARTIR DO DIA 9 ABRIL 1973

NA RUA VIRIATO, Nº25 - 5º e 6º andares
(frente ao Hotel Sheraton)

A PRIMAVERA

E OUTRAS COISAS QUE NÃO TÊM NADA A VER COM ELA MAS QUE EU OIÇO POR AÍ



Com e ço a e s tar farta de ser julgada por redacções que não escrevi, sim, porque as pessoas julgam-me por bocados das minhas redacções e não pelo seu todo e porque é que isto acontece sim porque é que isto acontece? porque os senhores lá da Mosca tiram frases cortam bocados tiram palavras encurtam as coisas e o resultado é que ninguém pode entender o que eu escrevo nem eu que o escrevi mas o pior é que isto ainda não é tudo não senhor há pior e o pior é que esses senhores lá da Mosca cortam logo os bocados giros que davam sentido às coisas de maneira que o que chega às mãos dos leitores é uma algarviada que ninguém pode entender ora eu tenho cá andado a pensar em tudo isto para ver se percebo porque é que os senhores lá da Mosca fazem isto e ando cá a pensar que é de propósito sim senhor de propósito para os leitores pensarem que eu sou parva ou que estou doidinha e só vejo uma razão para isso acontecer e essa razão é os senhores lá da Mosca não me gramarem por isto ou por aquilo a não ser que não sejam os senhores lá da Mosca e sejam outras pessoas mas quem diabo é que poderá mexer nas redacções que eu mando lá para a tal Mosca a não ser os senhores dela sim quem diabo é que poderá meter o bedelho na seara alheia e estragar o que os outros fazem para A MOSCA a não ser os próprios da MOSCA a propósito de receitas tenho andado a ler o que escreve sobre restaurantes um que há na MOSCA e que faz a Melga no prato só não digo o nome dele cá por uma coisa que ensinaram e que se chama deontologia que raio de nome sim porque uma coisa que se chama deontologia devia ser remédio para tosse e tenho andado a pensar em escrever uma redacção chamada a GUIDINHA VAI À PETISQUEIRA DA GRAÇA a dizer mal deles mas o melhor é eu estar calada e deixar essa redacção para a semana sim porque é cada vez mais difícil ter todas as semanas uma ideia que eles lá nessa Mosca ou noutra Mosca qualquer não cortem já pensei em tomar fósforo mas tenho medo que eles ainda cortem mais e as vitaminas não chegam e disso sei eu porque o meu Avô coitadinho que Deus tem tomava vitaminas e isso não o impediu de morrer quando escorregou no patim que eu deixei por esquecimento calculado à porta da retrete lá de casa e de ir parar à terra levado numa camioneta tão feia tão feia que só não ganhou o prémio Valmor por acaso enfim chegou a primavera que é quando o meu pai ao chegar a casa e ao tirar os sapatos deixa de por os chinelos e fica descalço para refrescar os pés ora a primavera é bestial principalmente para quem gosta da primavera eu cá por mim não sei se gosto ou se não gosto é claro que dumas coisas sei que gosto principalmente das coisas que se passam com as minhas professoras do liceu que andam a namorar essas mal chega a primavera parecem outras porque os namorados em lugar de as esperarem lá longe à esquina na porta da leitaria para se abrigarem da chuva e para a reitora os não ver vêm pela rua fora a assobiar sim porque os homens na primavera assobiam muito e elas ficam tão contentes que às vezes até dão um sufuciente menos em vez dum medíocre menos que é o que é justo mas por outro lado não gosto da primavera porque os homens assim como assobiam também dão beliscões o que é uma grandecíssima chumbada enfim começou a primavera que há-de a gente fazer senão aguentá-la como aguenta as outras coisas?

GUIDINHA

SUPLEMENTO ESPECIAL

52 Diário de Lisboa ANIVERSÁRIO

«Lisboa de madrugada» — 1930

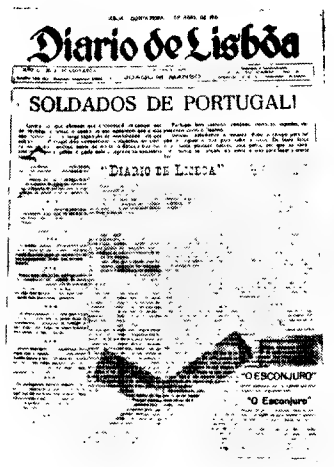
ANTÓNIO SOARES

DESENHOU HÁ 52 ANOS O Diário de Lisboa

Eram cinco: Ernesto Canto da Maia, Jorge Barradas, Almada Negreiros, Cristiano Cruz e António Soares. Outros em breve se lhes juntaram. Mas era este grupo, cujo primeiro ponto de encontro foi um Café do Largo da Misericórdia, que mais íntimamente comungava do mesmo ideal, da procura de novas formas de expressão. Abaixo a bota de elástico!», proclamava em 1913 Cristiano Cruz, já na «Brasileira», cujas paredes haviam de escutar, durante muitos anos, o seu grito contra o academismo estreito e estagnante em que se confinavam as artes.

Em 1973, António Soares é o único que permanece físicamente entre nós. E ainda lhe é fácil recordar esse tempo de aventura do qual iria sair, também, o «Diário de Lisboa». Alguns dos artistas ligados ao movimento a que se chamaria «modernismo» deixaram neste jornal, desde os primeiros números, a marca do seu espírito renovador, em forma de desenho, caricatura, «charge» política ou social. António Soares foi um deles. Mas foi tambdm, antes disso, o autor do cabeçalho do «Diário de Lisboa»

Passado mais de meio século, António Soares é um homem (artista) de quase 80 anos que nos pinta — substituídas as tintas por palavras — esse período simultâneamente louco, generoso e revolucionário. (Entrevista nas centrais)


Diario de Lisbôa

SOLDADOS DE PORTUGAL!

"DIARIO DE LISBOA"

"O ESCONJURO"

O Esconjuro

O primeiro número do «Diário de Lisboa», publicado no dia 7 de Abril de 1921.

Diário de Lisboa

NOVAS TECNICAS SERVIRÃO ESTA CRIANÇA

O Diário de Lisboa DEU JÁ UM PASSO NESSE SENTIDO

DL

5 de OUTUBRO

O primeiro número impresso em «off-set», publicado em 6 de Outubro de 1971.

DIFICULDADES E PROBLEMAS

«A nossa situação actual, cheia de perigos e dificuldades, tantos problemas a estudar e tantas ameaças a remover, demanda uma política de realizações, capaz de nos desafogar da atmosfera espessa de cuidados em que vivemos.

Há muitos anos que o Estado anda fora da sua missão, convertido em velhacouto de intriguistas e ambiciosos. Os problemas nacionais não acham uma resolução ou pelo menos uma maneira prática que os torne acessíveis às atenções dos competentes».

JOAQUIM MANSO

(Do artigo de fundo do «DL» de 7 de Abril de 1921)

SUPLEMENTO DE ANIVERSÁRIO

•INDICE•

INICIAÇÃO ESTÉTICA INFANTIL, por Calvet de Magalhães — pág. II
«ANABÊ», conto de Maria Judite de Carvalho — pág. III
«FALAM COMO SE EU FOSSE UMA CRIANÇA», por Fernando Dacosta — pág. IV
NOVOS CONTRA VELHO, por Fernando Correia — pág. IV
A HISTÓRIA QUE LAIRINDO NÃO CONTOU, por Manuel Geraldo — pág. IV
OS OLHOS DA NOITE, reportagem de Rogério Vidigal — pág. V
OBJECTIVIDADE E PONTOS DE VISTA, por Jorge Fernandes — pág. VI
CARNE POR CARNE, de Urbano Tavares Rodrigues — pág. VIII
JORNAIS, NOTÍCIAS E TROCOS, por Cesário Borga — pág. IX
GUTENBERG NO ORIENTE, por César dos Santos — pág. X
DESCONHECIDOS E DESAPARECIDOS, de Torquato da Luz — pág. XII
TEXTOS PARA NADA, por Fernanda Mestrinho — pág. XIII
ANTÓNIO SOARES: 80 ANOS DE HISTÓRIA E UM NOVO CANTO À BELEZA, entrevista de Regina Louro — pág. XIV
FACTOS CONVERGENTES, por A. Villaverde Cabral — pág. XVII
GORILA: O VIGILANTE DA SELVA, de Eugénio Alves — pág. XIX
O SEGREDO, por Maria Aurora — pág. XXI
LIVROS, LETRAS E COVEIROS, de Manuel de Azevedo — pág. XXI
O EMIGRANTE É UM ENTEADO, por Veiga Pereira — pág. XXII
A HORA DOS JAPONESES, crónica internacional de Nuno Vieira — pág. XXV
QUADRO PRETO, por Pedro Martins da Silva — pág. XXV
HÁ 25 ANOS: O GOLPE DE PRAGA, por André Fontaine — pág. XXVIII

INICIAÇÃO ESTETICA INFANTIL

Por Calvet de Magalhães

Com o desenvolvimento da psicologia, pais, professores, e todos a pouco e pouco, reconheceram o papel capital que representa na formação da personalidade a expressão estética e a necessidade que as crianças têm de exprimir os seus talentos de artistas. A actividade artística provém de instinto natural, comum a todos os homens e sobretudo às crianças. A arte é o meio de expressão instintivo na maioria das crianças e os esforços tentados no mundo de hoje para estimular a arte infantil são extraordinários: criaram-se institutos para revelar as vibrações da alma infantil, fundaram-se museus de desenhos, constitui-se abundante documentação sobre a criança e a sua arte.

Não se diz «arte pelas crianças», porque não se procura habilitar aprendizes de artistas. Deseja-se somente auxiliá-las a criar uma expressão própria. Não se pretende ensinar «a arte pela arte», mas realizar no máximo o desenvolvimento estético de cada criança.

A necessidade de expressão plástica é necessidade imperiosa à qual não pode a criança subtrair-se. A criança que não desenha é uma anomalia, pois não é mais natural que não desenhe do que não fale; quer uma quer outra seriam formas de mudez. A infância não separa o prazer de criar do prazer de ver, de admirar, de falar, de cantar e de comover-se, pois de todas essas alegrias faz um todo que se chama viver.

As crianças demonstram qualidades criadoras todas as vezes que as circunstâncias o proporcionam, pelo que deve ser estimulada e alimentada a inspiração infantil.

Quando a criança faz um boneco, pretende representar qualquer coisa de muito pessoal. Não é de crer que ela, por exemplo, desenhe uma flor para representar a própria flor; prefere fazer a pintura acerca de «eu a apanhar flores». Isto é, por outras palavras; fazer desenhos segundo a maneira de ver das crianças não é apenas o acto de desenhar coisas. É uma actividade durante a qual o jovem pintor conta alguma coisa acerca de si próprio e do seu mundo. A sua produção inclui os seus sentimentos e os seus pensamentos. Por isso, fazer pinturas não deve ser considerado simples exibição de habilidades para desenhar. É comunicação entre dois seres humanos. É afirmação pessoal, em forma pictórica, das reacções de uma criança à sua própria vida.

As crianças aprendem a pintar tão naturalmente como a falar. Podem pintar com significado muito antes de poderem comunicar as suas mensagens através da escrita. Na verdade, o acto de pintar é actividade natural e básica para todos os seres humanos. O homem das cavernas fê-lo e desde então tem o homem continuado a exprimir-se pictoricamente.

Pintar ajuda a educação geral. Ao realizar uma pintura, a criança tem de pensar nas suas próprias experiências, pelo que reconhecemos ser a expressão criadora infantil processo altamente educativo, devido à criança ao rememorar coisas passadas, ter de contactar com a experiência pessoal enquanto se entrega à pintura. Os seus pensamentos tornam-se mais límpidos e a criança dá-lhes forma coerente, pelo que assim, aprende sobre a vida em geral.

EDUCAÇÃO PELA ARTE A PARTIR DA EDUCAÇÃO ESTÉTICA

O segredo e a força da arte residem no facto dos seus impulsos se exercerem ao nível das comoções. A iniciação que faz aprender a beleza é, quase no sentido religioso, elevação. É talvez isso uma das razões da nova atitude dos educadores portugueses a respeito da arte, pois esse modo progressivo — «escola nova», pode dizer-se — de abordar o problema não é talvez senão a consciência mais clara de necessidade já antiga, a primeira descoberta do poder de regeneração que possuem as artes.

Em consequência disso, a 2.ª Conferência Geral da Unesco (1947) recomendou aos estados, o que mereceu a aprovação de Portugal, que dessem importância à função das artes na habilitação da cultura geral e forneceu instruções para se organizarem serviços de informações e de permuta. Em 1948 um grupo de peritos (Cf. Favre, Z. Kodaly, T. Munro e H. Read) reuniram-se para pôr em acção aquele projecto, votaram propostas, estabeleceram uma série de recomendações onde se definiu a interpretação das palavras «arte» e «educação» e assentaram em que o estudo de cada arte necessita que seja tratado de diferente modo: participação activa, observação, crítica e exposição histórica exigindo as crianças muita participação activa, por se cansarem depressa de observar, de ouvir ou de falar.

Actualmente, a I.N.S.E.A. (International Society for Education through Art), organização integrada na UNESCO, para cuja direcção já foram eleitos professores portugueses e de que é sócia colectiva a Associação Portuguesa da Educação pela Arte, assegura a colaboração dos especialistas de arte infantil e a divulgação e realização dos conceitos educativos pela arte.

Com acordo mundial estabeleceram-se assim o que se poderá chamar sugestões para estimular e animar a educação pela arte e que são fundamentalmente as seguintes:

— considera-se que a arte não é luxo mas necessidade fundamental do homem e por esse facto da maior importância para o seu desenvolvimento; que o desejo de expressão artística é natural em todos os indivíduos — que têm o direito assim a educação artística e por consequência a educação artística deve fazer parte da educação geral completa — a ser sustentada por todos os meios necessários.

— a compreensão e a formação do juizo para os valores artísticos serão desenvolvidos em primeiro lugar pela actividade criadora — não exigindo esta actividade dotes especiais.

— a linguagem da arte não conhece fronteiras e pode ser compreendida por todos os homens — pode, portanto, contribuir para o entendimento entre as nações. A juventude de todas as raças e de todos os países devia poder utilizá-la.

— a juventude de hoje está sujeita a fortes influências que a afastam da arte, pelo que a educação artística nunca foi tão indispensável como hoje. A actividade criadora deve auxiliar a juventude a levar uma vida mais nobre e mais completa.

— os estudos escolares para todos os graus deviam envolver a obrigação de seguir os cursos da educação artística. Centros e guias culturais deveriam poder fornecer aos educadores todos os conselhos e informações que lhes são necessários.

— considerando a importância social da educação artística para todos os indivíduos, torna-se necessário que todos os educadores sejam habituados a desempenhar a função de educadores artísticos.

— todos os meios de comunicação (Imprensa, Rádio, Televisão, conferências, filmes, exposições locais e itinerantes) devem ser empregados para servir a causa da educação artística.

É, pois, bem claro que numa educação bem compensada tudo o que constitui o desenvolvimento, quer seja físico, psíquico, intelectual, sensorial, estético ou criador, é de igual importância. Todos esses factores têm lugar no processo de acção criadora. Nenhum só por si resolve o problema educativo.

JUVENTUDE E ARTE DO PRESENTE

A juventude tem o direito natural de adquirir contacto com o acontecer artístico do seu próprio tempo. Ela exige explicações desse facto, pois sente instintivamente que está incluída na expressão da problemática humana da nossa época. Daí a necessidade de compreender a verdadeira participação do educador pela arte nestes fenómenos artísticos, assim como o seu esforço de envolver a juventude a tomar consciência das suas tarefas.

O educador português pela arte conduz os jovens para a arte do presente. Os jovens ficam-lhe reconhecidos por ele os ajudar para o esclarecimento, a elevação e o enriquecimento da sua vida interior e para a orientação espiritual assim como para a luta que se trava na sua própria época. Ao conseguir isso, também instrui os jovens no campo da música e da poesia dos tempos modernos e solicita aos seus colegas doutras especialidades, que ajudem na instrução das bases e das correntes da expressão poética e musical. Observa-se assim como estes fenómenos se realizam tão paralelamente e como o seu estudo pode esclarecer e aperfeiçoar a imagem do conjunto. É sumamente importante que a juventude também aprenda a compreender a arte da sua época, através dos conhecimentos adquiridos por si própria, sem que, por isso, a aceite indistintamente em todos os fenómenos individuais. A vida deve ligar-se com a arte para ajudar a juventude a combater a confusão da época.

O MEIO AMBIENTE

Em regra é à escola que cumpre o empreendimento espiritual, através de educadores pela arte, de purificar o ambiente dos alunos, eliminando os aspectos negativos.

Por isso lhe compete limpar radicalmente os corredores e salas da escola de todas as produções duvidosas salientando os bons trabalhos dos alunos, devidamente ordenados. O educador pela arte é responsável pelo aspecto de pureza artístico de toda a escola e não se relhe somente na sua sala de desenho.

Daí advém a necessidade de associar-se a organizações, museus, exposições e concursos, nos quais muitas vezes há, infelizmente, empreendimentos discutíveis mas que presença do educcador pela arte encaminha em bom sentido. O educador pela arte não vive pois, numa redoma, isolado, como uma flor de estufa. Não esquecer que representações teatrais, jogos, fantoches, exposições, concursos, publicações, etc., podem servir da melhor forma à educação artística de uma comunidade de crianças e, portanto, também aos pais e aos professores. Naturalmente tudo depende da qualidade, em cada caso, mas compete ao educador pela arte suportar a responsabilidade correspondente. O êxito destas demonstrações esconderá, possivelmente, alguns perigos, pois é de crer que a exposição pública, os elogios e até mesmo a atribuição de prémios possam introduzir no espírito da criança desvios que transformem a ingenuidade em vaidade. Tudo dependerá dos educadores, como aliás sucede com os estímulos do estudo, as recompensas morais, os méritos cívicos, etc., em tornar salutares todas estas experiências.

O educador pela arte de hoje sabe penetrar no ambiente exterior dos seus alunos, por meio de espírito verdadeiramente artístico. Esta é a sua mais ampla tarefa. Para o seu cumprimento necessita integrar-se com capacidade especial e entusiasmo pedagógico, no estudo sempre progressivo de todos os factos destes meios ambientes.

Através do cumprimento desta missão ele distingue-se daqueles que se limitam ao seu ensino. Todavia a educação pela arte é muito mais

Conto de **MARIA JUDITE DE CARVALHO**

ANABE

Tem o talento, sem dúvida notável e raro, de isolar pedaços de vida, erguer-lhes à volta muralhas da China, inexpugnáveis, esquecer durante o tempo necessário, aconselhável, o passado e o futuro próximos, deixar-se ficar em compartimento estanque, sem vistas gerais nem mesmo parciais para situações e lugares incómodos. Mas raramente faz essas incursões — incursões ou regressos? — sem uma companhia qualquer, importante ou não, mas cuja presença a tranquilize. Algo — alguém? — que não passe despercebido, que não a deixe passar despercebida. A companhia de hoje, Parme, é um enorme vestido de pétalas leves, que dias antes lhe acenou do fundo de uma «boutique» quando ia a passar. Acenou-lhe — e com gestos largos — porque havia algures, por ali, uma ventoínha a funcionar, era Verão. Ela, porém, respondeu ao chamamento, entrou, provou-o, nem uma emenda sequer. «Perfeito, mâdâme». Mâdâme com dois acentos circunflexos. «Parece que foi feito para a mâdâme. A mâdâme tem medidas de manequim».

Hoje, agora, neste instante, sente-se feliz. Feliz com conta, peso e medida, está bem de ver. Nada de exageros que possam provocar o sismo. Não pensa, recusa-se a pensar no seu tempo real, aquele que fica para além das muralhas que apressadamente acaba de construir. É outra mulher, com outra idade, com outro nome talvez. Uma criatura sem passado? Talvez uma criatura sem passado, com asas que ninguém cortou, as asas que Parme lhe propõe e as que ela própria sonha antes de partir, antes de chegar ao tempo-dantes. Ao tempo-dantes-sonhado, está bem de ver.

Tem um cigarro entre os dedos e é uma mulher um pouco maravilhosa entre outras mulheres totalmente maravilhosas. Todas elas parecem ter nascido ali, naquela grande sala luxuosa e desconfortável, a fim de permanecerem pelos séculos dos séculos, assim, mais-que-perfeitas, mais-que-brilhantes, sem raízes, sem amarras, mulheres-semideusas, talvez, nos seus olimpos particulares. Os homens também são (quase todos) muito atraentes, e exibem o à-vontade dos eleitos por herança, dos triunfadores por direito próprio, ou de ambas as coisas, acontece, quando houve exagero na altura da distribuição dos dons. Um diplomata, um engenheiro célebre, um médico mais célebre ainda, um filho-família já pai e até avô, um menino-bem vitalício, outros. As mulheres são as mulheres deles. Excepto ela, que está sozinha apesar de Parme. E há um homem igualmente só com o seu isqueiro de ouro e o seu anel de brilhante. As mulheres dos homens sabem muitas coisas, embora ao de leve, e ela também as sabe porque teve uma educação semelhante, muito cuidada. Todas falam com idêntico à-vontade, de uma peça do Brecht (ou do Roussin) que viram em Paris ou em Londres, até em Nova Iorque (em Lisboa nunca por nunca ser), do último Goncourt, do «Ultimo Tango», da última viagem (ou da próxima), das fotografias de Marte, daquele escândalo dos X. Ela também falou da peça, do livro, do filme, da viagem e do escândalo, as fotografias é que ainda não viu. Uma falha na sua cultura geral, a remediar com urgência.

Tem no rosto o eterno sorriso com que também se maquilha. Sorriso riso às vezes, que é necessário dominar, situando-o no lugar devido ou aconselhável, entre duas linhas próximas, paralelas, apertado ou protegido. Um sorriso que levou algum tempo a desenhar, a aperfeiçoar, a manter tranquilo, abandonado, quase feliz, Um sorriso que lhe criou muitas simpatias, algumas críticas (não será um pouco alvar?) e um certo número, esse dispensável, de rugas de expressão. Um sorriso sempre atento, incondicionalmente às suas ordens, dela, como um bom criado humilde, dos antigos, desses que segundo a mãe dizia, lamentando a sua actualidade, já não se encontravam.

O homem só aproxima-se, senta-se ali por perto, depois ao seu lado. «Ao tempo que não te via, Anabêl» diz ele. «Quase um ano, não?».

Ri-se porque lhe chamam Anabê como quando fez parte daquele grupo onde ele também estava. Tem outros nomes, muitos outros, alguns em todo o caso, mas aquele ficou esquecido, morto, ressuscitou naquele instante, ali, e ela ri-se. Chamaram-lhe Ana Belisa quando nasceu, chamaram-lhe Ani quando foi criança, agora chamam-lhe Ana. É senhora dona, é mâdâme com dois acentos circunflexos, é mã, mas nesse último nome prefere não se deter, não é tempo disso, mã é coisa de extramuros. «Ao tempo que ninguém me chamava Anabê! Também, verdade seja que nunca mais encontrei ninguém de lá. Só tu, às vezes. Que será feito dos outros?».

«Devem estar nas suas vidas, não?».

«É natural que estejam».

«É um nome engraçado, Anabê. Como te chamam agora?» quis ele saber. «Como te chama o teu marido?».

«Ana simplesmente».

O homem diz que Ana-sim-ples-men-te é um pouco longo, e ela ri sem vontade, ri por rir, só para preencher um espaço vazio. Não sabe o que dizer àquele homem que é um pouco mais — um pouco menos? — do que as outras pessoas presentes, porque a conheceu quando ela tinha dezoito anos. Acaba por voltar atrás, ao seu nome-horrível — quem teria tido uma ideia daquelas, algum ser malfazejo vindo momentaneamente dos infernos influenciar os seus pobres pais? «Belisa, já pensaste? Felizmente ficou só burocrático, nome de cartão de identidade, de passaporte, de certidão, coisas sem nenhuma realidade. Nome de retrato à la minute, dos que parecem ter em cima todos os crimes da humanidade, ou, pelo menos, bastantes». Diz aquilo e pergunta-lhe logo a seguir o que tem feito nos últimos tempos. Não esteve em casa dos Y, pois não?

. «Muito trabalho, não calculas. No dia dos Y estava eu num congresso, em Tóquio. Só congressos não sei a quantos terei ido nestes últimos anos».

«Gostavas de viajar, não era?».

«Claro, claro. Nessa altura era um sonho extraordinário, mas tu sabes como os sonhos se transformam com facilidade em rotina. Também viajas bastante, creio...».

«Vou até Londres de vez em quando».

«Um cigarro?» O isqueiro de ouro funciona lindamente. Durante as suas fugas — fugas? — fuma sempre muito e bebe razoavelmente. Agora, por exemplo, colhe no ar um copo de «whisky» em trânsito.

«Desde quando gostas de «whisky?» pergunta ele, que sempre teve uma memória de elefante e só esquece o que quer esquecer.

«Quem te disse que gosto? Continuo a achá-lo uma bebida desagradável. Mas o efeito... Vejo melhor as pessoas. Ou vê-las-ei melhores? Talvez seja isso, talvez as veja melhores».

«E isso ajuda-te?».

«De certo modo talvez me ajude».

«Sempre achaste as pessoas óptimas, mesmo sem whisky».

«Ao passo que tu...».

«Achava-as péssimas, foi o que me valeu. Nunca esperei grande coisa de ninguém e por isso lutei com todas as minhas forças. Pergunto às vezes a mim próprio onde estaria eu se tenho ficado à espera. À espera de quê? De quem?».

Ouve-o pensativa. «Creio que sim», acaba por dizer.

«Crês que sim, o quê?».

«Isso. Que sempre achei as pessoas óptimas. Que me falta um certo critério de escolha. Às vezes, claro, sinto-me partida. Mas faço por apanhar os cacos e por os colar. Alguma coisa havia de ter herdado da minha mãe, que foi uma óptima dona de casa. Sei colá-los muito bem».

«De um modo que ninguém vê as fissuras».

«Tens razão. De um modo que ninguém as vê. A minha mãe dava uma enorme importância a coisas dessas. Lembro-me de uma caneca Mandarim. Ninguém deu por nada, nunca. Conheceste a minha mãe, não é verdade? Levou a vida inteira a dirigir a limpeza (para limpar havia as criadas) e a vigiar o aspecto da sua caverna, para que ela fosse bela e asséptica e agradável às visitas. O que será desta casa quando eu faltar? dizia com a maior das convicções. A mania que as pessoas têm de que são insubstituíveis. Engraçado, não é? Um dia morreu, todos chorámos muito, é natural, gostávamos muito da mãe, mas o certo é que vivemos perfeitamente depois dela, e a casa... O pior é quando sabemos que, de facto, somos insubstituíveis, e que não é de uma casa que se trata...».

O homem pergunta-lhe então, de chofre, qual é o seu problema. Ela poisa o copo sobre uma mesa, ali. De súbito perdeu a velocidade, o entusiasmo, o vento que a arrastava desaparece. Caíu por completo. Um marasmo.

«O meu problema?».

«Não dás por nada, Anabê, mas estás a representar. Estive a observar-te desde que chegaste. Tenho-te observado de outras vezes. Há quantos anos não sei, mas há alguns. A representar. O quê, ignoro-o. É raro ir ao teatro. Uma vida muito ocupada».

Que não tem nenhum problema. Problemas, sem dúvida, como toda a gente. Não tem problemas, ele?».

«Claro que sim. Este, por exemplo, como era dantes a cor do cabelo de uma rapariga chamada Anabê?».

Hesita. A cor do cabelo dessa rapariga? Cor ou ausência de cor ou avareza na quantidade da tinta, na qualidade também, decerto? Isso e outras coisas (a sua verdadeira natureza, por exemplo, a autêntica, não a sonhada, não aquela em que se envolve quando ergue os muros protectores), tudo isso ficou lá para trás, perdido e esquecido, voluntária, involuntariamente? Mas quem se lembra de tudo? E para quê, mesmo que isso fosse possível? Largam-nos na vida para a viver, não para fazermos fichas dos acontecimentos. Para a viver ou para lhe fugir, se tal nos for possível?

«Castanho, acaba por dizer. Não muito escuro. Vulgar, em suma. Depois tem variado bastante. Ela nunca se habituou totalmente à cara que Deus lhe deu, e então faz por dar um jeito. O marido...».

Interrompe-a. «É muito falado, o marido. Parece que é mesmo um bom pintor e já começa a vender. Vive em Londres, não é?».

Pela primeira vez fica completamente séria, e o homem repara que o sorriso a marcou cruelmente e já faz parte integrante do seu rosto um pouco fanado. Agora que está série, vê-se como essa expressão é anormal e inesperada, como é grave aquilo que pensa e aquilo que vai dizer.

«Julgas então que é esse o meu problema? Eu cá, ele em Londres: um casal separado que quer manter as aparências? Uma mulher preconceituosa que prefere tudo a que digam que o marido a deixou, ou que ela o deixou a ele? Estás então a pensar... Pensaste certo. Resolvemos viver separados, mas ficámos amigos e vemo-nos com frequência. A verdade é que eu detesto o clima de Londres. Até gosto da cidade, mas não no Inverno. Ficava completamente neurasténica. Mas não é um problema, podes crer. Faço por me distraír a meu modo. Ele também, decerto».

«Mas não estão a divorciar-se?».

«O problema nunca se pôs. Estamos perfeitamente. Quem sabe se não é mesmo o estilo de vida ideal? penso às vezes».

«Estarás a dizer-me que és feliz?».

Um silêncio breve, um quase soluço, tudo apagado — mal, com um sorriso incerto, errado. «Claro que outras vezes penso... Sim, outras vezes penso se não teria sido feliz, mais feliz, quero dizer... Lembras-te do Ricardo, um moço que era filho de um operário? Morava na minha rua, numa casa cor-de-rosa, em frente da tabacaria... O Ricardo era um rapazinho tímido, que estudava com grandes dificuldades (ou seriam os pais quem tinha as dificuldades? É possível que fossem os pais...)».

«Mas o Ricardo?».

«Gostava de mim. Lembras-te dele?».

«Muito vagamente. Dizes então...?».

«É hoje um homem importante, sabes?».

«Sério? Importante? O que é um homem importante?».

«Vai a muitos congressos, vê lá tu como são as coisas. Uma tia dele — ou seria prima, já não sei — era costureira em minha casa. Ninguém diria que ele ia ser importante, pois não?».

«Ninguém».

Olham um para o outro como cães de faiança. E, de súbito ela (Ana Belisa? Ana? Anabê de modo algum) diz que de vez em quando é como se desse por si numa aldeia de chineses ou de turcos que não soubessem falar mais nenhuma língua senão a deles. E diz aldeia porque é aldeia mesmo, nunca há intérpretes nas imediações. Às vezes dá consigo sentada e a olhar mas não percebe nada do que dizem, e até os gestos que fazem são para ela insignificativos e sem sentido. Sons que não formam palavras, palavras que não formam frases.

«Mas ouvi-te falar de um escândalo qualquer e de um prémio literário qualquer... Parecias muito interessada na conversa».

«E estava. Até estava. Pois não compreendes que... Só faltaram os mapas de Marte», diz baixinho.

«É. Só faltaram eles».

«De vez em quando percebo tudo. Mas de repente, se não me acautelo, se não construo bem as paredes...».

«Nunca pensaste em ir para qualquer outro lado? Londres, por exemplo. Londres é uma linda cidade e o clima não é assim tão mau».

Encolhe os ombros. «É difícil, é mesmo impossível. Em qualquer lado temos a nossa casa, a nossa gente às vezes turca ou chinesa, os nossos amigos e conhecidos chineses ou turcos. Em toda a parte...».

«O teu marido, que língua fala? Que língua falava?».

Ela, porém, não o ouve, não quer. Diz que quanto mais eles falam mais estrangeira se sente, estrangeira que fala uma só língua na terra de outrém, uma língua morta, daquelas sem utilidade imediata. Porque às vezes a culpa é dela, só dela, não dos outros, não deles. Ela é que não fala a língua universal.

«Inglês?».

«Esperanto, parece-me».

O homem sorri porque ela sempre gostou de dizer coisas sem sentido. Já dantes era assim, aos dezoito anos, quando era decerto — seria? — muito feliz.

«Sais muito?» pergunta-lhe.

«Saio bastante. Até porque sòzinha sinto-me... Penso demais, é o que é. E então...».

Mas ei-la que vê as horas, se levanta precipitadamente, e as pétalas de Parme esvoaçam. «Meu Deus, tão tarde! Será o tempo que caminha ou as muralhas que começam a estalar à sua volta? Ela parece, em todo o caso, um pouco assustada, estende-lhe apressadamente a mão que ele aperta entre as suas, diz «Gostei de te ver, não calculas como gostei. Telefona-me um dia destes, está bem?» Mas fala e já não está ali por completo. Depois afasta-se, e ele avista-a despedindo-se deste e daquela, séria e logo sorridente, ela e Parme, ela e os seus novos cabelos cendrados porque de vez em quando precisa de mudar. Mudar é sempre uma esperança, mudar pode atraír ou provocar outras mudanças. Mudar pode ser o princípio de um milagre, de qual?

Maria Judite de Carvalho

É URGENTE

É urgente acabar a partir de hoje
De hoje — agora
Neste momento — já
Com toda a intolerância
A prepotência e a mentira
É preciso também que se acabe
Com o ódio, o despeito e a caridade
As crianças sem pais
E o falso humanismo de
certos colunistas dos jornais
Onde vampiros sociais passeiam
arrogantes e ilegais.

É urgente, igualmente, que acabe
A fome e o racismo
O preconceito e a arbitrariedade
E a falta de respeito
Pelo que é de cada um — um livre pensamento.

É urgente anular a vingança
O ciúme, o despeito, a vaidade
A religião dos que urram razão
sem razão

E a falsa benemerência
que apregoam certas damas
sem decência
A piedade depois da agressão
E as humildades que partem de certezas
de ascendências burguesas.

É urgente banir, desde agora
Os grupos menores
que maiores
ditam morais privadas
às outras camadas

É urgente
cultivar o amor
O bom tempo
E as searas
É preciso
É vital
É urgente.

JÚLIO MACHADO

"FALAM COMO SE EU FOSSE UMA CRIANÇA"

Uma professora universitária brasileira, de 24 anos, queixava-se-me há dias, perplexa, pela maneira excessivamente paternalista com que a tratavam aqui. Para os do círculo das suas relações, dizia, não passava de uma adolescente metediça apesar dos seus cursos superiores, dos seus livros publicados, da sua inteligência, da sua acção actuante e esclarecida.

Sem o saber, ela tocava com o seu protesto magoado uma das facetas mais encrespadas em nós: inabituados a sermos considerados, não sabemos, a maior parte das vezes, considerar, isto é, relacionarmo-nos na igualdade.

A influência do pai, do padrinho, do professor, do padre, do chefe, penetrou-nos biologicamente, condicionou-nos, paralisou-nos, fazendo-nos depois condicionar, paralisar, aperfilhar os que nos seguem em gerações e dependências. Subservientes com os **de cima,** despóticos com os **de baixo,** não encontramos ainda a convivência horizontal e aberta, e chã, e autêntica.

Em terra de velhos quem tem juventude não é rei. É espectador, Referimo-nos, claro, a juventude, não a idade; a renovação, a futuro, a risco, a coragem; a dignidade sem moralice nem lágrimas, nem todas essas coisas correntes entre nós e os outros.

Desenraízada, a minha interlocutora (vinda de um continente onde 75 por cento da população tem menos de trinta anos) só com dificuldade se tem conseguido aguentar á tona desta tina, semiperdidos o pé e a orientação. Os de cá nem estranham muito (des) acostumados como foram de o não ter — que é a vantagem de se estar por dentro e de dentro, de se ser da (parte de) casa. Há até por isso, pela descomunal força do hábito, quem goste de ser maternalmente protegido, de ficar resguardado no fofo do quarto de brinquedos consentidos; de não ter dúvidas, não experimentar frios, não sentir consciências, não ouvir a voz do poeta/Pessoa/Fernando: **mudo de opinião mil vezes ao dia, mudo...**

A falta do exercício da responsabilidade dificulta-a, naturalmente, o que se faz sentir a muitos níveis e de muitas maneiras. E como de pequenino é que se torce ou não o pepino, fomos (vamos) ficando todos afectados por ela e, o que é mais grave, afeitos a ela.

— **No meu país uma pessoa com a minha idade é adulta há muito tempo, é até «veterana» para os adolescentes. Lá é normalíssimo verem-se rapazes e raparigas de vinte e poucos anos em postos de direcção, em lugares de responsabilidade. Ora em Portugal falam comigo como se eu fosse uma criança. Aqui os jovens não são chamados a participar, não lhes são dadas condições, oportunidades de intervir, de manifestar opinião. A infância é muito, mesmo muito longa... Vocês acham que isso tem vantagem?**

FERNANDO DACOSTA

NOVOS CONTRA VELHOS?

Tem-se falado muito nos últimos anos de «luta de gerações». Entre nós também. Sempre que existe a necessidade de explicar a insatisfação e irrequietude da juventude, justificar certas manifestações de inconformismo e de revolta, o argumento logo surge, qual chave mágica capaz de abrir todas as fechaduras da incompreensão. Como se a única clivagem entre os humanos fosse a que separa os velhos dos novos.

O argumento não é de hoje nem de ontem. Desde há muito que os conflitos de gerações são invocados quando se trata de arranjar uma justificação para fenómenos sociais nos quais os jovens têm alguma participação. Mas não há dúvida de que a eclosão dos movimentos estudantis que, a partir dos princípios dos anos sesta, um pouco por toda a parte, desde Berlim à Cidade do México, abalaram as estruturas da Universidade tradicional (e não só), deram nova vida ao argumento e trouxeram-no para o primeiro plano.

É incontestável que os jovens de hoje foram educados e estão a viver num mundo fundamentalmente diferente daquele que os seus pais e avós conheceram. As extraordinárias descobertas científicas dos últimos anos, a autêntica revolução nos meios de comunicação de massas e muitas outras importantes transformações alteraram de forma sensível não só os padrões de vida como os esquemas de pensamento e as próprias concepções morais. É também inegável que a juventude de hoje, nomeadamente a escolar e urbana — precisamente a que se tem mostrado mais **irrequieta** — enfrenta problemas específicos, sem dúvida diferentes e certamente mais complexos do que os de outros tempos.

Por outro lado, nem sempre os adultos, formados segundo outros princípios e obedecendo a outros imperativos e princípios de vida, conseguem adaptar-se às novas realidades e **aceitar** os mais novos. Muitas vezes recorrem ao castigo e à repressão quando a atitude mais indicada seria, não, evidentemente, o sempre condenável paternalismo, mas o diálogo e a compreensão.

Tudo isto é verdade. Mas partir destes dados de facto directamente para a conclusão de que estamos pura e simplesmente perante um agravamento da luta de gerações, é abusivo — se bem que nem sempre **inocente**... Com efeito, diferenças e conflitos entre as idades sempre os houve: o que é preciso explicar é porque razão nos nossos dias essa luta parece ser maior. Isso só parece possível tendo em conta as condições específicas da nossa época.

Nesta sociedade em que vivemos,a linha de clivagem essencial não é a que separa os novos dos velhos, a luta fundamental que se trava — daclarada ou surda, revestida de aspectos folclóricos ou violenta e dramática — não é entre gerações. Há velhos e novos dum lado, como há velhos e novos do outro. As oposições e contradições situam-se a outro nível. Há novos e velhos explorados por velhos e novos, há velhos e novos a viver em condições subhumanas e novos e velhos no cume da escala social. As lutas de gerações são uma explicação muito fácil para quem não quer cavar mais fundo e encontrar outras.

Não é para estranhar que a juventude seja sensível às mutações a que o nosso mundo assiste e que, devido áquelas disponibilidade e generosidades que, através dos tempos, sempre a caracterizaram, seja a mais activa e dinâmica na destruição dos preconceitos e do tradicionalismo. Nem sempre o fará, é certo, pelos meios mais adequados. Os seus meios de luta, inclusivamente, algumas vezes se têm mostrado contraprodecentes. Mas as sombras do acidental não nos devem evitar a visão clara do que é essencial.

Aragon escreveu um dia: **«Tenho um ponto de vista que não é apologético para a juventude, porque também tenho um velho princípio que é o seguinte: é com os jovens imbecis que se fazem os velhos estúpidos. Mas é preciso reconhecer que, infelizmente, muitos homens e mulheres que avançam na vida, esquecem totalmente o que foi a sua juventude e tornam-se assim incapazes de compreender a juventude que veio depois; trata-se de um grande mal, para os velhos e para os novos. Isto legitima um certo número de incompreensões da juventude e empurra-a para revoltas que nem sempre são razoáveis, mas não sou eu que lhes vou pedir que partam para a vida com uma atitude conformista que não me interessa.»**

FERNANDO CORREIA

A HISTÓRIA QUE LAIRINDO NÃO CONTOU

«E por um cabaneio não chegaram à lua!» — Era assim que Lairindo terminava vulgarmente a narrativa de uma das inúmeras histórias que ele gostava de contar, quase sempre à noite, quando o rancho de ceifeiros se reunia para a ceia.

O episódio ocorrera no Alentejo, numa aldeia chamada Corte Gafo, há muitos anos atrás, nem ele sabia bem já quando. Na altura escolhida para atingirem o céu, cúpula do universo, os seus habitantes reuniram todos os cabanejos que possuiam e empilharam-nos em gigantesca torre. Porém, quando o céu se encontrava ao alcance dos corte-gafenses, esgotaram-se todos os cabanejos da região e sem possibilidades imediatas de arranjarem o que lhes faltava, retiraram o cabanejo base, a fim de suprirem a falta daquele que serviria de pináculo ao improvisado foguetão celestial. Como era de esperar deu-se a derrocada e com ela consumou-se o fracasso daquela missão inédita e arrojada, em época tão remota. — **E por um cabanejo não chegaram à lua!** — rematava o Lairindo com profunda tristeza, perante a desilusão natural daqueles que o escutavam boquiabertos.

Naquela noite Lairindo apenas narrou esta história. Os corpos necessitavam de repouso, após um dia de trabalho exaustivo. Já havia quinze dias que andavam na faina da ceifa e pelo que lhes faltava cortar à terra, até deixarem tudo reduzido a simples restolho, deviam ter ainda para outros tantos. E, diacho, que naquele estio o calor tinha apertado. Parecia o Inferno. Quase os chamuscava. Estavam todos doentes, escaqueirados, com febre e dores na cabeça. Nem os mais idosos se recordavam de uma coisa assim. O céu azulava, parecia resplandecer imenso, pairar para lá do horizonte. O silêncio da fornalha, somente de espaços a espaços era interrompido por um grito, uma voz, constituíndo como que fogachos estéreis, num reino em que o solitário é dono e senhor.

Gotejando suor em bagas, debruçados sobre a terra, derreados quase beijando o solo, com as foices empunhadas pelas mãos calejadas, os ceifeiros atacavam quase com furia, degolavam cerces os pés de trigo, com as espigas aloiradas, carregadas de bagos gordos e amadurecidos. Escravos da terra, heróis do anónimo, estes homens eram uma legenda invulgar, um grupo escultórico na sua beleza selvagem, inumano no seu sacrifício, num sofrimento quase estéril e sem fruto real para eles. Homens e mulheres, com os amplos chapéus de abas largas enterrados até aos olhos, lenços multicores em redor do pescoço, pontos isolados na imensidade plana. Descobriam os campos e deixavam-nos desnudados até à próxima sementeira.

Constituiam um rancho, entre muitos outros que pululavam na charneca. Haviam tomado de empreitada as courelas do compadre Chico, já velho e derreado e que não tendo filho nem filha, estava podre de rico, andando mais de duas léguas em terras que lhe pertenciam. Mas o velho era avarento como aqueles que o são e nem sequer se sabia onde gastava ou enterrava o dinheiro proveniente das colheitas.

Lairindo, que fora naquele ano um dos componentes do rancho era por natureza um contador de histórias. Histórias que escutara de camaradas de outras ceifas, de outras debulhas, de mondas e varejos invernosos, de empreitadas em vilas ou cidades onde vagueara a abrir profundas valas, metendo tubos, saibrando ou alcatroando estradas.

Outra história que ele contava com frequência tivera lugar na freguesia de Aguiare que, na altura, não possuia relógio na torre da sua igreja. Então o prior residencial resolvera fazer uma subscrição que pessoas afirmavam ter rendido bom dinheiro. Contudo, depois do peditório consumado o sacerdote partira para a capital e nunca mais voltara. E, em vez do relógio, alguém mandara uma caixa pelo correio, contendo cornos de boi e de chibato. Agora os habitantes desta aldeia vão aos arames quando alguém passa por lá e lhes pergunta: — **Olhe lá, ó compadre, vossemecê, pode dizer-me que horas são? É que o relógio da vossa torre fica muito alto e como eu vejo mal da vista, tudo me parece assim a modos como que bicudo!...**

Depois de terminada a empreitada nas courelas de compadre Chico, Lairindo nunca mais voltara a aparecer por aquelas bandas. Segundo diziam tinha ido para a tropa e nunca mais regressara. Não tinha família e ninguém mais ouvira falar dele. Ou morrera na guerra ou emigrara para o estrangeiro. Ou talvez ainda vaganbundeasse de sacola às costas em alguma cidade, ou vila, ou aldeia, em busca de novas histórias, na senda de novas lendas, que para ele e para aqueles que o escutavam tinham o sabor de realidades.

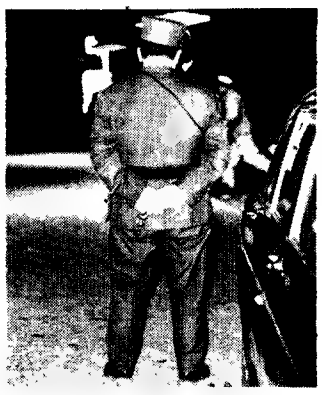
Neste ano de setenta e três se Lairindo por cá andasse, decerto teria agora outra história para contar. Uma história que, em contraste com aquela que ele narrava relacionada com os audazes corte-gafenses que já no século passado tentaram ir mais além do que todos os astronautas das missões Apolo e que um único cabanejo condenara ao fracasso, não poderia despertar um sorriso de chalaça, mas sim um esgar de desespero e revolta, em face da realidade pungente do seu contexto. A história de uma terra que tem uma mina. Que os habitantes desta terra eram audazes e esforçados mineiros e que os exploradores do filão desta mina eram capitalistas estrangeiros. Mina de S. Domingos é o seu nome e o facto de causas até agora insondáveis terem conduzido à suspensão de todas as actividades deixou muitos velhos sem reforma e obrigou todos os jovens a emigrar para as Franças e Alemanhas.

MANUEL GERALDO

RESTAURANTE
DOM PEDRO I

AMBIENTE REQUINTADO
COZINHA PORTUGUESA
E ESTRANGEIRA
DE CATEGORIA INTERNACIONAL

BECO DOS INVÁLIDOS, 4
Telef. 28 37 34 (Entre a Câmara e os Bombeiros)
CASCAIS — PORTUGAL



OS OLHOS DA NOITE

Quantos são os guardas-nocturnos que passeiam pela noite, vigiando na escuridão, para a segurança dos bens e pessoas dos seus contribuintes? Quem são os guardas-nocturnos que abandonaram as noites na cama, o calor da mulher, o descanso normal? O que os levou a isso? Como é a sua vida, quais as compensações que alcançam para um desgaste enorme? Quem lhes paga? Quais os seus amores e os seus desgostos? Os riscos de que se fala, uma vida fora das regras, problemas conjugais: como são?

José Carlos Vasconcelos debruçou-se, em 1969, sobre o caso, nas colunas do nosso jornal. Afirmava que, nessa altura, os vigilantes da noite somavam 296 homens. Hoje a cidade cresceu, os bairros dos subúrbios dilataram-se e a necessidade destes guardas cresceu, com o aumento do número de viaturas e com o aperfeiçoamento dos processos da gatunagem. Agora «serão uns 600», asseguram-nos.

Mais tarde, já nos fins de 1970, de novo o «DL» falava de guardas-nocturnos. Fazia-se, então, o ponto dos seus deveres e direitos: **não lhes é atribuído qualquer vencimento, para lá do que for convencionado entre estes representantes nocturnos da autoridade e os contribuintes da zona abrangida pela sua acção. Têm de saber ler e escrever. Têm de obedecer e prestar todo o auxílio à Polícia e às autoridades administrativas e seus agentes; manter-se na maior vigilância durante as horas de serviço e prestar prontamente o auxílio que lhes for solicitado; coadjuvar, quando for necessário, os guardas-nocturnos das outras áreas. Estão sujeitos a uma série de sanções. Em caso de doença, terão de pagar ao supra, aquele que os vai substituir. Sessenta escudos diários...»**

A aventura é um gosto.

Sair para a rua e falar com estes homens é, de facto, uma aventura. É difícil, como é de calcular, porque nem todos eles estão na disposição de falar, seja por relutância, seja por incapacidade. Vamos encontrá-los, de rugas cavadas, encostados por essas esquinas, semidormindo de pé, o sono circulando-lhee em todos os vasos do pensamento. São duas horas da manhã.

Na rua do Ouro os guardas concentram-se a partir de uma certa hora. Falam, guardam-se, eles próprios uns aos outros, abrigam-se das noites de solidão, de roubos, de incerteza. Eles são, no dizer dos seus colegas afastados do centro, os melhor remunerados. As firmas querem que eles zelem com o maior cuidado pelas instalações comerciais e por isso «entram com mais algum». São, na generalidade, homens velhos. Que envelhecem em cada noite que passa. Sem grandes histórias para contar. Perto do Marquês, um guarda nem sequer quer deixar fotografar-se. Não traz as chaves sispensas no lugar que o regulamento impõe e não quer arranjar motivos de sarilho.

É na Quinta das Mouras, perto da Alameda das Linhas de Torres, que vamos encontrar um homem muito disposto à confissão, a contar a sua vida e os seus processos de vigilância. Começamos por estar informados de que se trata de um homem com um «faro especial para a caça aos gatunos».

É VERDADE, SIM SENHOR

— **É verdade, sim senhor** — afirma-nos com sotaque da Beira, o «s» pronunciado em «che», o senhor Manuel da Cruz Júlio de Carvalho, casado, de 43 anos. **Não é por causa do faro, é porque eu tenho muita atenção e quando vejo alguém estranho finjo que vou dar uma volta mas fico com atenção nos movimentos dessas pessoas. Depois, tá claro, quando os apanho, não perdoo.**

Estamos sentados num café da zona. Conversamos, bebemos, depois de mais de uma hora de espera pela passagem do senhor Manuel. De resto, tiveram de ir chamá-lo um tanto mais à frente, onde ele andava de bicicleta rebuscando

«O que me vale é ter umas leirazitas...»

vestígios de prováveis (hipotéticos) ladrões. É esse o seu processo de locomoção e, de quando em quando, a «lambreta» de que se serve, normalmente, para uso particular. Outros seus colegas, é ele quem o diz, servem-se exclusivamente das pernas ou dos eléctricos onde não estão isentos de pagamento.

— **E o que é mais engraçado é que nem todos querem contribuir com alguma coisa para nós. Quando não há roubos, se nós não damos por nada vêm perguntar como é. Mas não se lembram que não ganhamos mais do que aquilo que nos dão.**

No entanto, com o aumento de número de veículos automóveis e dos habitantes por prédio, cresceram os rendimentos médios dos guardas-nocturnos. No caso presente, o conjunto dos contribuintes atinje os cinco contos e tal, ou até os seis. Há, no entanto, que ter em conta o facto de se tratar de uma zona com uma extensão enorme, a tal ponto que Manuel da Cruz já pensa em subdividi-la.

— **Isto já é muito grande e é demais para um homem sózinho** — conta-nos enquanto bebe mais um trago e se entusiasma. **E, tá claro, a gente tem de subir escadas, a gente tem de fazer certas coisas a pé. A gente trabalha uma data de horas e não pode descansar.**

E Manuel da Cruz não vive só disto. A partir das onze da manhã e durante mais duas ou três horas trabalha na recolha do lixo, por conta da Câmara, donde lhe vêm mais dois contos e picos.

AS LEIRAS

Até à tropa, Manuel da Cruz não teve a veleidade de vir para Lisboa. Contudo, a vida de quartel (é coisa que ele não sabe explicar convenientemente) terá despertado nele um certo interesse pela cidade. E por cá ficou.

— **Bem, tá claro que eu já tinha por lá umas leirazinhas. E agora continuo a comprar por lá aquilo que posso com o dinheiro que aqui vou amealhando... E cá me vou «sustentando».**

Não há reforma para os guardas-nocturnos. Eles trabalham, arriscam-se aos piores conflitos com os ladrões que podem ser violentos, dão, em alguns casos o esforço durante toda uma vida e acabam sem direito a nada. **Tá claro,** diz Manuel da Cruz, **alguns têm de andar para aí até não poderem mais. Eu conheci um homenzinho que já nem se aguentava nas pernas, tinha praí uns noventa anos. E todas, as noites, tá claro, ele continuava a sair, como se fosse o mesmo homem. Mas quem o via sabia bem...»**

Manuel da Cruz afaga a sua única defesa para as noites de solidão.

Rosetas vermelhas alastraram pela cara deste guarda-nocturo. Serão, talvez, um sinal de doença cardíaca. Um breve inquérito deixa entrever que sim. No entanto, as conclusões não o assustam, aparentemente, em nada. Continua a falar placidamente, sentado, beberricando a sua cerveja, enquanto revela que a sua reforma está assegurada lá na terra. Tão logo não sinta mais forças, juntará os seus haveres de casa em Lisboa e partirá com destino a uma aldeiazinha perto de Viseu. E por lá acabará os seus dias, se a tanto lhe for permitido chegar.

— **Como os meus colegas acabam não sei. Conheço muitos deles, mas a gente depois que eles abandonam isto, tá claro, perde-os de vista. Isto é como lhe digo: uns trabalham até à morte, outros conseguem juntar alguma coisa. Eu tive a sorte de já ter, antes, alguma coisa.**

Mais um golo de cerveja e passamos à aventura que o senhor Manuel tem vivido na sua luta com os ladrões. O rosto ganha uma nova alegria.

A AVENTURA

A aventura cai-lhe, evidentemente, no goto e o seu rosto resplandece de gosto quando viramos os nosso interesse sentido. Vai mais uma golada de cerveja, o corpo endireita-se na cadeira e a mão desce até à pistola: a sua grande defesa, quando «eles» são muitos e ele não passa de um: Manuel da Cruz. Gosta da aventura, em suma.

— **Aqui há uns tempos, andava eu a fazer a volta e tá claro, notei um tipo com um aspecto estranho. Vim depois a saber que eram uma quadrilha em que estavam o pai, o filho e outro. Tá claro que fiquei com atenção. Às tantas notei que um deles estava a tentar entrar para o carro que eles tinham em mira. O outro já estava perto. Então eu montei-me na bicicleta e fui direito a eles. Tá claro que eles viram logo que eu já tinha dado pela coisa. E então não quer ver que os malandros avançam direito a mim para me atropelarem? Eu puxo da minha pistola e atirei mesmo para acertar. que medo já eu tinha. Eles assustaram-se com os tiros e desataram a fugir pelo campo fora. Eu encosto a bicicleta e vou atrás deles. Agarro um deles e desato a dar-lhe onde calhava. Quando eu ia para me levantar ele agarrava-me as pernas porque tinha medo de me ver de pé a dar-lhe mais. O que salvou aquilo tudo foi que apareceu gente que tinha ouvido os tiros. Depois começaram para ali, os malandros a inventar histórias, que moravam aqui, que moravam ali. Mas eu levei-os para a esquadra e a coisa acabou por ir a tribunal. Eles ficaram absolvidos mas a sova ninguém lha tira.**

Mais aventuras? Manuel da Cruz tem-nas tido. Mas agora tem diminuido um tanto o ritmo, porque ele tem uma grande área e a maior parte dos roubos que há na Quinta das Mouras dão-se em casos de não contribuintes. E não é o caso de ele não zelar por esses. Mas se acontece que ele faz alguma coisa, por duas ou três vezes, sem que as pessoas venham a contribuir, então ele desiste da vigilância, dos pertences desta gente.

É a vida dele, enfim...

AS HISTÓRIAS

As histórias têm-nas todos, especialmente os que se dedicam a uma actividade nocturna, vivida na rua. Manuel da Cruz vai desfiando um certo número, desde aquelas em que ele foi protagonista, como a que contámos, até à daquele ali para os lados de Algés, que foi apanhado com a boca na botija de uma capoeira bem recheada. O guarda foi intransigente e foi encaminhado para a esquadra mais próxima. Manuel da Cruz tem presenciado os acontecimentos mais diversos nas escadas que visita em missão de vigilância. Foge a contá-los, por dever da profissão. Mas sorri-se na recordação...

Guarda a pistola que verificou se estaria pronta para qualquer problema. Sorri-se de embaraço quando lhe falamos das histórias que circulam a respeito da vida conjugal dos guardas-nocturnos. **Tá claro, é das tais coisas, elas têm que ter paciência...**

O seu riso apaga-se-lhe na cara quando lhe falamos no roubo da sua bicicleta que se verificou por mais de uma vez.

— **Sim senhor, os malandros até já ma roubaram à porta ali da esquadra. Mas como eu a tinha a cadeado acabaram por a deixar mais à frente, tá claro. Devem-na ter levado às costas, tá claro.**

Acaba a cerveja e continua na noite. Tal como muitos outros que têm o seu labor em pleno dia...

OBJECTIVIDADE E PONTOS DE VISTA

● JORGE FERNANDES

1. Tomamos como pretexto um acontecimento que foi objecto de notícia em «Le Monde» de 16 de Março: um conflito social, numa empresa metalúrgica, em Louviers, França. Nesse caso, interessa-nos principalmente a notícia e o modo de a fazer.

Consistindo sempre numa escolha de factos, de dados, que se descrevem ou realçam, a notícia nunca «dá a realidade». A objectividade não consiste em «dar o real», o que seria uma mistificação, mas em organizar os factos e relações mais significativos, de forma a dar uma descrição e uma explicação do acontecimento em causa. Esta triagem existe sempre e é feita segundo um «ponto de vista» determinado. Não há objectividade em si mesma e todas as posições se reclamam do seu próprio critério de objectividade: há, sim, posições que suportam a narração dos factos e outras que os têm de escamotear, falsear, distorcer; há o bretudo pontos de vista mais aptos do que outros para explicar os factos sociais, as contradições e conflitos. Tanto a explicação correcta e a narração objectiva de um acontecimento como a sua mistificação ou até supressão estão sempre ao serviço de forças sociais.

Um jornalista escolhe os factos, relaciona-os, monta-os, segundo um ponto de vista determinado; em última análise, segundo os mesmos pontos de vista dos homens e dos grupos envolvidos nos conflitos ou nas «convergências» que ele próprio relata.

UM ACONTECIMENTO, DOIS PONTOS DE VISTA

2. A notícia do «Monde» intitula-se «Os grevistas de Zimmerfer, em Louviers, (imigrantes na maioria) são obrigados a evacuar a fábrica».

Deixemos o título de lado e passemos à notícia.

Esta, em lugar de impor um julgamento, fornece material directo para elaborar dois pontos de vista opostos, no fundo os das partes em conflito. O leitor, consoante o ponto de vista em que se coloque, assim fará uma leitura própria. Uma escolha cuidada dos factos deixa certa margem de liberdade na leitura, bem como elementos para contradizer e confrontar os interesses em jogo. Aproveitá-la-emos para decompor a notícia.

Eis o ponto de vista da empresa a Zimmerfer, do grupo Wendel — Sidelor, pela voz do seu director. Não se nega as más condições do pessoal (um acampamento), nem o baixo nível dos salários. Mas nega-se terminantemente que as condições de trabalho sejam más. A greve não é espontânea, não partiu da empresa. «Louviers é uma localidade muito agitada, sob a influência de células esquerdistas, em que até colabora um médico. De facto, os grevistas são manipulados e o conflito é orquestrado por um dirigente departamental da CFDT». Quanto à evacuação dos ocupantes da fábrica e ao recurso ao trabalho dos empregados e da minoria não grevista, tudo legal: decisão judicial ao abrigo da «liberdade de trabalho», intervenção da polícia. O director procedeu assim porque tinha encomendas urgentes.

As reivindicações são excessivas: «Representam 27 por cento da massa salarial». De resto, a empresa já fizera as suas propostas: 7 por cento nos salários, 13.º mês em 1974. E sintetiza o director: «Se os operários estão mal, podem ir dormir fora e procurar trabalho noutro sítio».

Ao expor o outro ponto de vista vamos resumir bastante o relato do jornalista J. P. Dumont, tocando só alguns pontos significativos.

Primeiro conflito em Janeiro, nas eleições sindicais, tendo a direcção conseguido impedir a maior parte das candidaturas dos trabalhadores imigrantes. Permanecem as reivindicações salariais que levam à greve em 26 de Fevereiro e à ocupação dos locais de trabalho em 2 de Março. A maior parte dos operários que trabalham em equipe ganha menos de 1000 F por mês, com 45 horas semanais: pedem um aumento de 20 por cento. E a supressão da categoria de «manoeuvre» (trabalhador braçal), prémio de equipe, prémio de sujidade, 13.º mês, tolerância na data de regresso de férias do país natal (a empresa despede o trabalhador que não pode chegar pontualmente, readmitindo-o logo a seguir mas com perda de direitos e promoção profissional conseguidos — um argelino, com 10 anos de antiguidade já sofreu 4 despromoções).

Condições de trabalho: — «O trabalho é duro e sujo. Há muitos acidentes de trabalho e as cadências aumentam. Temos de transportar grades metálicas que pesam entre 50 e 120 quilos: mil e duzentas por dia, se têm 3,5 m, trezentas se têm 8 m. Um fogão e mesas para um dos pavilhões foram conquistados com paralisações de trabalho. As cadeiras ainda não.

O que aparece como significativo nesta greve não é nível de exploração da mão de obra, que é geral, e multiplicado no caso dos imigrantes: é a própria possibilidade do movimento.

Meses atrás, a mão de obra dividia-se por clãs: o árabe, o português, o francês. Hoje, uma unanimidade que meses antes seria um sonho, diz o jornalista. Com apoio de elementos dos «Cahiers de Mai», um grupo começou a discutir as condições de trabalho. Daí passam a discutir e tentar coordenar as reivindicações: primeiro entre os argelinos, depois com os portugueses, e, finalmente, com os franceses. A maior parte aderiu, aos sindicatos, à CFDT, à CGT, mas não delegando a iniciativa: mantendo o método de discussão e acção colectivas.

Estes são os aspectos que mais nos interessam, independentemente dos acontecimentos seguintes e do desfecho.

A REALIDADE FALA POR SI

3. Não interessando, aqui, o caso duma imprensa partidária, que procura uma forma específica de objectividade pela adopção explícita de um critério explicativo, dum ponto de vista fundado numa teoria social, como enquadrar a questão da objectividade?

Que pode restar para além do equívoco e da ambiguidade da noção de objectividade? Alguma coisa resta e sabemo-lo quotidianamente ao comprar dois jornais, ao avaliar da «fidelidade» ou «distorsão» de uma notícia.

Muito sucintamente, poder-se-à procurar a objectividade por outro ângulo. Através da notícia que evite o julgamento e sistematicamente forneça todos os factos úteis para que o leitor raciocine e julgue. Uma tal escrita não é autoritária e moralista. Não impõe uma interpretação ou uma norma de Leitura. Em lugar de escamotear as contradições, revela-as, pois a realidade, se descrita de forma global, fala por si. Quando, por exemplo, em lugar de favorecer o confronto dos pontos de vista contrários apenas se invoca um, ainda que, «o justo», está a atenuar-se a contradição e o afrontamento das posições, preparando-se a saída moralista: em lugar da conquista, o «é justo conceder». O mesmo se poderia dizer da substituição do facto pelo adjectivo, pelas fórmulas de «carregar as cores do quadro» sem ajudar a conhecê-lo. Pois a **objectividade** só terá algum sentido, ou poderá ser determinada por algum critério, se em relação com um processo de conhecimento. Expor a cadeia dos factos e das relações significativas, desmontar as engrenagens, favorecer o confronto dos pontos de vista em choque. O adjectivo vem depois, se tiver lugar.

A FIRMA

ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA.

TEM PARA VENDA

MERCEDES 220, a gasoleo, motor novo	145 000$00
TRIUMPH 2500, injecção, último modelo	135 000$00
NSU, RO-80, ar condicionado, telefonia, aparelho de cassetes, etc., extras no valor de 40 000$00	135 000$00
MERCEDES 220, a gasóleo, motor novo	115 000$00
MERCEDES 190 D, prát. novo	115 000$00
BEDFORD, 9 lugares, a gasóleo, 3 meses de uso	107 000$00
PEUGEOT 404, familiar	100 000$00
PEUGEOT 404, injecção, último modelo	85 000$00
CITRÖEN GS, último modelo	75 000$00
VANDEN PLASS PRINCESS 1300	75 000$00
VOLKSWAGEN 411-L	75 000$00
TAUNUS 20 M, 4 portas, último modelo	75 000$00
CITRÖEN DS-21	68 000$00
CORTINA 1600 GT, 4 portas	65 000$00
VOLKSWAGEN 1302-Carocha	65 000$00
VAUXHALL VICTOR, a gasóleo	65 000$00
MG, último modelo	65 000$00
TAUNUS 12 M 1500	62 000$00
SIMCA 1501	58 000$00
CORTINA	56 000$00
FURGONETA AUSTIN, utilitária, último modelo	55 000$00
ZEPHIR, utilitária, último modelo	55 000$00
VAUXHALL VICTOR 1600	55 000$00
VOLKSWAGEN 1600, muito recente	55 000$00
RENAULT GORDINI	55 000$00
TAUNUS 12 M 1500, 4 portas	42 000$00
TAUNUS 17 M, muito recente	48 000$00
FIAT 1500, Cabriollete descapotável	48 000$00
RENAULT 10	48 000$00
NSU, último modelo	48 000$00
WOLSELLEY 100	45 000$00
NSU 1000	44 000$00
SAAB, muito recente	42 000$00
VAUXHALL VIVA, utilitária	42 000$00
CITRÖEN AMI 6	36 000$00
ALFA ROMEO GIULIETA	35 000$00
CITRÖEN ID	35 000$00
HILMANN IMP	33 000$00
TAUNUS 12 M 1500	33 000$00
NSU 1000	33 000$00
VAUXHALL VIVA	33 000$00
KARMANN GHIA	28 000$00
DKW 1000 S	18 500$00

Esta Firma, além destes carros, tem mais para venda.

Para seu interesse não compre sem nos consultar.

Ganhará tempo e dinheiro.

RUA DO GARRIDO, 79 - A

Dual ALTA FIDELIDADE

PARA OS CONHECEDORES

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA, S. A. R. L.

Rua do Norte, 5 LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 385 PORTO

À VENDA NOS REVENDEDORES AUTORIZADOS

moldamos as nossas proprias ideias

Não temos idéias definitivas.
Temos idéias eficazes.
Mesmo a nossa melhor idéia, e há sempre uma idéia melhor,
é sucessivamente analisada
e trabalhada pela nossa equipa
até se obter um produto que possamos considerar apto
a atingir o vosso e nosso objectivo.

1973 – GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE DIÁRIO DE LISBOA
1.º Prémio – Gi - Soc. de Gestão Imobiliária, SARL
Menção Honrosa – Molaflex, Molas Flexíveis, SARL

agp
AGÊNCIA DE REALIZAÇÕES PUBLICITÁRIAS

CARNE POR CARNE

Espantar-vos, sacudir-vos? Não, nem é esse o meu propósito. Que coisa, passada à palavra, causa ainda espanto ou horror?! De resto, só tenho para contar, neste momento, uma história velha, pelo menos na medida em que reverto a um tempo antigo, ao adro da minha infância, à dor amarelenta dos homens que vi à-boa-vida, deitados nas suas enxergas ou encostados aos muros da raiva, sob a orquestra dos moscardos e do sol, naquele Alentejo seco que foi o de Catarina.

E é estranho como este rememorar da quadra mais ácida e cruel da época que vivi, vem ao mesmo tempo (não posso evitá-lo) laivada de alegria, com o canto das calhandras, à mistura, o pairar dos milhafres no azul imóvel, o cheiro a hortelã dos caminhos perdidos, a forquilha das oliveiras minhas parentes. Vou desenrolando o fio tão enredado, e com tantos nós de verdade-mentira ou mentira-verdade, e aparece-me, em corpo inteiro, o grande feudal, bonacheirão (até se permitia sê-lo, ou tinha herdado os dentes brancos do monólogo protector: as maldades, deixava-as para o encarregado).

Um dia, andava a Primavera de Janeiro espalhando, à mão-cheia, brisas pelos pragais geados — saíu o senhor à caça, já com o sol aberto, seguido por seus criados e batedores, seu rico farnel, seus galgos e perdigueiros. Seareiros nas lavradas assemelhavam-se às árvores raras, secos também e rugosos.

Caçou o senhor todo o santo dia: caíam aos cachos as últimas perdizes, algumas até já iam parar às sacolas dos valetes, sobravam lebres, coelhos e codornizes para o jantar da casa rica. Tombava à tarde aos pés dos pobres, que miravam, com suas caras de magreza fechada, a comitiva já no regresso.

Foi então que o dono daquelas terras vastas, que tudo aquilo, mais ou menos, lhe cabia debaixo da manga do capote, viu, à entrada de um casebre de adobe, o cão mais bonito e buliçoso que imaginar se pode. Rasgou-se o véu do Inverno frio, que voltava com o crepúsculo, na chama daquele apetite.

— Vai lá buscar o homem, se está disposto a vender-me o bicho e quanto é que quer — disse o patrão a um dos serviçais.

Então o dono do animal (que era, de facto, mesmo uma estampa) saíu do escuro da casota quase vermelha, sem um pingo de cal em que brejos aquilo ficava! e atrás dele vieram a mulher, feioca e enfezada, e quatro filhos, estranhamente loiros, ranhosos mas perfeitos, sem marcas da varíola nem de terem comido, nos dias de fome, papas de trigo e barro do chão, à sucapa.

— Atão quanto é que vossemecê acha que o bicho vale?

— O canito, nã no vendo — disse o homem —, desculpe o mê senhor, mas é como o mê bordão, guarda-me aí duas ovelhas e guarda-me a casa.

— Mas eu pago!

— Quêra perdoar-me, o canito não!, por nada deste mundo. Nã no vendo. Agora se o senhor quiser comprar-me um destes endezes, até era favor, que ainda me morre praí algum com o mau passadio que lhes dou, nã tenho a culpa.

— Está certo — riu-se o lavrador, satisfeito da graça e da caçada gorda.

Apreciou devidamente a mercadoria e (até com certa ternura) deitou a mão à orelha de um dos catraios, pagou-o — generosamente — e levou-o.

URBANO TAVARES RODRIGUES

SOCEL

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CELULOSES, S. A. R. L.

PRESTÍGIO DA EMBALAGEM

ESTUDO, CONCEPÇÃO E EXECUÇÃO DE TODOS OS TIPOS DE EMBALAGENS EM CARTÃO CANELADO

•

PRANCHAS E BOBINAS

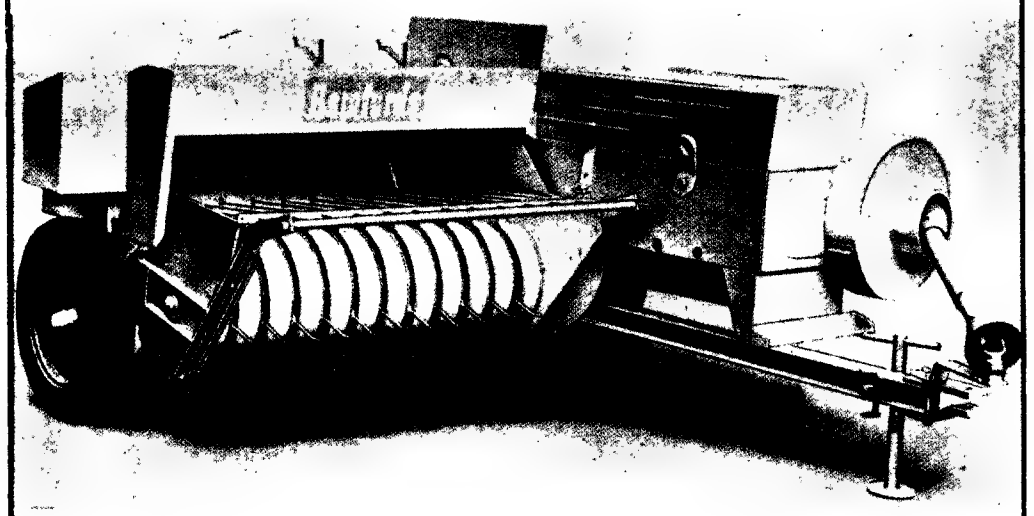
PASTAS PAPELEIRAS DE PINHO E EUCALIPTO, CRUAS E BRANQUEADAS

•

PAPEL KRAFT

Sede: RUA CASTILHO, 90-5.º — LISBOA — Tel. 48896
Serviços Comerciais: Tel. 54155/6/7/8
Instalações Fabris: Mitrena — SETUBAL

ENFARDADEIRAS Bamfords



BL49, BL58, BL62, ATADORES DE ARAME OU CORDEL, OU AMBOS, INTERMUTÁVEIS
CORTA FORRAGENS E ESPALHADORES DE CHORUME DA MESMA MARCA

A MELHOR ASSISTÊNCIA PARA A MELHOR ENFARDADEIRA
GRANDE STOCK DE PEÇAS

TRACTORES SAME E HOLDER CEIFEIRAS DEBULHADORAS ARBOS, CORTA FORRAGENS ESPALHADORES DE CHORUME REGA POR ASPERSÃO SEPPIC ALFAIAS DIVERSAS, ADUBOS, BATATA DE SEMENTE, PESTICIDAS, INSECTICIDAS, ETC

SOCIEDADES REUNIDAS REIS S.A.R.L.

FILIAIS EM: BEJA CHAVES FARO MATOZINHOS PAMPILHOSA SACAVÉM SANTARÉM

ROSSIO, 102, 1º LISBOA-TELF: 362521/2/3

DELEGAÇÃO - PORTO - RUA FERNANDES TOMÁS, 565-573

AGENTES EM: CABECEIRAS DE BASTO BRAGANÇA EVORA LEIRIA TORRES VEDRAS

TIMBRE

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras

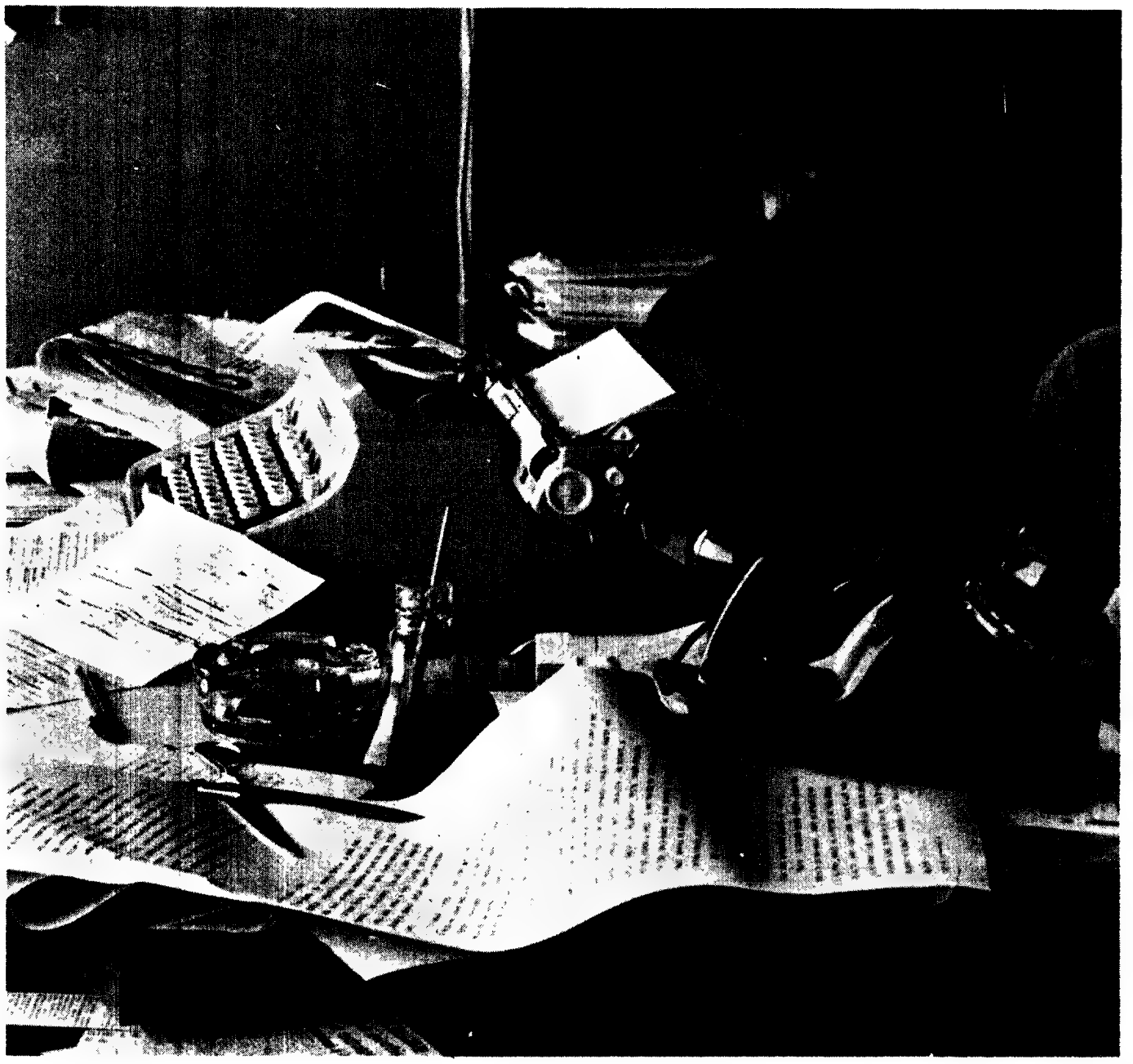
JORNAIS, NOTÍCIAS E TROCOS

● Por CESÁRIO BORGA

Todos os dias entramos na redacção dispostos a dizer tudo o que aconteceu ou se sabe que vai acontecer. Endereçamos a todos uma longa carta, dividida em capítulos, a que convencionámos dar o nome de jornal. Especialmente ela é lida por aqueles que, à tarde, se lembram de praticar essa prodigiosa ginástica monetária que se traduz em arranjar quinze tostões trocados (conheço um ardina que não vende jornais a quem não tem dinheiro trocado). Todos os dias corremos, gesticulamos, gritamos, escrevemos sob pressão para que tudo conste, com mais ou menos relevo, nas páginas impressas adquiridas com dinheiro trocado. É por isso que iniciamos o trabalho logo de manhã ou, por vezes, nos deitamos ao romper da madrugada. Lemos todas as jornais impressos durante a noite, esquadrinhamos os telexes das agências, estafamos os telefones, reclamamos carros para irmos à rua, falamos com as pessoas, protestamos com as pesadas, lentas e esmagadoras informações, e nem sequer sabemos se daqui a uns anos teremos direito a uma notícia necrológica de acordo com a quantidade de tinta que engolimos em seco. Ainda assim irritamo-nos todos os dias com a falta de espaço, com as horas de fecho das edições, que não perdoam. São elas que nos obrigam a matraquear as teclas com fúria e raiva, a gritar a importância de uma notícia metade redigida, não vá a escassez da coluna deixá-la de lado, reduzir a nada a força que se revolve no seu seio.

Mas o desejo de transmitir tudo o que é novo, que é notícia, nem sempre é completamente realizado.

Sintetizamos, abreviamos, utilizamos a tesoura, a cola; reescrevemos, seleccionamos, passamos a manhã a correr, a gritar, a consumir cigarros (os jornalistas deviam ter um subsídio para cigarros). Finalmente esperamos pelo produto que ajudámos a fabricar: que nunca se parece com o que idealizamos:



Alguns dos instrumentos que ajudam a produzir a notícia podem ser adquiridos em qualquer livraria bem apetrechada

OBRECOL

OBRAS E CONSTRUÇÕES, LDA.

CONSTRUÇÃO CIVIL
CONSTRUÇÕES INDUSTRIAIS
ESTRUTURAS DE BETÃO-ARMADO
OBRAS PÚBLICAS

●

RUA JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 41 - 4.º D.
TELEFS. 58362 - 530922
LISBOA-1

際同盟総会

GUTENBERG NO ORIENTE

— Foram os portugueses quem trouxe a arte de Gutenberg para o Oriente e a introduziu no Japão! Assim letrados nipónicos coevos se referem ao acontecimento cuja importância, a par de outros elementos de não menor influência, impulsionou notável movimento renovador, com assinaladas consequências na evolução do Dai-Nipon.

De facto, com a chegada dos portugueses — os primeiros europeus que, no século XVI, tomaram contacto com o lendário Cipango, votado, então, a completo isolamento — entraram ali as grandes inovações da civilização europeia da época, que originaram o surto inovador, marcando uma etapa na História daquele longínquo país.

Os portugueses chegaram ali num período tempestuoso da existência do país do Sol Nascente, no tempo do imperador Go-Nara, sob a tirania do **shogun** Ashicaga Yoshiteru. O ano de 1542 é aceite, quase unanimemente, por narradores japoneses e historiadores, embora surjam divergências quanto à data exacta, pois enquanto uns aceitam aquele ano apontado pelo cronista António Galvão, governador das Molucas no **Tratado dos Descobrimentos Antigos e Modernos**, outros admitem que a chegada desses europeus, aos quais se atribui, indiscutivelmente, a primazia na descoberta do Japão pelos ocidentais foi no dia 23 de Setembro de 1543, segundo descrição do livro **Nampo-Banshin**, escrito no período de **Keisho** (1596-1615) e onde se fala do seu desembarque, mas em grande número, em Tanegashima. Oficialmente, porém, o ano celebrado no Japão é o de 1542.

O «ACHAMENTO DO YAMATO»

Ora, nesse ano, segundo a versão tradicional, os mareantes António da Mota, Francisco Zeimoto e António Peixoto, evadindo-se de uma nau portuguesa fundeada num porto do Sião rumariam para a China. Porém, uma tempestade arrastou-os para o litoral japonês e aportaram à baía de Kagoshima, na ilha de Kyu-Shu. Simultâneamente e por diferente rota, ignorando-se uns aos outros, mais três portugueses, Fernão Mendes Pinto, Cristovão Borralho e Diogo Zeimoto, em viagem de Lampaçau para Laylo e apanhados, igualmente, por grande tormenta foram parar ao arquipélago de Ryû-Kiû e teriam desembarcado numa enseada de Tanegashima.

Do mesmo modo que a data do «achamento do Yamato» suscitou aquelas dúvidas, a presença de Fernão Mendes Pinto, o autor da imortal **Peregrinação** foi motivo de controvérsia, havendo até quem se negasse a incluí-lo entre os descobridores. Contudo, ele deve ter sido, na realidade, um dos primeiros portugueses que aportaram às terras meridionais do Nipon. Segundo Fidelino de Figueiredo, «é fora de dúvida que foi por portugueses achado o Japão e que Mendes Pinto, o autor da primeira obra literária em que o exotismo japonês teve lugar apreciável, assistiu de muito perto a todos os episódios associados a esse descobrimento e os narrou com relativa fidelidade».

Um desses episódios, por exemplo, refere-se à introdução das armas de fogo naquele país, largamente descrita no citado **Nampo-Banshin** e que Mendes Pinto saborosamente descreve: Diogo Zeimoto levou a primeira espingarda que ofereceu a um **Daimio** (senhor feudal), a quem ensinou, também, a fazer pólvora — **e não tardou que quase não tivessem conta os mosquetes fabricados pelos japoneses.** Isso leva o autor da **Peregrinação**, que logo lhes descobriu o instinto guerreiro, a comentar: «E por aqui se saberá que gente esta é e quão inclinada por natureza ao exercício militar no qual se deleita mais que todas as outras nações que até agora se sabem».

Contudo, não foram apenas as armas mortíferas que os descobridores introduziram no Japão, pois impulsionaram larga divulgação cultural com marcada influência na mentalidade e no progresso do país, sem esquecer os resultados da penetração dos elementos divulgadores da civilização europeia, como também nos tempos modernos, rapidamente assimilada, o que tudo isso originou a transformação do país.

Os missionários ensinavam japonês, latim e português, canto e música; para a prática da medicina construiram-se hospitais onde cuidava da cirurgia Luís de Almeida, antigo mercador que ingressara com seus bens na Companhia de Jesus e Paulo de Santa Fé ou Paulo do Japão, um nipónico converso tratava das doenças internas, graças aos conhecimentos da «arte de curar enfermos», adquiridos nos livros chineses. Ao mesmo tempo, tomou largo incremento a assistência prestada através de Misericórdias, gafarias, hospícios e outras instituições de benemerência, segundo os modelos europeus e que impunham o zelo pela vida humana, de tão pouca valia em remotos tempos medievais naquelas paragens.

No local histórico da chegada dos portugueses ergue-se um monumento evocador (figurando uma bala simbólica), da autoria do artista Fumuio Asakura, com a seguinte inscrição em japonês e português: «À memória dos navegadores portugueses que, em 1542, desembarcaram em Tanegashima, introduzindo espingardas no Japão e estabelecendo as primeiras relações de amizade e de comércio entre o Império do Sol Nascente e as nações da Europa. Este monumento foi erigido, em 1927, pela Sociedade Luso-Japonesa, em comemoração da amizade que liga os dois países».

Na cerimónia inaugural, uma mensagem do famoso estadista, ao tempo chefe do Governo e ministro dos Negócios Estrangeiros, barão Giichi Tanaka, autor do célebre «memorandum expansionista» referia-se a esse primeiro contacto dos nipónicos com europeus, acentuando a importância histórica da presença dos portugueses nas terras do Japão, os quais — salientava — levaram aos japoneses os usos e costumes da Europa, permitindo-lhes, sem abdicar da sua personalidade, fomentar o progresso do império. Por isso, considerava «a civilização portuguesa como a vanguarda desse movimento de renovação»

ARTE DE GUTENBERG NO JAPÃO

Voltando ao conhecimento da **arte de Gutenberg** no Japão, isto é, a introdução naquele país, pelos portugueses, da Imprensa de tipos móveis, verifica-se, e já se assinalou, que a grande inovação — proporcionando mais fácil e ampla difusão do pensamento, comércio de ideias e comunicação com as massas, como, aliás, por toda a parte aonde foi chegando o novo sistema —, verifica-se que está na origem do grande impulso para o desenvolvimento da cultura japonesa. Esta, naturalmente, já dispunha de meios de difusão, tais sejam os próprios livros, que ali chegaram da China, «por intermédio da Coreia, no ano 248 da nossa era», datando o primeiro livro japonês, o **Kojiki**, ou **Livro das Coisas Antigas** do ano de 702. Tinham, igualmente, os japoneses a sua língua própria, linguagem primitiva, diferente das outras faladas por diferentes povos asiáticos. Esse idioma carecia, porém, de símbolos gráficos, e os nipónicos tiveram de recorrer ao engenho de chineses e coreanos para suprirem a falta desse elemento fundamental para a expansão e perpetuidade do pensamento — a língua escrita, que veio a ter a mais larga difusão, tornando-se os livros acessíveis ao povo graças ao sistema revolucionário da Imprensa, oriundo da Europa.

A coisa nova chegou ao Japão, «em 1591, pelo menos», por intermédio dos primeiros missionários que a levaram de Macau; e informa Jordão de Freitas no seu valioso estudo sobre **A Imprensa de tipos móveis em Macau e no Japão em fins do século XVI**: «Foi no Colégio que os jesuítas tinham em Canzuca, e depois Amacusa, que, que no Japão se imprimiram as primeiras obras com caracteres móveis levados da Europa».

Com um «sortido completo de tipos móveis» foram impressos no referido colégio o **Dictionarium Latino-Lusitanicum ou Japonicum** (1595) e o **Vocabulario da Lingoa de Japam, com a declaração em Português, feito por alguns Padres Irmãos da Companhia de Iesv** (1603), além de outras obras para estudo da mesma língua ou recreação do espírito, algumas traduzidas em japonês pelos padres que conservavam o uso de imensas palavras originais portuguesas ou latinas, ainda correntes no Nipon, algumas adoptadas com a forma correspondente, outras modificadas segundo as exigências da pronúncia, principalmente vocábulos que designam coisas de uso vulgar introduzidas pelos portugueses nos hábitos nipónicos, os quais nessas obras aprenderam a conhecer o nosso idioma, que, propagando-se rapidamente entre eles, principalmente para se entenderem nas relações quotidianas e do tráfico, se tornou **língua franca no Japão**.

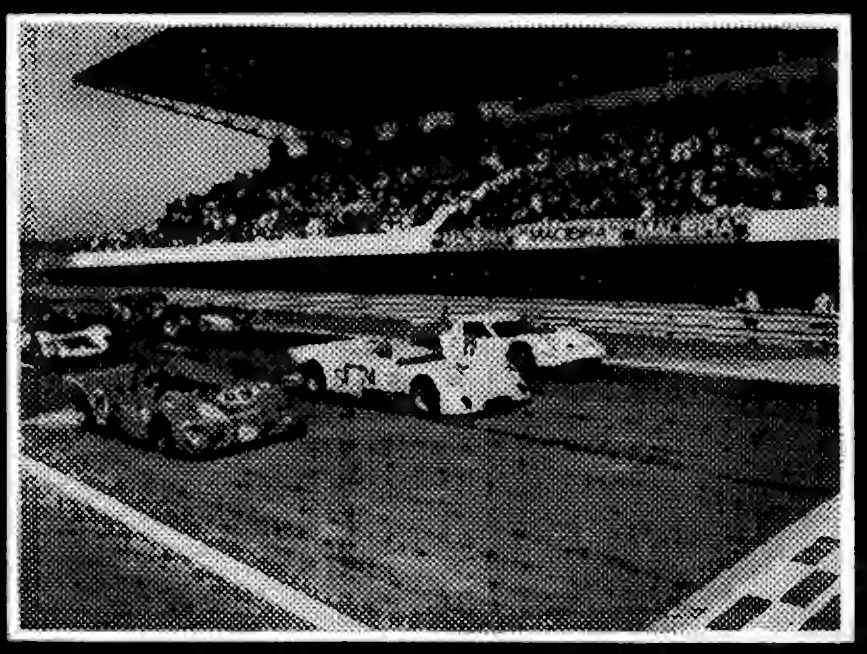
Incluem-se ainda entre os primeiros livros europeus traduzidos e impressos em caracteres latinos nos prelos que os missionários levaram de Macau nos fins do século XVI: **Orações**, de Cícero; **Hum Virgilio, Fábulas de Esopo** (1593), **Contemptus Mundi**, de Tomás Kempis (1596), e ainda obras didácticas, trabalhos dos gramáticos e dicionaristas com os quais começou o estudo da Filologia japonesa.

Algumas das obras referidas foram impressas, também, em Nagasaki, onde ficou indelevelmente vincada a influência dos portugueses na mentalidade e até na alma dos japoneses, e também onde ocorreram os bárbaros morticínios de cristãos. Ali se manteve sempre alguma coisa da característica original de **antiga pequena cidade portuguesa** — vestígios de um remoto passado de relevo histórico, que a sinistra bomba atómica destruiu, depois de arrasada Hiroshima, a outra cidade martirizada no fim da Segunda Guerra Mundial pelo mesmo cruel instrumento de morte e destruição.

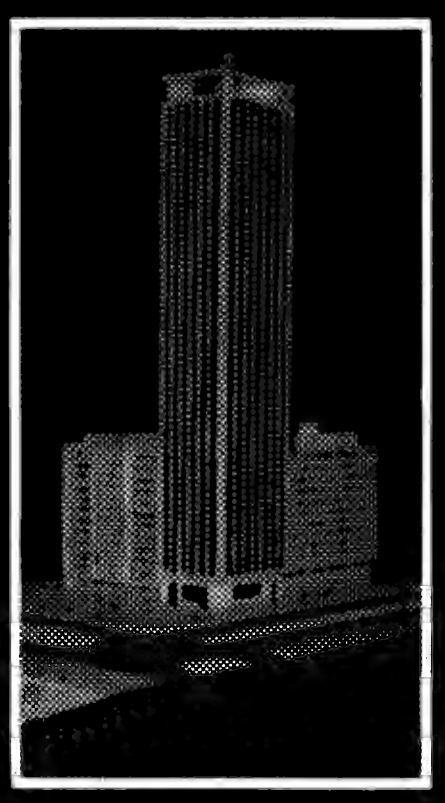
CÉSAR DOS SANTOS

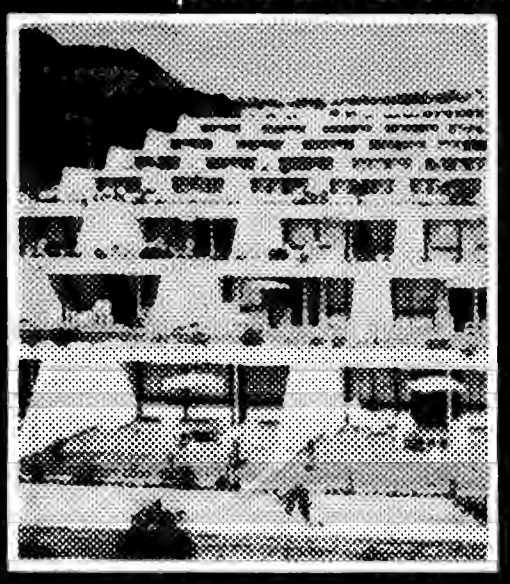
...em 1973

CRESÇA CONNOSCO CRESÇA COM O SEU PAÍS.



OS NÚMEROS RESPONDEM POR NÓS... na nossa contribuição para o TURISMO





1972 — JA CONSTRUIDO

MADEIRA		
MATUR		
VILLAS E FLATS	CAMAS	[illegible]
HOLIDAY INN MADEIRA	CAMAS	020
ALGARVE		
SOLFERIAS VILLAS	CAMAS	240
ALBUFEIRA PRAIA	CAMAS	98
MOTEL ALAGOAS	CAMAS	48
		3.206

EM CONSTRUCAO

MADEIRA		
MATUR	CAMAS	3 600
ALGARVE		
SOLFERIAS FLATS	CAMAS	200
HOLIDAY INN VILAMOURA	CAMAS	606
ESTORIL		
HOLIDAY INN ESTORIL	CAMAS	335
		3.806

GP GRAO PARA

GRUPO EMPRESARIAL GRÃO-PARÁ

CAMBISTA TESTA

CÂMBIOS
LOTARIAS
TOTOBOLA

Se quer festa
jogue no TESTA

74, Rua do Arsenal, 78 — Lisboa-2

ALCATIFAS-TAPEÇARIAS-NOVIDADES

e ainda um supermercado de verdadeiras maravilhas do sonho para o conforto da sua casa que também aprecia carinhos, cuidados e atenções

FABULOSO SORTIDO DE TECIDOS PARA CORTINADOS E ESTOFOS

PAPEIS PINTADOS PLASTICOS ADESIVOS DECORATIVOS E INDUSTRIAIS
TOALHAS «VILEDANE»

CARPETES, TAPETES E PASSADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS, COLCHOES DE ESPUMA E DE MOLAS

MOSAICOS PLASTICOS
PAVIMENTOS PLASTICOS
CALHAS E VARÕES EXTENSIVOS PARA CORTINADOS E ESTOFOS

DECORADORES E ALCATIFADORES PRIVATIVOS
DESTACAVEIS PARA TODO O PAIS

Liane

Para centros — Importadores — Armazenistas que vendem também diretamente ao público, Rua de S. Nicolau, 5 a 13 — LISBOA-2 — Telef. 36075-36763

SINUSITES

Vias respiratórias obstruídas

GOTAS NASAIS BRONE

À VENDA NAS FARMÁCIAS.

Pedidos de Literatura:

PESTANA & FERNANDES, LDA.

LISBOA — Ruua da Prata, 153, 2.º

ARRAIOLOS

UMA CARPETE PARA DURAR

— Sempre em «stock» do melhor que se fabrica.
— Todas as medidas e cores.
— Executam-se encomendas nos mais curtos prazos.
— Alcatifas de todas as qualidades.
— Capachos de Cairo e Esparto.
— Restauros, Limpezas, Franjas.
— Lãs e telas para tapetes de Arraiolos e de Beiriz.

Rua da Imprensa Nacional, 116-E — LISBOA

STAND FONTANA

de

GABRIEL MACIEIRA

VENDE CARROS USADOS COM GARANTIA

As Melhores Marcas

FAC.ª TROCA. PAGAM.º

Em Exposição na

PRAÇA JOSÉ FONTANA, 11-C — LISBOA

CERVEJARIA FAROL

de MENDES & PINTO, LIMITADA

VINHOS • CERVEJAS • MARISCOS

LARGO COSTA PINTO, 1 — TEL. 27 22 48

CACILHAS

DESCONHECIDOS E DESAPARECIDOS

Numa rua qualquer da cidade grande e, àquela hora, deserta, o guarda-nocturno cumpre a sua tarefa dia a dia repetida: vigiar. Fá-lo num passo cadenciado, calmo. Não tem pressas, que a noite é longa: das 23 horas às seis da madrugada já sabe que passará tantas vezes naquela esquina; e outras tantas encostará o ombro à porta da agência bancária, não vá haver «novidade». Coisa que, felizmente, jamais aconteceu.

Quem tem cuidados não dorme — e ele sabe-o. Mas os seus cuidados ultrapassam os que lhe advêm da simples dureza do serviço. Há em casa, a mulher e os dois filhos; há a renda a pagar no dia 8, a despesa na mercearia; há o serviço de cobrador com que ocupa as tardes da sua vida sem horizontes. Por isso, às vezes, cede: entra numa escada e, vencido, «passa pelas brasas». São apenas uns minutos, poucos, que nenhum conforto dão (não o ignora), mas a que lhe é impossível fugir.

De repente, um «caso». E um corpo estendido no patamar, um monte de carne abandonada, mas viva: o vulto ressona. O guarda chega a ponta da bota levemente às pernas «daquilo» (ora esta!, pensa) e pergunta: «Então, amigo?».

O **amigo** ergue-se, sùbito, do seu justo sono de animal exausto, encara-o na escuridão da escada e, surpreso ele também, responde: «Não sei, não sei de nada». O guarda-nocturno, paciente: «Mora aqui no prédio?». Que não; vendo bem, até nem sabe onde mora; nem quem é, a idade que tem, se é casado ou solteiro. Nada. Não se «lembra» de coisa nenhuma. «Então, acompanhe-me à esquadra», diz o guarda.

Passados alguns dias, os jornais (alguns) publicam a fotografia de um individuo de idade indefinida, trajando uniforme cinzento, a encimar uma notícia com o título «Quem conhece este homem? Nela se descreve o «pedinte» encontrado a dormir num patamar: vestia calças assim, camisa de tal cor, casaco coçado, sapatos rotos; tem um metro e tantos centímetros de altura, pesa tantos quilos; trata-se de «pessoa totalmente desligada da realidade e mentalmente perturbada». A entidade que pediu aos jornais a publicação da notícia «agradece a quem possa dar qualquer explicação sobre o indivíduo em causa o favor de entrar em contacto pelo telefone...»

•

«Era um rapazinho muito sossegado» diz a mãe ao repórter. «Não sei por que fez uma coisa destas», acrescenta, lacrimosa. A verdade porém é que o Fausto, doze anos muito vivos, estava farto daquela vida. Eram os dias inteiros, de manhã à noite, a carregar pesos na mercearia onde o pai o empregara; eram as sovas que este lhe dava quando calhava chegar tarde a casa porque fora ao cinema do bairro e se entretivera, depois, a conversar com os amigos; era, em suma, a falta de carinho familiar.

Dele resta, hoje em dia, cinco anos passados, um anúncio publicado num jornal da manhã (ilustrado com fotografia, como no caso anterior) e em que se diz: «De casa de seus pais, desapareceu Fausto X. Tem olhos castanhos, cabelo preto, 1,50 de altura, e no momento em que saíu vestia calças de tom creme e camisa branca». Agora isto a recordação (saudosa) a mãe lacrimejante e do pai que lhe dava sovas. Mais nada.

•

São apenas dois casos, dois aspectos de um problema que sempre me tem preocupado e sobre o qual já várias vezes escrevi: o drama social dos desconhecidos e desaparecidos.

Quantas pessoas morrem, anualmente, nos asilos e casas de recolhimento sem que alguém, olhando o cadáver, diga: «Conheci este homem. Era...»? Quantas crianças abandonam, anualmente, a casa de seus pais, para jamais tornarem a ser vistas? Quantas? Há estatísticas para estas coisas?

TORQUATO DA LUZ

Empreza de Cimentos de Leiria

S. A. R. L.

CIMENTO PORTLAND NORMAL
CIMENTO SUPER-VULCANO
CIMENTO HIDROFUGADO LIZ-N
CALCINA
CAL HIDRÁULICA
AGROLIZ

PORTUGAL

SÍMBOLO DE QUALIDADE

Sede: Rua Braamcamp, 7 — LISBOA

Fábrica: Maceira - Liz

UMA PROFISSÃO DIFÍCIL

POR JOSUÉ DA SILVA

Um jornal não é apenas papel. Há nele uma alma que nasce e renasce todos os dias, uma dinâmica que não permite o mais ligeiro dormitar sobre os louros alcançados na véspera. Tem de estar sempre à frente das circunstâncias, «pivot» dos acontecimentos que, às vezes, mal tiveram tempo de acontecer. A informação exige um tempo e um espaço vitais. E uma verdade concreta, que não pode deixar dúvidas no espírito do leitor. Alguém terá dito um dia, que «pela imprensa de um país seria fácil tomar o pulso **desse país». Se nem sempre uma imprensa é tão clara e dinâmica como se desejaria, as culpas não há que assacá-las, nem à ética que rege as coordenadas da informaçao.**

Por tudo isto — a missão do jornalista nada contém de fácil. Sobretudo, quando o profissional de imprensa procura — e cremos, em princípio, que é o que acontece com todos eles — respeitar as regras que sustentam a integridade da profissão.

Joaquim Manso, jornalista admirável, fundador e primeiro director deste jornal, deixou, entre o muito que escreveu, uma espécie de **«código do jornalismo»**, repartido em 18 preceitos que, achava ele, deviam ser seguidos à risca por todo o bom trabalhador da imprensa. Esses 18 preceitos constituiram o tema duma conferência que Joaquim Manso proferiu, em 1938, no Ateneu de Santarém. Ao passarmos os olhos pelo idealismo que ressuma desse trabalho de Joaquim Manso, talvez encontremos razões para achar que uma boa parte desses preceitos foram ultrapassados ou não têm, hoje, aplicação prática. Mas, sem pretendermos inculcar pontos de vista às consciências alheias, vamos trazê-los a lume, na certeza de que, ultrapassados ou não, reside neles a essência da vertdadeira ética profissional do jornalista. E essa, tanto quanto sabemos, ainda se mantém actual — ou a profissão deixaria de ter razão de ser. Eis os tais 18 preceitos redigidos por Joaquim Manso:

1) Comer sobriamente e dormir seis horas, pelo menos, visto que as insónias criam o mal-estar que, amiúde, se manifesta por um artigo rancoroso ou por uma apreciação injusta. 2) Conservar bem viva a lembrança de que não há palavras indiferentes ou inúteis, pois duma maneira ou de outra vêm a ser benéficas ou maléficas. 3) Partir do princípio de que o jornal não é o órgão das suas ambições ou dos seus aziúmes, mas sim do público, a quem se deve a maior lealdade. 4) Ser escrupuloso nas ideias que professa e no modo de as defender, evitando as atitudes teatrais ou parciais. 5) Ocupar-se dos factos e dos acontecimentos, com a preocupação de ser exacto — o que não exclui o mea culpa, quando for convencido de qualquer erro, omissão ou leviandade. 6) Frequentar a Feira das Vaidades para aprender a desprezá-las, segundo o preceito célebre: — Onde pousares os olhos, não ponhas as mãos, sem precauções higiénicas. **7) Observar à risca este provérbio: — Não se fazem sinos com rocas. Isto significa que se deve tratar cada assunto consoante a sua natureza, não os amplificando nem sonorizando para dar nas vistas. 8) Manter com os camaradas o máximo de cordialidade e de independência de opiniões. 9) Reagir contra as correntes que pretendem impor-se epidemicamente, aclarando-as e analisando-as com o intuito de não cometer qualquer delito contra a consciência. 10) Ajudar os pequenos, quando seja caso disso, mas não lhes prometer impossíveis nem abusar da sua ignorância. 11) Não se inclinar perante ninguém, antes que estejam averiguados os seus méritos e as suas virtudes. 12) Nunca ceder à tentação de demolir ou derrubar, sem ter a certeza de que há qualquer coisa de melhor a contruir. 13) Proteger os novos e escutar os velhos cujo saber e experiência sejam de profícuo ensinamento. 14) Compreender as questões, antes de as discutir, para não abusar assim dos pobres de espírito. 15) Aceitar com indiscutível este asserto: Todo o artigo que se publica no jornal há-de constituir exemplo de boa educação. 16) Resistir à intolerância fanática, bem como ao cepticismo, sem desejos nem esperanças. 17) Combater os perniciosos efeitos da má-língua, do ódio e da inveja, a fim de que a razão e o coração não padeçam de afrontas. 18) Ser moderno nos processos, mas antigo no cumprimento do dever.**

DIRIGIR UM JORNAL

E já que entrámos no campo das transcrições, usaremos uma outra, esta da autoria de um jornalista norte-americano também já falecido. Com alguma clareza e um certo humor, o citado jornalista aponta as dificuldades que se apresentam a quem dirige um periódico, seja ele diário, semanal ou quinzenal. Reza assim o texto que temos em nosso poder:

Não há coisa mais difícil do que dirigir um jornal. Se trata muito de política, os assinantes despedem-no, porque estão fartos de política. Se prescinde da política, despedem-se, porque o jornal é insípido e pesado.

Se publica muitas notícias, o público desgosta-se, porque o que diz são mentiras; se as suprime, é para encobrir as verdades ao público. Se faz ditos e gazetilhas alegres, dizem que pretende ser espirituoso; se não os faz, asseguram que o jornalista é um fóssil que cheira a rapé.

Se publica artigos originais, dizem que não valia a pena ocupar espaço com eles, havendo tanta coisa boa para copiar. Se copia, dizem que escreve à tesoura.

Se ataca uma colectividade ou indivíduo, chamam-lhe grosseiro, parcial ou venal. Se insere algum artigo agradável às damas, os homens praguejam contra o jornal por superficial e insolente.

Se apoia o governo, dizem que quer um subsídio ou coisa pior. Se o ataca, dizem que é traidor e inimigo da ordem pública. Se escreve em sentido liberal, qualificam-nos de demagogo. Se é conservador, chamam-lhe retrógrado.

Se vai à igreja, taxam-no de hipócrita; se não vai, chamam-lhe hereje. Se aplaude um acto, chamam-lhe lisonjeiro; se o censura é um vilão.

Se está sempre na redacção, dizem que se tornou orgulhoso e prepotente; se sai muitas vezes, qualificam-no de irresponsável.

Se paga pontualmente as suas contas, está enriquecendo à custa do público; se não paga, acusam-no de trampolineiro.

"Textos para nada"

Cinco horas da tarde: jornal na rua. Tranquilamente sentada, começo a ler. Primeira página: «Acordo de Paz no Vietname», «Câmpora, novo presidente da Argentina». As notícias sucedem-se. Os anúncios multiplicam-se. «Lave-se com aquele sabonete e... suje-se com aquela tinta».

Bom, eis-me chegada à última página: «Tensão no Médio Oriente», «72 pessoas mortas num desastre de aviação» ou «Violação do acordo de paz no Vietname».

— Que diabo! Não vejo aquela reportagem, que me deu tanto trabalho. E aquelas notícias também não saíram. Terei visto mesmo bem? Volto atrás. Uma. Duas vezes. Remexo-me na cadeira. Confirma-se a minha suspeita. Foram **«Textos para nada»**.

Pois «Textos para nada» é o prémio inglório, mas diário de qualquer jornalista.

«Textos para nada» são aqueles que se escrevem e não entram; por falta de espaço (há sempre uma assembleia!) ou porque há espaço e não «pode» entrar.

«Textos para nada» são também aqueles que se redigem diariamente, apontando erros, apresentando sugestões, mas que ao fim de meses e anos, os problemas continuam os mesmos ou praticamente os mesmos e não aparecem as soluções.

«Textos para nada» são ainda os que se escrevem e não se sentem e os que se «sentem» e não se escrevem.

Até quando? Até quando se continuará a escrever inutilmente? Quando deixarão de existir «Textos para nada»?

É com esta esperança, que no dia seguinte se recomeça a trabalhar: que eu recomeço a trabalhar. Porque confio (tenho de confiar) que chegará o tempo em que os textos serão escritos sem a noção prévia de que são **«Textos para nada»**.

FERNANDA MESTRINHO

Se sonha viver como alguns já vivem!

O silêncio repousante.
O ar puro.
A liberdade do grande horizonte.
O espaço habitacional mais valioso entre todos.
A técnica sueca ao serviço da construção moderna.

Esperamos por si, hoje mesmo!

ALTO DA BARRA

Uma comunidade urbana-privada-autónoma e seleccionada

MERCATOR S.A.R.L. - OEIRAS - TEL. 2433590

ANTÓNIO SOARES

OITENTA ANOS DE HIS
E UM CANTO NOVO À I

Entrevista de Regina Louro

O número 84 da Rua de Santo António dos Capuchos é um mundo onde se conserva esse tempo, um pouco por todo o lado. Ele aparece sob a forma de quadros que já não cabem nas paredes, livros enchendo estantes que forram paredes de salas inteiras, revistas espalhadas por aqui e por ali, cartas e fotografias guardadas em gavetas com uma certa negligência. Mas o que lhes dá vida é a memória do velho pintor, onde se alinham recordações que alimentam uma noite de conversa que se perde pela madrugada, ante o silêncio de D. Maria Germana, sua companheira desde há 45 anos.

Enquanto ele evoca Almada, Pessoa, Eça, Afonso de Bragança — velhos companheiros de boémia e de «guerra» com os quais ganhou o hábito de fazer da noite o melhor tempo para viver, D. Maria Germana, chega a cabecear de sono, para logo se recompor, fixando de novo a atenção no que o pintor conta.

— **Ela já ouviu tantas vezes a história, que lhe dá o sono...**

E nas palavras do homem vai uma boa fatia de ternura.

Ternura que também esteve presente no traço com que pintou o seu retrato (uma sanguínea), há não muito tempo — já as paredes estavam cobertas, de tal modo que o rosto levemente sofredor da mulher, ficou encostado a uma estante de livros...

MULHERES SORRINDO EM TEMPO DE GUERRA

— **«Não cheguei a ir à guerra. Não tinha muita resistência física, nem precisavam de muito mais gente, na altura em que fui à inspecção. Mas tive muitos amigos em França, nas trincheiras. Eles davam-me notícias. Por exemplo, o Meneses Ferreira. Numa noite em que tinham decretado uma espécie de tréguas, foi ele encontrar os soldados sentados no chão, armas pousadas, ao lado dos alemães. Pé ante pé, foi tentando ouvir o que se passava. Quando já estava perto, percebeu que os portugueses diziam palavrões que os alemães repetiam — e, no fim, davam todos grandes gargalhadas. Nem os nossos falavam alemão, nem eles sabiam português ou francês. Mas quando o comandante perguntou a um soldado o que estavam a fazer, este respondeu: «Eu contava-lhe a minha vida e ele contava-me a dele...»**

Levemente contrariado por não acompanhar os amigos que partiam para França, participou com mais força na «batalha» dos que ficavam. De dia na «Brasileira», à noite na «Regaleira», um cabaret que existia onde é hoje a Ordem dos Advogados — cujo «ex-libris» António Soares recorda Trigo de Negreiros, entre as figuras de Eça de Queirós e de Afonso de Bragança, um dos mais activos operários da pena do jovem «Diário de Lisboa».

— **Éramos todos amigos...**

Da esquerda para a direita, em primeiro plano: Augusto Ferreira Gomes, António Soares, Carlos Queiroz, José de Almada Negreiros, António Almada Negreiros, Mário de Freitas Ribeiro, arq.º Carlos Ramos e Fernando Santos. Foto tirada nos anos 20

nas do Chiado. Finas elegantes, belas e voluptuosas. Centenas (talvez milhares) de figuras femininas saíram do pincel de António Soares, pintor cujos olhos se fixaram muito demoradamente na beleza de Lisboa da aproxima o retrato da forma idealizada. Mas entre cada traço e o seguinte, crescem os afazeres. Entretanto, inacabado, o rosto espera vida.

— **É uma velha amiga. Tinha pintado um quadro para lhe oferecer, mas pediram-mo, para reproduzir num calendário. Aliás, não estava muito bem para o lugar onde ela queria colocá-lo.**

No espírito do artista, ao lado das preocupações de inovação estética, houve sempre lugar para o aspecto decorativo.

Mas, dos últimos rostos que pintou, foi-se ausentando, a pouco e pouco, aquele ar voluptuoso (levemente corrupto) das damas do Chiado. No entanto, a frescura ficou. E veio juntar-se-lhe a maturidade. Como no rosto de D. Maria Germana, com a sua calma terna e sofredora.

O «BISMARK» DE FERRO NO «BRISTOL»

Quando chegou o tempo de «fazer um jornal», António Soares era um artista de 27 anos, amante da boémia, conversador nocturno, amigo de Pessoa, companheiro de Eça, Teixeira de Pascoaes, Almada, António Carneiro e tantos outros, cujo nome ainda se pronunciava com um certo temor ou desdém. António Soares, que sempre desejara ter um jornal «seu» foi chamado para desenhar o cabeçalho. E fê-lo com a paixão de quem realiza uma obra há muito tempo ansiada.

— **O Joaquim Manso ficou muito entusiasmado. Ele que sempre batera o pé para que o jornal se chamasse «A Cidade»...**

«A Cidade» surgiu e foi durante muito tempo a «Secção nobre» do «Diário de Lisboa». Também foi António Soares quem a concebeu.

E a luta continuava. Os primeiros passos do «modernismo» estavam dados. Mas muito havia a fazer..

— **Enquanto o Governo dizia «A Revolução continua», nós contrapunhamos «as obras continuam...»**

De importância fundamental pelas repercussões que alcançou (mesmo quando revestidas de uma desdenhosa incompreensão, foi a «Galeria das Artes», em que expuseram Eduardo Viana, Negreiros, Stuart Caravalhaes, José Pacheco, Santa-Rita, Barradas, Francisco Smith, Thibault e António Soares se revelou na sua faceta de escultor, com uma cabeça de Eça.

«A Galeria das Artes vai ser um mostruário de arte verdadeira moderna», anunciara pouco antes num jornal um dos fundadores. Houve quem lhe chamasse o «Salão dos Futuristas». E até João Fernandes (pseudónimo poético do pintor António Carneiro) sorriu:

«... E há um momento em que
saber procuro
Se a alcunha que possuem
lhes foi posta
Por esta sociedade ser
composta
Tão só por rapazinhos de
futuro.»

Passou a «fase» da Brasileira, foi o «Bristol». Onde é hoje a sede do Benfica, havia então, um clube que organizava festas ao jeito dos «bailes dos quintalinhos». Foi aí que António Soares tentou construir o «Círculo das Belas-Artes».

— **No Chiado, já estavamos aceites por críticos e intelectuais. Mas faltava-nos o povo, a gente da plataforma do carro eléctrico. O «Bristol» era o ideal. Estava-se lá bem. Enchemos aquilo de quadros. Queríamos levar ali toda a sociedade portuguesa. Mas eu era contra o jogo, que constituia prática tradicional ali...**

O «Bristol» viveu alguns anos do fogo dos artistas e intelectuais que ali se reuniam noite após noite. Até o jogo acabou, dando lugar a discussões sobre a arte:

— **Eu era o Bismark de ferro, o chanceler da cena... Conseguia tudo.**

Mas o que se queria era muito mais. Quando os nóveis artistas visitavam Paris, voltavam cheios de ideias revolucionárias. António Soares não nega essa influência na «revolução estética e quase de costumes» de que foi um líder. Mas não a sobrevaloriza até ao fascínio.

— **A nossa reforma não podia ter triunfado se não a puséssemos ao alcance do grau cultural do público português. Era uma questão de sentido prático, sem o qual nada teria sido possível e os «novíssimos» não teriam chegado a existir. Ou fazíamos as coisas à portuguesa, ou não pegava. Outros, pelo contrário, como o Amadeu de Souza Cardoso, queriam trazer para cá a França...**

A França, não; mas uma espeécie de «Follie Berger» não era descabida. António Soares, com outros, pensava então num «promenoir» cintilante desde o hoteeel Palace até às Belas Artes...

— **Foram quatro anos em que trabalhei, fiz projectos e esperei. Passado esse tempo a situação política tinha-se modificado uma vez mais...**

Uma dúzia de cigarros e um pouco de whisky — estimulantes para um dia cheio, que se prolonga pela noite fora

curiosamente, António Soares viria a desenhar...

— **«Eu era muito reboliceiro. Ainda hoje, quando já devia ter juízo...»**

Pintores, jornalistas, escritores anoitavam no cabaret. E também alguns políticos. Antípica, vaidosa, cosmopolita, banhada de sol e de rio e com o Chiado no coração.

Fora dessas horas de convívio, o pintor refugiava-se no seu atelier, que via surgir, entre a (escassa) produção para o jornal, paisagens de Lisboa, retratos dos amigos e múltiplas figuras de mulheres.

Eram, quase sempre, as do-

Ainda agora, é uma mulher que se ergue, em esboço, na tela que o artista se prepara para povoar de cor. Quase todos os dias, uma nova pincela-

Excursões CP

SEMANA SANTA/ /PÁSCOA, EM MADRID
De 18 a 22 de Abril

- Partida de Lisboa-St.ª Apolónia, às 21.10, de 18/4, no «Lusitânia-Expresso».
- Regresso de Madrid em 22/4, no TER.
- Transferência de autocarro da estação da Atocha/Hotéis e vice-versa. Assistência.
- Pensão completa em Madrid. Excursão de um dia a Ávila, Segóvia (facultiva).

PREÇOS POR PESSOA
(Tudo incluído)

Em Hotel de 2.ª classe 1.650$00
Em Hotel de 1.ª classe 2.000$00

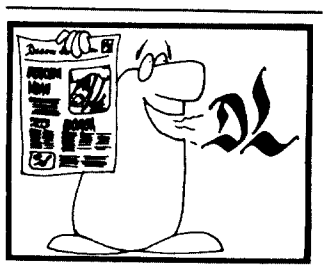
Redução para crianças e para grupos de 10 ou mais pessoas.

INFORMAÇÕES E FOLHETOS DESCRITIVOS:

- Estação de Lisboa-Rossio
- Estação de Santa Apolónia
- Rua do Arsenal, 124-1.º — Lisboa

Organização Telef. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS



TÓRIA BELEZA

«RETRATO DE MULHER», de António Soares

«SALAZAR DEU-ME A DEMISSÃO»

Àparte esses percalços de dem externa, o pintor manteve-se sempre afastado da acção política, embora políticos de várias facções comessem à sua mesa e servissem de modelo para os seus quadros quando lhe «falavam» esteticamente. Mas ele limitava-se a assistir às mutações políticas, comentando-as na roda de amigos. Assim viu suceder à agonia da Monarquia a consolidação da República, à ditadura militar a escalada do salazarismo.

— Sou daqueles de quem o dr. Salazar dizia que tinha dado a demissão. Não foi sequer por conveniência ou temor. Sempre detestei a política, ao mesmo tempo que me batia por aquilo que tinha a fazer dentro da arte.

Pela primeira vez durante o diálogo, o rosto de belas rugas torna-se duro. Mesmo quando tudo se envolve já num clima de recordação.

(-Ele sabia, aliás que eu não concordava com o regime. Lembro-me que fiz parte da Comissão para o Monumento ao Infante D.Henrique que, de certo modo foi um fracasso. Um dia, encontrei-me com o dr. Salzar na Assembleia Nacional — onde havia expostos quatro quadros meus, versando os pontos em que assentava a estrutura do seu regime: «A Família», «A Casa», «O Ensino» e «O Trabalho». O dr. Salazar perguntou-me então que razões encontrava para o fracasso da exposição. «Acha que se deve à falta de talento dos concorrentes ou é uma consequência dos métodos autoritários do meu Governo?»)

Havia, por outro lado, naquela geração que lutou pela renovação dos métodos artísticos, um grande espírito de independência, aliado a um forte sentido de companheirismo. Recordando essa união, esse «estarem juntos para fazer o que era preciso fazer», António Soares lamenta que se tenha perdido, tanto quanto se perdeu o contacto artista-público (como o que o «Bristol» proporcionava). Mas falando da independência, ele recorda com certa mágoa o momento em que se afastou de António Ferro, velho companheiro da meninice do «Diário de Lisboa», cuja mão tutelar começou, a certa altura, a pesar demasiado sobre o seu ombro.

(— Foi na sequência daquela conversa com o dr. Salazar, quando António Ferro era director do Secretariado da Propaganda. Um dia, telefonou-me dizendo que precisava muito de falar comigo. Era para me dar conta de que o dr. Salazar me pedia para continuarmos a conversa. «A aproximação dos poderosos é muito cheia de incidentes; não convém a ele nem a mim, porque seríamos ambos incomodados» — foi a minha resposta. E não tardou que António Ferro viesse de novo falar comigo, para me informar de que o dr. Salazar, reflectindo, acabara por concordar comigo. E a António Ferro recomendara: «Agradeça ao António Soares e seja amigo dele». O que constituíu um bom pretexto para começar a tutelar-me. Tudo o que eu pedisse se fazia. Até que acabei por aborrecer-me com isso).

E o pintor retoma aquele ar duro que lhe salienta as rugas, só para dizer:

— Não estou arrependido de o ter feito...

Se a vida política nacional não teve influência directa sobre o artista, tão pouco a sua obra reflecte o que, fora do campo da arte, se passou por esse mundo, ao longo de quase três atribulados quartos de século. Mesmo quando o mundo escorria sangue, a sua pintura não perdia os tons suaves. Ainda que a repressão se fizesse sentir, as figuras dos seus quadros não deixavam de mostrar sorrisos conciliados com a vida. Até ao tratar temas menos alegres (a «Quarta-Feira de Cinzas», por exemplo) as suas tintas nunca são demasiado carregadas. Há, muitas vezes, um contraste um tanto chocante entre o mundo real e os seus quadros.

— Talvez por ter estado sempre afastado da política. São assuntos que pertencem às multidões. A mim, como artista, desinteressam-me.

ROSAS PARA OS AMIGOS AUSENTES

Mas o seu mundo está longe de ser fechado ou reduzido a recordações. É certo que a presença do passado — um passado que viveu e ajudou a transformar, como um terreno que se prepara para as gerações futuras — envolve quase tudo. Que há uma colecção preciosa de documentos a partir das quais escreve as suas memórias. Que sobre esses documentos — fotografias, desenhos, cartas, recortes de jornais — pende uma auréola que faz de simples objectos coisas quase sagradas. É que há sempre uma história, um apontamento, uma definição, uma palavra mais sentida a dizer, sempre que evoca um dos amigos.

(— Era muito amigo do Fernando Pessoa. Gostava dele não propriamente nos aspectos de poeta, mas pelo seu exoterismo. Abarcava tudo. E eu era um daqueles com que se encontrava mais. Não era muito sentimental; pelo contrário, era bem o intelectual retratado nos poemas que escreveu.)

Depois, a memória não pode perdoar, quando estão para trás quase oitenta anos (a completar em Setembro) intensamente vividos. O tempo reabilita as coisas, colocando sobre elas uma capa de tons pitorescos.

(— Eu tinha ido para o Algarve para organizar uma empresa de cinema. Aliás, quase fiquei sem ir ao Algarve... Estava eu com o Robles-Monteiro num hotel da Rua dos Fanqueiros, quando ouvi o estalar de tiros. Não me espantei, porque nesse tempo era frequente. E, de qualquer maneira, tinha de estar no Algarve no dia seguinte. Embarcámos com certa dificuldade. Por alturas do Lavradio, começámos a ouvir tiroteio e o comboio a hesitar, até parou. Tinham detectado bombas na linha e o comboio não podia seguir. Mas eu tinha que estar no Algarve... Então disse ao guarda, um rapaz que eu conhecera há tempos: «Quando deixei os estudos para ser artista, a família pôs-me a desenhar plantas na C.P.. Conheço os regulamentos». Sabia que o comboio podia avançar com outra composição. Lá convencemos o chefe da estação e, no dia seguinte, estava no Algarve. Entretanto, estalou uma revolução e eu pensei: «Está tudo acabado». Mas fiquei lá.

Estava-se tão bem! Gostei tanto de Olhão, a que chamei a «vila cubista»! «E então, descobri coisas tão espantosas como esta: na província, há pessoas que se correspondem com grandes cientistas, filósofos... Havia ali um homem que mantinha correspondência com Bergson! Uma manhã, estava eu ainda na cama, quando a criada veio bater à porta, dizendo que estava um homem à minha procura. Fiquei contrariado: àquela hora! Quando a criada lhe foi perguntar quem era, saíu de lá um vozeirão. «Sou o Robespierre». Era o Fernando Pessoa. E essa noite, em que o Fernando ficou e falámos de Bergson, de William James, da corrente da consciência, foi uma das mais maravilhosas da minha vida).

Mas não, não é feito apenas de recordações o seu mundo. A actualidade entra-lhe todos os dias pela porta dentro, sob a forma de visitas de amigos, de jovens que lhe pedem apoio e, sobretudo, de jornais e revistas que lhe chegam um pouco de todo o lado.

— Não saindo de casa, estou mais a par do que se passa por aqui e lá fora do que se andasse todos os dias na rua...

E está. A leitura ocupa-lhe grande parte do dia, que vai desde o princípio da tarde até ao fim da madrugada. Dormir, só as escassas horas necessárias. D.Maria Germana acompanha as suas vigílias. Também ela tem muito trabalho. Enquanto o artista lê, respiga nos seus arquivos elementos para as memórias ou dá uma nova pincelada no quadro que tem no cavalete, ela ocupa-se meticulosamente de manter tudo em ordem.

O pintor e a mulher: «Ela já sabe a história de cor»

— Já temos tido empregadas, mas não mostram o mínimo cuidado com estas coisas...

Coisas preciosas, como as obras que António Soares incansavelmente continuar a trabalhar para satisfazer as numerosas encomendas. Coisas raras como a recordação do Cristiano, que tem agora entre mãos. Cristiano Cruz, o do manifesto... António Soares prepara uma retrospectiva do seu velho amigo, «tão injustamente esquecido».

— Era o chefe de bandeira do grupo. Tudo começou com ele. Mas, pessoalmente, era um tímido, um psicasténico. Dizia-me: «Tenho uma prima em África que quer casar comigo. Qualquer dia vou para lá e abandono tudo». E assim fez. Nunca mais voltou.

RESUMO BIOGRÁFICO

ANTÓNIO SOARES — Artista pintor, nasceu em Lisboa a 18-9-1894. Iniciou os estudos em 1905 e expôs pela primeira vez no ano de 1913. Nesta data tomou parte no chamado movimento dos «novos», promotor da campanha depois conhecida pelo denominativo genérico de «modernismo». Organizou e dirigiu alguns salões com este carácter efectuados em Portugal. Além de concorrer a múltiplas e variadas exposições colectivas, levou a efeito 14 exposições individuais. Concorreu às exposições internacionais de Vincennes e Artes Técnicas de Paris em 1929 e 37, respectivamente; Feira Mundial de Nova Iorque em 1939 no pavilhão de Portugal com a têmpera «Mareantes», e no pavilhão de Ciências e Artes, por convite de Mr. Thomas J. Watson com o quadro intitulado «Portugal minha Terra»; 1.ª Bienal de S. Paulo em 1951 e Ateneu em Sevilha no ano de 1952. Teve os prémios «Columbano» em 1935 e 1948; 1.ª Medalha em Desenho e Pintura nas Exposições da Soc. Nacional de Belas Artes; Medalhas de Oiro e outras em diversos certames portugueses; «Grand-prix» em Paris em 1937, Medalha de Honra em Nova Iorque em 1939 e Prémio «Diário de Notícias» em 1962. Está representado em Portugal nos Museus Nacional de Arte Contemporânea, José Malhoa e nos Plácios Nacional de Queluz, da Assembleia Nacional — gabinete da Presidência do Conselho e das Corporações —, nos Paços Patriarcal de Lisboa e Ducal de Vila Viçosa, na Capela de Cristo-Rei do Seminário dos Olivais e também na «Collection of Paintings» reunida pela I.B.M., em Nova Iorque. Possuem obras suas muitas colecções particulares e conta numerosas obras dispersas em Portugal, Espanha, França, Alemanha, Cuba, Brasil e Argentina. É também cenarista teatral e foi arquitecto decorador de dois filmes e de interiores de habitação, tendo cerca de seis mil trabalhos. Desde 1937, é vogal honorário da Sociedade Nacional das Belas Artes.

Câmara Municipal de Lisboa

6.ª Repartição — Informação, Espectáculos e Turismo

PUBLICAÇÕES TURÍSTICAS

MONOGRAFIAS DE ARTE E TURISMO: «O Tejo», por Mário Pires; «Parque Municipal de Turismo e Campismo», por Janine Quintin e João Pina Vidal; «Monumentos de Lisboa», por Ester Lemos e Maia Atayde; «Miradouros de Lisboa», por João Pina Vidal; «Jardins de Lisboa», por Natércia Freire; «Alfama», por João Pina Vidal. Ao preço de 7$50 cada.

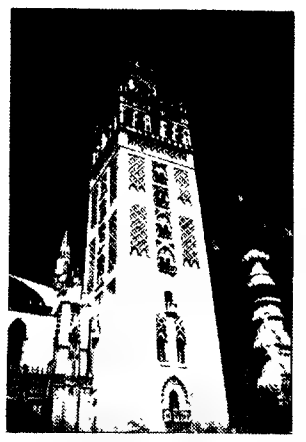
Outras publicações:

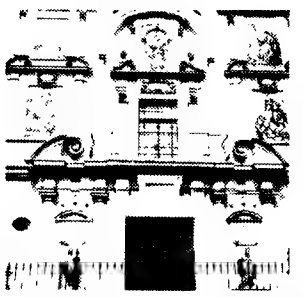
«Lisboa», de Luís Teixeira — ao preço de 15$00
«Lisboa - Roteiro Turístico» — » » » 12$50
«Lisbonne et son charme» — » » » 25$00
«Lisbona e suoi incanti» — » » » 25$00

Caminhos de Ferro Portugueses

Vá a Sevilha pelo Algarve

agora ligações mais rápidas e frequentes





* Barreiro V.R.S.to António, de comboio
* Travessias fluviais do Tejo e do Guadiana
* Ayamonte Huelva-Sevilha, em autocarros rápidos

Para informações e venda de bilhetes consulte as estações

EM CASCAIS

RESTAURANTE
ESPLANADA
CERVEJARIA
CASA DE CHÁ

VISCONDE DA LUZ

no JARDIM VISCONDE DA LUZ
(junto ao Cinema)

•

Especialidades: LINGUADO e MARISCO

•

JOÃO PADEIRO

ESPERA POR SI!

AGÊNCIA DE LEILÕES
"ANTIQUÁRIA"
de ANTÓNIO JOSÉ, LDA.
AV. 5 DE OUTUBRO, 15-1.° TEL. PPC 56 22 68/9-77 49 00 LISBOA

AGÊNCIA SALGADO

FUNERAIS
TRASLADAÇÕES
A MAIOR ORGANIZAÇÃO
DO GÉNERO
8 FILIAIS
SEDE — RUA DE SANTA MARTA, 43-A — *Telefone 4 82 56 4 87 24*

PORTO DE LISBOA

CONTENTORIZAÇÃO

O ACTUAL TERMINAL DE CONTENTORES DE SANTA APOLÓNIA, INCLUÍDO NO PROGRAMA DE CONTENTORIZAÇÃO DO PORTO DE LISBOA, DISPÕE, NUMA PRIMEIRA FASE DUMA ÁREA DE TERRAPLENOS DE 25 000 M2 E ESTÁ EQUIPADO COM DUAS POTENTES GRUAS PORTA-CONTENTORES (35 t e 38 t) e OUTROS MEIOS MECÂNICOS ESPECIALIZADOS PARA A MOVIMENTAÇÃO DESSAS UNIDADES DE CARGA

Administração-Geral do Porto de Lisboa
CAIS DO SODRÉ LISBOA-2

GALEÃO
ELEGÂNCIA
E QUALIDADE
MALAS — PELES
ARTIGOS
DE VIAGEM
R. Augusta - LISBOA

EXCURSÕES CP

Programa da Semana Santa
PÁSCOA

	DIAS	
Braga - Minho	3	990$
Serra da Estrela	2	690$
Madrid - Segóvia	4	1.650$
Sevilha	9	4.390$
Lourdes	6	2.690$
Andorra	6	2.840$
Andorra - Lourdes	7	3.440$
Paris - Lourdes	10	4.990$
Suiça	13	8.790$
Itália	15	10.090$
Feira de Sevilha	7	3.690$

INFORMAÇÕES
E PROGRAMAS
DESCRITIVOS:

Estações de Lisboa-Rossio e St. Apolónia.

Rua do Arsenal, 124, 1.°, Lisboa. Telef. 36 75 29.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Eusébio Ferreira Carvalheiro MARINHA DAS ONDAS

Móveis Janel

MODELAR ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO
DA DECORAÇÃO DO LAR
R. Rodrigues Sampaio, 76-A — Telefone 51695 — LISBOA

JVC
NIVICO

a maior realidade em estereofonia

Representantes: SIDA-SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 44-48 • TELEFONE 36 93 31 • LISBOA-2

DROGAS

NOVA YORK — «Estrictas leis que proíbam os estrangeiros implicados em tráfego de drogas são altamente desejaveis. Mas estatutos que impeçam julgamentos humanos reduzem o processo judicial à arbitrariedade de um autónomo» — observa «The New York Times», num editorial sobre as leis que proibem o antigo «beatle» John Lennon de residir nos Estados Unidos, porque em 1968 violou a proibição de drogas existente na Inglaterra.

«Tais leis podem ser muito facilmente transformadas em instrumentos de perseguição política» — considera o jornal, segundo o qual não é segredo que o Governo de Washington ficou indignado com um apelo de Lennon às forças pacifistas.

MOEDAS PONTIFÍCIAS

CIDADE DO VATICANO — O Vaticano já pôs em circulação uma série de oito moedas, para assinalar o décimo aniversário do pontificado do papa Paulo VI.

Uma multidão de centenas de pessoas esperou na praça de S. Pedro a sua vez de comprar conjuntos de edições limitadas de moedas de 500, 100, 50, 20, 10 e 2 liras, que eram vendidos por 3.000 liras, quase cinco vezes o seu valor facial.

Os coleccionadores consideram as moedas um bom investimento e o conjunto do ano passado, que foi vendido por 2 500 liras, já vale 6 000 liras.

EXCURSÕES CP

UM DIA NO RIBATEJO

em 8 de Abril de 1973

* Partida de Lisboa-St.ª Apolónia, às 7.35, em comboio até Santarém.
* Viagem de autocarro pelo Ribatejo.
* Piquenique na Quinta do Alpompé com uma Tenta.
* Almoço típico, em Santarém, e exibição de folclore.
* Corrida de Touros em que participam alguns dos melhores cavaleiros portugueses.
* Chegada a Lisboa, no regresso, às 21.05.

PREÇO POR PESSOA
(Tudo incluido) 280$00

Redução para crianças e para grupos de 10 ou mais pesoas

Informações e folhetos descritivos:

— Estação de Lisboa-Rossio
— Estação de Santa Apolónia
— Rua do Arsenal, 124-1.º Lisboa

Organização telef. 367529
Consulte a sua agência de viagens

EXCURSÕES C. P.

INVERNO/ /PRIMAVERA 73

Neve na Serra / Carnaval
Amendoeiras floridas / Páscoa

Peça o programa geral em distribuição nos seguintes locais:

* Estações de Lisboa-Rossio e Santa Apolónia
* Centrais do Caminho - de - -Ferro de Lisboa
* Agências de Viagens
* Serviço de Promoção do Tráfego da C. P. Rua Vítor Cordon, 45 - Lisboa-2.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria Leonor Penhasco Pardo Miranda — CASTELO DE VIDE

Factos convergentes

Por VILLAVERDE CABRAL

A intervenção directa dos americanos na guerra do Vietname está terminada e o conflito encontra-se em vias de ser resolvido pelos vietnamitas; a esquerda francesa firmou posições, chegando a ameaçar o poder; na República Federal Alemã, os jovens socialistas contestam a política pró-americana e pró-capitalista do chanceler Brandt, chefe do seu (deles, jovens socialistas) partido social-democrata; na Itália, o Partido Socialista cada vez se aproxima mais do Comunista, fazendo prever uma plataforma semelhante à francesa; o Partido Trabalhista britânico, ao que se diz, radicaliza as suas posições; os trabalhistas da Austrália e da Nova Zelândia recuperaram o poder de onde se encontravam arredados há muitos anos e praticam uma política externa (é a que se vê dos antípodas) que se aproxima do neutralismo e é, pelo menos em parte, contrária aos interesses americanos na área; no Chile, Salvador Allend fortificou as suas posições parlamentares; apesar do general Alvarado ter perdido uma perna, o regime militar continua a praticar um verdadeiro nacionalismo; o Equador opõe-se aos EUA, na defesa das 200 milhas de águas territoriais; o peronismo, mais nacionalista e mais radical que há 17 anos, ganhou as eleições na Argentina e vai regressar ao poder; os militares do Uruguai forçam uma política parecida com a dos peruanos; no Conselho de Segurança da ONU, o Panamá alinha com o Chile, o Perú e Cuba e defende intransigentemente o seu direito à soberania sobre a zona do Canal, entregue aos EUA em 1903 a título perpétuo; a reunião da Organização dos Estados Americanos (à hora em que estas linhas são escritas) promete ser uma Assembleia em que se porá em causa o domínio dos EUA sobre a organização, pensando-se até na possibilidade da exclusão de Washington da OEA; a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) apresenta-se cada vez mais reivindicativa, obrigando a concessões cada vez maiores os países industrializados; as crises monetárias multiplicam-se, falando-se frequentemente em «guerra comercial», ao mesmo tempo que o dólar perde a força antiga.

Dentro da mesma linha poder-se-iam apontar muito mais factos. Porém, os que atrás ficam chegam para desenhar um cenário que não é certamente o que mais convém a Washington, ainda a capital de um sistema em dificuldades.

A década de 70, possivelmente até sem que seja imperioso passar por grandes conflitos armados promete transformações significativas no **statu quo** em que temos vivido desde a segunda guerra mundial.

O presidente Nixon, com todos os defeitos que se possam apontar à sua governação, tem o mérito de ter compreendido que os tempos já não são os mesmos dos de Dulles e Adenauer, de quem foi tão amigo. Depois dos impérios coloniais das grandes potências europeias, é hoje o domínio político-económico-militar de Washington que está em jogo. É contra esse domínio que a série de factos citados aponta, ao mesmo tempo que demonstra as hesitações da resistência a este novo e fatal assalto.

Não se espere que Nixon, ou qualquer seu sucessor, abandonem velhos privilégios sem resistir. Os anos que se aproximam são cruciais, porque são de crise. Crise crónica que se vem arrastando há já bastante tempo, mas que se não resolverá sem alguns cataclismos.

O que se passa no mundo está de tal modo ligado que, sem existir uma coordenação no assalto, tudo para ele concorre, desde a nacionalização da IPC pelo Iraque até á conferência de segurança europeia, passando pela revolta nas Filipinas.

Abraço de Campora e Perón — o regresso do peronismo

TUDOR
baterias
TUDOR
pilhas secas
TUDOR

OURIVESARIA
CASA DAS BENGALAS
PRATAS — JOALHARIA — FILIGRANAS
TAÇAS DESPORTIVAS
RUA DA PRATA, 87-91 — TEL. 32 02 56 — LISBOA

W. A. SARMENTO, LDA.
JOALHEIROS
1870-1970
RUA ÁUREA, 251
LISBOA
T. 32 67 74

LLORET & XAVIER, LDA.
AGENTES DE NAVEGAÇÃO
Lâminas para a indústria corticeira
Largo do Corpo Santo, 21-1.º, Esq.º
Telef. 324671 e 327258 — Lisboa - 2

ANTÓNIO MOREIRA
RATO & FILHOS, LDA.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»
GRÉS — AZULEJOS — LOIÇAS SANITÁRIAS
MÁRMORES E CANTARIAS
FIBROCIMENTO «NOVINCO»
Telefones: 66 08 79 e 66 37 08
Telegramas: RATOFILHOS
Avenida 24 de Julho, 54 - G — LISBOA

EXCURSÕES CP
Fins-de-Semana em URGEIRIÇA
VISEU e SERRA DA ESTRELA
Partidas: 31 de Março; 7 e 14 de Abril

- *Sábado* — Partida de Lisboa-St.º Apolónia, no «Rápido», às 8.45, em 1.ª classe. Prosseguimento de Coimbra, em autocarro, para Urgeiriça.
- Alojamento e refeições em hotel de 1.ª classe — URGEIRIÇA. Visita de tarde a Viseu (cidade e museu Grão Vasco). Descanso.
- *Domingo* — Dia na Serra da Estrela: Seia, Sabugueiro, Torre, Nave, Manteigas, Penhas Douradas, etc. Regresso de Coimbra-B, no «Rápido», às 20.38. Chegada a Lisboa às 23.05.

PREÇOS POR PESSOA

De LISBOA	690$00	Do PORTO	620$00
Santarém	660$00	Évora/Beja	800$00
Entroncamento ...	640$00	Faro/Lagos	890$00

Redução para crianças e para grupos de 10 ou mais pessoas.

Informações e folhetos descritivos:
— Estação de Lisboa-Rossio
— Estação de Santa Apolónia
— Rua do Arsenal, 124-1.º — Lisboa
Organização Telef. 367529
CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

A Cafeeira, Lda.
CASA CHINESA - CASA CHINESA BAR
- CAFÉ RIBATEJANO - MONTE CARLO
Armazém: Rua dos Sapateiros, 213-215 — T. 32 85 65
Escritório: Rua dos Anjos, 13-4.º-Dt.º
Telefs. 4 96 61 e 56 28 85 — LISBOA

CASA TIROL
RUA DA PRATA, 70
É A CASA QUE MAIS BARATO VENDE BEBIDAS E QUEIJOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS E MERCEARIAS FINAS

Sapataria ORION
Sempre as últimas novidades para SENHORA e HOMEM
Rua Garrett, 42—LISBOA

DINHEIRO
Empresta-se ao juro da lei sobre todos os artigos que ofereçam garantia
Compra e vende antiguidades, ouro, jóias, etc.
JOSÉ MAYER HERD.(os)
Telefone 322881
RUA DO LORETO, 18

RESTAURANTE
«POLÍCIA»
AV. CONDE VALBOM, 127 — LISBOA

Indústrias Térmicas
Nunes Correia, S.A.R.L.
AR CONDICIONADO
Carrier ®
REFRIGERAÇÃO
LISBOA — R. do Alecrim, 29
PPCA - 30901
PORTO — R. da Firmeza, 482
Tel. 28034

T
LP

TELEFONES
DE LISBOA E PORTO
EMPRESA PÚBLICA - DECRETO-LEI N.º 48.007
AO SERVIÇO DO PAÍS
LISBOA—Rua Andrade Corvo, 14
PORTO—Rua da Picaria, 5

Gorila:
O VIGILANTE DA SELVA

Eugénio Alves

Indígenas de uma tribo da África Equatorial contam dos gorilas: «são muito desconfiados. Escondem-se onde calha, sobretudo nas árvores, para apanhar os animais ou homens desprevenidos.

As enciclopédias explicam que os gorilas são mamíferos antropomorfos (macacos de forma humana). Dizem também que as semelhanças com os seres humanos são evidentes ou mais nítidas nos fetos ou nos gorilas mais jovens.

Com o crescimento ou nas idades mais adultas essas semelhanças alteram-se bastante, especialmente nos machos.

O cérebro dos chamados «vigilantes da selva» (gorilas) é muito pouco desenvolvido em comparação com os restantes antropomorfos.

Segundo descrições antigas os gorilas vivem em grandes bandos. Ao que parece essa é a melhor forma de se defenderem ou atacarem os seus numerosos inimigos.

Marcham geralmente apoiados nos quatro membros, com a cabeça e o peito muito levantados, devido ao desenvolvimento desproporcionado dos membros anteriores.

O macho é extremamente feroz, tanto pelos seus instintos como pelo seu aspecto. Alguns — sobretudo quando estão em grandes bandos desafiam os inimigos de pé, batendo no peito com os punhos fechados e soltando rugidos enormes e aterradores.

Por vezes sentam-se para bater no peito e para rugir, fitando o adversário com fúria.

Alguns curiosos destas coisas da Zoologia afirmam que os reis da selva têm grande apreço por estes mamíferos de forma humana.

Outras tribos há, que repelem absolutamente este animal porque uma velha superstição (dizem que religiosa) os faz crer que os gorilas são verdadeiros homens.

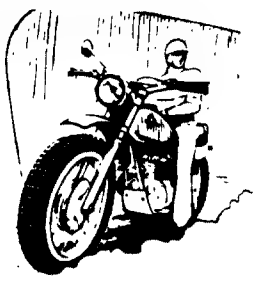
O Vigilante da Selva

RÁDIO VITÓRIA, LDA.

TODA A APARELHAGEM AEG
CANDEEIROS DE TODOS OS ESTILOS

RUA DA VITÓRIA, 46-48

LEIA motor



costa do sol
PORTUGAL

AS SUAS FÉRIAS
E O SEU FIM-DE-SEMANA
CARCAVELOS-CASCAIS-GUINCHO

A JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL, apresenta cumprimentos ao jornal Diário de Lisboa pela passagem do 52.º aniversário, e agradece todo o apoio que este jornal lhe concede em todas as realizações levadas a efeito.

COMPANHIA DOS ALGODÕES DE MOÇAMBIQUE

S. A. R. L.

CAPITAL: 150 000 000$00

ORGANIZAÇÃO INTEIRAMENTE PORTUGUESA

SEDE

Namialo — MOÇAMBIQUE

DELEGAÇÃO

Av. António Augusto de Aguiar, 25, 2.º - Dt.º

LISBOA

Companhia Portuguesa Rádio Marconi

Concessionária Nacional de Telecomunicações Via Rádio e Cabos Submarinos

Serviços Telegráficos, Telefónicos e Fototelegráficos
Circuitos directos com as Ilhas Adjacentes, Províncias Ultramarinas e Estrangeiro

Centrais Telefónica e Telex do Serviço Intercontinental
Comunicações Permanentes com a Navegação
Serviços especiais de Aceitação e Distribuição de Telegramas

CENTRO DE TELECOMUNICAÇÕES DE LISBOA

e Estações em:

SESIMBRA — CARNAXIDE — ALFRAGIDE — VENDAS NOVAS — PORTO — FUNCHAL e PORTO NOVO (Madeira) — PONTA DELGADA — PRAIA e SAL (Cabo Verde) — LUANDA — LOURENÇO MARQUES — DILI (Timor)

LISBOA

Administração e Escritórios: Praça Marquês de Pombal, 15-3.º/8.º — Telef. 534191/4

Serviços de Exploração: Rua de S. Julião, 131 — Telef. 35551/2 (Reclamações e Informações)

Telef. 34531 (telegramas telefonados) — Telef. 34564 (pedidos de estafeta) Telex 961 (telegramas por telex)

FUNCHAL
Avenida Arriaga, 7-9
Telef. 20011

PORTO
Praça Almeida Garrett, 27
Telef. 25680

PONTA DELGADA
Rua Açoriano Oriental, 39-A
Telef. 26333/5

Peça nos locais acima indicados o folheto «INDICAÇÕES ÚTEIS E TABELAS DE TAXAS» que a C.P.R.M. oferece aos utentes dos seus serviços TELEGRÁFICOS, FOTOTELEGRÁFICOS, TELEFÓNICOS e TELEX

O SEGREDO

Por MARIA AURORA

Um ovo. Não. Uma abóbora redonda e luzidia. Também não. Uma bola grande. Ainda não.

Cati, encostada à varanda que dava sobre a rua larga, onde as pessoas se cruzavam sem sorrisos e os carros engoliam asfalto, pensava devagarinho no segredo que guardava há dias. Escancarava sorrisos ao sol e fazia caretas aos pingos de chuva, ficando por vezes de olhos seguros nos dedos pequeninos, que traçavam linhas no parapeito da varanda.

Ùltimamente a mãe já a não deixava aninhar no quentinho dos braços e no peito largo e andava mais devagar, arrastando os pés com cansaço. A barriga tornava-a toda redonda enquanto os gestos ficavam mais suaves.

— Está tão gorda a Mãe! pensava Cati.

Por vezes falavam-lhe no irmão que estava para chegar. Contava-lhe o pai que o bebé seria um amigo para ela, amigo para as brincadeiras e que, como mais pequenino precisaria muito dos seus cuidados. E a barriga da mãe, onde Cati forjava o seu segredo, era uma bola, uma abóbora-menina, uma arca de surpresas.

Quando a noite descia com o seu grande cortejo de estrelas, estremecendo no murmurar do vento ou embalando-a no tamborilar da chuva, Cati escondia-se entre os cobertores e chamava todos os seus espiões: eram os ruídos das janelas, o estalar da madeira, o bater das portas mal fechadas, um mundo apertado entre as quatro redes do seu quarto, enquanto durava a noite breve antes do desenhar dos sonhos.

Cati já deixara de perguntar quando chegaria o irmão pequeno. A mãe falava-lhe numa longa viagem de meses até ao dia da entrega. O pai segredava-lhe que um dia qualquer, muito breve, a iria encontrar num berço pequeno e que ele chegaria cansado da espera e teria de dormir muito. E Cati deixara de perguntar. Tinha o seu segredo...e o segredo de Cati estava todo dentro da barriga redondinha da mãe.

Certa noite a pequenita adormeceu num repente, agarrada ao urso de pelo castanho, num refugio, morno de encontro ao seu pelo suave. E sem saber como encontrou-se fechada numa grande bola húmida e quente, com as pernas dobradas e o queixo sobre os joelhos embalada pela respiração certa da mãe, fechada no seu corpo, numa sonolência tranquila.

Agitando-se dentro da barriga redonda, Cati viu a casa pequena, a rua larga o pai e os amigos através dos olhos da mãe onde se debruçou e riu com o mesmo sorriso. Como era bom viajar dentro do seu corpo...estavam lá as alegrias, a paz, o sol, o vento, as estrelas. E bem fechada na barriga quente e húmida Cati encontrou bem de encontro a si o corpo forte do pai, a certeza duma protecção. E andaram os três, bem juntos em viagem através da noite.

O ribombar dum trovão acordou a pequena do seu sono profundo. No limiar entre o sonho e a certeza de estar deitada na cama Cati sentou-se num repente e chamou:

— Mãe!

Acendeu-se a luz no quarto cor de rosa. A mãe estava ali, com a cabeça e os braços saindo da barriga muito redonda. Sentou-se na cama.

— Que tens filha? perguntou com voz suave.

— Nada...segredou Cati e de mansinho colocou-lhe a mão sobre a barriga.

Então a Mãe segurou-lha entre as suas e levou-a devagarinho à descoberta do corpo que guardava dentro de si. E Cati sentiu as pulsações do coração do bébé pequeno por quem esperava, adivinhou-lhe as feições seguiu-lhe os movimentos e nesse momento o segredo de Cati foi dividido por três, pelo pai, pela mãe e pelo irmão que em breve chegaria. A barriga da mãe passou a ser a arca da vida.

Livros, letras e coveiros

Os funcionários ou aparentados têm um abecedário muito complicado (para leigos, entenda-se), espécie de código para indicação das categorias, vencimentos, reformas e outras coisas que tais. Uma conversa entre funcionários parece, por vezes, coisa de espiões ou de crianças.

— Eu pertenço à letra M, por isso...

— Eu ainda não estou no quadro, mas penso que ficarei na letra J...

Ouvindo há dias falar deste modo (de letras, aumentos, descontos, etc.), lembrámo-nos dum caso pitoresco. Um colega nosso era funcionário numa biblioteca municipal. Auxiliar de catalogação, ou coisa parecida. Uma espécie de «gancho» que lhe garantia mais uns cobres além dos que lhe pagava o jornal.

A cada passo falava das suas preocupações provenientes de tal «gancho». Essas preocupações tiveram três fases:

. 1) O nosso colega (e outros em situação idêntica) batia-se pelo quadro, por uma «letra» que lhe garantisse situação estável, reforma e tudo o mais;

. 2) O diabo é que saiu uma lei que exigia o curso de bibliotecário a quem fizesse aquele serviço de catalogação...

3) Por fim, lá se conseguiu, com grande dose de boa vontade, uma «letra» para os catálogadores de livros que não tinham o curso, mas já catalogavam livros há muitos anos...

Uma letra... Situação normalizada... Reforma garantida! Respiramos fundo. Fizera-se justiça, finalmente, e não mais ouviríamos a choradeira do costume. Mas não...

— Vocês sabem uma coisa? — perguntou-nos o colega catalogador de livros e já com «letra».

— Já sabemos. Muitos parabéns...

— Parabéns uma gaita! Imaginem que nos puseram na letra dos coveiros!

Catalogar livros e enterrar mortos, actividades pertencentes à mesma letra. Lógico, desde que consideremos uma biblioteca como um cemitério de livros...

Resta dizer que isto já foi há uns anos (embora não muitos). Alguma coisa mudou desde então. Pelo menos, e parece que catalogar livros e enterrar mortos já não é coisa que se classifique com a mesma «letra».

MANUEL DE AZEVEDO

medidor oficial
FUNDADA EM 1591

laranjo, alegre & garcia, lda.

Gerência de JOSÉ FERRINHO

COMPRA, VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

PRAÇA DA ALEGRIA, 58,. 2.º — SALA E
Telefs. 328567 - 327803 - 326718 — LISBOA-2

TEL. 66 12 04

E.R.E. TELEF. 661204

ELECTRO RÁDIO ESPERANÇA

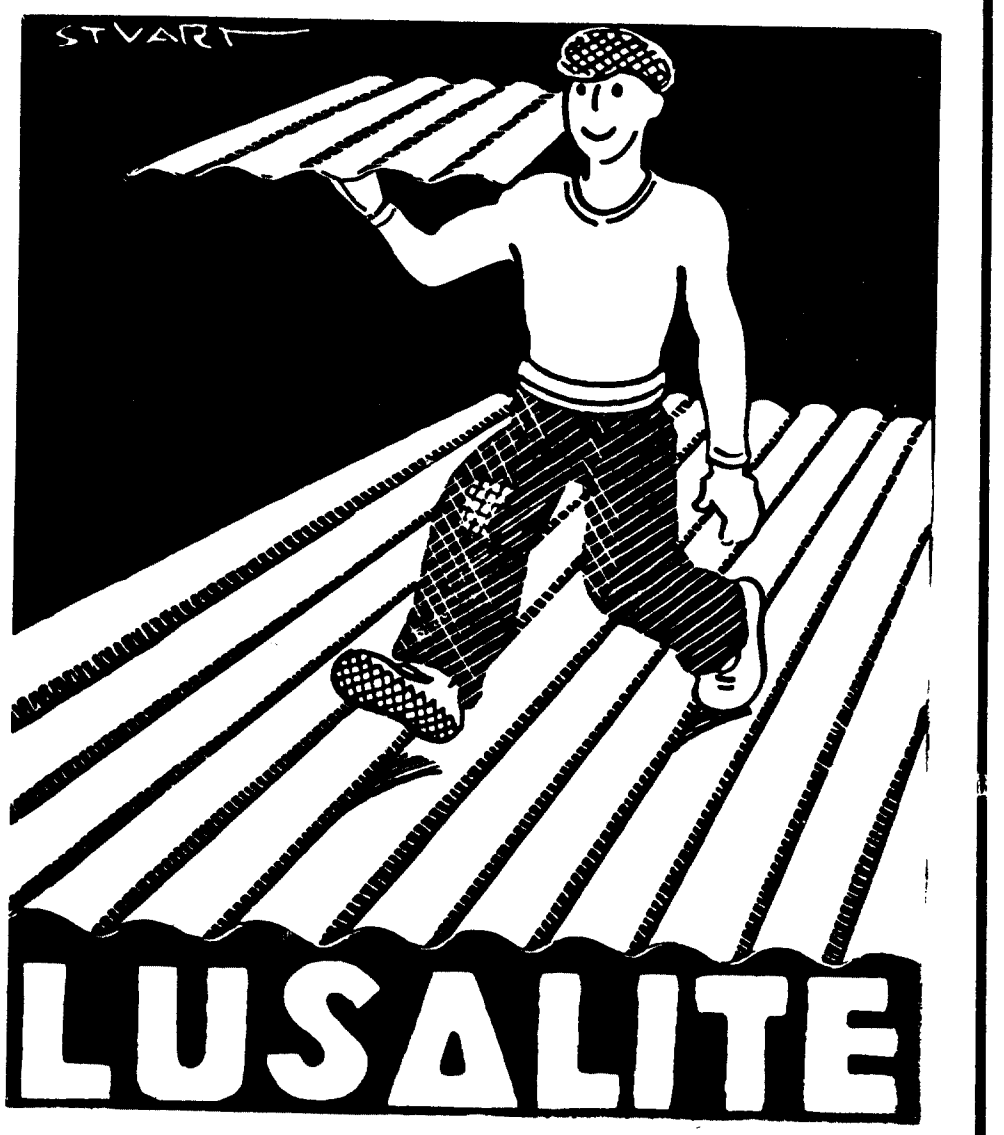
ELECTRODOMÉSTICOS

TODOS OS ARTIGOS PARA TORNAR MAIS BELO O SEU LAR

REPARAÇÕES

LABORATÓRIO PRÓPRIO PARA: LUZ — RÁDIO — SOM — TELEVISÃO, ETC.

Rua da Esperança, 12, 14, 44, 46 LISBOA

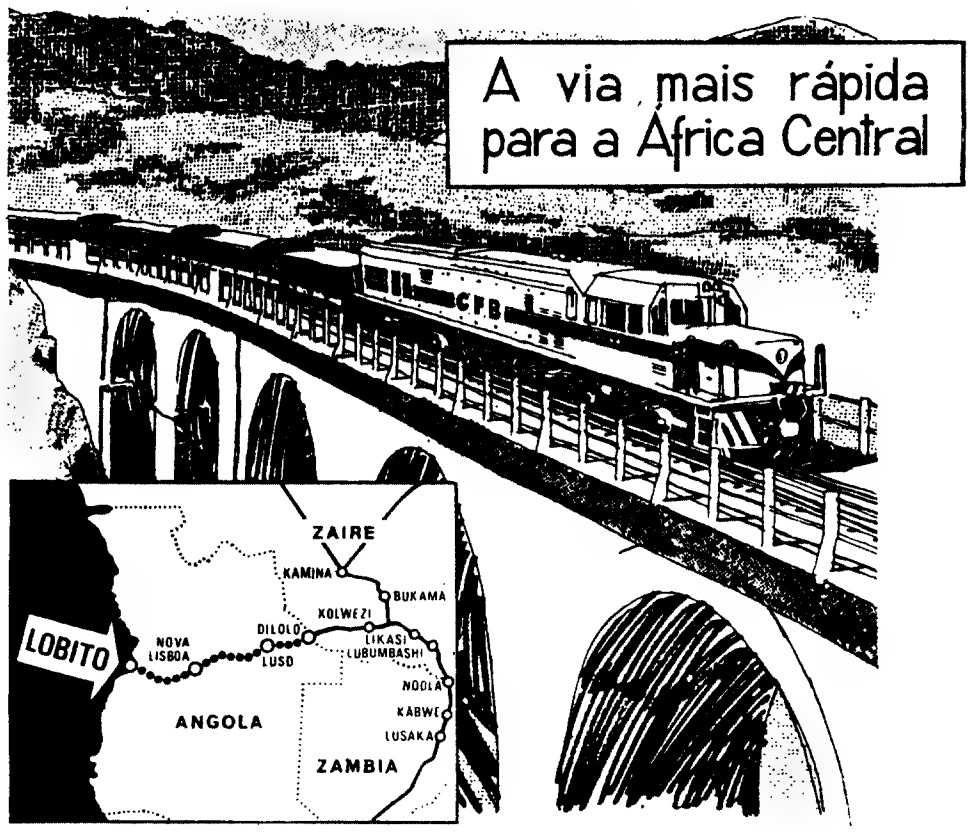


LUSALITE – Sociedade Portuguesa de Fibro-Cimento, S. A. R. L.

SEDE E FÁBRICA: CRUZ QUEBRADA

Escritórios: Rua de S. Nicolau, 123 — LISBOA-2 — Telef. 322091/5

CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA



SEDE E ADMINISTRAÇÃO - RUA DO ATAÍDE, 7 - LISBOA
DIRECÇÃO-GERAL EM AFRICA - C.P.32 - LOBITO - ANGOLA

AMONÍACO PORTUGUÊS S. A. R. L.

PRODUTORES DE

SULFATO DE AMÓNIO	AZOTO
ÁCIDO SULFÚFICO / OLEUM	AMONÍACO
OXIGÉNIO	AMÓNIA
HIDROGÉNIO	CINZAS DE PIRITE

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO

Linha de ácidos e adubos (Estarreja — III Fase)

Investimento	370 000 000$00
Início dos trabalhos	Junho de 1972
Data da conclusão	Junho de 1974

PRODUTOS: Ácido Nítrico, Nitrato de Amónio e Adubos Compostos

Linha Petroquímica (Estarreja — IV Fase)

Investimento previsto	2 750 000 000$00
Início dos trabalhos no terreno do 1.° Escalão	2.° semestre de 1973
Data da conclusão do 1.° Escalão	30 meses após o início dos trabalhos

PRODUTOS: Derivados Petroquímicos de Aromáticos

Sede: Rua Silva Carvalho, 234 — Lisboa
Telex: «1525 AMPORT P» — Telegramas: «AMONÍACO»
Fábricas: Estarreja — Telegramas: «AMONÍACO»

CAIXA DE CRÉDITO CAUCIONADO
Empréstimos sobre tudo o que ofereça garantia
SIGILO — RAPIDEZ — SEGURANÇA
88, 1.°, RUA DA ASSUNÇÃO — TELEF. 325334

OURIVESARIA NOGUEIRA & SOUSA, LIMITADA
OURO - PRATAS - JÓIAS
Rua Braamcamp, 74 — Tel.: 47807 — LISBOA

Jorge, Ferreira & Carvalho, Lda.
ARMAZÉM DE ARTIGOS PARA ESTOFADORES E DECORADORES
Importação — Exportação
(Vendas só por atacado)
PRAÇA DA FIGUEIRA, 16, 2.° — TELEFONE 32 30 72
— LISBOA-2 — TELEGRAMAS JORVALHO

Luso Eléctrica
EQUIPAMENTO
ELÉCTRICO INDUSTRIAL ELECTRÓNICO SEGURANÇA MOTORES
DIESEL MARINHA EXÉRCITO AERONÁUTICA PETROQUÍMICA
CALÇADA MARQUÊS DE ABRANTES, 11-13
Telefones: 66 80 61 / 67 31 06 / 66 80 66 / 67 80 91
(15 linhas)

PAPELARIA FERROS
Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64 - 66.

pelaria pampas
PELES — MALAS
GABARDINES
ARTIGOS DE VIAGEM
ÚLTIMOS MODELOS
R. DA CONCEIÇÃO

DÃO FELICIDADE
Os anéis de Pedido, as Alianças de Casamento e de Compromisso das
OURIVESARIAS
BARATEIRO DE S. DOMINGOS
Rua Barros Queirós, 56
E
SANTO ANTÃO
R. Portas de St.° Antão, 44

LAGOS & IRMÃO
IMPORTADORES DE ALGODÃO EM RAMA
Sede
LUANDA — Angola — Rua João de Barros, 26
Delegações
LISBOA — Avenida António Augusto de Aguiar, 25-1.°
MATOSINHOS — RUA SOUSA AROSO, 528
TELEGRAMAS — SOGAL

O EMIGRANTE E UM ENTEADO

Por VEIGA PEREIRA

Na terra em que nasceu não havia trabalho para ele, era uma boca em demasia. Doutos estudos de economistas, e de outras pessoas que têm por profissão assegurar a harmonia do nosso crescimento, demonstravam por a mais b que havia excesso de mão-de-obra na agricultura, excesso que a indústria não poderia absorver, apesar do esforço de modernização em que todos andamos empenhados. Outros estudos, igualmente doutos, verberavam a esclerose das nossas estruturas socio-económicas, sem esquecerem de referir (tão veladamente que só compreendia quem conhecia o segredo) as implicações políticas de tais padecimentos. Sem nunca ter ouvido falar nestes estudos, compreendeu que a sua presença impedia o necessário crescimento do nosso P.N.B. per capita.

Abalou para França, para a Alemanha, para onde houvesse trabalho. Nos primeiros anos, viveu enquistado nas suas recordações, encerrado no escafandro dos seus valores culturais. Na sua memória, feneceram as más recordações, ficaram apenas a nostalgia da família e dos amigos, a lembrança dos sítios, a saudade da meninice que não teve. Onde havia o Portugal real, passou a haver o Portugal paraíso perdido. Não compreendia, nem queria compreender, os costumes desvairados, as insensatas reivindicações dos companheiros de trabalho, a crença na possibilidade de se modificar o mundo. Ganhava mais, entregava algum dinheiro às agências que os nossos bancos tinham criado para o servir. Mas nem por ganhar mais deixava de ouvir com lágrimas nos olhos, lágrimas autênticas, o Tristão da Silva a cantar «Oh tempo volta para trás». A quem lhe falava na luta para haver justiça, agora em linguagem menos douta e menos velada, respondia que «o nosso Portugal continuará sempre a ser o nosso Portugal», argumento que deixava sem resposta possível aqueles que conheciam da vida o que tinham lido nos livros em que se estuda as estruturas socio-económicas e as suas incidências nas super-estruturas políticas. Faltava-lhe a ordem, o respeito que as nossas instituições têm sabido preservar com rara felicidade.

Um dia veio a férias. e não o acolheram como ao filho pródigo. Eram os acidentes que provocava pondo em risco a segurança das nossas estradas. Era o mau gosto das benfeitorias que levara a cabo no casebre que herdara dos pais, ou das moradias que construira, a contrastar com a arquitectura que por cá se ia fazendo, a obsessão doentia de instalar lavatórios e retretes, o que ameaçava destruir o portuguesismo dos nossos costumes. Era a arrogância grotesca de novo-rico, em oposição à humildade cristã daqueles que já eram ricos no tempo dos pais dos seus pais, era o ridículo de falar em **vacanças** e **congês** e **alocações de lojamento**, talvez por nunca ter ido a banhos, nem nunca ter ficado em casa para convalescer de uma gripe, nem nunca ter recebido um subsídio de renda de casa. Havia quem o olhasse com suspeição, porque alguma coisa de mau aprendera certamente lá por fora. E havia quem o olhasse com rancor por ter desertado um combate em que nunca participara. E havia quem lhe dissesse regressa, entra na roda, vem dançar connosco. Em artigos que não lia, lamentava-se a influência das transferências dos emigrantes na excessiva liquidez do sistema monetário, chorava-se a falta de mão-de-obra que aflige a lavoura e agrava a indústria, reponsabilizava-se a emigração pela subida dos salários e pela erosão dos preços, dois dos nossos mais estáveis motivos de orgulho. Às vezes também se referiam os seus problemas. Mas dir-se-ia que o emigrante era a encarnação do bomo economicus. Postas de lado uma ou outra crónica de quem andava lá por fora, era o dinheiro que ganhava, o dinheiro que transferia, a aplicação que dava ao dinheiro que amealhava, era o espanto por teimar em permanecer no estrangeiro, quando poderia viver bem melhor e tratado com mais consideração no lugar que lhe foi berço.

Terminadas as férias, voltou a França, à Alemanha, aos diferentes lugares da diáspora portuguesa. Continuava a não entender o pensar dos companheiros, a sua maneira de ver o mundo. Vá lá um homem entender que um operário não tenha a ambição de se estabelecer por conta própria, que confie mais na acção do sindicato do que na amizade e caridade do patrão. Vá lá um homem compreender que se diga que a guerra não é fruto inevitável da natureza humana ou que se negue que sempre haverá ricos e pobres. Mas a gratidão que sentia pelo país em que encontrara trabalho, e um tecto, e alguma consideração, levava-o a tentar entender os seus costumes e a maneira de pensar do seu povo. Mas a comunidade de interesses que o ligavam aos companheiros de trabalho, levavam-no a escutá-los, a ler os prospectos que lhe distribuiam, a ir às reuniões para que o convidavam. Sentia-se sempre mais integrado, sempre mais desejoso de participar na vida da pátria que adoptara e que substituira a prática que não fora sua mãe. Mas não tardou que lhe recordassem que era um trabalhador estrangeiro, sem direitos políticos, sem o direito de ser dirigente sindical, sujeito a que lhe fixassem residencia ou a que o expulsassem se não ou a que o expulsassem se não se limitasse a trabalhar. Nesse dia compreendeu que era um enteado.

CONTROLE AOS ARMAMENTOS

WASHINGTON — Consta que o presidente Nixon escolheu o dr. Fred Ikle, considerado um «falcão» e especialista em assuntos da defesa da extrema-direita, para novo chefe da «Arms Control and Disarmament Agency».

Ikle, antigo cientista da «Rand Corporation» e professor de ciência política no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, estaria a ponderar a oferta, cônscio de que ficará à frente de um organismo com 12 anos de existência que, sob a administração de Nixon, foi parcialmente demolido e quase totalmente desmoralizado.

A escolha de Ikle — o qual substituirá Gerard Smith, que se demitiu das suas funções em Janeiro — é considerada nesta cidade um novo golpe no Poder e influência de um organismo responsável pela elaboração de política que tinha outrora enorme projecção.

O presidente Kennedy criou a «Arms Control Agency», em 1961, com o objectivo de dispor de um organismo oficial capaz de exercer a sua influência no sentido do controlo da corrida aos armamentos. Desde que Nixon ocupou a Casa Branca, porém, o seu poder e influência têm diminuido progressivamente, e, actualmente, pouco mais utilidade tem além de ser uma organização de pesquisa para a defesa financiada pelo Governo.

Nixon já encontrou o seu principal negociador para a próxima fase das conversações «SALT» fora deste organismo: Alexis Johnson, que foi nomeado pela Casa Branca, o Inverno passado, principal delegado dos Estados Unidos à segunda fase das «SALT», é um diploma experimentado sem ter, todavia, uma grande experiência no sector do controlo dos armamentos. O facto de o negociador não ter sido escolhido dentre os que prestam serviço no referido organismo constituíu um rude golpe no moral dos funcionários superiores.

Continua na pag. 27

Viaje para Espanha com o seu carro... de comboio

de 9 de Junho a 15 de Outubro

Serviço Auto *Expresso*

Lisboa-Madrid, com ligação para as principais cidades de Espanha

Caminhos de Ferro Portugueses

CP-A 73

PEIXE

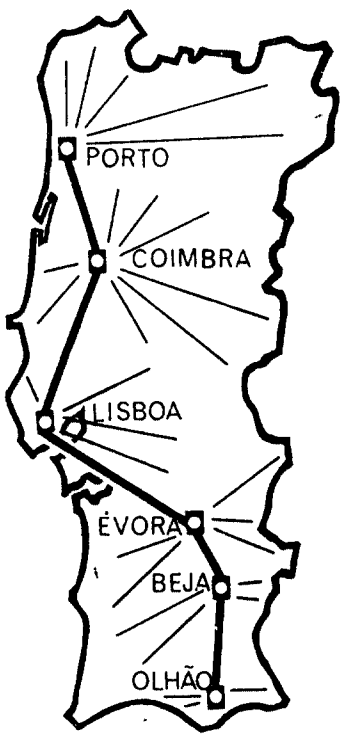
CONGELADO E FRESCO

nas melhores condições de preço e higiene oferece-lhe o S. A. P. P. nos seus postos de venda e nos Carros-Peixaria espalhados por todo o País

ASSEGURADO O ABASTECIMENTO EM TODO O PAÍS, DO PEIXE NECESSÁRIO À ALIMENTAÇÃO DO POVO PORTUGUÊS.

NOS CARROS-PEIXARIA E NOS POSTOS DO S. A. P. P. O CONSUMIDOR ENCONTRA SEMPRE BOM PEIXE.

O **S. A. P. P.** DISPÕE DE FOLGADOS «STOCKS» DE PEIXE CONGELADO POR FORMA A SUPRIR TODAS AS FALTAS RESULTANTES DO MAU ESTADO DO MAR



PEIXE FRESCO

À venda nos Postos do S. A. P. P. espalhados pelo País, nas «carrinhas» itinerantes e carros-peixeiria, nas melhores condições de preço e de higiene

SAPP

SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DE PEIXE AO PAÍS

PRONTO A VESTIR VENDIDO
COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

ARMANDO SOARES, LDA.

Fundada em 1943

RUA PASCOAL DE MELO, 64, 2.º, Dt.º — Telef. 48692

— L I S B O A —

J. RICARDO DOMINGUES, LDA.

Moedas estrangeiras — Coupons — Papéis de Crédito — Ordens da Bolsa

Telefones 32 47 55-36 90 81 End. Tel. JODRACIR

RUA ÁUREA, 85

ALVES RIBEIRO, LDA.

Avenida 28 de Maio, 49-A
Telef. 77 15 12 e 76 18 60
Lisboa-4

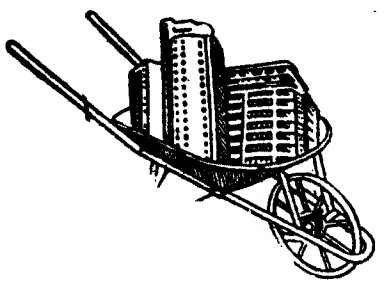
EMPREITEIROS
DE
OBRAS PÚBLICAS
E
CONSTRUÇÕES CIVIS

OURIVESARIA CASA DAS BENGALAS

JÓIAS — FILIGRANAS — PRATAS — OURO
TAÇAS DESPORTIVAS

LISBOA-2 — 87 — Rua da Prata, 91 — Tel. 32 02 56

F. FERNANDES & COSTA LDA.



(MEDIADORES AUTORIZADOS)

NA COMPRA, VENDA
E HIPOTECA
DE PROPRIEDADES

Av. Almirante Reis, 104-2.º

Telefone 536111/2/3

FETIL

Fábrica de Fechos Metálicos, Lda.

FECHOS E APLICAÇÕES PARA MALAS
DE SENHORA E SAPATOS
NIQUELAGEM E DOURAGEM A OURO

Av. Gomes Pereira, 70-A, Dt.º—Tel. 70 19 21—Lisboa

EXÓTICA

Especializada em arcas de cânfora
Todos os artigos de arte oriental

Av. de Roma, 48-A Telefone: 71 53 99

Custódio Cardoso Pereira & C.ª

PIANOS — ÓRGÃOS — INSTRUMENTOS
DISCOS — CURSOS DE LÍNGUAS «ASSIMIL»
9 — RUA DO CARMO, 13 — LISBOA

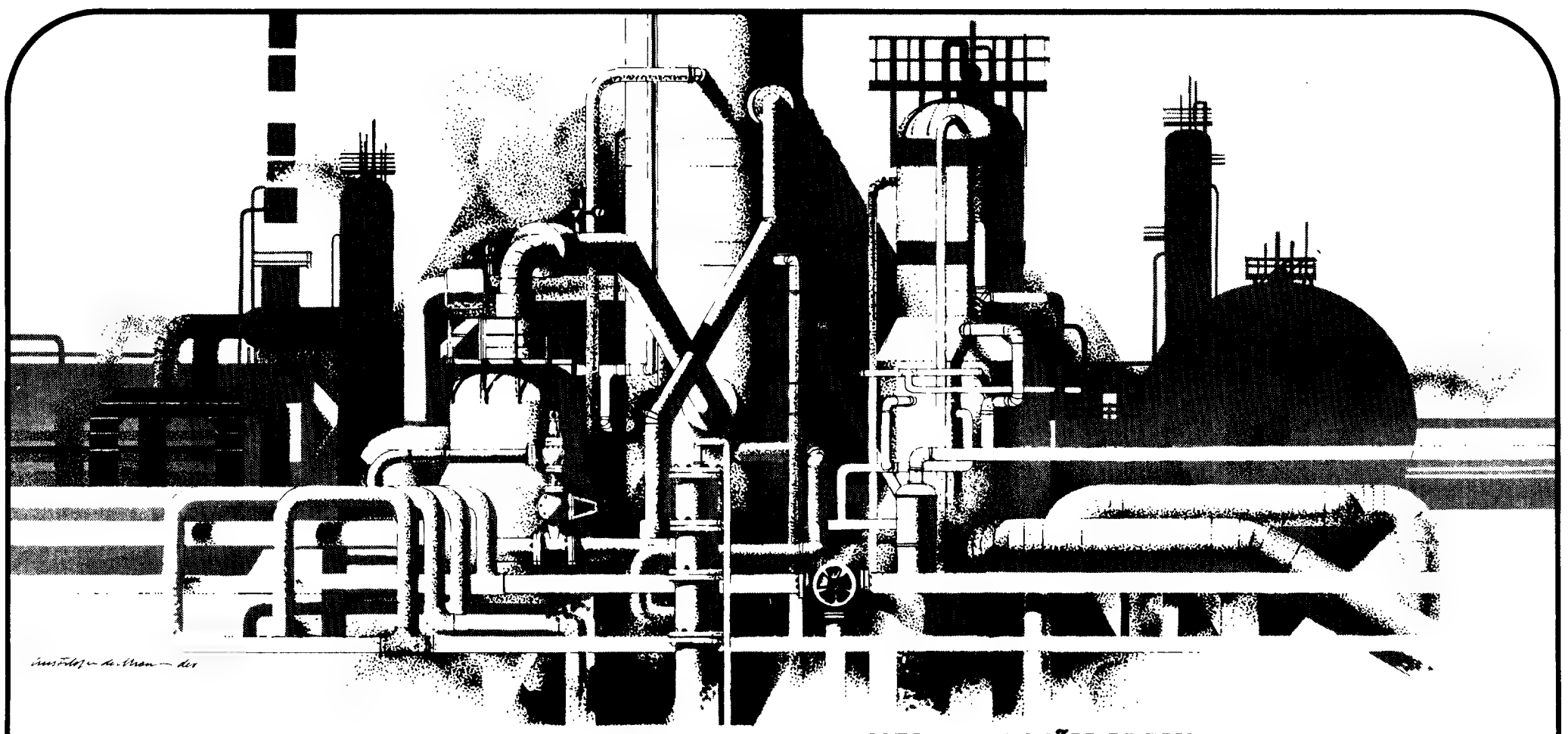
SANTOS & SILVA VIEIRA, LDA.

I M P . — E X P .

BRINQUEDOS — ARTIGOS PARA CARNAVAL
DECORAÇÕES E FOGOS DE ARTIFÍCIO

— ☆ —

RUA DA BOAVISTA, 14-16—TEL. 32 39 06—LISBOA-2



1972 : 4,5 MILHÕES DE TON.
1974 : 8 MILHÕES DE TON.

No espaço de dois anos a Sacor duplica a sua capacidade de produção

Ampliada a Refinaria do Porto
para uma dimensão de nível internacional;
aproveitadas ao máximo as possibilidades
da Refinaria de Lisboa,
iniciar-se-á, então, uma nova fase industrial,
seguro contributo para o progresso
da economia portuguesa.

sacor

• CRÓNICA INTERNACIONAL

A HORA DOS JAPONESES

Com o declínio da hegemonia americana, o mundo ocidental sofre as consequências da rivalidade económica entre os EUA, o Mercado Comum Europeu e o Japão, em luta pelo domínio de mercados cuja exploração beneficia o desenvolvimento desses três «grandes». As sucessivas crises monetárias que levaram a duas desvalorizações do dólar em 14 meses e ao desmantelamento do sistema internacional de Bretton-Woods, constituiram um dos aspectos do confronto a escala planetária em que, temporariamente, os japoneses e os europeus ocidentais procuram aliar-se contra a «república imperial» americana.

Tanto a Europa Ocidental como o Japão se acham ainda sob a protecção militar dos Estados Unidos. Num e noutro caso assiste-se à tentativa para sacudir a tutela ianque. Mas enquanto a Comunidade Económica Europeia tem de estar atenta a duas frentes, dado que Washington e Moscovo estão de acordo quanto ao perigo representado pela CEE, o império do Sol Nascente encontra-se numa situação menos vulnerável, pois os EUA são o seu pareceiro comercial mais importante, a União Soviética pretende ajuda nipónica para a exploração da Sibéria e a China de Mao Tsé-tung aceita a aproximação Pequim-Tóquio para contrabalançar o jogo das outras grandes potências.

Menos de três décadas depois da derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial, a recuperação do império insular é portanto tal que permite a um ex-ministro dos Negócios Estrangeiros dizer: «Desejamos utilizar a nossa força económica para adquirir um lugar de crescente importância na comunidade internacional. O Japão não tem a intenção de desenvolver uma grande força militar. Isto permitir-nos-á tornar a nossa força económica ainda maior».

Efectivamente, os japoneses, «redescobertos» pelo general Douglas MacArthur depois da guerra, até certo ponto numa repetição do acto histórico do comadoro Matthew Perry, no século passado, percorreram rapidamente, desde 1945, um caminho de recuperação que faz dizer ao futurólogo Herman Kahn que o Japão será a maior potência económica mundial, no ano 2 000. Para tanto tem concorrido o facto dos encargos com a defesa competirem quase exclusivamente aos Estados Unidos, reservando Tóquio menos de um por cento do seu produto nacional bruto às coisas militares.

No entanto, a hora parece ter chegado para uma modificação do actual tipo de relações entre o Império do Sol Nascente e Washington, após as ineciativas do presidente americano Richard Nixon no sentido de travar o progresso comercial nipónico, que chegou ao ponto de colocar os ianques numa posição acentuadamente desvantajosa no que diz respeito às trocas entre os dois países. E os japoneses não só projectam duplicar os seus gastos militares nos próximos cinco anos como reivindicam já voz ifual à das maiores potências relativamente às decisões a tomar sobre os problemas que afligem o globo.

NUNO VIEIRA

QUADRO PRETO

O preto — neste caso, em geral, cinzento-escuro — é cor fúnebre. Que evoca, na ardósia fria, a prisão, o fim dos dias alegres da despreocupação, em que viver era (só) brincar. Na alegria das réstias de um sol que nunca se obscurece, mesmo quando a chuva cai, nas poças de chapinhar desconforto.

Quadro preto, animado pelo giz, és o quadro mágico, janela aberta para o mundo, complemento — pouco a pouco substituto — daquele outro de criança. Mas onde um sol poderá (deveria) também resplandecer. Quadro de ardósia, plastificado, de flanela, tela de cinema ou «ecran» de televisão. Porta que deverás ser para o mundo da cultura, para o entendimento das propostas do tempo vivido.

Abrir a porta que é (ou pode parecer) muito, não basta — Também os carcereiros abrem as celas...A instrução tem de aproximar-se o mais possível do comportamento terminal desejado. Para que venham a revelar-se frutíferos os resultados do processo de comunicação que, na Escola, deve estabelecer-se. Escola que, de Instituição, deves tornar-te, cada vez mais, local de aprendizagem reflectida, a permitir a integração individual e colectiva na realidade.

De pessoas vivas, que aprendam a perguntar «porquê?»

Esta comunicação essencial, apresenta dificuldades para estabelecer-se ou, melhor — perdoe-me, leitor, o «calão» electrotécnico — está muito sujeita a «ruído». Porque, na verdade, os alunos trazem impressos códigos diversos, conforme a experiência de vida que lhes foi dada, o que faz sentir-se mais fortemente nos primeiros anos, tão marcantes. Por isso, as suas interpretações podem afastar-se do significado inicial que o educador pretendia atribuir-lhes. Daqui a importância da associação de sinais visuais e auditivos, que facilitem ao aluno a descodificação das mensagens que pretendem transmitir-lhes. Donde não devem (podem) arredar-se preocupações de ordem estética e humana, com projecção para lá do sector da instrução.

Ensinar, de que o quadro preto se tomou como símbolo, confunde-se — limita-se — muitas vezes a um encher de sacos de conhecimentos, a construir enciclopédias vivas/mortas. Sem dúvida, há que fornecer uma estrutura (necessária) de base, mas, quanto possível, dar relevância ao desenvolvimento dos controlos internos que façsm do escolar, e do homem que vai ser, um elemento valioso para o grupo social a que pertencerá. E, acima de tudo, facultar as condições em que possa desenvolver-se o pensamento criador, motivando uma criatividade consciente, que um ensino mal orientado pode sufocar em definitivo, à nascença. Não se esqueça que o confinamento físico debilita o corpo, mas são várias as classes de confinamento e os tipos de debilidade que podem engendrar.

Mais do que a quantidade, deve a qualidade preocupar o educador. Dentro de um espírito em que esteja presente que, no momento social que vivemos, para actuar, exige-se mais do que o conhecimento sectorial estreito, que pode mesmo tornar-se inibidor da cooperação, pelas «linguagens» diferentes que cria. Se os não-técnicos não podem alhear-se do facto de viverem num mundo de tecnologias, os que as manuseiam e que são por elas responsáveis, não podem desligar-se das suas implicações sociais.

Falar de «quadros pretos» é também (e ainda) não deixar de pensar nos que os não podem alcançar. Que os lobrigam através da vidraça salpicada de lama de um destino — haverá de facto nisto um fatalismo, ou só o nosso alheamento egoista?! — onde o cinzento domina, onde não entra o risco branco de um giz a traçar as linhas da esperança.

Que sejam cada vez menos.

Façamos tudo para que sejam cada vez menos.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Exmo. Sr. Artur dos Santos Quintino PERO PINHEIRO

POLÍCIAS SEM ARMA

O semanário romano **L'ESPRESSO** anuncia que a Federação dos jovens do Partido Republicano não ficou lá muito satisfeita com a recente agressão de que foi vítima o seu secretário nacional, Maurizio Marchesi, durante uma carga de polícia. «Ele apresentou queixa, afirma o semanário, mas algumas semanas mais tarde a Polícia incriminou-o por sua vez por «reunião sediciosa» e «manifestação com recusa de dispersar».

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE A
ORCOSI
Tels. 36 7444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

Bilhetes de «Fim-de-Semana»

A C. P. informa que, na semana da Páscoa, os bilhetes de «Fim-de-Semana» são válidos, para início da viagem de Ida desde as 17 horas do dia 18 de Abril (quarta-feira), até às 12 horas do dia 22 (domingo), e, para início da viagem de Regresso, desde as 12 horas de domingo (dia 22) até às 24 horas de terça-feira (dia 24).

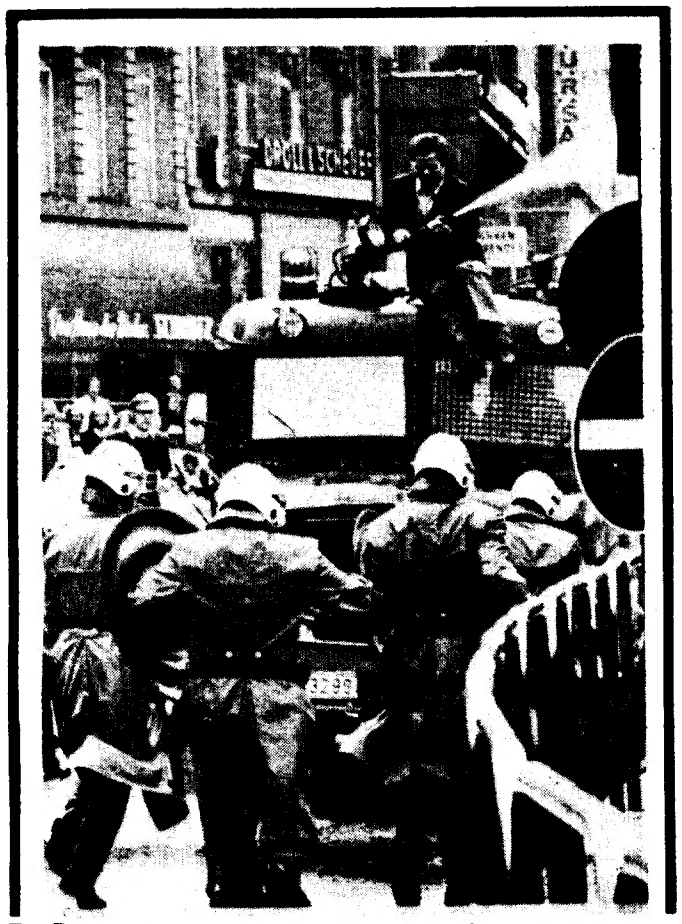
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 69, 1.º-D.º
TELS. 53 65 69 - 4 46 02
L I S B O A
PREDIAL ROBREL, L.DA
MEDIADORA OFICIAL DEC. LEI 43.767
P R O P R I E D A D E S
COMPRA ◆ VENDA ◆ HIPOTECA
HIPOTECAS SOBRE AUTOMÓVEIS

TINTAS REDLAC
NÃO ACREDITE SÓ EM PROPAGANDA.
SAIBA TAMBÉM DISTINGUIR
A ALTA QUALIDADE.
J. P. BASTOS & C.ª, LDA. — Tel. 870056 — LISBOA

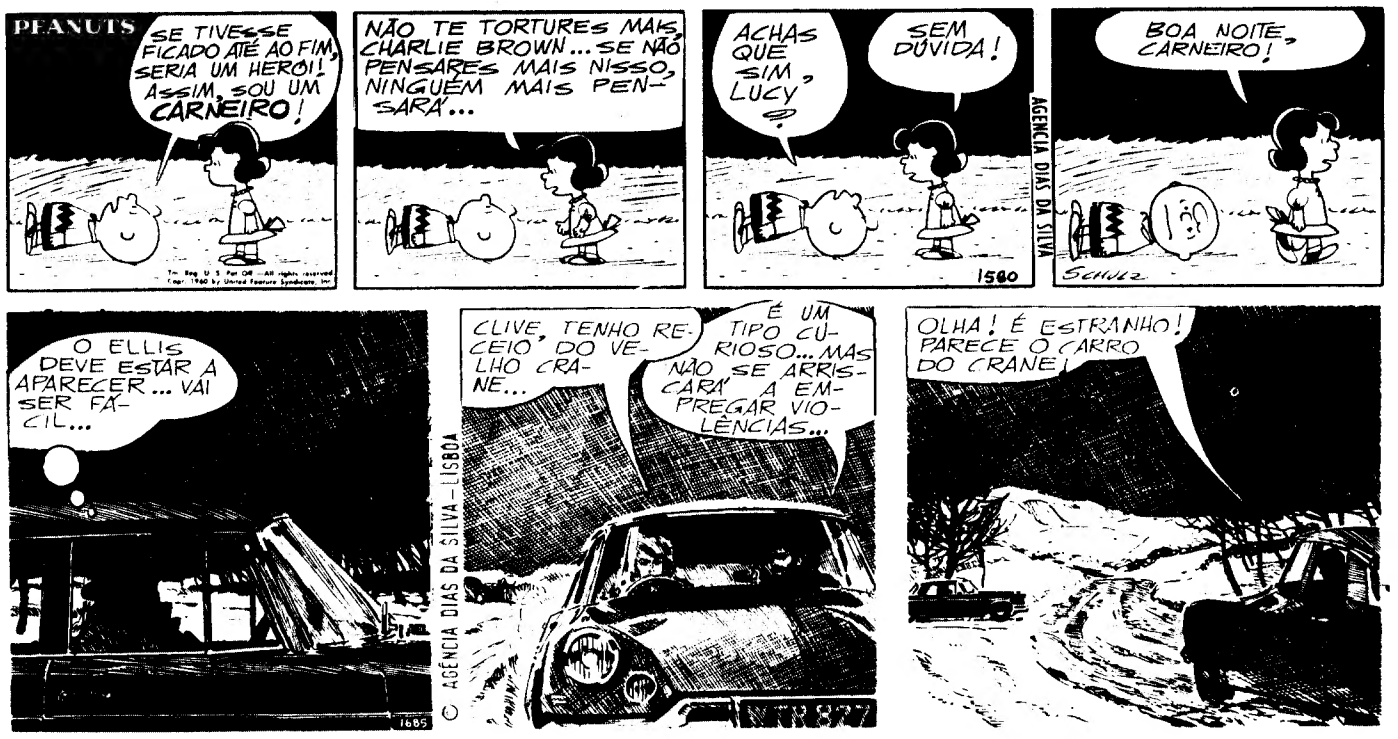
LAVANDARIAS GUANABARA
ROUPA BRANCA — LIMPEZA A SECO
Estrada de Benfica, 464-A — Telef. 706026
L I S B O A

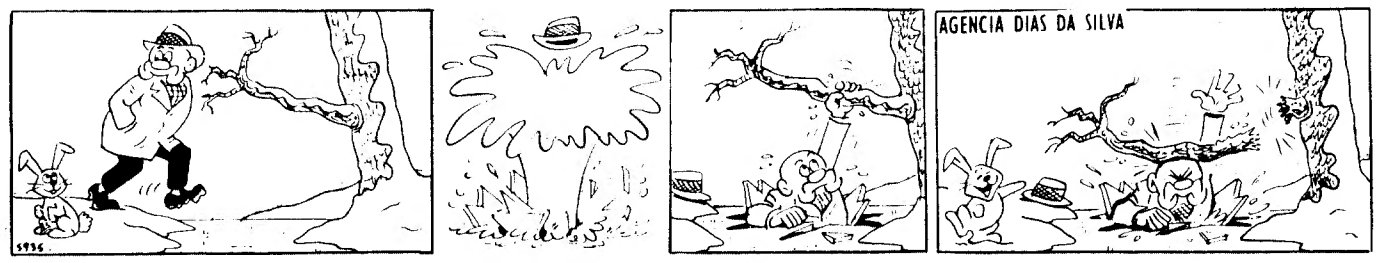
FEIRA DO PNEU
Pneus para Automóveis e Camions, novos, usados, rechapados. Leitores de cassetes e cassetes
AUTOMÓVEIS E CAMIONS NOVOS E USADOS
Amplas facilidades de pagamento em qualquer modalidade
RUA SETE MOINHOS, 81 (ao Arco do Carvalhão) Telefone 683404 L I S B O A - 1

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO
ASSIM TODOS PODEM COMPRAR!...
ALCATIFAS | MOBÍLIAS | MAPLES | PAPÉIS DECORATIVOS
TELEVISORES | GRAVADORES | GIRA-DISCOS | ALTA FIDELIDADE
MÁQUINAS DE LAVAR | FOGÕES | ESQUENTADORES | FRIGORÍFICOS
CANDEEIROS | ASPIRADORES | ENCERADORAS | FRITADEIRAS
E TODA A GAMA DE ELECTRODOMÉSTICOS
M. L. FERREIRA — Rua D. Estefânia, 48-A



Em Frankfurt verificou-se uma manifestação de protesto contra o despejo dos locatários de algumas casas antigas e contra os preços exorbitantes das rendas no centro da cidade

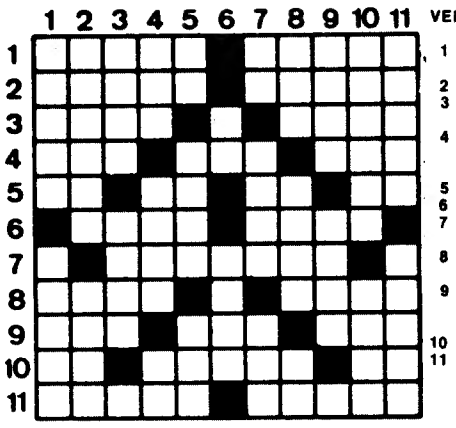




palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10391



HORIZONTAIS:

1 Lista. Murchar.
2 Causar amuo a. De pouca duração.
3 Cordas de reboque. Aquele que.
4 Apelido. Possui. Camareira.
5 Pronome reflexo. Viração. Pertences. Manuscrito.
6 Tira. Falha.
7 Resolve.
8 Estimam. Descerro.
9 Voz do gato. Elemento grego de composição de palavras que exprime a ideia de novo. Prefixo que designa ar.
10 Actínio (s.q.). Indivíduo que habita nas pampas. Novecentos em romano.
11 Cara. Esmonque.

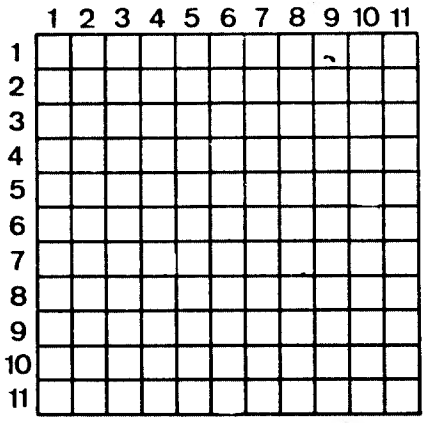
VERTICAIS:

1 Derrotes. Sugar o leite materno.
2 Namoro. Macaco do Brasil.
3 Saí frequentemente à rua. Nome de homem.
4 Chefe etíope. Parte do lombo dos bovinos entre a pá e o cachaço. Platina (s.q.).
5 Sopro. Após. Recusa.
6 Germânio (s.q.). Comitiva.
7 Escândalo (s.q.). Introduzi. Capa sem mangas
8 Pronome relativo (inv.º). Remedeia. Campeão.
9 No estado natural. Cidade da África ocidental, sobre o Níger.
10 O mesmo que teima. Porco.
11 A folhagem das plantas. Repousa.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6547



HORIZONTAIS:

1 Completo. Freguesia do concelho de Coimbra.
2 Amargo. Pessoa magra.
3 Disputa (fig.). Crustáceo do Senegal. (pl).
4 Tomba. Pega. Aqui está.
5 Freguesia do concelho de Sernacelhe. Tépida.
6 Árvore indiana, cuja casca é empregada como adstringente. Jarro (planta).
7 Torna brilhante (fig).
8 Praia. Elimina.
9 Troças. Tempo do verbo ir.
10 Costurar. Pedaços.
11 Guarnecera de asas. Ocasião imprevista.

VERTICAIS:

1 Esmaga. Carimbo.
2 Causara amuo a. Cursos de água naturais e abundantes.
3 Vestido talar usado pelos eclesiásticos. Catafalco.
4 Pedra de altar. Percorre. Érbio (s.q.).
5 O lado do vento. Arrasara.
6 Tempo do verbo ser.
7 O mais. Amachuca.
8 Mediana. Rezai. Antes de Cristo.
9 Demora. Punhal usado pelos antigos Romanos.
10 Sereno (fig). Grande desordem.
11 Afrouxa. Nulo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10390

HORIZONTAIS:

1 Se. Braga. Cá.
2 Art. Ame. Sôr.
3 Crus. O. Calo.
4 Redobrariam.
5 Amora. Serra.
6 Bis.
7 Teima. Ofega.
8 Arrastariam.
9 Irás. Arse.
10 Pôs. Não. Ati.
11 As. TEMPO. Aã.

VERTICAIS:

1 Sacra. Taipa.
2 Errem. Erros.
3 TUDO. Irás.
4 Sor. Mas.
5 Ra. Babas. Ne.
6 Amor. Toam.
7 Ge. Assoa. Op.
8 Cré. Fra.
9 Sair. Eira.
10 Colar. GASTA.
11 Aroma. Ameia.

PROVÉRBIO: O tempo tudo gasta

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6546

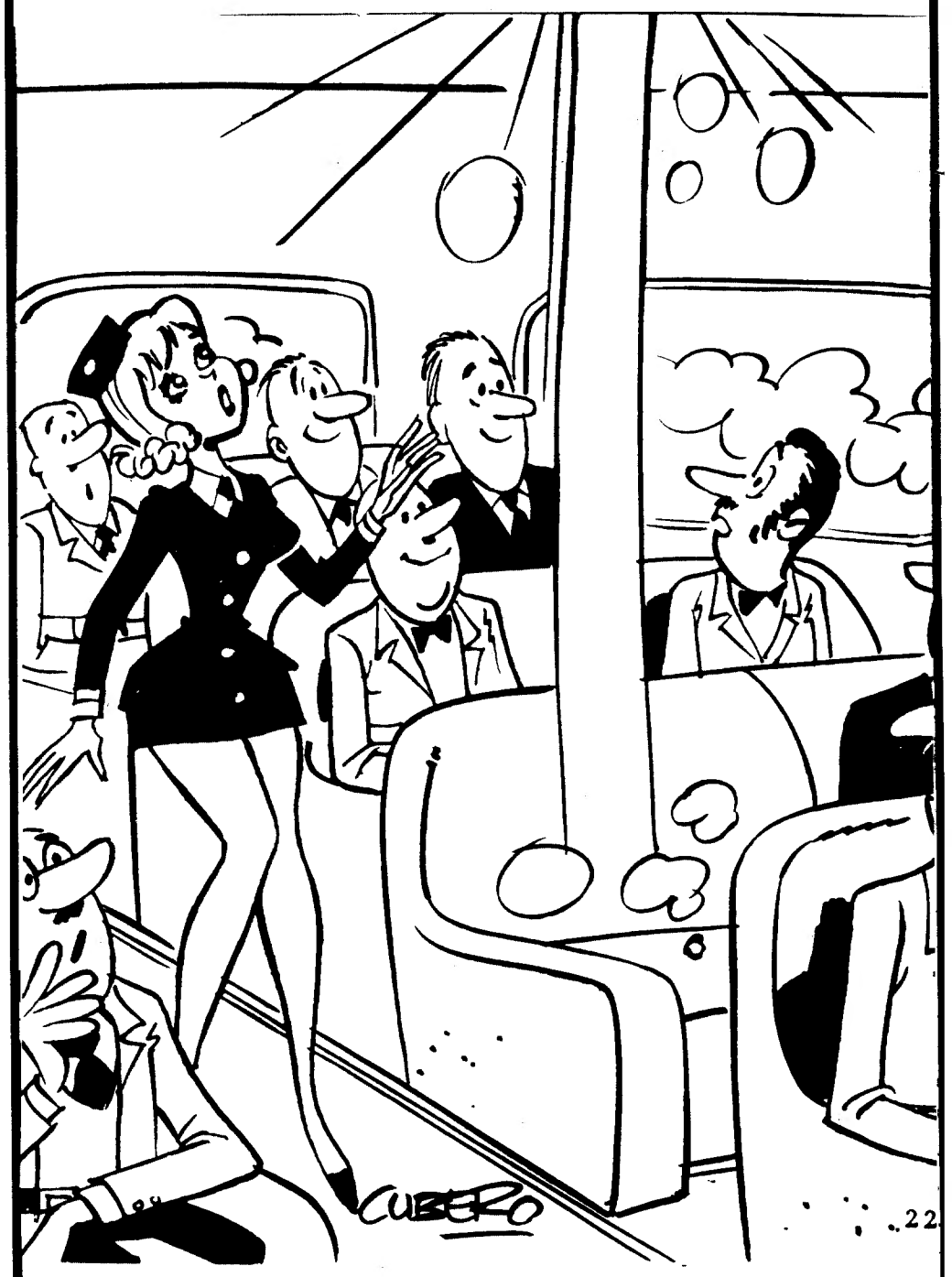
HORIZONTAIS:

1 Alear. Domar.
2 Aí. Maré. Ale.
3 Sua. Res.
4 Moa. Oc.
5 Desprende.
6 Assaí. Arrás.
7 Arrasarei.
8 Dá. Sor.
9 Ara. AAA.
10 Nei. Fiam. Vê.
11 Osaca. Marão.

VERTICAIS:

1 Aas. Dardano.
2 Li. Mês. Ares.
3 Cossa. Aia.
4 Am. Apara.
5 Ras. Rir. Afã.
6 Ruge. Abai.
7 Rea. Nas. Aam.
8 Adras. Ma.
9 Mar. Erros.
10 Óleo. Aer. Vá.
11 Descosi. Geo.

A HOSPEDEIRA



— **O facto de ser um velho cliente da Companhia, não lhe dá o direito a fazer exibições sem cinto de segurança**

NOVA PROPOSTA DE LEI COMERCIAL NORTE-AMERICANA

. WASHINGTON — Entidades da Administração julgam poder ter uma proposta de lei comercial para submeter ao Congresso, pronta para estudo, no princípio de Março, ou logo que a Comissão de «Ways and Means» da Câmara dos Representantes esteja pronta a discuti-la.

Essa proposta de lei tem estado em preparação há meses e aguarda apenas a aprovação presidencial quanto a alguns pontos.

Na sua declaração pública de 12 de Fevereiro, o secretário do Tesouro, George Shultz prometeu que a proposta de lei seria um dos três principais pontos do plano para reduzir o «deficit» comercial dos Estados Unidos. Os outros dois são uma redução de dez por cento no valor do dólar e um fim para as restrições dos fluxos de capital.

Ao abrigo da Constituição, a Câmara dos Representantes deve actuar em primeiro lugar em qualquer proposta de lei comercial, seguida pelo Senado. Na Câmara dos Representantes é a Comissão de «Ways and Means» que deve expor a legislação aos seus membros.

Essa Comissão, presidida pelo congressista Wilbur Millls, tem estado a considerar a reforma de impostos desde o princípio de Fevereiro. Espera-se que se liberte desse problema no princípio ou meados de Março.

A Administração espera poder entregar à Comissão o seu «dossier» comercial antes dessa data.

O Secretário Shultz divulgou extensas partes do «dossier».

Primeiro, disse, solicitaria autorização para negociar tarifas mais baixas e barreiras não-tarifárias nas conversações comerciais, ao nível mundial, previstas para Genebra no mês de Setembro. Admitiu que os Estados Unidos ergueram barreiras por si próprios. «A melhor forma de negociar estas barreiras em ambas as partes», disse simplesmente, «é removê-las. Trabalharemos afincadamente para esse fim».

Embora desde o «Kennedy Round» as pautas aduaneiras não tenham sido um obstáculo ao comércio, é de esperar que outras nações exijam um nivelamento de algumas pautas aduaneiras mais elevadas dos Estados Unidos. Em média, as pautas aduaneiras norte-americanas são comparáveis com as de outras nações, mas algumas são mais elevadas — 20/25 por cento «ad valorem» — do que as de muitas outras nações.

Pela sua parte, os Estados Unidos estão ansiosos por conseguir uma redução das chamadas barreiras não-tarifárias. Estas incluem quotas de importação, padrões de sanidade e segurança governamentais que dificultam a entrada de produtos estrangeiros, e as práticas de aquisição governamentais discriminatórias contra vendedores estrangeiros.

Um outro elemento chave para um sistema de garantia é o de que as restrições sejam impostas, não unilateral ou bilateralmente, mas só depois de prévia discussão num forum internacional, tal como o Acordo Geral Sobre Tarifas e Comércio (GATT). Se a proposta de garantia for sujeita a escrutínio internacional, nota-se, muitas nações podem ter relutância em dar esse passo.

Por outro lado, o GATT verificaria se a indústria afectada estava a ajustar-se a um novo produto dentro de um número razoável de anos. Entretanto, representantes americanos propuseram, adicionalmente, que quaisquer novas regras deviam permitir um determinado nível de crescimento comercial anual de modo a que os operários no país exportador não fossem também atingidos.

Harold Mahlmgren, negociador norte-americano especialista em assuntos comerciais, põe a questão deste modo: «Um tal mecanismo será um grande melhoramento quanto à situação (bilateral) existente, onde prevalecem uma incerteza total e a lei da selva».

O presidente Nixon, pretende, disse o secretário Shultz, «que os produtores americanos sejam tratados justamente e tenham acesso equitativo a mercados externos. Muitas vezes, temos sido impedidos de entrar em virtude de uma teia de barreiras e controlos administrativos. Além disso, as regras que regulam as relações comerciais têm-se, em muitos casos, tornado obsoletas e, tal como as nossas regras monetárias internacionais, necessitam de uma profunda reforma».

As regras podiam ser mais rigorosas, dizem individualidades norte-americanas. Por exemplo, o GATT foi concebido há 25 anos, quando os Estados Unidos eram um país com excedente em dólares. Nessa altura, isso permitiu práticas, por outras nações, contrárias ao interesse nacional dos Estados Unidos, a fim de encorajar as suas recuperações económicas.

Agora a situação é bastante oposta e os Estados Unidos já não necessitam de conceder preferências a uma nação como o Japão, por exemplo, que, por sua vez, pode muito bem estar a oferecer preferências a outras, semelhantes às que ele próprio anteriormente recebeu.

Uma entidade oficial põe assim a questão: «já não temos necessidade de nos esforçarmos exaustivamente para permitir a recuperação do Japão».

Não só algumas regras estão obsoletas: muitas nem estão a ser aplicadas, dizem individualidades norte-americanas. O exemplo mais flagrante é o princípio estabelecido pelo GATT de que uma concessão tarifária concedida a uma nação deve ser proporcionada a todos os outros parceiros comerciais.

Esse princípio tem sido alvo de considerável abuso por muitos países, particularmente os nove membros da Comunidade Europeia.

Ao propor esta legislação», disse o secretário Shultz, «o presidente reconhece que a escolha que enfrentamos não se situa entre maior liberdade e o «status quo». A nossa posição comercial deve ser melhorada. Se não pudermos realizar esse objectivo num ambiente de comércio mais livre e mais justo, as pressões para o afastamento serão intensas».

«Devemos evitar esse risco, pois é o caminho para a recriminação internacional, o isolacionismo e a autarcia».

JOHN HOLWAY

ARMAS

Continuação da pag. 23

Mais tarde, Nixon anunciou que ia reduzir em um terço o seu orçamento anual de 10 milhões de dólares, bem como os fundos destinados ao programa de pesquisas, de 2 milhões de dólares por ano para menos de meio milhão.

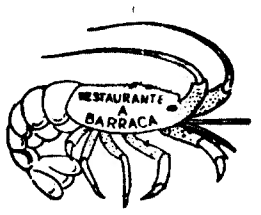
Aparentemente, estas medidas foram consideradas uma afronta pelos funcionários superiores daquele organismo, pelo que quatro deles — o chefe do programa científico, o chefe do departamento de relações internacionais e dois dos principais conselheiros — anunciaram que se demitirão.

Ao tomar a decisão de arrancar os dentes ao velho tigre que era a «A.C.D.A.», Nixon cedeu evidentemente às exigências do senador Henry Jackson, conhecido pelo «Senator from Boeing», o qual tem sido um dos mais enérgicos críticos dos acordos concluídos na primeira fase das «SALT» que, segundo ele, foram uma derrota tactica para os americanos.

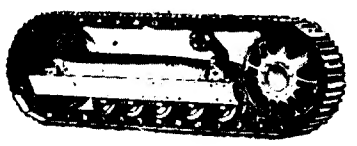
É evidente que Nixon cedeu às exigências de Jackson sob dois aspectos — retirando a autonomia e a possibilidade de fazer política ao antigo organismo, e oferecendo agora as funções de director a um homem que é conhecido pelos seus pontos de vista profundamente conservadores, o seu extremo cepticismo relativamente ao conceito dos dissuasores nucleares e por preconizar novas pesquisas no campo do desenvolvimento da guerra nuclear. Diz-se que Jackson está bastante satisfeito com a atitude da Casa Branca.

THE JOHN BULL
SALOON — LOUNGE
ENGLISH OAK BEAM COUNTRY PUB.
FULLY AIR-CONDITIONED
OPEN UP TO 3.30 a. m.
IST FLOOR.

Restaurante Britania
«STEAK HOUSE»
CHARCOAL GRILL
Praça Costa Pinto, 31
Largo Luís de Camões, 4-A
(Two entrances)
Telef. 28 33 19
CASCAIS

ESTALAGEM
RESTAURANTE
«MUCHAXO»
«A BARRACA»
GUINCHO
Telefs. 289221 - 289342
CASCAIS


Magníficamente situada numa das mais belas praias de Portugal e a mais ocidental do Continente Europeu. Viveiros próprios. Quartos c/ casa de banho. Piscina com água do mar.


MATERIAL DE RASTO
CORRENTES — ROLETOS — SPR KETS
PARAFUSOS — VEIOS
PARA TODOS OS TRACTORES
CONSULTE A:
SIPEMA
LISBOA — RUA DE ARROIOS, 87-A
Telefs. 53 46 30 e 4 68 94
BEJA — RUA DO VALE, N.º 13
Telef. 2 35 60

ESCOLA DE CONDUÇÃO
ROLÃO
LIGEIROS — PESADOS — MOTOS
ÚNICA ESC. TRACTORES
À MELHOR ORGANIZAÇÃO DO GÉNERO
RUA TENENTE ESPANCA, 4-A — Tel. 760448

TAPETES
FABRICAMOS PARA TODOS OS TIPOS DE VIATURAS
desde 150$00
PORTA-BAGAGENS «APOR»
O JÁ FAMOSO PORTA-BAGAGENS EM DURO-ALUMÍNIO

GUEDES & GUEDES, LDA.
Rua de Santo António (à Estrela), 39-A
Lx.ª-3 — Tel. 67 38 70

SOC. DE CRISTAIS, LDA.
25, R. DO ALMADA, 29 - PORTO
Telef. 21416
VIDROS
INSTALAÇÕES ROCHEDO
ESPELHOS

TINTAS

VERNIZES
MÁRIO COSTA & C.ª, LDA.
Rua do Almada, 103/107 PORTO
Rua de S. Paulo, 12-3.º LISBOA

ARCÁDIA
PASTELARIA — SALÕES DE CHÁ
FABRICO ESPECIAL DE BOMBONS
ARCÁDIA
63 — PRAÇA DA LIBERDADE — 65
PORTO

HÁ 25 ANOS: O GOLPE DE PRAGA

Em 25 de Fevereiro de 1948, um golpe de Estado levava ao poder o Partido Comunista Checoslovaco. O facto de Brejnev ter vindo celebrar, no próprio local, o vigésimo quinto aniversário do golpe de Praga é, aliás, suficiente para mostrar que o movimento comunista internacional continua a considerá-lo como legítimo.

Este precedente pode parecer tanto mais impressionante quanto é certo que, diferentemente daquilo que se passou nas outras democracias populares, excluídas a Jugoslávia e a Albânia em que o triunfo do comunismo foi o desfecho de uma longa guerra civil intimamente ligada à guerra estrangeira, o Partido Comunista Checoslovaco tomou o poder em Praga no momento em que nenhum soldado soviético se encontrava em solo checoslovaco. Ignorá-lo «a priori» seria, portanto, imprudente.

POR ANDRÉ FONTAINE
Exclusivo Le Monde/DL

JOSÉ ESTALINE

MUNIQUE

O drama havia começado, na realidade, dez anos mais cedo, quando a França, com medo da guerra e mais ainda, talvez, do comunismo, tinha decidido ignorar o tratado que a ligava à Checoslováquia, e unir os seus esforços aos da Grã-Bretanha para fazer pressão sobre o presidente Benés levando-o a aceitar como essencial, o ultimato de um Hitler decidido a anexar a região dos sudetas, povoada na sua maioria por alemães. Os dirigentes de Praga, com o chefe do Estado à cabeça, daí tiraram por conclusão que não podiam já contar com as democracias ocidentais. Esta sensação não podia deixar de ser confirmada pela total passividade de Paris e de Londres quando, em Março do ano seguinte, o **Führer** completou a operação ao reconhecer a independência de um Estado eslovaco fantoche e tomando isso como pretexto para colocar a Boémia e a Morávia sob o protectorado do Reich.

Riscada do mapa, a Checoslováquia começou a renascer das próprias cinzas quando os alemães, em 1 de Setembro de 1939, invadiram a Polónia. Benés, refugiado em Londres, constituiu um Governo provisório. A partir do desencadeamento da ofensiva nazi contra a U.R.S.S., em Junho de 1941, esqueceu que esta tinha reconhecido a alforria de Berlim sobre o seu país e que os comunistas checoslovacos não tinham deixado, desde há dois anos, de o arrastar pela lama. Deslocou-se a Moscovo em 1943 para aí concluir um tratado de aliança com Estaline, e nomeou representante do Partido Comunista Checoslovaco para o seu gabinete. Viria a explicar a sua atitude perante De Gaulle: **«Os russos chegam aos Cárpatos. Mas os ocidentais não estão perto de desembarcar em França. É, portanto, o Exército Vermelho que libertará o meu país... é com Estaline que eu tenho de entrar em acordo. Acabo de o fazer e em condições que não hipotecam a independência da Checoslováquia.»** Pode-se pensar que a recordação da fraqueza francesa de 1938, tinha, também, entrado em jogo e que, pensado antes do mais, como todo a gente nessa época, no perigo de um regresso em força da Alemanha, julgava-se melhor protegido pela U.R.S.S. do que pelas grandes democracias. Sem dúvida, é preciso, também, considerar a parte de simpatia que este eslavo e este homem da esquerda experimentava pela Rússia Soviética.

KOSICE

Foi exactamente o Exército Vermelho que, efectivamente, entrou em primeiro lugar na Eslováquia, e foi no território por ele controlado que foi constituído, em Kosice, em Abril de 1945, em aplicação de um acordo concluído em Moscovo entre Benés e os representantes do Partido Comunista conduzidos pelo secretário-geral Klement Gottwald, Rudolf Slansky, seu adjunto e sua futura vítima, e outras personagens, entre as quais Husak, actual primeiro secretário, então presidente do Conselho Nacional Eslovaco. Benés, como presidente da República, entendeu confiar a direcção do Governo ao social-democrata da Esquerda Fierlinger, então embaixador em Moscovo. Por sua vez, foram nomeados dois vice-presidentes do Conselho Comunistas: Gottwald, para os checos, que insiste sobre a necessidade, para o seu país, de seguir um caminho especial para o socialismo, e Sirosky para os eslovacos. Os comunistas recebiam apenas cinco outras pastas, porém, a do Interior figurava no número destas. Ignorava-se na altura que o general Svoboda, ministro da Defesa, actual presidente da República, era secretamente membro do partido.

EDUARDO BENÉS

Na Boémia, pelo contrário, é o Exército americano que penetrará em primeiro lugar, na véspera da capitulação do Reich. Em 4 de Maio, Praga revoltou-se. Os blindados de Patton estavam às portas da cidade. Churchill insistiu com Truman para que os fizessem entrar ali. Não tinha ficado combinado em falta que caberia às primeiras unidades a chegar a Berlim, Viena e Praga libertar estas cidades? Porém, Eisenhower, então comandante-em-chefe, queria deter-se sobre a linha Karlovy-Vary-Pilsen-Budejovice. **«Para quê** — dizia ele — **arriscar a vida de um único soldado americano ou britânico para ocupar um país que não tardaremos a entregar aos russos?»** Somente em 1968 se viria a saber, através de uma confidência de um lugar-tenente de Dubcek, que, nessa época, haviam sido feitos contactos entre os americanos e a resistência checa, mas os comunistas que se encontravam à frente da mesma tinham rejeitado todas as propostas de auxílio. Deste modo, a passividade dos soldados de Patton, na altura, contribuíu certamente para alicerçar ainda mais os checos hostis ao comunismo na ideia de que era preciso, decididamente, deixar de contar com os ocidentais.

Terminada a guerra, a Checoslováquia, qualificada por Gottwald de «democracia de novo tipo», pareceu um modelo perfeito daquilo que poderia ser um país amigo simultaneamente do Leste e do Oeste. Partidos marxistas e burgueses cooperavam sem grande dificuldade na aplicação do programa elaborado de comum acordo, em Abril de 1945, em Kosice.

Estaline havia decidido, desde essa altura, preparar a conquista do poder pela força por parte dos comunistas? Nada é menos certo. As eleições desenrolaram-se, em Maio de 1945, tanto mais livremente quanto é certo que o Partido Comunista, aureolado pela glória da resistência e do papel libertador desempenhado pela U.R.S.S., podia esperar conseguir a parte de leão. Efectivamente, obteve 38 por cento dos votos (42 por cento na Boémia, mas 30 por cento apenas na Eslováquia) contra 18,2 por cento dos socialistas nacionais de Benés, 12,8 por cento dos sociais-democratas de Fierlinger e 15,8 por cento dos populistas (católicos). Com cento e catorze lugares, faltava-lhe, no entanto, a maioria absoluta. Mas Fierlinger decidiu aliar-se-lhe, e contando os partidos marxistas com os dois, Benés teve de confiar a Gottwald a formação do novo Governo, no seio do qual os quatro partidos continuaram, aliás, a cooperar em paz, conservando Jan Masaryk, filho do fundador da primeira república, a pasta dos Negócios Estrangeiros. Os jugoslavos — os esquerdistas de então — chasqueavam desta combinação, dizendo que a Checoslováquia era uma «democracia popular a 0,1 por cento».

A ROTURA

As coisas só começaram a alterar-se em 1947. Depois do malogro da conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos Quatro Grandes em Moscovo, no princípio do ano, Truman lançou-se na política de «barragem» do comunismo, que devia conduzir à doutrina, baptizada com o seu nome, de assistência à Grécia e à Turquia e ao lançamento, em 5 de Junho, do Plano Marshall. Gottwald deu uma resposta de princípio positiva à proposta que lhe fazia Washington de fazer com que a Checoslováquia beneficiasse deste programa de assistência económica. Porém, Estaline fez ouvidos de mercador. O chefe do Governo de Praga, convocado a Moscovo, foi intimado a reconsiderar a sua decisão, e, bem entendido, submeteu-se. **«Nós não passamos de vassalos»,** devia constatar Jan Masaryk diante do seu colega Ripka.

Para o Kremlin, como Jdanov deveria explicar em Outubro, na sessão constitutiva do Kominform, reunião dos partidos comunistas no poder na Europa do Leste, e dos da França e da Itália, **«dois campos se tinham formado no mundo»** e era preciso escolher entre eles. A Checoslováquia, nestas condições, não podia esperar preservar durante muito tempo a sua posição de ponte entre as duas Europas. A U.R.S.S. fê-lo compreender a Benés, a quem obrigou a suspender as negociações em curso com Paris para concluir uma aliança contra... a Alemanha.

Esta nova orientação, coincidindo com o agravamento contínuo da situação alimentar, suscitou em toda uma parte da opinião um descontentamento bastante vivo. Os partidos burgueses viram os seus efectivos aumentar bruscamente, e os socios-democratas, em Novembro, puseram à sua testa, em lugar de Fierlinger, dado à colaboração com os comunistas, um representante da ala direita. Ora, em Maio de 1948 deviam realizar-se eleições. Receando perdas, o Partido Comunista Checoslovaco, que detinham todos os postos-chave, empregou-se a consolidar a sua influência. Desde logo, virou-se para a Eslováquia, região na sua maior parte rural, bastião da resistência às suas ideias. Tomando como pretexto manifestações que se haviam seguido à execução de monsenhor Tiso, antigo chefe do Governo pró-nazi de Bratislava, anunciou a descoberta de uma conspiração e dissolveu o gabinete eslovaco. Por seu lado, o ministro comunista do Interior, Nosek, começou a depurar a polícia e a distribuir armas às milícias, operárias.

No princípio de 1948, uma sondagem de opinião, que não viria a tornar-se pública senão no momento da Primavera de Praga, mostrou que os comunistas, que haviam obtido 38 por cento dos votos em 1946, como já se viu, não podiam esperar já senão uns 28 por cento dos votos. Nas eleições universitárias de Dezembro, os candidatos do partido não tinham, aliás, obtido senão 20 por cento dos sufrágios.

A PROVA DE FORÇA

No clima de guerra fria que prevalecia na época, era inconcebível que o Partido Comunista Checoslovaco se deixasse desapossar tranquilamente do poder. Preparou-se, pois, para a prova de força. A ocasião foi dada pela decisão de Nosek de demitir oito altos funcionários da segurança para os substituir por homens de confiança. Por iniciativa dos socialistas nacionais — o partido de Benés — a maioria do Governo convidou Gottwald a reconsiderar a sua decisão, ao que ele se recusou. Então, doze ministros demitiram-se, acreditando ingenuamente que, com isso, arrastariam a queda do Governo. Estava-se em 20 de Fevereiro de 1948.

Três dias antes, a Comissão Central comunista havia convidado os trabalhadores a reunirem-se «para fazer malograr os planos da reacção» e desencadear uma viva campanha da qual a Imprensa soviética se fazia largamente eco. Em 19 de Fevereiro, Zorine, então vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da U.R.S.S., tinha chegado à capital checa. Intimidados, os ministros sociais-democratas renunciaram a solidarizar-se com os seus colegas burgueses. Gottwald intimou, então, Benés a aceitar a demissão destes últimos, para lhe permitir formar um Governo **«sem reaccionários».**

O presidente recusou. Porém, dezenas de milhares de operários começaram a desfilar, de armas em bandoleira, pelas ruas de Praga, enquanto a polícia dispersava, fazendo fogo, uma manifestação de estudantes, enquanto Nosek acusava os dirigentes socialistas nacionais de terem organizado uma conspiração, enquanto a extrema esquerda se apoderava da sede da Comissão Central social-democrata, no momento em que esta estava em vias de deliberar. Quanto a Svoboda, que Benés interrogara sobre a sua atitude no caso dos comunistas tentarem tomar o poder pela força, ordenava aos oficiais superiores anticomunistas que se mantivessem em casa.

O presidente sabia que, depois de Munique, nada havia a esperar do Ocidente. Inclinou-se perante os factos e dirigiu-se à sua cidade natal de Sezimovo-Usti, depois de ter aprovado a formação de um Governo composto exclusivamente por comunistas e por socialistas da esquerda, com excepção da pasta dos Negócios Estrangeiros, que continuou na posse de Masaryk. Em 10 de Março, viria a encontrar-se o cadáver deste junto da janela do seu quarto de banho. Suicidara-se ou foi a isso obrigado? Ainda não se sabe de maneira segura. Em 9 de Maio, foi adoptada uma nova Constituição. Mantinha uma tonalidade liberal, mas as eleições de 30 de Maio desenrolaram-se segundo o sistema da lista única, com os comunistas a receber duzentos e trinta e nove lugares contra sessenta e um dos outros partidos. Benés preferiu ceder o seu lugar a Gottwald a aprovar a nova Constituição. Viria a morrer em 3 de Setembro. As lágrimas da imensa multidão que acompanhou os seus funerais mostrava bem os seus sentimentos. Um novo período de trevas, como já havia conhecido depois da batalha de Monte-Branco, no século XVI, começava para a Checoslováquia, que devia ensanguentar numerosos processos.